

A
PROFECIA
DO
Rei

HELENA LOPES



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#), com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

John Bran, O vencedor, Rei de Orcadas, é um homem inabalável e perigoso, mas vê sua posição ao trono ser ameaçada quando uma bruxa lhe lança uma antiga profecia que diz que não terá herdeiros.

E sem saber como quebrar essa magia, usa da ajuda da bruxa para tentar reverter aquilo que pode destruir seu pequeno reino.

Mary de Adlarn, essa bruxa valente e teimosa, se vê numa encruzilhada, pois o que John não sabe é que também está ligada à profecia e sua vida, conectada ao Rei. E fará de tudo para fugir dali, buscando a única coisa que sempre quis na vida: Paz.

Desafiando a magia, a corte, os segredos e o passado que carregam, eles terão que não apenas quebrar a profecia que ameaça o Rei, a vida de Mary e o futuro do reino, mas terão que enfrentar algo que os dois não estavam preparados: Um ao outro e um sentimento proibido que surgirá por baixo de seus orgulhos e da coroa.

Cheio de drama, romance e uma poderosa viagem pelo início do século XIV, A Profecia do Rei é uma história que tenta descobrir uma história de amor em meio ao caos e as inseguranças de duas pessoas presas em seus próprios muros.

"John viu a bruxa deitada na cama. Seu rosto pálido e suave, seus lábios rosados e sua pele cor de leite eram tão belos que por um segundo se imaginou possuindo aquela mulher. Era demais para ele. Mary trazia consigo problemas, traumas, dúvidas, segredos demais para ele lidar. "

*“Se um amor inocente escolher
O rei Valente irá morrer
A chama do reino então se apagará
A fome, a febre e as vozes irão se abraçar
E num último suspiro súditos irão pedir
Por um novo rei com herdeiros
Que pela glória e a paz irá lutar
Mas se a feiticeira o amor impedir
Não apenas o destino de um homem irá interferir
E sua maldição quebrará*

Sendo levada pela brisa do oeste

Para uma terra distante, onde o sol jamais tocará”

Reino de Orcadas, ao norte do Reino da Inglaterra, meados do século XIV.

I – UMA PROFECIA

- Entre, seu bicho imundo! – Um dos homens da guarda real gritou, puxando pelos cabelos alguém em trapos.

Naquele momento, o grande salão do rei estava vazio. As pessoas e os *pedintes* haviam liberado o local assim que foram ouvidos pelo representante da coroa.

O rei estava com uma de suas concubinas e todos sabiam disso. Ele não era um homem que se importava com os requerentes plebeus. Os pedidos haviam sido ouvidos, era fato. Havia sido registrados e devidamente arquivados na pira de fogo que alimentaria os caldeirões do castelo.

Porém, por algum acaso, no momento em que os homens responsáveis pela prisão de mendigos e prostitutas entraram na enorme construção de pedra e madeira talhada, com grandes vãos e um enorme e assustador domo sobre suas cabeças, perceberam que o salão não estava inteiramente só.

- Meu senhor! – eles prestaram reverência, se ajoelhando e abaixando suas espadas de um gume. Um deles, com uma enorme ferida purulenta à cabeça e os olhos cor de corvo e tão expressivos quanto, empurrou para o chão o ser que puxava com brusquidão em suas mãos. Ela caiu, deixando seu corpo ser levado pela força daquele homem.

Seu corpo estava cansado, seu espírito assustado, mas sua ferocidade ainda era possível ser sentida. Ao cair, o ser se apoiou em suas mãos feridas e por mais que quisesse, não levantou a cabeça. Seus cabelos sujos e maus cheirosos esconderam a face coberta de fuligem e boa parte dos trapos que vestia sobre o corpo esguio.

O rei nem ao menos se deu o trabalho de abaixar o olhar. Ele assentiu duramente, como costumeiramente fazia. A concubina que lhe fazia companhia naquele dia era uma senhora duquesa, mulher de um dos campeões da coroa. Ela tinha um rosto altivo, não muito bonito, porém, limpo e corado. Provavelmente por causa dos prazeres que havia concedido a seu Rei. Ela espiou a pessoa jogada ao chão e cobriu o nariz comprido e quadrado com um lenço de seda, não escondendo sua expressão de nojo.

- Meu Rei, nós encontramos essa bruxa profetizando infortúnios para seu futuro. Ela está sendo levada para os Poços de Miséria, onde é seu lugar.

A concubina sorriu desgostosamente.

- Infortúnios! Deve ser uma feiticeira louca a evocar mal a um soberano.

O rei, calmo e austero, ergueu sua mandíbula quadrada com os pelos faciais mal aparados e olhou para os homens mais uma vez.

- Deixe a mulher ir.

- Meu Rei... – aquele que continuava se impondo exclamou. Em sua malha havia um broche de cobre. Ele era o capitão. – Essa mulher espalhou uma mentira sobre meu senhor. Profanou a sorte do reino. Falou que o Rei não teria um herdeiro!

A duquesa arregalou os olhos, substituindo o nojo por escárnio.

O rei ouviu o servo falar, deu um passo a frente. Suas correntes de ouro por sobre seu manto tilintaram. Os homens da guarda real se curvaram ainda mais.

Ele abaixou o olhar e olhou a mulher caída no chão. Ela era algo parecido com uma barata, a partir daquele momento.

- Levantem-na.

Os homens pegaram-na pelos braços, fazendo-a ficar de pé. A bruxa permaneceu com a cabeça baixa, com os cabelos cobrindo o rosto.

- Fale, bruxa. – o rei evocou com a voz forte.

A mulher ficou calada. Os homens ficaram inquietos pelo silêncio dela. Alguns segundos depois, ouviram algo baixo e incompreensível. Ela foi aumentando o tom da voz, até dizer:

- Essa terra em que pisam vai cair nas mãos de quem vem do leste. E, não haverá herdeiro do trono para lutar. Não haverá Rei e nenhuma Rainha...

A duquesa ficou inquieta.

- Os pobres vão morrer, os ricos irão perecer. Não haverá lugar para ninguém. Somente a morte. – A bruxa levantou o rosto. Seus cabelos sujos se afastaram e ela olhou diretamente para o Rei, que não parecia assustado. – E ela vai rastejar por suas cabeças como se vocês fossem baratas.

Lentamente, abriu um sorriso. Ela sabia o que o rei estava pensando.

Mas ele estava ocupado demais, ficando assustado. Não pelas coisas que ouvira, mas pelos olhos profundamente azuis que ela tinha. Um sonho o despertara na noite passada, e nas anteriores. E foram aqueles olhos que ele havia visto.

- Levem-na para os Poços. – ele a encarou. – Deixem-na morrer de sede. Quando estiver pronta para ir para o inferno vai saber que não há ninguém vindo do leste.

Os homens da guarda a puxaram pelo cotovelo com força.

- Você vai morrer por causa de uma mulher! – ela gritou antes dos homens tirarem-na

do salão. Havia tudo, menos desespero em seus olhos.

E mesmo depois dela ter sido levada para longe dali, escadas abaixo das ruas, para onde os miseráveis e loucos ficavam presos até a morte, aquela frase ecoou na cabeça do Rei.

Você vai morrer por causa de uma mulher.

A duquesa tentou aliviar a tensão, afagando-o.

- A bruxa é louca. Quando a noite escura chegar e os homens que estiverem presos com ela possuírem-na e mostrarem o que ela realmente é, ela vai querer retirar tudo o que falou para meu senhor. – Duquesa abriu um sorriso elegante.

O Rei puxou uma adaga do cinto, aproveitando que a Duquesa estava próxima a seu corpo e a enfiou na barriga dela.

- Mas você não acredita nisso, realmente, não é, minha senhora?

Não havia prazer ou desgosto no rosto do Rei. Havia indiferença. Ela era apenas uma de várias. Mas era a que tinha tido a infelicidade de ouvir a bruxa profetizar. E ele sabia o quanto palavras voavam a brisa do oeste e se espalhavam como febre. Ele era o Rei e não podia permitir que seus súditos pensassem que uma mulher o mataria.

A duquesa caiu morta no chão do salão do castelo antes mesmo de poder suplicar por sua vida.

O Rei voltou para seu espaço íntimo, deixando, antes de sair, a ordem para matar o capitão da guarda e os homens que trabalhavam com ele.

A bruxa, o Rei pensou consigo, ele mesmo iria dar um jeito.

A noite era escura demais ali embaixo, nos esgotos. Era ali onde celas haviam sido montadas e para onde leprosos, mendigos, prostitutas e bruxas iam.

O som dos ratos passando, dos morcegos acordados prontos para atacar. Havia pessoas fodendo há alguns passos de distância, mas o Rei era um homem tão indiferente à sujeira e ao fedor quanto era impiedoso.

A bruxa deveria estar na última cela, longe dos outros. Ela criaria revolta. Uma bruxa, você vê, ela é além de qualquer categoria de pessoas asquerosas. Até mesmo estas a odiavam.

Quando chegou a última cela, encapuzado e com uma adaga presa na bota, procurou pela mulher suja e fétida qual encontrou horas atrás. No canto mais escuro da cela, algo se movia entre as sombras. Gemia. Gemia de dor. Havia alguns rastros frescos de sangue pelo chão sujo de terra batida.

O rei, resguardado por seu capuz, entrou, fazendo a mulher se contorcer ainda mais.

- Se veio aqui para me usar, saiba que prefiro morrer antes de você encostar esse seu membro sujo em minha pele! – A bruxa cuspiu ao chão, aos pés do Rei. Havia sangue na saliva.

Como o Rei ficou em silêncio, a mulher estranhou.

- Quem é você? – perguntou ela.

Ele deu um passo a frente e a luz de alguma coisa fez com que o cabo de sua arma presa à bota refletisse.

- Você é o Rei. – A bruxa sentenciou antes mesmo dele dar outro passo. Ela, imediatamente soube o que ele viera fazer ali. – Me matar não vai mudar a profecia. Seu trono não terá herdeiros.

O Rei ainda pensou em não escutar o que ela dizia e simplesmente matá-la. Mas soube que não podia. Ainda conseguia se lembrar do sonho vívido que tivera com ela... Ou alguém que parecia com ela... Com aqueles olhos.

A bruxa se levantou do chão, cobrindo com os dedos uma ferida no estômago que sangrava.

- Você não aprendeu com seus predecessores? Matar o mensageiro não muda em nada a má notícia dada.

Ele olhou firme para aquela mulher, ainda na escuridão. Não conseguia ver muito dela, mas, no fundo, algo o dizia que ela era poderosa demais para estar ali ao acaso.

Com uma mão, tirou o capuz sobre sua cabeça e, devagar, pegou a adaga na bota.

- O que você quer, *bruxa*?

- Que você acredite em mim. – ela falou com um pouco de dor na voz.

- E por que eu faria isso?

Ela deu um passo à frente.

- Porque acredito poder reverter a profecia.

- Você acabou de dizer que não há como mudá-la. – Nos olhos dele havia ira.

- Eu disse que me *matar* não iria mudar. Mas *eu* posso.

- Como?!

A bruxa se segurou na parede para não cair, o ferimento dela sangrava muito. Sua mão que apertava a ferida estava embebida em sangue.

- Eu não sei... ainda.

- Me diga! – ele rugiu. – Me diga que a profecia é falsa!

- Não é! – a bruxa caiu ao chão. Ela estava apagando. O Rei foi tomado por um momento de raiva. Ele se agachou e colocou a adaga no pescoço dela.

- Eu vou matar você. E com você, sua profecia vai voltar para o inferno.

- Eu estive certa uma vez, por que não estaria certa agora?

- O que você quer dizer com isso?

O Rei viu seu reflexo nos olhos azuis límpidos como água dela. Ela estava prestes a ficar inconsciente.

- Eu previ que o Rei se ajoelhariam por mim. Eu estava certa. – A voz dela não passava de um murmúrio doloroso.

O rei se levantou do chão, assustado com as palavras daquela mulher agora moribunda. A voz dela pareceu ecoar na sua mente dizendo que se morresse não havia como mudar a profecia. Um minuto depois, ela desmaiou.

O coração do rei pareceu agir por impulso e começou a trotar dentro de seu peito. Ele nunca tinha estado tão nervoso em sua vida.

Não sabia se era por causa do destino de seu reinado e sua nação, ou se era porque, profundamente, ele sentia uma conexão com aquela bruxa imunda.

Sem saber ao exato, foi até ela e a pegou no colo. Antes de sair da cela com ela em seus braços, colocou o capuz de volta sobre sua cabeça... Mas manteve a adaga nas mãos.

Atravessou de volta os corredores onde ratos e baratas eram colegas de cela com os que não pertenciam a vida acima dos degraus daquele esgoto humano. Quando saiu do subsolo, um aglomerado de morcegos voou por sobre seu corpo e o da bruxa em seus braços.

A respiração dela estava fraca, por isso ele se apressou para voltar ao castelo. E do mesmo jeito que saiu sem ser reconhecido, por alguns túneis por dentro das grossas paredes de pedra, ele voltou e entrou no aposento real.

Era desnecessário falar que o Rei John não confiava em ninguém. Às vezes, nem em si mesmo.

Ele colocou a mulher em sua cama grande com enxoval de veludo vermelho. Em alguns minutos, a cor do lençol e o sangue que escorria dela seriam indistinguíveis. A grande lareira do cômodo real aquecia o ambiente naquele inverno frio.

Como soldado – sim, o rei havia sido soldado – ele sabia que aquele ferimento era grave. Fez a ordem para alguns panos secos e água quente, mas não deixou que nenhuma serva entrasse em seu aposento. Tinha que manter a bruxa viva até que ela dissesse como reverter a profecia, e era isso. Seria perigoso para *ele* se alguém soubesse que estava mantendo uma

bruxa em sua cama.

O Rei não se conteve ao rasgar o resto dos trapos que cobria a nudez da bruxa. Havia uma ferida profunda no estômago dela. Ele fez o possível para que parasse de sangrar e depois colocou os panos secos sobre o corte para que estancasse o sangue apenas o bastante.

Ele não estava tentando salvar a vida dela, estava tentando mantê-la viva apenas o suficiente.

Após terminar, cobriu o corpo nu dela com a pele de animal que o protegia nas noites mais frias, e lavou suas mãos sujas de sangue na bacia de água morna que sobrara.

Foi difícil para ele descansar naquela noite. Passou a maior parte do tempo sentado em uma cadeira, olhando de longe para o peito daquela mulher estranha, subir e descer, em uma respiração lenta.

Quando a manhã chegou e ela ainda continuava dormindo, ele adormeceu por um breve instante.

Sabia que no momento em que decidiu trazer aquela feiticeira maldita para seus aposentos tinha que se preparar para dormir em guarda.

Nada iria tirar a oportunidade dele de reverter o que a profecia dizia.

A linhagem de John, o Vencedor, tinha que prevalecer. E ele iria foder quantas mulheres possíveis, iria matar quantos homens necessários para que isso acontecesse.

E aquela bruxa, que agora estava deitada em sua cama, era a primeira da lista.

II – UMA BRUXA NA CAMA DO REI

O dia amanheceu rápido. O Rei despertou logo após o sol levantar no leste e invadir a pequena abertura de seu quarto que se elevava acima de um nicho na parede com degraus. Com a claridade, pôde ver mais atentamente o rosto daquela mulher. Ela não parecia alguém para se ter medo, não parecia uma bruxa, afinal.

O sol tocou a pele dela e ela acordou lentamente. Seus olhos azuis abriram e encontraram os olhos do Rei. Por um mero segundo, os dois ficaram observando a íris um do outro, como se houvesse ali algo familiar.

O Rei quebrou o contato e se afastou. Ele já havia se vestido, suas correntes de ouro cintilavam e tilintavam ao caminhar dele. Seu manto real, que parecia pesado, era arrastado no chão de pedra.

- Eu pedi para que preparassem um banho. Está na acomodação ao lado – ele falou, rígido. – Se lave, não quero sentir esse seu cheiro quando voltar aqui.

Ele falava de costas para ela. A bruxa se sentou com cuidado, encostando suas costas na parede.

- Você vai ficar aqui, Bruxa. Se colocar o pé para fora desses aposentos eu termino o que os guardas fizeram com você na noite passada. – ele se virou para ela. – Eu tenho um encontro agora, e quando voltar você vai abrir sua boca e dizer o que tenho que fazer para desfazer sua maldita profecia.

- Não é *minha* profecia. – A bruxa sussurrou. Ela havia notado que sua ferida ao estômago havia sido tratada, mas não do jeito que deveria ter sido. Soube naquele instante que as intenções dele era apenas mantê-la viva para um propósito. – Essa profecia é tão velha quanto seu reino. Como eu te disse, sou apenas a mensageira.

- Não me importa – O rosto dele era bem claro quanto a isso.

- E eu não sou uma bruxa – ela tossiu quando falou.

O Rei olhou para ela um instante e deu uma gargalha.

- Acha que eu não sei como uma bruxa se parece? Sabe quantas como você, mandei queimar na frente dos meus vassalos? Você está viva por uma razão, então recomendo que aproveite os dias que lhe restam. Se essa ferida não lhe matar, eu vou.

A bruxa olhou para longe. Ela havia escutado coisas piores. E ao entrar naquela confusão, soubera desde o início que nunca sairia com vida. Ela iria morrer de um jeito ou de

outro.

- Meu nome é Mary. – A voz dela era baixo demais, mas ainda assim o Rei ouviu. Porém, fingiu que não.

Ele saiu dos aposentos e Mary ouviu a porta ser trancada pelo lado de fora. Sua única chance de escapar era aquele buraco na parede por onde entrava a luz do sol.

Ela se levantou e foi até lá.

Como suspeitava, os aposentos reais ficavam na torre mais alta do castelo. Mary não sairia dali viva nem se tivesse a habilidade de voar.

Suspirou fundo e deixou a manta de pele de tigre ao chão, indo nua até a banheira com a água que deveria estar morna, mas estava fria.

Diferente das pessoas daquele reino, Mary gostava de se lavar. Mesmo não sendo um dia particularmente quente, lavou os cabelos que estavam sujos de fuligem e fezes de morcego e, devagar, a cor dourada de seus fios foi reaparecendo.

Enquanto mergulhada na banheira pensou na sua vida alguns anos atrás. O quanto havia mudado. Mas sabia que fazer tudo aquilo era o único jeito de se libertar de uma vez da maldição que carregava nas costas.

O rei carregava uma profecia de linhagem, e ela, uma maldição de passado.

E o que o famoso Rei John não iria gostar de saber é que para desfazer uma, a outra também tinha que ser desfeita.

Em outras palavras, ele precisava dela mais do que achava. E Mary precisava dele com todas suas forças.

Como ela iria dizer isso a ele, já era outra história.

A grande porta do aposento do Rei foi aberta, e ele entrou trazendo uma bandeja de prata nas mãos. Fechou a porta atrás de si quando entrou.

Olhou ao redor e a mulher que antes havia tomado sua cama não estava mais lá. Silenciosamente, colocou a bandeja com alguns alimentos sobre uma mesa sólida de madeira e puxou a espada de seu cinto. O metal puro tilintou. Ele se colocou em posição de ataque, esperando a mulher aparecer.

- Você não precisa disso – Mary saiu do aposento adjacente, entrando no campo de visão dele.

O Rei tomou um momento consigo mesmo para avaliar a situação. A bruxa estava nua

na sua frente, e não mais parecia uma bruxa.

Seus longos cabelos dourados estavam lavados e brilhavam na presença daquela pouca luz solar que entrava no ambiente, soltos e selvagens ao redor do rosto lindo que ela tinha. Seu corpo era esguio e sua pele parecia macia. Os seios dela eram fartos e os mamilos rosados pareciam botões de rosas brancas. Ela havia usado um dos panos secos que ele pedira na noite passada para enfaixar a ferida no seu estômago.

O Rei John abaixou a espada, olhando bem nos olhos dela e avaliando cada passo que ela dava. Se aquilo era uma estratégia de sedução, não iria funcionar.

- O quê? – ela perguntou, se afastando, ficando de costas. – Nunca viu uma mulher nua?

- Eu nunca vi uma *bruxa* nua.

Ele ouviu algo como um suspiro vir dela.

- Não há roupas aqui. – ela explicou.

O Rei guardou sua espada e tirou seu manto de sobre os ombros.

- Você pode se cobrir com isso por enquanto. – ele jogou o manto sobre a cama. – Eu trouxe pão e hidromel. Isso deve ser o bastante para fortalecer você.

Mary se virou para ele, apertando os olhos.

- Espero que isso que eu esteja vendo em seus olhos não seja preocupação.

Os olhos do rei estavam sérios, sua mandíbula estava tencionada. Querendo ou não, ele sabia que aquela mulher representava uma ameaça e não conseguia deixar de se sentir como se estivesse em uma armadilha de animais.

Quando Mary viu que o Rei não iria responder nada, foi até a cama e pegou o manto dele. Era realmente pesado, mas ela o colocou por sobre seus ombros até cobrir seus seios e seu sexo.

- Agradeço o alimento, mas eu não como.

O rei franziu o cenho.

- Você não come?

- Sim. Eu me alimento de outras formas. – ela balançou a mão ao ar como se realmente não valesse a pena explicar.

Mas o Rei estava um tanto curioso.

- Explique para mim que formas são essas.

Mary encostou-se a um dos dosséis da cama e olhou bem para aquele homem. Ele era bonito, com certeza. E em cada movimento que fazia, até mesmo na fala, exalava poder e

perigo. Ele era o perigo em pessoa.

O Rei John de Orcadas, o Rei Vencedor, tinha um histórico de vitórias e conquistas que deixavam outros monarcas a seus pés. Mas cada uma dessas vitórias havia custado o sangue de dezenas de milhares de pessoas.

Os boatos e algumas canções que circulavam nas sarjetas mais vis do reino contavam que o Rei era um homem cruel, um homem vil que conquistava tudo o que ele queria pela ponta de sua espada.

- Eu não me alimento de sangue, se é isso que está pensando.

- Nem passou pela minha mente. – ele comentou ironicamente, puxando uma cadeira e se sentando. Mary continuou em pé.

- Eu me sacio de calor. – Mary falou de uma vez. O rei continuou sem entender, balançou a mão para que ela continuasse falando. – Nem eu sei explicar direito, mas o calor me fortalece. Por isso que você me encontrou tão fraca na cela abaixo do solo, e quando o sol tocou minha pele me senti melhor.

- Quer dizer então que se eu atear fogo em você, você não morre?

- Vamos estabelecer algumas barreiras? – Ela se levantou. – Eu vou te ajudar a se livrar da profecia e você, em agradecimento, não me amarra em uma pira de fogo.

O Rei sorriu porque percebeu um toque de medo no que ela falara.

- Então o fogo mata você.

Mary fechou a cara.

- Se eu transformar você em um rato e te esmagar com meu pé você morre também.

O rei caiu na risada.

- Você não tem esse poder.

Mary colocou a mão na cintura e se desencostou do dossel.

- Eu não aconselharia você a brincar com uma *bruxa*.

- Se você tivesse o tipo de poder de me transformar em um rato já teria usado.

- E se eu precisasse de algo que só você tem?

O rei esboçou um sorriso de vitória. Ela queria algo.

- Você me seduziria. – ele falou, se levantando da cadeira. – Mas isso não vai funcionar. Eu tenho todas as bocetas do reino para comer e a sua não me interessa no momento. – Ele olhou para a comida na mesa. - Coma ou não coma. Dê para os pombos, não me importa o que você faz com a comida que trouxe. O que quero saber agora é o que exatamente essa profecia quer dizer.

- Você não é infértil. Na verdade, - ela disse com a voz baixa. – você vai engravidar uma mulher.

- Quem? – O Rei se ergueu, olhando fixamente no rosto daquela bruxa.

- Eu não sei.

- E o que você sabe?! – ele bateu na mesa. – Acredite em mim, você não quer minha ira sobre você.

Mary suspirou fundo.

- Seu pavio curto só vai piorar as coisas. – ela argumentou. – Quer saber exatamente o que eu sei? Ótimo. O que eu sei é que você vai se apaixonar por uma mulher, vai casar com ela e ela vai engravidar... – A voz de Mary falhou.

- Continue – o rei deu um passo longo em direção a ela. Havia algo ali que Mary não queria que ele soubesse. Algo ruim, muito ruim.

Depois de um longo suspiro, ela falou:

- Alguém vai matá-la. Isso é tudo o que sei.

- Como assim, *matá-la*? Se você diz a verdade, quem é que iria ter coragem de matar a Rainha e o futuro varão do reino? – O Rei estava confuso, e mais do que isso. Aquilo o que ela dissera começara a perturbá-lo. John não era um homem que se apaixonava. Quem seria aquela mulher?

- A visão acabou aí. É tudo o que eu sei. – Mary se sentou na cama, ajeitando o manto sobre seus ombros. Repentinamente ficou cansada. Sua cabeça rodou.

- Faça um esforço! – O rei falou entre os dentes. – Tenha outra visão! – ele ameaçou para cima.

- Não é assim! – Mary gritou.

A mão do Rei foi direto para a espada.

- Essas visões me machucam! A visão da morte de sua futura mulher fez com que eu sentisse todas as dores que *ela* sentiu! – Ela começou a respirar rápido, lágrimas caíram de seus olhos cansados.

Mas o Rei não era um homem piedoso. Ele a pegou pelo pescoço e fez o rosto dela ficar bem perto do seu.

- Quem é essa mulher? – ele falou pausadamente.

Mary ficou em silêncio e de olhos fechados.

- Me solte – falou baixo.

- Sua bruxa imunda! – O Rei empurrou-a para a cama com força.

Mary ergueu sua mão em um movimento brusco, e o Rei voou pelo quarto, batendo suas costas na parede de pedra, derrubando tapeçarias.

Ele colocou o joelho no chão e se pôs de pé. Estava dividido em perplexidade e susto. Ela era mesmo uma bruxa. O que significava que não estava mentindo sobre a profecia.

John limpou seu lábio que escorria sangue e cuspiu no chão.

Do outro lado do quarto, Mary olhava para ele. Um segundo depois seu nariz começou a sangrar e os olhos dela reviraram. Mary caiu na cama e desmaiou.

John ficou paralisado onde estava. Pensou em matá-la de uma vez. Pensou no que ela havia dito sobre a mulher.

Pensou no que ela estava atrás estando ali. Porque ela queria alguma coisa, sem dúvidas.

Pensou em seu reino sem herdeiro e na morte da mulher que amava e que nem conhecia ainda.

Ele caminhou até a bruxa desmaiada sobre a cama e a ajudou a se levantar. Sabia que ela tinha respostas para essas perguntas e outras.

Mary não podia morrer agora.

III – UMA MULHER NUA NO JARDIM

No instante em que o rei ouviu cavalarias se aproximarem do castelo, soube que más notícias chegavam. Não demorou até que um mensageiro, vestido com roupas escuras, se reverenciou a ele, seu soberano, e deu as más notícias.

No mesmo instante, o salão real foi esvaziado. A comitiva de duques do reino estava chegando.

O grupo de homens irrompeu a grossa porta de madeira do salão, chegando próximos ao trono para assim se inclinarem ao Rei.

- Meu Rei. Receio trazer más notícias.

- O reino da Inglaterra declarou guerra contra o reino da França. – outro barão disse, se erguendo e ajeitando sua armadura em seu corpo gordo.

O Rei ergueu o rosto, respirando bem fundo. Ele sabia no que isso resultava.

O reino da Inglaterra era a maior fornecedora de lã, carne e leite do pequeno Reino de Orcadas, que John comandava. Uma guerra significava que os homens parariam de produzir para servir aos seus senhores em batalha.

O Reino de Orcadas fora parte do grande território da chamada Inglaterra, mas sua terra infértil havia sido o pivô de uma disputa que durara décadas durante o reinado do avô de John. Foi quando o reino virou independente, mas um reino forte.

John tinha laços de sangue com os grandes reis da Inglaterra e França, o que era um problema no momento em que tinha que mandar seus soldados lutarem.

- Os senhores são meus conselheiros. O que devo fazer, então?

- Se juntar a guerra – um deles disse. O Duque de Serranhat.

O Rei desceu do trono.

- Nós somos um pequeno reino, mas com um grande exército. E mesmo assim, nos juntarmos a guerra simplesmente vai fazer com que a recessão fique pior.

- John... – Um duque com feições duras deu um passo a frente. Era incomum qualquer outra pessoa chamar o Rei pelo nome, mas aquela não era qualquer pessoa. Ele era o irmão do rei. Duque Henrik II, um dos maiores senhores do reino. – Eles já pararam de mandar suprimentos. Em dois meses...

- Eu sei, Henrik. – John olhou firmemente para o rosto do irmão. – E eu já tenho a

solução.

Os homens no meio do salão aguardaram.

- Pela noite, meus senhores. Descansem, comam e bebam. Nosso reino está seguro, não se preocupem. Pela noite direi-lhes o dever de cada um, e que vai manter nosso reino crescendo.

A maioria dos homens colocou sua mão na espada e fez reverência, indo para uma ala de duques do castelo.

Henrik ficou e aguardou todos saírem do salão. Quando só ele e seu irmão ficaram, se aproximou.

- Eu espero que essa solução seja surpreendente, John, porque os ducados já estão desfalcados. É só uma questão de tem...

- Eu sou o rei, Henrik. Não fale comigo como se eu não soubesse exatamente o que estivesse acontecendo no reino em que *eu* comando. Precisamos racionar nossos alimentos. Isso nos dará um tempo.

Henrik apertou a mandíbula e abaixou a cabeça.

- Nossa mãe estaria orgulhosa do que você se tornou.

John olhou para o irmão. Abaixo da armadura que ele usava, Henrik tinha uma cicatriz de guerra, da época em que os dois ainda não eram homens, só duas crianças com espadas nas mãos.

E agora, John carregava em sua cabeça o peso de uma coroa e Henrik, a responsabilidade de comandar um exército tão grande quanto o que o reino possuía.

Se aproximou e bateu no ombro do irmão.

- Sou eu que estou orgulhoso de você.

Henrik abriu um sorriso, algo que John não fazia.

Henrik era um homem bom, acima de tudo. Era casado com uma linda duquesa e já tinha três filhos, todos homens.

John não tinha nada daquilo. E se a profecia de Mary estivesse certa, ele nunca viria a ter.

- Meus filhos querem conhecer seu Rei. – Henrik falou.

- Eles podem vir à província quando quiserem. – John foi caminhando até a porta que dava ao espaço do Rei. Mas um mensageiro do castelo veio até ele trazendo uma carta.

- Meu senhor... – o mensageiro tremia. – A carta é do sumo pontífice, o Papa.

John suspirou longamente. O mensageiro ainda continuava lá, abaixado na frente dele.

- Há algo mais?

- Sim, meu senhor.

- Diga-me.

O mensageiro se levantou e rapidamente chegou perto do Rei, falando baixo.

- Há uma senhora no jardim real, meu senhor. Ela diz ser sua convidada. E... – o mensageiro tremia. Seu rosto ficou vermelho.

- E?! – John já estava ficando irado.

- E... Ela não está usando roupas decentes... Seus cabelos estão soltos e...

Mary. O sangue de John subiu até a cabeça e voltou quando o nome dela veio a sua mente. Mas que merda ela estava fazendo fora do quarto? E nua?

John não esperou o mensageiro terminar e saiu em direção ao jardim real, do outro lado daquele salão. O castelo era quase um círculo e ao redor dele ficava um penhasco, onde fossos e uma longa ponte e enorme muralha faziam parte da primeira camada de proteção, a proteção real. Além dos muros e do penhasco, havia a *Villa*, a cidadela real, onde os servos do Rei e seus soldados podiam manter suas casas e onde havia o maior centro de comércio do pequeno Reino de Orcadas.

Esse centro de comércio e a *Villa* faziam parte da segunda camada de proteção da cidadela, onde muros grossos e imponentes se alargavam pelo ao redor da propriedade, havendo apenas o porto como abertura de entrada ou saída, onde era geralmente a parada dos novos navegadores, que abasteciam a província do rei e, por ela, o reino todo com alimentos e especiarias.

Por entre a cidadela corria um rio que abastecia a cidade com água limpa.

O reino de John não produzia. As terras eram inférteis. A comida vinha de países terceiros que tinham pactos com John e seu massivo exército.

John os oferecia proteção e eles alimentavam seu povo.

Antes do penhasco do castelo, portanto, havia um jardim – criado pela antiga Rainha-mãe – estábulos reais, um galpão de suprimentos e a pequena vila dos servos que cuidavam da manutenção do castelo.

Ele irrompeu porta afora sem pensar duas vezes ou considerar os olhares dos seus servos na sua atitude incomum. Seu irmão e o mensageiro corriam atrás dele. Henrik segurava o cabo da espada na mão, pronto para sacá-la se necessário. Mas seus dedos afrouxaram no instante em que viu os cabelos dourados de Mary soprarem ao vento. Para ele, aquela era a visão de um anjo.

John chegou até Mary e puxou seu braço.

- O que você está fazendo?! – ele rugiu. – Eu te disse para...

- Você está me machucando. – ela rugiu de volta para ele. Seus lindos olhos azuis estavam bem expressivos naquele momento.

Mary vestia o manto que cobria a cama de John, e tinha os cabelos dourados tão soltos quanto sua nudez por debaixo daquela pele. Aquilo era uma afronta a ele.

Os servos que cuidavam do jardim sussurravam coisas do tipo “ela está com o cabelo solto” fazendo expressões de horror.

- Henrik. – John gritou. – Tire essa gente daqui.

Henrik olhou de um lado para o outro para ver as pessoas que trabalhavam ali com olhares curiosos. As pessoas começaram a ir embora quando John falou.

- Eu precisava de algumas ervas – Mary se explicou, tentando sair do aperto forte dele.

- Para seus feitiços?

Mary apertou os olhos e puxou o braço com força.

- Quem precisa de mim é você. – ela disse.

- Ah, claro! Sou eu que preciso de você. – Ele a pegou pelo braço mais uma vez e começou a puxá-la em direção à entrada do castelo.

- John, me solte ou não respondo por mi...

Ele bufou e soltou-a.

- Eu te disse para ficar no quarto. Você além de mestre de magia negra é surda?! – Havia tanta raiva no rosto dele que Mary sabia que era para ficar com medo.

Mas retornou a colher as ervas pelas quais havia ido até ali. Bem calma, voltou o olhar para um Rei irado e disse:

- Eu saí do quarto, mas foi você que fez disso uma festa. Seus servos vão falar por dias.

- Não me irrite.

- Nunca tive a intenção. – ela arrancou um último galhinho dos ramos de ervas do jardim. – Já terminei.

John a puxou para si novamente.

- Você não é hóspede desse castelo, você não é convidada, você não é querida. Você é uma pária. Um verme que pretendo esmagar no momento que não tiver mais utilidade, entendeu?

- Que nem suas putas? – ela riu. – As que você mata quando a foda não lhe convém mais?

John a soltou com força. Mary cambaleou, mas se firmou no chão.

- Você pode ser Rei, mas não é mais que um homem repulsivo. – Mary olhou para a entrada do castelo que estava sendo guardada por Henrik. Ele estava de costas fingindo que não escutava o que os dois conversavam. – Mas seu irmão por outro lado...

- Não fal...

- Ah, sim! Vou falar sim. – ela cuspiu para cima dele. – Ele vai ser um Rei perfeito quando você morrer de solidão e sem herdeiros.

- Sua... – John levantou a mão para cima dela.

Mary ergueu o rosto.

- Me bata! – ela o desafiou com os olhos bem firmes no rosto dele. – Eu sei que não vai ser a primeira vez que bate em uma mulher, mas te prometo que vai ser a *última*.

John olhou bem no rosto dela. Às vezes, era difícil para ele crer que um rosto tão bonito como aquele possuía tanta persistência... e coragem. Mary era uma mulher muito corajosa ao falar com ele daquele jeito.

- Você precisa se controlar ou eu vou...

Mary cambaleou de repente, e caiu no chão sem forças, gemendo de dor. John olhou para ela quando, fraca, abriu a pele de tigre que cobria seu corpo para revelar a ferida no estômago.

Ela olhou para John e uma lágrima molhou seu rosto.

- O que você fez? – ele sussurrou, se agachando para pegá-la no colo.

- Eu não fiz nada. – disse ela.

- E, porque tem um buraco em seu peito?

Mary repousou sua cabeça no ombro dele, desmaiando. Ela sabia que não tinha muito tempo de vida.

Sua maldição havia começado.

IV – UMA NOVA LADY

- Beba isso. – John levou a taça de prata até a boca de Mary.

- Eu não bebo nada.

- Vamos, beba isso de uma vez – A rudeza das palavras de John fez com que Mary se apressasse em colocar a taça na boca. Ela deu um gole na bebida e seu estômago agradeceu. Pegou a taça com as duas mãos e bebeu toda a bebida em poucos goles.

- Deus, isso é bom. – ela sussurrou. – O que é?

John se virou de costas para buscar alguma coisa que Mary não conseguiu identificar o quê.

- *Prunellé.*

- O quê? – ela bebeu um restinho da bebida meio arroxeadada da taça.

- Suco de ameixas silvestres. Vai te dar força.

- Mas não vai me manter viva – Mary falou só para si.

John sentou na longa mesa decorada com veludo e ouro e olhou para a carta que tinha na mão, mas largou-a sobre a bandeja de cartas, voltando o olhar para a mulher nua sobre sua cama.

Ele admitia, o corpo dela era maravilhoso. Aqueles seios...

- O que você fez? – Perguntou para ela de uma vez.

Mary engoliu saliva amarga.

- Não é da sua conta.

- Pare com isso! – Ele bateu na mesa com força, fazendo o som reverberar pelas paredes de pedra do quarto. - Não havia armas dentro desse aposento, *bruxa*. Nem se quisesse poderia tirar sua própria vida.

- Eu não tentei me... – ela respirou fundo, se encostando a parede. – Não se incomode com isso. Eu ficarei bem. – fez uma pausa. – Eu me lembrei de algo.

John levantou da mesa. Mary sorriu.

- A mulher... A futura rainha. Ela é forasteira. Foi tudo que consegui lembrar, mas...

John voltou com rapidez para sua mesa e rasgou o papel delicado da carta que recebera mais cedo. Ele leu algumas linhas e se recostou na cadeira.

- O que é isso? – Mary ergueu o pescoço para tentar ver o que ele tinha nas mãos.

- Uma carta do santo Papa. – ele olhou para ela. – Você é boa, bruxa. Uma mulher

forasteira. – John balançou a cabeça. – O Papa está vindo para o reino e está trazendo sua família.

- O que significa... – Mary abriu um sorriso.

- O que significa que ele já vem com um casamento em mente. – O rosto dele expressou algo parecido à felicidade.

- Agora só precisamos descobrir o que fazer para que ela não morra. – ela levantou o cálice nas mãos. – Pode me trazer um pouco mais desse *prunellé*?

- Não seja abusada. – ele falou sem olhar para ela. – Eu ainda quero te matar.

Mary levantou da cama com dificuldade, mas depois de respirar bem fundo conseguiu ficar em pé e dar alguns passos até o jarro que continha o *prunellé*.

- Você está olhando para essa carta como se ela fosse mágica. E acredite, já vi expressões de pessoas que *viram* objetos mágicos... – ela disse, se servindo.

- Eu acho muito estranho você me chamar de *você*. – John virou a cabeça para olhar para ela. Mary estava de costas, seu corpo nu atraía uma luz pálida que surgia pela pequena abertura nas paredes de pedra.

O ambiente era iluminado por candelabros com velas, a luz era em um tom alaranjado e a pele clara dela ficava um pouco mais quente.

John deu uma boa olhada nas pernas dela e em suas nádegas. Aquela mulher era mesmo uma feiticeira, porque o feitiço de seu corpo já estava funcionando nas suas partes mais íntimas.

- Eu não tenho nenhum Rei – ela falou, bebendo o suco de ameixa em poucos goles.

Talvez fosse uma reação da maldição que Mary estava a mercê, pois, a comida terrena estava fazendo-a se sentir melhor, mesmo que por uma fração.

- De onde você vem então? Que terra é essa tão abandonada que não possui soberanos?

- De onde eu venho não é de sua importância.

- Então por que *eu* tenho tanta importância? Por que vir me avisar da profecia? – John se virou por um completo e a observou beber mais uma vez o cálice inteiro do suco.

Depois de algum silêncio, encoberto pelo som dos goles longos de Mary, ela se virou e ficou de frente para ele. Seus cabelos estavam emaranhados, naquele tom de dourado profundo que poucas mulheres naquele país tinham. Seu corpo, suave como parecia, se moveu ligeiramente para frente. Ele viu-a erguer o rosto e ajeitar as costas, como se dissesse:

“Eu pareço estar vulnerável, mas não estou.”

E era verdade. Ela estava vulnerável ao olhar dele por estar completamente nua. Mas os

olhos dela contavam uma história completamente diferente. Ela tinha segredos inimagináveis no olhar e uma coragem de leão. John sabia como a coragem de um leão podia ser perigosa.

Aquela mulher era a mulher mais estranha, mais irritante, bela e indecifrável que ele já conheceria.

- Porque era meu dever, *meu senhor*.

- Não me faça rir. – Ele se levantou, se elevando em sua grande estatura. O Rei era um homem alto e seu porte muscular, devido à necessidade de saber se defender e atacar, dava a ele algo que raramente um homem possuía: Temor.

John, o Vitorioso. Naquele momento ela soube exatamente do que ele seria capaz e do que ele foi capaz para conseguir o nome que carregava tão ferozmente em seu peito de Rei.

Naquele instante, ele vestia o traje real. Seu manto na cor vermelha cobria uma boa parte de sua vestimenta. Pelo detalhe que ela viu da malha dele, conseguiu identificar a cruz dos cruzados que davam sua vida pela cidade do Senhor.

Mary se serviu de mais um cálice da bebida. John sentiu que ela se afastou dele deliberadamente.

- Você precisa de vestes.

- Concordo.

- E de um aposento. Não pode mais ficar aqui.

Mary estremeceu ao pensar no porquê. O Rei tinha muitas mulheres. Aquela cama deveria ter passado por muita coisa. Ela estremeceu novamente.

- Acho que vou dormir no chão hoje. – falou para si mesma.

- Depois do que houve no jardim do castelo não há mais razão para ficar escondida. Vamos ter que fazer de você uma dama.

Mary sorriu ao ouvi-lo dizer aquilo. “Fazê-la uma dama”. Era até engraçado.

- Vai ter que atender a todos os eventos da corte a partir de agora. Mas se lembre, *bruxa*. – A entoação daquela palavra foi bem importante para que ele passasse o que queria para ela. John ficou há um palmo do ouvido dela naquele momento. Queria que ela sentisse o calor de sua pele quando falasse: - Eu ainda pretendo te matar. Tenha isso em mente.

Como uma onda que se quebra à costa, um calafrio tomou conta do corpo dela o bastante para que soubesse que ele falava muito sério.

- E no momento em que a futura rainha estiver grávida, quero você bem longe desse castelo, bem longe da minha vista.

- acredite em mim quando digo que quero o mesmo. – ela falou, calma.

- Ótimo.

- Mas...

- Eu sabia que você queria algo.

Ela se virou para ele, encontrando o olhar do rei. Severo e duro.

- Não é nada disso. – a voz dela, dessa única vez, foi suave. – Eu sei que o Rei tem muitas propriedades desconhecidas de seus servos, eu quero fazer um negócio com você.

- E como pretende fazer um negócio comigo?

- Posso te dar ouro em troca de uma propriedade distante... perto do mar, de preferência.

- Por que está falando isso para mim? Não vou permitir que fuja. Não depois de tudo o que causou e que anda causando! – o Rei disse sério. Sua voz era grave, e por causa das quatro paredes de pedra, o eco de suas palavras foi alto.

- Eu só quero ter paz depois que isso tudo terminar.

- Então é isso que você quer em troca de me *ajudar*? – John não estava acreditando no que ela falava.

- É. – Mary sentou-se na cama.

- Eu tenho coisas a fazer. – Ele pegou um longo mapa que havia sobre sua mesa, e a carta do papa. Mary observou-o sair do quarto sem dizer mais nenhuma palavra.

Ela colocou o cálice que tinha nas mãos longe de si e analisou os dois ferimentos que tinha no corpo.

Um havia sido feito por um dos guardas reais, o outro, suspeitava ser parte da maldição que carregava.

A voz que anunciara a maldição ainda assombrava os sonhos dela, às vezes. A verdade era que Mary não era uma bruxa forte... Pelo menos não mais.

Havia ido ao jardim buscar ervas para tentar amenizar os machucados. Ervas, quais, não sabia onde estavam. Deveria ter derrubado no chão no momento em que caiu.

A única boa notícia era que ela tinha algum tempo até a mágica da maldição atacá-la novamente.

Mas primeiro, tinha que tratar daquele ferimento. E depois pensar no que iria fazer.

Até porque, antes de tudo tinha que ajudar John na profecia que *ele* carregava. Acabar com sua maldição dependia da profecia de John. E para isso, precisava ficar viva por mais alguns dias.

- Lady Mary de Adlarn. Acostume-se com o nome. É assim que será apresentada a corte. – John jogou um vestido sobre a cama. Mary tinha acabado de acordar, não estava entendendo muito bem o que ele falava.

- Adl... o quê?

- Adlarn. – ele a fitou bem sério, como sempre. Mary olhou bem para o rosto austero do Rei e concordou. Achou que era para o melhor para todos. – Se vista.

Ele virou de costas para ela, indo até a larga mesa do ambiente. Mary não havia reparado nos dois dias que havia estado ali, mas assim que levantou da cama percebeu que o ambiente tinha, além das tapeçarias ricas em ouro e cores nobres como o vermelho e o roxo, algumas pinturas belas sobre alguns mitos da região de Orcadas.

Ela os reconheceu rapidamente enquanto se vestia, o que era bem demorado e complicado já que não havia ninguém para ajudá-la nos laços de seu vestido atrás de suas costas. Colocou as camadas do vestido e apenas esperou pelo melhor, ajeitando o que podia.

- Pronto. – falou, jogando seus braços ao lado do corpo.

John voltou seu olhar para ela e ficou mudo por um instante.

Aquela bruxa era mesmo linda. O vestido tinha mangas longas, com o decote de peito aberto e várias pedras de ouro incrustadas no tecido de cor vermelha que descia ao longo do pé dela. A barra de cima da vestimenta era branca, que se misturava à pele pálida dela.

E ele nem gostava de pensar no cabelo dourado que emoldurava aquele rosto divino. Ao contrário das outras bruxas que ele já tivera o desprazer de encontrar, várias delas eram sim belas, mas não quanto Mary. A pele dela possuía algo diferente. Não havia marca de doenças ou peste.

Ela corou levemente. Ele percebeu as bochechas dela se encherem de cor no mesmo instante.

A bruxa havia ficado tímida ao olhar silencioso dele? Ele iria pensar naquilo depois, tinha certeza.

- Você é minha prima de segundo grau. Vem do norte, de Adlarn, para a corte por causa do frio do inverno. E isso vai explicar seus cabelos claros. – ele caminhou até ela. Naquele momento, olhou bem para os olhos azuis que ela tinha, e por um instante quase os confundiu com o profundo azul das tapeçarias ao redor do quarto. – Isso é para você. – ele colocou na mão dela.

Mary deu uma olhada naquilo que ele lhe entregara. Era uma corrente para seus

cabelos.

- Era da Rainha-mãe. Se alguém perguntar, diga que ela lhe deu de presente antes de morrer, para uma boa sorte no casamento.

- Você não vai tentar me arrumar um matrimônio, vai?

- Nem se *você* quisesse. Não quero causar mais escândalo do que você causou. E quero ver essa corrente nos seus cabelos todos os dias, você entendeu? – Ele não falou de um jeito doce como se esperaria ouvir. A voz dele era inquisitória como sempre.

Ele estava preocupado com o que ela havia causado no dia anterior. Só prostitutas usam cabelos soltos na presença de outras pessoas que não sejam seus maridos, e entre quatro paredes.

John era um Rei conhecido por suas concubinas, apesar da igreja não gostar muito, mas prostitutas? Não naquele castelo.

- Já providenciei servas e um cômodo para você.

- Por que eu tenho que fazer isso? – Mary questionou, chegando até ele.

- Porque eu quero que você faça parte do círculo de mulheres que vem com o pontífice.

- Eu não sou uma dama.

- Vai aprender a ser. – ele sussurrou bem perto do rosto dela. – E espero que aprenda a manter sua boca fechada também. Tenho sido um soberano bem misericordioso com você.

- Engraçado. – ela falou. – Sua mãe tinha o mesmo temperamento que eu.

John franziu o cenho.

- Você a conheceu?

Mary balançou a cabeça. Não tinha conhecido a Rainha-mãe, mas ouvira histórias.

- Um dia esse mundo vai perceber que nós mulheres não somos apenas objetos para reprodução. Nós ganharemos voz. Assim como sua mãe ganhou.

- Minha mãe era exceção.

Mary abriu um sorriso um tanto decepcionado.

- Eu sei. Estou liberada a passear pelo jardim, dessa vez? – ela perguntou em um tom irônico, em desafio.

- Sim. Mas não vá tão longe, *bruxa* . Eu vou te encontrar se você fugir.

- Essa, definitivamente, não é a atenção que quero de um Rei. – Ela se curvou para ele e deu meia volta, abrindo a porta do quarto e saindo para atravessar os longos corredores que tinha no castelo.

- Onde você vai? – ele seguiu os passos dela.

- Encontrar algo para comer.

- Você disse que não come.

- Não *comia*, aparentemente.

John a puxou pelo cotovelo.

- Vá para o seu quarto e peça de suas servas pão e bebida. Não aja assim.

- Eu sei o bastante de boas maneiras – Mary sussurrou para ele.

- Não sabe, não. – John soltou o braço dela e bufou. – Uma mulher parente do Rei não vai simplesmente à cozinha. Ela é servida. Por isso as servas, bruxa.

Ela revirou os olhos.

- Seu aposento é esse. – ele deu um passo para trás e abriu uma porta. Acima da porta, havia uma lamparina. Mary deu um passo para dentro e se surpreendeu.

- Esse lugar é maior que o quarto do Rei... o seu quarto.

- Não preciso de um quarto grande. Esse aposento foi da Rainha-mãe. Quero que a corte ache que só estou mantendo você aqui porque um dia foi uma prima querida dela.

Mary deu um passo a frente para contemplar o cômodo que ele tinha escolhido para ela. O teto de madeira era coberto por bandeiras vermelhas com o brasão da família real, uma gardênia entrelaçada por duas espadas. O ambiente era amplo e limpo. Havia uma enorme lareira na parede sul do quarto e, na parede norte, uma enorme vidraça. Algo que Mary nunca tinha visto na vida.

- Meu Deus! – ela sussurrou, correndo até a janela de vidraças. Com seus dedos delicados, tocou na superfície do vidro transparente, que dava uma vista para a baía da cidadela. – Eu nunca vi isso antes! – ela exclamou. – Ouvi histórias, mas... Eu posso ver pela parede, John.

- Eu preciso que se apronte. – John falou com rispidez, quebrando o entusiasmo dela.

Ela suspirou fundo, guardando seu maravilhamento para depois. Deu uma olhada na sua cama perto da lareira e um baú que deveria conter vestimentas.

- Mas eu já estou vestida, o que mais quer?

- Meus conselheiros chegaram no fim da tarde de ontem. Eu estava muito ocupado com você te mantendo viva e não pude dar a eles uma festa de chegada. Hoje, para recompensá-los, haverá combate na arena da cidadela.

O corpo dela estremeceu. Mary sentiu um calafrio tomá-la.

- Eu não vou.

O rosto de John dizia a Mary que ele não falaria novamente. Ela não estava no patamar

de reclamar por nada.

No instante em que estava pronta para atacá-lo com suas melhores palavras, uma serva parou na porta.

- Me desculpe, meu senhor. – ela se agachou, em reverência. – Eu não sabia que estaria aqui.

- Traga algo para a Lady desjejuar. E a deixe pronta para o combate na cidadela. As carruagens saem em instantes.

John virou seu rosto e não deu nem um último olhar para Mary, que ficou furiosa. Depois que saiu, a serva se ergueu e olhou para Mary.

- Milady. – cumprimentou. – A outra serva que irá servi-la já está trazendo pão, queijo da Sicília e cerveja para seu desjejum.

Mary não sabia como responder a ela. Não sabia como era ser uma lady. Ela olhou para o lado, através dos vidros, e olhou a baía. Aquela baía era o ponto de partida dela daquela cidadela, mas tinha muita coisa para fazer antes de ir embora dali. Com toda coragem que tinha reunida no âmago, olhou para a serva que John havia designado. Era uma mulher de meia-idade.

Pelo vestido velho dava para ver um ventre que havia dado luz há vários filhos. Sua cabeça estava coberta por uma touca rígida marrom que cobria todo o seu cabelo. Mas apesar de tudo, o rosto da mulher exibia lindas linhas da idade e de bondade.

- Obrigada. – Mary agradeceu.

- A Milady gostaria que eu trançasse seus cabelos?

- Sim, por favor. – ela sorriu para a mulher, que escondeu o espanto em ouvir aquela palavra: “por favor”.

Mary se sentou em uma mesa com espelhos e ficou encarando seu novo reflexo enquanto a mulher se aproximava e pegava uma linda escova de cabelos.

- Trance-o com isso. O Rei insiste.

- Talvez após eu trançar seus cabelos, possa ajeitar seu vestido, Milady.

- Há algo errado com ele? – Mary passou a mão no longo tecido vermelho bordado com ouro.

- Só o corpete.

- Mas não estou vestindo corpete... – ela sussurrou, confusa.

A serva deu um sorriso amigável. Pelo reflexo do espelho, Mary viu a outra serva se aproximar com uma bandeja de comida. Essa era mais nova, com as mesmas linhas da que

trançava seu cabelo naquele momento. Elas eram mãe e filha.

- Exato, minha senhora. – a serva continuou penteando os longos cabelos dourados de Mary. Abriu um sorriso. – Você não está o vestindo.

V- UMA GARDÊNIA BRANCA

Mary se posicionou na frente de um largo espelho e olhou aquela mulher refletida. Os longos cabelos dourados, que desciam até abaixo de seus quadris, estavam traçados com a corrente de ouro que John havia dado a ela.

O vestido vermelho estava emoldurado pelo corpete, também na mesma cor e, dessa vez, bem amarrado nas costas, deixando a cintura dela apertada. O vestido ia até o tornozelo, e agora ela calçava longas botas de couro trançado. No lado direito de seu peito havia um lindo broche com o brasão do reino, incrustado com uma esmeralda enorme.

- Deseja algo mais para comer, milady?

- Não. Estou bem. – Mary sussurrou, ainda olhando para a *lady* que tinha a sua frente. Era algo inacreditável. Até seu rosto parecia mais saudável.

Lorain, a serva filha, havia aplicado algo nas bochechas de Mary que a deixara mais corada. Seus olhos azuis, espertos como sempre, agora tinham algo que fazia com que brilhassem além de esperteza.

Um homem vestido em malhas e com um brasão de cruz no peito se aproximou do corredor, mas não entrou no quarto, apesar da porta estar aberta.

- Acho que o Rei está a sua espera, minha senhora. Vamos, vou lhe ajudar a descer as escadas.

Descer as escadas? Mary não precisava daquilo tudo, mas engoliu suas palavras, colocando-as para bem debaixo da garganta. Tinha que agir como se tudo aquilo fosse natural para si.

Lorain abriu um sorriso quando ela e sua mãe começaram a acompanhá-la. Os corredores eram verticais e longos, com várias portas de madeira que davam entradas para cômodos e mais cômodos. Quando chegaram ao patamar, as três mulheres desceram as escadas degrau por degrau, com o cavalheiro lhes acompanhando.

A imensidão daquele castelo era algo incrível. Pinturas e mais pinturas coloriam o interior, aberturas deixavam a luz matinal entrar e aquecer as paredes de pedra. Tapeçarias e estandartes do Rei de Orcadas eram expostos com orgulho.

No fim das escadas havia um longo salão, e este exibia prêmios e tesouros das batalhas lutadas por John, seu pai e avô. Havia também, Mary percebeu, alguns objetos mais delicados em um canto separado. Ela tinha quase certeza de que aqueles objetos eram itens de vitória do

breve reinado que a mãe de John havia tido, antes dele assumir o trono.

Portas adjacentes no salão davam em direção a outros ambientes e aos jardins da Rainha-mãe.

As servas se curvaram diante Mary e saíram por uma daquelas portas, provavelmente voltando para a cozinha, onde teriam que preparar um banquete para comemoração após o combate travado.

Mary seguiu até a grande porta central, que dava para o pátio do castelo. Ela desceu as escadas e encontrou uma carruagem pronta, com os cavalos atrelados e um cocheiro a espera.

- O Rei? – ela perguntou para o cavaleiro ao seu lado.

- O Rei não espera ninguém, minha senhora.

- Eu sei disso, só... – suspirou e foi em direção a carruagem. Não esperou que ninguém lhe abrisse a porta. Apenas entrou. O cocheiro logo partiu, dando uma volta no átrio central e parando a frente dos portões elevadiços – que mais pareciam grades da prisão subterrânea da cidadela – até que elas se abrissem.

Mary não se lembrava muito de como havia chegado ao castelo. Nem com os guardas, nem com o Rei. Mas a visão do penhasco era encantadora, e dela, se recordava.

A carruagem passou a ponte e os fossos, seguindo avante da primeira muralha e mais fossos. Ela olhou para cima e sobre essas muralhas havia dezenas de cavaleiros protegendo o castelo, prontos para atirar com suas bestas armadas.

A carruagem foi descendo uma trilha acidentada que ligava o castelo até a capital do reino. Tudo o que Mary via dali eram enormes campos de grama seca, pedras e mais pedras, em caminhos sinuosos, que davam em direção ao mar.

A cidade chegou. As construções das casas verticais, com uma ou duas paredes de pedra e tetos de madeira, os mercados, os centros de venda e troca. A cidadela fervia, como centro de um país. Mas nem tudo eram flores.

Mary, quando percebeu que chegava a arena de combate, fechou com o pano a abertura da carruagem.

Quando chegaram, o cavaleiro abriu a porta para Mary e a esperou sair. Ela ouvia gritos de onde estava e estremeceu. A arena era uma edificação em círculo com lugares para centenas de pessoas. De fora, não parecia tão imponente quanto era do lado de dentro.

Ela ouviu o cavalgar rápido de vários cavalos virem até onde estava. Era o Rei e seus conselheiros. Eles cavalgavam rápido e sem medo; O cavalo e aqueles homens tinham uma conexão talvez até maior do que muitos deles tinham com as mulheres que esposavam.

Mary não viu quando o cavalo do Rei veio rápido em sua direção. Parando há um metro dela, o cavalo derrapou na areia, levantando uma cortina de poeira seca aos seus cascos.

O rei desceu com um pulo, dando a correia para um cavaleiro que apareceu do nada. De longe, Mary pôde ver que outras carruagens chegavam.

John olhou para Mary de pé a cabeça, passou a mão no colar que segurava o longo manto vermelho em seu corpo e desviou o olhar, como se ela não passasse de um grão insignificante no longo terreno que possuía.

Henrik, o irmão dele, desceu também de seu cavalo branco, e acenou com a cabeça para Mary.

- Milady... – o cavaleiro que viera com ela a chamou. – Me acompanhe.

Os outros homens foram descendo de seus garanhões e tomando rumo para uma abertura na arena que dava para os assentos ilustres, próximos ao do Rei, abaixo de uma tenda.

Mary entrou em seguida, olhando para as pessoas que se silenciaram quando John fora anunciado. As mulheres que estavam sentadas em seus lugares de honra na tenda, levantaram e se curvaram para ele.

O cavaleiro levou Mary até um assento na primeira fileira, bem de frente para a arena, mas duas cadeiras distantes de John. Não era nenhum assento privilegiado, como o de Henrik, mas era o mais próximo do que todas as mulheres tinham. Isso se devia, provavelmente, porque John estava dizendo que Mary era sua prima.

Ela se sentou e apertou as mãos.

Estava nervosa.

Olhou para John pelo canto de olho. Ele estava tão seguro e firme. Já deveria ter visto aquilo centenas, milhares de vezes na vida, em suas batalhas... em seus sonhos.

Ele era o Rei. Era esperado dele que fosse forte.

Mary sabia que aquele era um simples combate, só haveria uma morte. Se o Rei quisesse, talvez mais. Mas naquele caso ela achava que só uma iria ser o bastante para John.

Ainda assim, não gostava de estar ali. Presenciar aquele tipo de coisa tão de perto, depois de ter...

Algo parecido com um tambor soou. Dois homens entraram na arena, trotando seus cavalos ao redor do ambiente. Eles pararam de frente ao Rei, que estava alguns metros acima de suas cabeças, desceram dos garanhões e fizeram reverência.

Os dois vestiam malhas e uma armadura sobre seus peitos. Suas espadas estavam na bainha ao lado do corpo. Os dois seguravam os elmos nas mãos.

Mas um deles olhou diretamente para Mary. Ele ergueu seu rosto para encontrar o olhar dela, curioso. Seus cabelos eram negros, mas ralos, e em seu rosto havia uma longa cicatriz.

O tambor soou mais uma vez, os homens colocaram os elmos.

Os cavalos já tinham sido retirados da arena. Os dois sacaram as espadas, e um segundo depois tudo o que Mary conseguia ver era a luz brilhante do metal das espadas se chocando uma com a outra. O homem com a cicatriz no rosto era forte e habilidoso, mas o outro conseguia atacá-lo com mais força.

O homem com a cicatriz no rosto avançou, levando sua espada para frente, o outro desviou e tirou uma adaga de seu cinto, encravando-a em uma parte baixa do tronco de seu oponente.

O homem da cicatriz caiu no chão e por um segundo pareceu que o combate acabara ali, mas o outro fora estúpido o bastante para virar as costas e olhar para o Rei com um sorriso idiota no rosto. John estava impassível. Não esboçou reação alguma nem mesmo quando o homem com a cicatriz se levantou do chão e cortou a cabeça fora de seu oponente com um só golpe da espada. O sangue escorreu pela arena.

O coração de Mary palpitava tanto que ela achava que iria desmaiar a qualquer minuto. Abaixou a cabeça e respirou bem fundo. Conseguia ouvir as mulheres abastadas, sentadas logo atrás de si, rirem e sussurrarem de como fraca era aquela *prima* do rei.

O homem com a cicatriz encravou a espada cheia de sangue no chão e tirou a adaga de sua carne com um puxão. A plateia foi à loucura com silvos e urros. Eles gritavam por mais sangue.

A cabeça de Mary começou a rodar e sem perceber ela começou a murmurar alguns cânticos antigos.

O lugar inteiro rodava, seu peito batia forte, uma forte pontada na cabeça a fez perder a visão por um segundo e quando o mundo voltou a ter cores Mary soube que não estava mais na realidade.

Estava tendo uma visão.

Ela viu vultos. Ouviu música. De repente, ela se viu no salão real do castelo... ou era a grande catedral do reino? Não sabia dizer.

Duques, Duquesas, Condes, lordes, os príncipes e a próxima rainha olhavam para quem estava sentado no trono. Mary flutuava por cima da cabeça de todas aquelas pessoas e aquele futuro incerto.

A música ficou mais alta. Era música da coroação. Um novo Rei havia assumido o

trono de John. Mary viu o rosto dele e depois não viu mais nada, voltando tão rapidamente para sua realidade que quase pulou na cadeira que sentava. Ela simplesmente ficou parada, imóvel enquanto processava aquela visão.

Seu rosto estava pálido como leite.

Ela olhou para a arena e viu que o guerreiro ganhador agora desfilava em seu cavalo com uma gardênia nas mãos. Era costume o cavaleiro ganhador do combate oferecer uma gardênia, símbolo do reino, à mulher mais bela. Geralmente esta era sua esposa.

Mary olhou para o grupo de mulheres que havia na arquibancada e algumas delas pareciam ansiosas com o que aconteceria a seguir.

Algumas tinham sorrisos largos no rosto, olhando em direção do Duque vitorioso, mas com a atenção de verdade no Rei. Era possível ver pela linguagem corporal delas.

O cavaleiro deu sua volta como vitorioso na arena e foi chegando perto da tenda.

Mas não parou a frente do grupo de ladys que o esperava. Ele seguiu alguns metros e parou bem em frente de Mary. O rosto pálido dela ficou ainda mais branco, prendeu a respiração.

Sobre o cavalo, o cavaleiro com a cicatriz no rosto cumprimentou respeitosamente Mary com o olhar e com o queixo. Estendeu a gardênia para ela e falou alto o bastante para quem quisesse escutar:

- Para a mulher mais linda do reino.

Mary estava em pânico dobrado. Uma visão e um ato de cortesia inapropriado. Ela não sabia como reagir, mas acabou reagindo. Suspirando longamente, ela pegou a flor e balançou a cabeça, sussurrando:

- Obrigada, Sir.

Ele ergueu a cabeça e cavalgou até a saída dos vencedores, sumindo da visão de todos.

Era desnecessário dizer que a plateia estava estupefata pelo que tinham acabado de ver, mas ainda sim, ouviam-se gritos e entusiasmo.

Mary olhou para John e pegou-o olhando para si.

Ele se ergueu, todos se ergueram em seguida.

- Tragam os escravos! – ele sentenciou. A plateia esperou. – E as serpentes!

Os gritos foram enlouquecedores.

Aquela era a deixa de Mary. Ela, já em pé, deu um passo à frente, mas cambaleou, sem forças. Mas firmou o pé no chão e foi em passos largos para fora da arena, onde pôde ao menos respirar um pouco de ar fresco.

Henrik desceu atrás dela.

- Você está bem, Milady?

- Perfeita. – ela respondeu. O cocheiro abriu a porta da carruagem dela.

- Eu não tenho tanta certeza disso. – ele ofereceu a ela um lenço de seda. – Seu nariz está sangrando.

Mary tocou com a ponta do dedo e viu sangue. Olhou bem para Henrik. Aquele homem tinha bondade escrita nos lindos olhos claros. Ela deu um passo a frente e tocou no rosto dele. Ele parecia forte, tão forte quanto John, mas havia tantas outras coisas nele que... Mary não conseguia explicar.

Henrik passou o lenço abaixo do nariz dela, estancando o sangue apenas o bastante. Ela ainda olhava para ele de um jeito estranho, mas ele não se incomodou com isso.

- Eu tenho que descansar. – Abriu um sorriso. Um segundo depois, John apareceu e roubou o sorriso do rosto dela.

- O que é isso?! – John foi para cima de Mary e a puxou pelo braço com força, sacudindo-a em suas mãos. – Você enlouqueceu? O que foi que você fez com o Duque de Lavandor?

- John?! – Henrik chamou a atenção dele, dando um passo a frente, ficando entre ele e Mary. – O que você está fazendo?! Ela é uma lady e você a está tratando como uma... – Henrik preferiu não continuar - E na frente de uma plateia.

Mary lançou um olhar para onde o grupo de mulheres, que estava lá dentro há pouco, olhava para aquela cena bem atentamente. A gardênia que deveria estar na mão de uma delas ainda estava na mão de Mary.

John recuou e retomou sua postura.

- Você sabia que ela está doente? – Henrik falou baixo para John, como se Mary não pudesse ouvi-los.

- Agora não, Henrik. Pegue seu cavalo e volte para o castelo. Conversamos lá. – ele olhou para Mary. – Entre na carruagem.

Ela não precisou esperar duas vezes. Seus joelhos estavam fracos e no instante em que sentou se sentiu uma fração melhor.

John entrou na carruagem em seguida, roubando a atenção de Mary. Ele bateu no teto, a carruagem entrou em movimento. Ele fechou as aberturas e ajeitou seu manto vermelho e longo, antes de olhar bem sério para Mary e perguntar:

- O que você viu?

VI – UM REI MAU

Aquele rei era bonito. Mary não tinha palavras para falar da beleza dele.

Os cabelos dele eram negros como a noite, compridos até os ombros. O rosto tinha um formato quadrado e austero. Ele tinha covinhas na maçã do rosto. Mas o que realmente impressionava – além do fato dele ser um espécime diferente de qualquer outro – eram seus olhos.

Os de Mary eram de um azul intenso, já os dele eram claros como uma fonte nascente de água. Os olhos de John eram iguais ao de Henrik, mas diferente dele, aqueles olhos que ela encarava a sua frente não acalmava, não trazia paz.

Trazia o oposto.

Era muita confusão em um só olhar. Havia conflito, miséria, infelicidade e solidão no olhar de um só homem. Mary sabia que usar o manto que John usava trazia um peso imensurável, mas tudo aquilo parecia ser demais até para ele. Era como se John estivesse a um fio de romper e não haver mais volta.

- Nada – respondeu ela a pergunta dele.

John olhou para o lado e respirou bem fundo.

- acredite em mim quando eu digo que eu gostaria de te empurrar desse penhasco neste exato momento. – Ele parecia bem convincente. Mary não quis colocar a palavra dele em prova, por isso ficou caladinha. Ainda olhando para o lado, John disse:

- O Duque entregou a gardênia para você... – ele disse como se *ela* não soubesse.

Por Deus!, a flor ainda estava na mão dela.

Ela apertava o caule da flor tão forte como se fosse a única coisa dando-a força para ficar em pé.

- Sabe o que isso significa, *bruxa*? – John voltou o olhar para ela.

Mary balançou a cabeça em negativa.

- Ele quer você.

- Ele quer, mas não necessariamente precisa ter.

- Eu vi o jeito que olhou para ele. – John se recostou no assento. – Não precisa admitir, se não quiser, mas o interesse é recíproco entre vocês dois.

Mary olhou bem para ele, naquela pose de quem sabe tudo, pegou a gardênia nas mãos e a despedaçou em pequenos golpes. Abriu a abertura da carruagem e jogou o resto fora.

- Eu só quero ir embora desse lugar.
- E eu gostaria que você nunca tivesse vindo.

O portão elevadiço do castelo foi aberto. Eles ouviram o som das correntes.

- Eu preciso saber o que você viu. – John insistiu. Ele não era um homem de insistir.

Geralmente, se chegava a isso ele usava sua espada, mas aquela situação era mais delicada do que a flor que Mary tinha acabado de destruir.

- Preciso ter certeza, antes de te falar.
- É algo sobre meu irmão?

Mary sentiu um calafrio na parte de trás da sua cabeça.

- Me diga uma coisa... Por que esse Duque de Lavandor passou o combate inteiro olhando para você como se você fosse quem ele estivesse tentando matar?

- Bem que ele gostaria – John falou, com um sorriso canto de boca.
- Isso não é engraçado.

- Eu matei a mulher dele. Eu a fodia. Ele sabia disso, mas tolerava. Então você chegou no castelo com uma profecia...

- E ela ouviu! – Mary adivinhou, surpresa. – Era aquela mulher?

A mesma que havia coberto o nariz com um lenço quando Mary foi arrastada até o salão. A mesma que a tratara como nada menos que um saco de merda.

John apenas concordou com a cabeça.

- Logo depois que te levaram para o calabouço a matei com minha adaga. O Duque sabe que fui eu. E quer se vingar.

- Então esse é o porquê de ele me dar aquela maldita gardênia.

- Esse não é o porquê, *bruxa*. Não seja inocente, porque inocente é a única coisa que você não é. – John suspirou. A carruagem parou e ele esperou o cocheiro abrir a porta. Deixou que Mary saísse primeiro. Quando subiam as enormes escadas para entrar no castelo, ele explicou de uma vez: - O Duque está viúvo.

Mary parou nas escadas e John também. Ela o olhou bem séria, abriu a boca para falar algo, mas decidiu que ele não iria querer ouvir.

Subiu o restante as escadas sem esperá-lo.

- Ele vê em você uma oportunidade que vale por duas! – John falou para ela alto o bastante. Mary já estava dentro do castelo. Ainda era estranho para ela entrar naquele salão como uma pessoa que pertencia ali.

Quer dizer, ela não *pertencia* naquele lugar, mas tinha que fingir. E apesar de tudo, não

era tão fácil quanto parecia.

Ela se virou para John, que estava perto das grandes portas da entrada do castelo e disse:

- O mantenha bem longe de mim.

E subiu os lances de escadas que davam para o quarto que John havia separado para ela.

Mary não iria mentir. Aquela situação era perigosa. Se o Duque de Lavandor quisesse, e o Rei – naquele caso, porque teoricamente ela era prima de John – permitisse, ela seria obrigada a se casar. Mary não tinha voz quanto a isso.

E para John seria uma ótima barganha. Ele se livraria de um inimigo apenas pelo fato de casar uma bruxa que fingia ser sua prima e que não possuía valor algum... Assim como qualquer mulher naquela sociedade.

Mary entrou no quarto e foi direto na fechadura para trancar o quarto... Mas o quarto não tinha chave. John deveria ter pego.

Ela deu uma volta apressada pelo ambiente, sentindo todo aquele peso de vestido e joias a puxarem para o chão. Mary tirou o broche e o corpete do vestido. Tirou suas botas trançadas e mesmo estando cansada, não quis ir para cama. Ainda era cedo, daqui a pouco haveria uma festa com banquete e músicos.

Saiu do quarto descalça e caminhou pelo trajeto que dava para o jardim. Algumas servas cochichavam entre si quando passou pelo grande salão e por algumas salas. Aquele castelo seria algo que Mary talvez nunca fosse esquecer.

Por fora parecia apenas mais uma fortaleza, mas por dentro ela sentia a sensação como quando você, finalmente, chega em casa após semanas longe.

Ela chegou ao jardim e sentiu um alívio ao colocar os pés na grama. Caminhou até um espaço onde havia ervas, dentre elas – em sua maioria, na verdade, venenosas.

- Milady! – Prudenza, a serva que havia trançado seus cabelos mais cedo, gritou, correndo para puxar Mary daquele lugar do jardim. – Minha senhora! Aqui possui ervas venenosas!

Mary sorriu depois de ter levado um susto.

- Não se preocupe, eu só vim buscar alguns cogumelos para febre e fraqueza.

- Está doente, milady? – O rosto dela exibia preocupação genuína, uma coisa inédita por ali.

- Só me sentindo um pouco indisposta.

- Deixe-me ajudá-la então! – ela soltou as mãos de Mary, que apertava com força.

Foi até onde Mary estava e se agachou na terra, escolhendo alguns dos cogumelos que cresciam.

- Estes são bons, minha senhora. Ajudam na indisposição e saram feridas.

Mary sabia daquilo porque conhecia muito bem aqueles cogumelos. Não era bem os que queria, mas iriam servir. Pela noite, quando todos já estivessem dormindo, ela voltaria sem que Prudenza a encontrasse.

- E eles também são muito bons para fertilidade. – Prudeza disse, ficando um pouco corada.

- Você pode fazer um chá deles para mim, então?

- Sim, milady. – Ela disse, olhando para Mary, parada, esperando alguma coisa.

Mary suspirou e entendeu o que sua serva queria. Levantou as mãos no ar, dando pequenos passos para longe de onde estavam as ervas venenosas.

- Vou só colher algumas flores, você pode ir...

Prudenza limpou sua garganta e disse:

- Me desculpe dizer, Milady. Mas quando o Rei nos falou que você não conhecia os costumes da província... – ela parou de falar.

Mary amaldiçoou John em pensamentos.

- Eu sou do Reino da Sicília, minha senhora. Demorei um pouco para aprender como tudo funcionava por aqui. – falou para Mary como em solidariedade. – Se quiser saber de alguma coisa, é só me perguntar.

Ela fez reverência e saiu com passos lentos para dentro do castelo, com as mãos cheias de cogumelos bons para fertilidade e a barra do vestido sujo de terra.

Mary fechou os olhos, ergueu o rosto para o céu e sussurrou algumas palavras bem cabeludas para uma lady. Ela ia socar o rei na primeira oportunidade que tivesse.

Não gostava de estar começando a ter afetos por servos e muito menos estar gostando daquela vida fácil. Mas afinal, quem não gostaria?

Mas ela não era uma lady, e nunca seria.

Mary nasceu e cresceu em uma vila tão distante que nem ela mesma lembrava como chegar lá. Seus pais eram humildes, mas corretos. Foi ela que saiu de linha e escolheu uma realidade além da que tinha. Mas ninguém a dera outra escolha.

A magia a escolheu, e não o contrário como geralmente acontecia.

Mary era uma feiticeira, não bruxa. Ela tinha o dom, nunca escolhera fazer parte

daquilo. E por todo o mal que havia trazido para sua vida, se pudesse escolher, tinha preferido ser uma mulher comum.

Lorain apareceu no jardim e ficou parada esperando Mary perceber que estava ali.

- Minha mãe me pediu para vir ver como a senhora está, Milady.

- Estou bem, Lorain. – Mary pegou dois girassóis nas mãos e caminhou até a garota. –

Pode fazer algo por mim?

- Claro, milady.

Mary estava ficando irritada por causa de todo aquele *milady*.

- Consiga uma pena e tinta para mim.

- A senhora sabe escrever? – A garota arregalou os olhos.

- E papel. – Mary continuou, com pressa.

Lorain se empertigou, seguindo sua senhora pra onde ela ia.

- Ah! E um vaso para essas flores.

A garota fez mesura e saiu quase correndo para buscar as coisas que sua lady pedira.

Mary tomou o último gole do chá que Prudenza havia lhe feito e repousou o copo sem alças de cerâmica sobre a mesa. Ela havia pedido para as duas servas se retirarem, queria um pouco de privacidade.

Pegou a pena e a mergulhou no potinho de tinta, começando a escrever sobre o papel fino algumas coisas que precisava que o destinatário soubesse. A pena escorregou pelo papel até Mary cansar. A tarde havia chegado. Ela estava exausta.

Dobrou a carta e selou com uma cera vermelha. Deixou secar sem brasão nenhum. Não queria que ninguém soubesse onde estava.

Com a carta nas mãos, Mary foi até a porta do quarto e abriu-a, encontrando parado no corredor, e com cara de tédio, um dos cavaleiros do Rei. Provavelmente John havia designado aquele homem para vigiar cada passo dela.

- Sir. – ela o chamou com uma voz mais doce do que normal. Ele foi até ela evitando olhar muito para os olhos de Mary. – Preciso que despache essa carta para mim.

Ela entregou a carta e uma moeda de ouro para ele.

- Encontre alguém de confiança. E que não diga de onde isso vem.

O cavaleiro acenou.

- Já está feito, minha senhora. – e saiu pelo corredor, sumindo quando virou para descer

as escadas.

Mary esperava que a carta não demorasse tanto para chegar ao destino. Não esperava uma resposta também.

Ela voltou para o quarto, soltou seus cabelos da trança e deitou na cama.

Mary dormiu com a corrente da Rainha-mãe nas mãos.

Quando a porta do quarto de Mary se fechou, o cavaleiro que ela havia acabado de colocar a carta nas mãos mudou de caminho.

Ele desceu as escadas, mas invés de ir até o pátio do castelo e encontrar o mensageiro, ele foi bater direto no salão de negócios do Rei. A porta estava aberta. Assim que ele se aproximou, o Rei soube que era algo relacionado a Mary. Fez um movimento com a mão para que ele se chegasse perto.

O cavaleiro entregou a carta e a moeda de ouro nas mãos do Rei e disse, com a cabeça baixa:

- Ela pediu para que eu encontrasse alguém de confiança para entregar a carta.

John olhou para a carta, virando-a nas mãos. No verso, havia uma inscrição apenas.

- Vá. – ele disse para o cavaleiro.

Assim que o cavaleiro saiu, Henrik entrou e fechou a porta atrás de si. Ele estava furioso.

Não estava vestindo sua malha ou sua armadura. Vestia um traje comum, e na cintura, o cinto com sua espada.

- Quem diabos é Mary Adlarn? – ele olhou bem para o rosto de seu irmão. – *Nós não temos nenhuma prima, John!*

Calmo, John colocou a carta de Mary na mesa e se sentou em sua larga cadeira. Enquanto isso, Henrik esperava não tão paciente assim.

John olhou para ele.

- Ela é uma bruxa.

Henrik apertou os olhos. Ele esperava tudo, menos aquilo que ouviu.

- Está mantendo uma bruxa dentro do seu castelo? – ele tentou entender. – A dias da chegada do papa? O que você tem dentro da sua cabeça?

John se levantou, ainda calmo. Henrik era sua única família. E apesar de achar que aquilo era problema dele, explicou:

- Ela veio com uma profecia. Disse que não terei herdeiros e mais algumas outras coisas que não consigo me lembrar agora, mas que não são exatamente boas.

- Desde quanto você acredita nessas besteiras? – Henrik estava estupefato.

- Desde o momento que ela me fez voar pelo quarto.

- Como?!

- Você vai ter que guardar segredo e mentir comigo, Henrik.

- Não vai ser tão difícil, não é mesmo? Afinal, você é o maldito Rei.

Os dois se encaravam. John estava sem o seu manto vermelho, mas continuava com a expressão inconfundível de soberania.

- Ela vai me ser útil por enquanto. Quando não mais precisar dela... – ele deixou o fim de Mary suspenso em suas palavras.

Henrik se apoiou na mesa, meio pensativo.

- Sem herdeiros, ela disse?

- Entre outras coisas.

- Estive preocupado com isso, John. Não irei mentir. Você precisa de uma esposa e estava esperando que tivesse bom senso em aceitar a mulher que o pontífice está trazendo com ele. Sua juventude já está indo embora. Você tem que parar de levar mulheres casadas para cama.

John suspirou.

- Meu irmão mais novo me dando conselhos. Se eu fosse qualquer outro homem daria gargalhadas.

Henrik ouviu aquilo como um meio descontraído de John dizer que apreciava a preocupação.

- O que você tem, Henrik, é algo que nunca terei. – Uma família, paz, uma mulher quem ele amava profundamente.

- Você teve escolhas, meu irmão.

Dessa vez, John deu um sorriso calculado bem rápido. A ilusão que Henrik carregava de que John, como Rei, havia tido escolhas era algo belo, mas não era a verdade.

A verdade era que dezenas das melhores moças do reino haviam sido apresentadas na corte para ele, mas ele recusara uma por uma. Não havia visto nada nelas além de interesse pela vontade de ser rainha.

O que John não sabia, internamente, era que ao recusá-las procurava algo muito mais do que apenas sexo. Ele procurava o que era proibido. O que poucos tinham, e o que muitos

condenavam.

Ele tinha adiado um casamento o máximo possível, mas seu irmão tinha razão. Ele não era mais jovem, e ainda tinha muito que lutar. E precisava saber que quando saísse com seus soldados para a guerra, haveria um herdeiro para continuar o que começara.

- Essa mulher, Mary, ela está mesmo doente?

- Na verdade, eu acho que ela está morrendo.

- Por que acha isso? – Henrik franziu o cenho.

Fora tudo aquilo que John havia passado com ela, um pequeno detalhe:

- Ela acabou de escrever uma carta sem volta para uma freira.

- Uma freira? Quem?

John pegou a carta e rompeu o lacre da cera.

- Estou prestes a descobrir.

Minha mais querida irmã,

Me perdoe por nunca ter entrado em contato e, agora, quando lhe mando essa carta não trago boas notícias.

Mamãe e papai morreram. Algo que acredito você já saber há tempo.

Nosso pai foi morto na arena de combate de York. Ele foi pego embriagado no meio da noite e quando acordou se viu preso e prestes a morrer como um animal. E foi exatamente o que aconteceu.

Nossa mãe morreu de desgosto uma semana depois. Enviaram a cabeça dele para ela.

Eu nunca vou esquecer os olhos sem vida de nossa mãe. Como se ela dissesse para mim que a vida não é uma dádiva de Deus, e sim o inferno que tanto dizem que iremos ir. E me desculpe dizer isso. Eu respeito tudo aquilo que você acredita. Sempre respeitei.

E quando me lembro da época em que decidi ser freira sinto uma dor no peito. Algo parecido à inveja. Você encontrou seu caminho, sua razão.

Eu nunca quis ter nascido do jeito que nasci. Ter os dons que tenho e que você sempre disse serem presentes de Deus. Mas há algum tempo eles têm se tornando maldições e tem tornado minha vida cada vez mais sem rumo.

A verdade é que quando você estiver lendo essa carta, meu destino poderá ter tido dois caminhos. Ou estarei bem longe de onde estou agora ou estarei morta.

Não quero que chore por mim ou ore por minha alma para seu senhor.

Eu só quero que a morte me traga algo que nunca tive em vida: Paz.

E se você não respeitar meus pedidos e mesmo assim interceder pela minha falha alma, peça por isso e apenas por isso.

Vou sempre te manter no meu peito. Fique salva e viva.

Sua irmã,

M.

- E então? – Henrik quis saber.

John foi até a grande lareira acesa no centro do salão e jogou a carta lá dentro. Esperou o fogo consumir o papel por inteiro e todas as palavras da carta se tornarem borrões e nada mais do que cinzas.

- Nada demais. – John se virou para o irmão. – Ela só estava dizendo adeus.

VII – UM BEIJO INAPROPRIADO

O Rei entrou nos aposentos de Mary sem fazer muito barulho. Prudenza havia dito a ele que ela estivera dormindo a tarde inteira. Mas agora era hora de acordar.

Ele caminhou até a janela enorme revestida de vidro de sua mãe, que dava para a baía do outro lado da cidadela. O fogo da lareira estalava. Ele ouviu o som suave da voz de Mary após alguns minutos olhando as ondas distantes do mar:

- Eu te odeio.

John franziu o cenho.

- Idem. – respondeu para ela, se virando e encontrando-a deitada de costas, olhando para o forro no teto da cama.

- O que você está fazendo aqui, *meu senhor*?

- Você precisa descer para o banquete comigo.

- Eu não sou sua concubina... – ela virou o rosto para olhar para ele. – *Ainda*.

- A visão, *bruxa*. O que foi que você viu? – John deu passos largos até a cama. Mary sentou e jogou seu cabelo loiro para trás das costas.

Ela não estava pronta para falar. Porque, afinal, se a visão fosse o futuro certo, ela e John estariam arruinados.

- Eu vi a coroação de Henrik. – Ela falou com tanta dor que John também sentiu.

Ele sentou na cama e olhou bem no rosto dela.

- Você não está mentindo. – disse ele. Não era uma pergunta. O Rei conseguia ver nos olhos de Mary como aquilo também a afetava.

Já sabia que ela não estava ali só por causa da profecia que o envolvia, mas porque os efeitos daqueles acontecimentos também a afetava.

- Eu queria estar, acredite em mim. – Mary se levantou da cama. O silêncio abraçou o ambiente. Apenas o estalar do fogo e o som da calda do vestido dela roçando no chão preenchia aquele vácuo.

- Me fale mais sobre a profecia. Quando conversamos pela primeira vez você falou que eu morreria por uma mulher.

As palavras exatas da profecia era um mantra que não saía da cabeça dela. Mary passou a mão na testa e nos cabelos, escolhendo não olhar para a cara de John.

Ela então recitou *metade* da profecia:

- *“Se um amor inocente escolher
O rei Valente irá morrer
A chama do reino então se apagará
A fome, a febre e as vozes irão se abraçar
E num último suspiro súditos irão pedir
Por um novo rei com herdeiros
Que pela glória e a paz irá lutar[...]”*

- O que mais? – John se empertigou.

- Nada mais. É só isso – mentiu, olhando para a lareira dessa vez. O chão de pedra estava frio aos seus pés descalços.

- Então basicamente diz que eu não posso me casar por amor.

- Basicamente? É isso mesmo.

- Isso não vai ser um problema, então. – John levantou da cama, um tanto agitado.

Mary se virou e fitou bem os olhos claros dele. Ela sabia que não era bem assim.

- Não vai ser problema, John? Admita para si mesmo a verdade.

- E qual é essa? – ele deu passos longos e rápidos para perto dela, roubando seu espaço pessoal. Os rostos dos dois ficaram a centímetros. Uma tensão feroz tomou ambos.

Mary ergueu a cabeça. Ela era mais baixa que ele, mas não queria ser menosprezada por causa disso.

- Eu sinto pena de você. – Ergueu a mão e ajeitou o grande broche sobre o peito dele. – Você é um homem bom por dentro, que tem esperado demais pelo amor que seu irmão teve e você não. Você deseja uma família, mas só tem a solidão. E agora sabe que se escolher o amor vai também estar escolhendo a morte. Quantas guerras você lutou, quantos homens matou para morrer por uma mulher, meu Rei?

O rosto de John se encheu de ódio.

- Se você pudesse me matar agora, me mataria, não é mesmo?

- Iria fazer diferença? – ele falou entre os dentes, apertando as mãos em punho para não apertar o pescoço dela.

Mary inspirou, engolindo aquela pergunta como uma verdade bruta. Ela fechou os olhos e deu as costas para ele.

- Eu acho que você tem que ir para seu banquete, Milorde.

Ele não disse nada quando saiu. Apenas saiu. Sua ira estava no limite.

Mary voltou a respirar quando sentiu que estava sozinha. Não havia percebido que sua respiração parara. Seu corpo estava todo arrepiado. Aquilo estava se tornando insuportável. Ela tinha que evitar John o máximo possível ou os dois iriam acabar matando um ao outro.

Lorain entrou no quarto e percebeu que sua senhora não estava bem. Ficou no canto até Mary chamá-la. Dessa vez, Lorain trançou os cabelos dela e prendeu algumas lindas flores frescas que havia pegado no jardim, acertando no gosto de Mary por flores.

Mary teve que vestir outro vestido. Não era ideal uma dama da corte vestir o mesmo vestido em eventos no mesmo dia. Dessa vez, o vestido era dourado com alguns tons roxos, uma cor muito rara e *cara*.

Os bordados roxos iam do busto do vestido até a barra, e a cor dourada dominava as saias e as mangas compridas e soltas.

Mais uma vez, Mary estava se sentindo uma princesa.

Ela não gostava da sensação.

A música estava alta. As risadas dos convidados da mesa ilustre tomavam o lugar inteiro. A mesa do Rei ficava no pátio de festas, bem no centro. Em algumas passarelas de pedra, acima dessa mesa, ficavam os músicos e outros convidados. A comida era farta. Servos passavam pelas mesas com bandejas de coelho cozido, patos ao molho e carneiro assado, servindo os convidados. Também não paravam de servir cerveja e vinho.

Grandes lareiras acesas em nichos nas paredes laterais aqueciam e iluminavam a festa. Já era quase meia noite.

Mary estendeu seu cálice para mais um servo que estava servindo vinho. Ele foi na direção dela, mas Henrik o interrompeu.

- Acho que é bastante por hoje, Milady.

Ela colocou o cálice vazio de volta da mesa e fez muxoxo. O rapaz com o vinho foi servir outros.

- Me acompanha em uma dança? – perguntou Henrik.

- Acho que estou embriagada demais para dançar com você, Duque.

- Vamos lá – ele a puxou pela mão. – Você passou a noite entediada. Hora de animar um pouco.

- Eu não vejo como uma dança pode fazer isso. Seu irmão sugou minha alegria hoje. – Mary brincou com um sorriso no rosto.

- Deixe o Rei para lá por um instante.
- Onde ele está, aliás? Desapareceu já tem um tempo.

Henrik parou bem na frente da turma que fazia a música. Ele teve que aumentar a voz para ela o entendesse.

- Segue meus passos. Assim, veja. – ele fez um movimento com as pernas e pegou na mão dela, rodopiando-a. Mary deu uma gargalhada.

- Acho que você não vai querer que eu fique enjoada! – Mary teve que gritar.
- Esqueça que tomou vinho, apenas dance comigo.

Mary achou aquilo engraçado porque nunca havia dançado do jeito que ele estava dançando. Tão aberto e solto. Ele estava feliz. Henrik era feliz. Ela pegou as duas mãos dele e seguiu cada passo que ele fazia, e os dois gargalhavam. O movimento dos corpos parecia liberar uma emoção inédita para Mary e aquela emoção fazia com que seu parceiro se sentisse bem em ter sido a pessoa a dar a oportunidade dela sentir aquilo.

O vestido de Mary rodopiava ao redor de seu corpo e em algum momento da dança rápida ela perdeu uma das flores de seu cabelo.

A música acabou repentinamente e os dois se viram respirando rápido, sem fôlego.

- Cerveja? – perguntou ele, erguendo uma de suas sobancelhas.
- Sim, por favor. – Mary falou, indo com ele até um rapaz que passava com cálices de cerveja.

Mary bebeu toda a sua em alguns poucos goles. Henrik esperou ela terminar para perguntar:

- Há quanto tempo tem estado aqui, no castelo?
- Hã... Três, quatro dias eu acho.

- Deixe-me te mostrar algo então – ele buscou a mão dela e eles saíram do pátio de festas. Henrik caminhou por dentro do castelo até abrir uma porta pesada. Os dois entraram em um corredor de pedra um tanto escuro e frio. Quando eles já não ouviam som de música, Henrik comentou:

- John me falou sobre o que você está fazendo aqui, milady.

Mary riu com sarcasmo.

- Estão sabe que não sou nenhuma Milady. Me chame de Mary.

Eles continuaram seguindo cegamente o corredor frio. Parecia não ter luz no fim.

- Há algo que eu possa fazer para ajudar nessa situação?
- Ficar vivo, acredito eu. – Mary lamentou. – Se seu irmão não...

- Não. As palavras voam ao vento, sabia? E o vento muitas vezes retorna com respostas não muito boas.

- Eu gostaria que isso fosse verdade.

- Deus colocou John no trono. E vai tirar se for a vontade Dele.

Mary não contradisse Henrik naquilo. Não queria afastar suas esperanças. Ele era uma pessoa boa e tinha sido gentil mesmo após ter descoberto quem ela era. Pessoas como ele eram raras.

Uma luz pálida surgiu no fim do corredor.

Quando chegaram lá, a voz de Mary se perdeu de tão surpresa que ela ficara.

- É lindo, não é mesmo? – Henrik caminhou por entre a torre em que estavam naquele momento.

A torre era bem alta, apesar de um tanto pequena. Eles caminhavam pelo terraço da torre e a visão da cidadela era algo de outro mundo. A lua estava cheia e iluminava tudo. Dali dava para ver também as outras cidades do reino, todas ao redor da cidadela, cada uma com seu grande muro ao redor. E o grande mar cercando todas elas.

- A cidadela é o portão de tudo, meu pai costumava dizer... O Rei antes de John. – Henrik falou, tentando situá-la. - Ele era bom.

- Eu ouvi histórias do Rei e da Rainha-mãe.

- Bem, minha mãe era mesmo uma mulher inesquecível. Reinou esse país como ninguém, até John ter idade para assumir. Você vê ali, aquele pontinho? Eu e John moramos lá. É uma ilha que prepara as crianças para serem soldados.

- É o que mantém o reino alimentado... – Mary falou.

- John matou um garoto quando tinha apenas oito anos. Ele chorou a noite inteira. – Henrik olhava para o pontinho no meio do mar com os olhos perdidos no passado. – Aquela foi a última vez que o vi chorar. Ele soube que aquela vida seria a primeira de muitas a repousar em seus ombros e que apenas os fortes sobrevivem.

- Ele não aprendeu a ter sonhos, como uma criança qualquer.

- Eu não acho que meu irmão saiba o que sonhos são. – Henrik suspirou e encarou Mary. – Vamos? A Milady precisa repousar.

Ela sorriu para ele enquanto a guiava para o caminho de volta. Agora que Mary sabia daquele lugar, iria ali mais vezes. Principalmente quando quisesse evitar o Rei.

Quando voltaram para o castelo, Henrik fechou a porta atrás de si.

- Vamos manter esse passeio em segredo do nosso Rei.

- Eu prometo. – ela sussurrou.

As velas ao redor do salão estavam se apagando. A música já havia terminado e as pessoas pareciam estar indo embora. Ainda era cedo, mas geralmente acabava cedo para que no dia seguinte todos tivessem força para festejar mais uma vez.

- Sua flor está torta. – Henrik deu um passo à frente para ajeitar a flor do cabelo dela.

- Obrigada – disse, olhando no rosto dele.

Ela não sabia porque, mas aquele olhar trazia algo dentro de si que a despertava. Como uma dormência que finalmente acaba ou um alívio da alma sentida bem no meio do peito.

Mary estava atraída por Henrik. Não só pela bondade dele, mas pela humanidade que conseguia ver em seu olhar.

A mão dele deslizou pelos cabelos dela, parando no ombro. A pele dele tocou a pele dela, causando um arrepio suave. Ele percebeu a tensão e fez menção de dar um passo para trás, mas Mary o parou quando colocou sua boca na dele.

Foi algo rápido e impulsivo. Quando ela viu já estava o beijando, e Henrik correspondia o beijo. Mas ele tomou conta do que fazia bem rápido e de um jeito até delicado, afastou Mary.

- Eu sinto muito, Milorde. – Mary colocou a mão nos lábios, assustada consigo mesma.

Ela ficou vermelha. Estava se sentindo tão vulnerável quanto uma pessoa que é dispensada fica.

O olhar de Henrik saiu do rosto dela para a porta principal do salão. O rosto dele exibiu nervosismo. Mary se virou para olhar...

E claro que tinha que ser o Rei.

Mas John não fez nada. Ele deu meia volta e sumiu na penumbra do castelo.

O coração de Mary trotou no peito.

- Me desculpe, Henrik. – sussurrou para o Duque mais uma vez, agarrando a barra de seu vestido e subindo as escadas rapidamente. Por que ela havia feito aquilo? Mary nem mesmo o conhecia. E ela sabia que John não iria deixar aquele envolvimento para lá.

Ela fechou a porta do quarto da Rainha-mãe atrás de si e deslizou suas costas pela madeira. A sensação de ter sido pega por John havia sido ainda mais intensa do que o beijo compartilhado com Henrik.

O olhar de John estava em sua mente como o olhar de um predador para sua presa. Era intenso e mexia com cada centímetro dela. Aqueles olhos efervescentes e o poder deles...

O que estava acontecendo com ela? Mary tinha apenas uma tarefa e essa não era flertar

e muito menos fazer corte com o irmão casado do Rei. Mas algo, em toda aquela situação, era estranho.

Sim, Henrik valia cada segundo do tempo dela. Ele era doce, carinhoso e a tratava como uma pessoa, uma mulher... Não uma bruxa imunda.

Mas ela sentia dentro de seu âmago que o beijara para, de alguma forma, atingir John.

Mary cobriu o rosto com as mãos, confusa. E aquela confusão só iria piorar nos próximos dias.

VIII – UMA AMÊNDOA FRESCA

Nos dias seguintes, Mary acordava de madrugada e ia até o jardim colher algumas ervas para que pudesse cozinhar um tônico. Ela se despia e passava o tônico por toda sua pele machucada, e em menos de uma semana o corte em seu estômago havia virado cicatriz.

O Rei havia viajado para as outras cidades do reino, a negócios, organizando a racionamento que logo iria afetar o reino. Seus conselheiros haviam ido com ele... Henrik também. Mas antes de Henrik ir, encontrou-a caminhando com Prudenza pelo jardim e trocou algumas palavras com ela.

Mary ficou feliz pelo fato da relação entre eles não ter ficado estranha.

Na semana em que John ficou fora, ela começou a se sentir um pouco mais revigorada. Talvez a comida, os longos passeios no jardim e algumas horas a frente da lareira com Prudenza trançando seus cabelos e lhe contando histórias do famoso Reino da Sicília a estivessem fazendo muito bem.

Mas ainda sim, ela se sentia presa.

Queria sair do castelo, ir visitar a cidade. Talvez caminhar pela baía. Mas não pôde fazer nada disso. Prudenza disse a ela que o Rei proibira suas saídas.

Isso dizia a Mary que John não havia se esquecido dela. E que, na verdade, estava muito bem atento aos passos vacilantes que ela dava.

Algumas vezes, pela noite, Mary acendia uma vela e escrevia os versos da profecia de modo a tentar interpretá-lo de uma maneira que pudesse tirá-la daquela situação. Mas então se lembrava de quando e como descobriu esses versos, e desistia.

Como não tinha ninguém para escrever, ela começou a escrever cartas para si mesma. Para seu eu do passado e algumas vezes, sobre o que estava acontecendo lá no castelo.

Prudenza gostava de falar e, certas vezes, deixou escapar alguns boatos sobre John. Sobre a inveja que ele tinha do irmão. E como ele, deliberadamente, evitava encontrar com seus sobrinhos e a duquesa mulher de Henrik.

Contava também algumas histórias que o povo costumava contar. Mitos, fábulas. Enquanto Prudenza contava para ela, trançando seus cabelos, Mary olhava para as tapeçarias que exibiam aquelas mesmas histórias, só que bordadas com ouro, dependuradas nas paredes enormes do quarto.

Não era novidade se sentir sozinha. Mas estar naquele castelo gigante fez com que a solidão piorasse.

John começou a demorar a vir. O decreto real dizia que ele ficaria fora por uma semana, mas os sete dias haviam se passado e ele não voltara.

Mary desconfiou. E as tardes que ela passava dormindo, dopada pelo chá de cogumelos que Prudenza lhe dava, acabou se prolongando pela noite também. Ela acordava quando o sol já estava nos céus e dormia logo após desjejuar.

Era melhor assim. Era como se Mary estivesse esperando o seu futuro próximo e trágico de uma forma que a inibia do desespero. Dormir era melhor que aceitar a realidade em que se metera. E ela estava muito atolada naquela confusão para querer sair agora.

O Rei voltou no fim da tarde do nono dia que havia viajado. Havia acontecido contratempos, além de Henrik o obrigar a visitar seus filhos. John ainda tinha na cabeça a imagem dos lindos herdeiros do título de seu irmão, com as cabeças cheias de cabelos negros e olhos claros. Eles tinham mesmo sangue real.

Depois dos nove dias, o Rei pediu por um banho quente e vinho até poder se sentir um pouco mais são. Não era só Mary que estava se exaurindo com aquela profecia.

Era tanta coisa na cabeça de John que até parecia que estivera em uma batalha dia e noite. Aquela responsabilidade enorme estava forçando os ombros dele para o chão. O Rei precisava de algo para cair na realidade, e Mary foi esse algo.

John estava feliz com suas mulheres e o que fazia com elas na cama. Reinava o seu reino com punho firme, mas era piedoso quando sabia ter que ser. Até o momento em que Mary entrou, suja e fétida, em seu salão ele ainda não havia tido completa consciência da responsabilidade de manter sua linhagem.

Com o cálice real cheio de vinho nas mãos, John caminhou até o quarto que ficava no fim do corredor. A lamparina que havia sobre a porta estava desligada.

Ele abriu a porta e entrou no cômodo que estava só iluminado pela lua, a luz que entrava pela aquela janela de vidros.

John viu a bruxa deitada na cama. Seu rosto pálido e suave, seus lábios rosados e sua pele cor de leite eram tão belos que por um segundo ele se imaginou possuindo aquela mulher. Era demais para ele. Mary trazia consigo problemas, traumas, dúvidas, segredos demais para ele lidar.

John podia ser Rei, mas era só um homem.

E ele culpava essa parte humana, carnal, de ter sentido um ódio tomar seu corpo no

momento em que a viu beijando seu irmão.

Mary era para ser só mais um objeto nas mãos dele, algo que ela realmente nunca foi, desde o início.

Bebendo o resto de seu vinho, John largou o cálice em uma das mesas espalhadas pelo enorme quarto e caminhou até a cama onde Mary dormia calmamente.

Ele deitou ao lado dela, olhando para seu rosto e imaginando como seria se...

Para os dois não havia ses.

John acabou dormindo, cheio de cansaço, antes mesmo de passar sua mão no rosto dela, um impulso que estava contendo.

O barulho suave de folhas e papéis acordou Mary. A manhã havia chegado, mas ela não conseguia sentir o sol na sua pele. Algo estava bloqueando a luz.

- Você é uma mulher complicada. – Mary ouviu a voz de John.

Ela achou ser um sonho, então afundou a cabeça nos lençóis e tentou voltar a dormir.

- *Assustei-me na primeira vez que consegui levantar um objeto com meus pensamentos...* – John recitou.

Ela deu um pulo da cama, arregalando os olhos e correndo para a mesa onde havia deixado aquelas anotações.

- Me dê isso! – ela gritou, puxando os papéis com força da mão dele, mas ainda sonolenta acabou tropeçando e caindo de bunda no colo dele.

Sério estava, sério John ficou. Mary bufou e o usou como uma cadeira, se recostando no peito dele. Ela abraçava as cartas que havia escrito para si mesma com força.

- O senhor, meu Rei, é um idiota.

- *Seu rei?* Achei que não tinha nenhum rei.

Ela olhou para ele de canto de olho, ainda sentada em seu colo.

- Gostaria de me socar nos dentes? – John questionou-a com ironia na voz.

- O que está fazendo aqui?! – se levantou, levando as cartas consigo para bem perto da lareira.

- Este ainda é meu castelo.

Mary olhou para a fina camisola que Prudenza insistiu que ela vestisse para dormir. Era um pedaço transparente de pano que não servia de nada para esconder sua nudez.

- Você demorou, John. – Mary comentou, levando os papéis para perto do fogo para

queimá-los.

- Não queime-os. Guarde-os. Podem ser úteis no futuro.

Ela fitou o rosto firme dele e revirou os olhos, indo jogar os papéis sobre a cama.

- O que quer?

- Companhia.

Mary deu uma gargalhada alta.

- Por favor, não comece. Suas piadas são excitantes.

- Quero que venha comigo para a cidade.

- E o que iremos fazer na cidadela?

- Gosto de caminhar pelos mercados uma vez ou outra. Faz bem para minha sanidade.

- Ah, compreendi, Milorde. – Mary balançou a cabeça. – Minhas servas falaram sobre o chá de cogumelo e que ele pode ser fatal se tomado em excesso. Está com medo de que eu possa tirar minha própria vida.

- A última coisa pela qual irei me preocupar é sua segurança, *bruxa*.

- E por que tem um cavaleiro dia e noite na porta do meu quarto?

- Ele está resguardando a segurança do *castelo*, não a sua. Se coloque no seu lugar.

- E onde é esse, meu Rei? – ela segurou o dossel da cama, encarando John.

- Por agora, ao meu lado. Quando não mais necessário, o mais longe possível.

- Tudo bem. Irei com você para a cidadela. – Ela olhou para as janelas de vidro, mas estas estavam bloqueadas por um grosso pano. – Colocou aquilo?

Ela franziu o cenho, olhando para o pano sobre a abertura com vidros.

John não queria dizer que havia dormido ali naquela noite e que a claridade havia o incomodado. Então deu de ombros.

- Alguma de suas servas. Vista-se. Já estamos saindo.

Mary colocou a mão na cintura.

- Meu Rei tem certeza de que isso não é uma armadilha?

John se recostou ainda mais na cadeira que sentava, à frente da mesa. Ele havia trazido alguns documentos sobre a vinda do papa, que ocorreria em alguns dias, então tirou seu olhar de Mary. Ela era sedutora, os olhos dele ficavam passeando por todo o seu corpo.

- Use um vestido de cor lápis-lazúli. É uma bela cor.

Ele falou aquilo sem olhar para ela. Mary ainda estava desconfiada, mas obedeceu. A força da presença do rei era algo difícil de explicar. Tinha uma energia que a puxava para que chegasse mais próximo... Tocasse-o. Por isso ela havia se segurado no dossel. Uma forma de

manter seu controle.

Mary tirou a camisola transparente e abriu o baú de vestidos. Desde que havia ganhado servas, não se vestia só. Mas ela sabia se virar. Colocou o vestido de costas para John, e não percebeu os olhares furtivos que ele lançava em seu corpo.

John queria chegar por trás dela, afastar os cabelos dourados que ela tinha de seu pescoço e beijá-la devagar naquele ponto suave perto das orelhas. Ele balançou a cabeça, tirando da mente essa cena.

- Preciso de ajuda. – Mary falou, indo até onde ele estava. – Dê um nó para mim.

- Isso não é algo que sei dominar.

- É só pegar essa ponta e dobrar com a outra. – disse ela, se virando em seguida.

John relutou mentalmente. Podia mandar chamar as servas dela, mas se levantou e pegou as pontas do laço que ela dissera.

- Aperta mais um pouco. Isso. Agora só dobrar uma ponta com a outra.

Ele levou seu rosto para perto, roçando seus lábios com a parte de trás do cabelo dela e disse:

- Já amarrei muitos nós na minha vida, *bruxa*. Sei como são feitos.

Mary virou só um pouquinho seu rosto e suspirou, dando um passo a frente. As mãos do rei foram para trás de suas costas e ele analisou Mary por inteira. A luz não era tão boa, mas ainda sim conseguia ver a cor do vestido em contraste com a cor intensa dos olhos da mulher quem ele havia sonhado algumas semanas atrás.

Pensando naquilo naquele instante, John percebeu que depois que Mary chegara ali nunca mais havia sonhado com a mulher de olhos azuis que nem os dela... com os olhos dela. Ele não tinha dúvida quanto a isso.

- Posso trançar meus cabelos no caminho. – Mary falou. – Prudenza me ensinou como fazê-los. É fácil.

- Perfeito. – disse John. Ele pegou sua longa manta vermelha de sobre a mesa e a encaixou no broche que tinha sobre a malha branca.

Mary evitou ir até ele e ajeitar o broche que estava torto. Os dois já haviam tido contato suficiente por aquele dia.

John foi na frente.

Mary correu para tirar aquele pano grosso que cobria a janela de vidro. Quando conseguiu fazer com que o pano estivesse no chão e a visão da baía estivesse a mostra novamente, então, alcançou John.

Os solavancos da carruagem não ajudavam com que Mary trançasse seus longos cabelos. Toda vez que a carruagem tremia ela acabava deixando a trança torta.

- De onde você veio? – John perguntou aleatoriamente, olhando-a toda atrapalhada tentando se ajeitar.

- Essa não é uma boa hora pra levantar informações, Milorde.

- Pare de me chamar assim. Vindo de você parece mais um insulto que respeito.

- E é um insulto. – Mary riu, conseguindo terminar sua trança, fazendo um laço final para prender os cabelos. Ela suspirou de alívio quando finalizou. – Para quem viveu a vida inteira na sarjeta, ter que se referir respeitosamente ao Rei é um pouco de exagero.

- O que está implicando?

- O que está explícito, é claro. Seu reino pode ser pequeno e pode parecer rico, mas não é. A verdade é que o Rei só olha para as classes que o convêm e isso não é novidade para ninguém.

- Isso não é verdade. – John se empertigou no assento, um tanto incomodado com o que ela dissera. – Tenho fornecido ajuda para os famintos do meu reino. Os garotos vão para o exército desde cedo e as mulheres têm direito a se casarem com quem quiserem.

- Mas, e os leprosos? Os forasteiros? Os judeus?

- Mary, você tem que entender que eles não pertencem no reino. Não posso ajudar pessoas que não fazem parte da minha soberania.

- Mas eu não entendo. – ela disse um tanto calma. – Na minha opinião, como *bruxa* – que não vale muita coisa – eles são pessoas como quaisquer outras. E merecem ao menos uma chance.

- O reino não funciona em base de piedade. – A voz dele era firme, ele queria que ela entendesse que aquilo não era uma questão de princípios, mas de como o reino *funcionava*.

- Talvez você deva pensar sobre essa parcela da sociedade que morre de fome nas ruas da cidadela e que ninguém vê. – Ela ocultou a parte de: Porque eles são recolhidos e jogados em valas onde servem de comida para cães.

O olhar severo que John a lançou depois disso era algo que ela já estava começando a ficar acostumada.

Eles chegaram à cidade e John saiu primeiro da carruagem, dando a mão para que ela saísse em seguida. Mary gostou daquela gentileza.

Eles estavam em um beco que dava para o maior comércio do reino. De onde era possível ouvir pessoas gritando, oferecendo seus produtos, sentir os aromas de carne de peixe, rabanetes, ervas aromáticas, temperos vindos do novo mundo e o principal, o cheiro de água salgada. O mar estava bem perto dali. À algumas camadas de muralhas de distância, na verdade.

Mary desconfiava que se começasse a correr agora, talvez John não conseguisse impedi-la.

Então ela lembrou que os arqueiros que ficavam nas torres da cidade iriam com certeza alcançá-la. E com uma flecha no peito.

Preferiu caminhar ao lado de John até a feira.

- Cadê seu lenço? – ele perguntou quando entraram no centro do comércio que fervilhava de pessoas e vendedores. Havia pessoas de todos os lugares. Desde as cidades do reino, vizinhas, a vendedores de mercadorias estrangeiras – o que era muito comum por ali.

- Que lenço? – ela sussurrou, encantada com aquele lugar.

- Para cobrir seu rosto do odor.

- Não preciso de um. – Mary se afastou dele, indo até uma barraca das muitas ao redor para cheirar algumas amêndoas à venda. Ela já tinha visto aquele tipo de especiaria por ali, mas eram caras demais para que pudesse comprar. Tirou uma moeda de ouro do busto e ofereceu ao homem que as vendia. – Eu gostaria de comer uma dessas.

O homem levou um susto quando viu a moeda de ouro na mão delicada de Mary e depois olhou para trás do ombro dela. O Rei estava se aproximando.

- Pegue quantas quiser, minha senhora – o homem se curvou, olhando para o chão. – Não precisa pagar.

John chegou ao lado dela e olhou em seu rosto.

- Já comeu algumas dessas?

- Não. Mas ele não me deixa pagar. – ela encarou as nozes meio constrangida.

- Aqui. – John pegou uma amêndoa e levou até a boca dela. – Coma.

Mary olhou intensamente para John, e depois para a noz, mas não consternou. Abriu a boca e comeu a amêndoa. Abriu um sorriso depois.

- Deliciosa.

- É minha favorita. – disse ele, tornando seu olhar para o senhor da barraca. – Vamos levar tudo o que o senhor tem. – John pegou a moeda de ouro da mão dela e outras duas de um bolsinho que carregava consigo. Colocou sobre a mesa do vendedor. – Entregue no castelo

ainda hoje.

- Deus abençoe o Rei! – O homem da barraca gritou para John quando os dois foram embora.

John segurava o braço de Mary como se estivesse prevenindo uma fuga futura.

- Onde você arranhou essas moedas, Mary?

- Você está me chamando de Mary agora? – ela sorriu. – Gosto de ser chamada assim, embora prefira Milady, você pode...

- Estou falando sério. – Ele apertou os dedos ao redor do braço dela.

- Ai. – Mary fingiu dor. – Eu peguei algumas delas de seu quarto. Você tem um baú de moedas.

- Eu sei que tenho. – ele parou e olhou ao redor antes de dizer: - Isso não pode acontecer novamente. Se precisar de moedas, peça, não roube.

- Eu não roubei – Mary falou com um tom ofendido. – Vou devolver.

- E como planeja devolver *moedas de ouro reais*?

Eles voltaram a caminhar. John queria até prevenir que as pessoas olhassem os dois conversando, mas não tinha jeito. Ele era um homem famoso por ali. Quando passava as pessoas se agachavam em respeito.

- Você vai ver – Foi tudo o que ela disse antes de parar e fazê-lo parar também.

- O que foi?

Os olhos arregalados dela apontaram em uma direção. John olhou para aquele ponto e viu uma mulher magra, com roupas rasgadas e com um rosto frio de doença e tristeza. Seu ventre estava inchado. Aquela mulher estava grávida. E parecia estar a dias de dar a luz.

Ela pedia esmolas para uma vendedora de ostras. Mas esta, por sua vez, gritava com ela palavras horríveis que até mesmo John se arrepiou.

- Saia daqui sua judia imunda! Vá parir essa besta que carrega na barriga em outro lugar! – A vendedora jogou no rosto da mulher algumas cascas de ostras vazias com a intenção de machucar.

A mulher grávida caiu no chão com um corte na testa, mas não reclamou ou chorou. Do meio da terra pegou as cascas de ostras e as lambeu, demonstrando sua fome.

Mary deu um passo a frente.

- Não. – John disse. – Isso é a vida. Supere.

Ela levantou seu olhar para o rosto lindo daquele Rei. Via piedade em seus olhos claros, mas também via o peso de um nome.

Ela não tinha esse peso. Puxou seu braço do forte aperto dele e correu, segurando a barra de seu vestido para ir mais rápido até a mulher que lambia cascas vazias de ostras.

- Você está bem, minha senhora? – ela se agachou na frente da mulher que sangrava no rosto.

Os olhos daquela mulher eram tranquilos, mas perturbados com uma miséria que Mary desconhecia. Ela havia visto um mundo que Mary, mesmo compartilhando, nunca iria ver na vida.

A mulher tentou se erguer para fazer medida à lady em sua frente, mas cambaleou no chão, fraca de fome.

- Desculpe, minha senhora, não tenho mais forças. – falou tão baixinho que Mary quase não conseguiu escutar.

Mary segurou as costas dela e sentou no chão de terra com a mulher, apoiando-a em seus braços.

- Você! – ela chamou um vendedor do lado. – Traga água para essa mulher!

- Sim, senhora. – O homem foi correndo até ela levando um balde e copo com água limpa.

Mary ajudou a mulher grávida a beber a água. A mulher bebeu e tentou se levantar.

Com um pouco da água e o paninho que usava para prender sua trança, Mary limpou o corte do rosto daquela mulher.

- Alguém me ajude a levantá-la. – ela pediu para as pessoas ao redor.

O homem que havia trazido a água para ela até deu um passo a frente, mas recuou. Aquela mulher era judia e todos a conheciam por ali. Seu marido havia morrido de febre, e grávida e viúva, só restara a ela esmolas. Ninguém ali queria tocar na mulher que tivera contato com a febre.

Mary, em um último suspiro, olhou para onde John havia ficado.

- Por favor. – ela implorou com os lábios, sem voz, para ele. O impasse era visível em seu rosto. Ele caminhou até ela e suspirou profundamente. Um guarda real havia sido atraído pela confusão. John só fez um movimento com a cabeça e ele veio ajudá-la.

Assim que a mulher estava de pé, falou:

- Um anjo. – disse para Mary, pegando em sua mão com força. – Que Deus dê paz em sua vida, minha senhora.

O guarda real já estava pronto para levá-la dali quando Mary colocou suas duas últimas moedas de ouro na mão dela e respondeu:

- Para você e para seu filho.

A mulher foi levada pelo guarda por uma rua adjacente ao mercado, e sumiu da vista dela depois de alguns segundos. Todos olhavam para Mary, atônitos.

Nunca uma lady havia se comportado assim. Um ato de bondade com uma mulher que era desprezada até mesmo pelos pobres. A carruagem parou ali perto logo depois e John pegou no braço dela com gentileza, arrastando-a para onde os cavalos esperavam.

O caminho de volta até o castelo passou como um borrão e tudo o que ela lembrava era da mão de John na sua em um forte aperto que, mesmo sem palavras, dizia que o que ela fizera havia sido o certo.

IX – UM INCÊNDIO NO QUARTO REAL

Quando chegaram ao castelo, John pegou Mary, mas ela o afastou indicando que não estava fraca.

Prudeza correu até a carruagem, olhando a situação de sua senhora.

Mary estava com o vestido coberto de terra. Suas mãos tinham sangue e seus cabelos estavam soltos e emaranhados. A serva gritou para a filha, pedindo-a que esquentasse água para um banho.

John não perguntou, mas em seus olhos havia uma pergunta que Mary não quis responder para ele. A se estava bem.

Bem, ela estava. Mas iria demorar alguns dias para esquecer a sensação de segurar uma mulher que carregava uma vida ao ventre, mas que em seus braços só se sentia ossos.

O Rei ficou no pátio do castelo enquanto ela subiu com Prudenza para se despir e lavar-se.

A banheira de madeira, redonda, envolta de um pano suave e coberta com água morna já a esperava quando chegou lá. Prudenza lavou os cabelos e as mãos dela de um jeito carinhoso.

Mary contou o que havia feito e visto. Prudenza, como uma antiga serva, sabia seu lugar de ficar calada, mas não conseguiu ficar sem esboçar uma reação de surpresa.

Depois de seu banho, Lorain fez tranças nos cabelos molhados dela.

- Assim eles ficam mais formosos quando secos, milady.

Mary não sabia daquilo. Sorriu em resposta. Quando as duas saíram do quarto para buscar algo para ela comer, Mary passou um unguento de rosas que havia feito alguns dias antes.

Não gostava muito do que as ladys dali passavam no corpo, então fez o seu. Este unguento tinha um perfume suave das pétalas das rosas vermelhas.

Lorain trouxe a comida. Um guisado de pato com cenouras e algumas amêndoas douradas com açúcar para sobremesa.

Quando a noite já havia chegado e suas servas já haviam sido liberadas, Mary saiu do quarto e, levando consigo uma vela, foi até o quarto do Rei que não era muito longe do seu. Ela só precisava atravessar uma parte do corredor. Não havia lua naquela noite, por isso o

castelo estava particularmente escuro.

Ela entrou no quarto, afastando a pesada porta com ajuda de seus ombros. John virou o pescoço para ver quem entrava, mas já sabia. Ninguém além dela tinha audácia de entrar em seu quarto sem ser chamado.

- O que está fazendo aqui? Já é tarde. – ele falou, voltando-se para os papéis em que trabalhava.

Ele escrevia com uma pena em um pesado e grosso livro de capa de couro sobre a mesa. Ao seu lado havia vários outros papéis. Desde correspondências a um caderno pequeno que estava fechado e enrolado com um cordão para prevenir que conhecessem o conteúdo escrito.

O quarto era iluminado por velas que repousavam em todos os lugares. Sobre a mesa, sobre a lareira que queimava, sobre as escadas do nicho que dava para a única janela do quarto.

Mary queria dizer que estava se sentindo só. E depois do que viu, seu coração parecia ter diminuído ao tamanho do coração de um sapo.

- Preciso de moedas. – Era mentira, ela não precisava.

- Pegue no baú. Você já conhece o caminho. – ele nem se deu o trabalho de dar atenção a ela.

Ela pensou em ir até o baú de ouro, mas seguiu para a cama dele. Deitou-se lá, olhando para o teto de pano dos dosséis. Era de uma cor dourada, um pouco mais pálida que o dourado-ouro. O cheiro da cama era de John. Ela não tinha percebido isso até naquele momento. Havia dormido na cama dele por dias, mas só agora percebera aquele aroma masculino suave.

- Seus conselheiros foram embora? – Inicialmente, era para ser uma pergunta inocente.

- Sim, *bruxa*. E meu irmão voltou ao castelo dele.

Mary já sabia disso porque Henrik dissera a ela antes de partir, dias atrás, dizendo que não voltaria até o castelo real com John.

As palavras dele ainda estavam em sua mente, mas estranhamente Mary se sentia feliz pelo irmão do Rei. Ele havia dito que iria voltar para sua família, e em seus olhos havia a fagulha de algo que tanto Mary quanto John nunca conheceriam.

Ela continuou em silêncio, olhando para os bordados acima de sua cabeça.

John suspirou alto e largou a pena sobre o livro. A tinta escorreu e fez um borrão na folha.

- O que houve?

- Estou pensando naquela pobre mulher.

- Não há o que pensar. – ele se levantou.

- Ela poderia bem ser eu.

- Você é judia?

- Não. – Mary franziu o cenho.

- Viúva?

Ela balançou a cabeça.

- Acredito que também não carrega uma criança no ventre.

- Isso seria um infortúnio.

- Então não há porque se comparar.

- Sou uma bruxa – ela se levantou, olhando para ele que andava de um lado para o outro. – Até *ela* cuspiria em mim se soubesse. E estou cansada disso.

- Eu também. – John parou e encarou o rosto dela. – Ter você aqui é um perigo insuportável.

- Eu não preciso estar. – falou ela, baixo.

- Mas ainda sim, você está. – John deu passos firmes até a cama e se sentou do lado dela. Ele não vestia malha nem mesmo seu longo manto real. Por um segundo John pareceu um homem comum, com uma vestimenta simples.

- O que está te preocupando, John?

Era uma pergunta válida porque ela via a preocupação nos olhos dele.

- Eu preferiria estar em uma guerra a ter que estar lidando com você todos os dias. – a voz rouca dele ressoou pelas paredes de pedra, como um animal antecipando seu ataque. – Eu poderia ter te matado há muito tempo, mas escolhi não. Tem algo errado com essa escolha.

- E eu estou perdendo meus poderes – Mary olhou para o nicho que trazia a pálida luz da noite lá fora.

- Eu sabia disso.

Os dois se olharam um instante em silêncio absoluto.

- Não foi você que teve a visão da minha profecia, não foi?

Mary balançou a cabeça que não.

- Quem foi, então?

- Uma vidente. Depois da morte de minha mãe eu fugi com alguns ciganos da vila onde vivia. Na mesma noite, a mulher falou sobre a profecia. Disse que havia visto a morte de um Rei, em uma bacia de sangue de cordeiro, e que eu estava no centro de tudo.

- E então você fugiu deles... – John adivinhou.

- A vidente tentou me matar depois que falei que você deveria saber.

- Por quê?

- Porque uma profecia nunca deve ser mudada. – ela balançou as mãos no ar, tentando explicar. – Eles acham que a profecia é como o rio do destino, nunca a corrente do rio pode ser interrompida ou desviada. Isso pode causar catástrofe.

- Isso tudo é muito confuso. E por que você está perdendo seus poderes?

- Eu não sei. Talvez porque vim te alertar da profecia... Me diz uma coisa: Você teria, ao menos, pensado em se casar se eu não tivesse falado da profecia?

- Não. – falou ele, absoluto.

- Pode me dizer o motivo?

- Tenho mais de um.

- E filhos? Seus herdeiros?

- Sempre achei que engravidaria alguma de minhas concubinas. O que nunca aconteceu. Estava começando a desconfiar que era infértil...

- Eu te disse assim que cheguei aqui. Você não é.

- E como sabe? – ele apertou os olhos.

Mary só abriu um sorriso bobo. O Rei balançou a cabeça, consternado.

- Está na hora de ir para seus aposentos.

- Vou ficar aqui. – ela falou, voltando a se deitar na cama.

Mary sabia que já havia boatos sobre eles dois no castelo. E era de se esperar. Ninguém a viu chegando, ela simplesmente apareceu por lá em um episódio desconfortável... para em seguida ser anunciada como uma prima que nunca ninguém ouvira falar.

Ficar ali só iria dar asas para mais boato. Mas não se importou.

- Não vou fazer com que mude de ideia, não é mesmo? – ele cruzou os braços.

A resposta que ela deu para ele foi se ajeitar na cama de penas de ganso e fechar os olhos.

John apertou os olhos e tentou não ficar com raiva. Ele não era estúpido, via o que Mary estava sentindo. Ele sabia muito do que outros estavam sentindo. Aprendera a saber isso muito cedo. Tanto como soldado, assassino e futuramente, Rei.

A arte de manipular as pessoas era algo que ele dominava com ferocidade.

E esse era um dos motivos porque o reino havia crescido em riqueza em tão pouco tempo.

Ele voltou a se sentar a mesa e se pôs a terminar seu trabalho. Tinha muito o que

organizar antes da chegada do Papa. E, pensando nisso, tomou um tempo consigo para apreciar o silêncio do castelo naquela noite. Quando a comitiva do pontífice estivesse ali, silêncios como aquele seriam inexistentes.

John largou a pena na mesa e foi até a lareira. Saber que em apenas algumas semanas ele teria uma esposa o perturbava de um modo que não era para perturbar.

Encostou seu antebraço acima da lareira e olhou as chamas, que já estavam no fim, devagar se tornando brasas.

- Mary? – ele chamou-a, alto.

- Sim... – a voz dela era sonolenta.

- Por que beijou meu irmão?

Ela não o respondeu. Mas John sabia que ela estava bem acordada. Se virou para encontrar o olhar dela. E lá estava, aqueles lindos olhos azuis escuros, que roubava algo precioso dele, mas que ele não sabia o quê.

- Por quê? – Deu passos largos até ela.

O rosto da bruxa exibia uma mistura de espanto e desejo.

John subiu na cama, escalando o corpo dela devagar, sentindo o coração dela bater rápido e sua respiração acelerar. Afastou os cabelos dourados de cima do rosto de Mary e olhou naquele rosto, procurando uma resposta que fosse fazê-lo satisfeito.

- Eu não...

- Sim, você sabe. – ele sussurrou, chegando mais perto dos lábios dela. Ah, sim. O Rei estava entrando em combustão. Não sabia se de raiva ou de tensão. O corpo nu daquela mulher veio na mente, e ele se imaginou por baixo dela, enquanto ela o cavalgava gritando seu nome.

John olhou para os lábios rosados dela e imaginou seu nome naquela boca... Imaginou *sua* boca naquela boca.

E era fácil demais imaginar, Mary jazia ali, a centímetros, e ele já estava todo em cima dela.

- Porque... – A bruxa murmurou, nervosa.

John aproximou seus lábios dos dela mais um centímetro.

- Porque eu queria que fosse você!

O que ela disse fez com que ele sentisse um calor aquecê-lo por dentro... E por fora.

- *JOHN!* – alguém gritou. – John! Fogo!

Era Mary gritando.

John deu um pulo da sua mesa, onde havia pegado no sono, e levantou em posição de

ataque, pronto para atacar. Não havia invasores, era apenas as tapeçarias que estavam pegando fogo e chegando perto do teto abobadado de madeira. Incêndios por ali eram muito comuns, John já estava acostumado.

- Vá chamar os guardas! – ele gritou para Mary, que estava em pé sobre a cama. – Peça para as servas trazerem baldes de água. Elas já sabem o que fazer! Vá!

Mary desceu da cama e, descalça, correu até a porta, sumindo no corredor. John, apesar de alto, teve que subir em um baú para tirar da parede as tapeçarias que estavam pegando fogo. Algumas das velas que estavam acessas por ali deviam ter causado aquilo.

Assim que ele conseguiu jogar todas as tapeçarias em fogo para o chão, os guardas e algumas servas chegaram, abaforidas, com baldes de água.

Não demorou muito até que o fogo fosse contido.

Enquanto os servos tomavam conta de toda aquela bagunça, John foi até sua mesa.

Aquilo com Mary havia sido um sonho? O Rei estava confuso.

- Teremos que fazer alguns reparos no teto, meu senhor. – um dos cavaleiros disse.

- O dia já está amanhecendo. Comece os reparos depois do desjejum, vocês estão liberados.

Os servos, incluindo Prudenza, que agora estava dormindo em um quarto de servos próximo ao de sua dama, fizeram mesura ao seu Rei e saíram. Mary falou rapidamente com Prudeza na porta, antes dela ir.

- O Rei está bem? – perguntou Mary, encostada no portal de pedras, olhando para as costas largas de John. – Você levou um susto enorme.

- Você não teria o poder de manipular sonhos, teria? – John perguntou para ela, apertando os olhos.

- Nem se eu quisesse. – Mary franziu o cenho e cruzou os braços. Suas melenas estavam revoltosas, mas os cachos nas pontas dos longos cabelos estavam perfeitos. – Sonhos são poderosos, John. Por quê? Está se sentindo ameaçado por alguma coisa?

Ele apertou a mandíbula.

- Não é nada. – Chegou perto dela. – Devo agradecer. Se não tivesse acordado antes de mim eu teria virado cinzas.

Mary balançou a cabeça, dispensando o agradecimento.

- Nós dois teríamos virado cinzas.

- Pelo menos *este* fim da história iria valer a pena para os bardos contarem. – John pegou uma mecha do cabelo dela nos dedos. – Vá desjejuar com os outros. Irei te levar em um

lugar importante depois.

Ela olhou seus cabelos na mão do Rei, depois em seu rosto.

- Vá. – disse ele.

Mary, sem querer contestar, fez reverência e saiu do quarto.

X- UM DUQUE, UM REI E UMA SÓ MARY.

Já havia um bom tempo que tinham saído do castelo. Mary já estava começando a ficar entediada dentro daquela carruagem e, além do mais, suas amêndoas caramelizadas – que Prudeza havia lhe entregado antes de sair – já tinham acabado.

- O que você tanto escreve? – perguntou ela, encostando o rosto no encosto do assento.
- Assuntos importantes. – John disse.
- Posso ler?
- Desde quando ladys leem, *bruxa*?

Ela revirou os olhos.

- Ler e escrever é algo para se envergonhar agora?
- De jeito algum – Ele enrolou a cordinha na caderneta em que anotava algumas coisas.
- Mas não é comum por aqui. Por isso, recomendo que evite chamar atenção.
- Esse lugar importante vai demorar muito a chegar?
- Na verdade, estamos quase lá. Não consegue sentir o aroma do mar?
- Vamos ver o mar? – Mary abriu um sorriso.
- Não. – John quebrou o encantamento dela. – Quero que coloque isso. – Ele tirou um pequeno baú decorado com pedras preciosas de uma sacola de couro que trazia. Abriu o fecho e levantou a tampa. Dentro, havia um colar enorme de ouro e esmeraldas. O colar era formado por várias peças redondas, que eram do tamanho do círculo que Mary formava com seu indicador e polegar. Dentro desses círculos havia a gema de esmeralda.

- Pegue.

- Oh, é pesado. – sussurrou ela quando pegou nas mãos. – Pra onde vamos, John? Estou ficando preocupada.

- Antes de tudo só preciso que entenda que também estou em situações desagradáveis. Nós dois estamos nesse barco juntos e temos que seguir a maré até onde ela dá.

- O que raios quer dizer com isso? – ela levantou a sobrancelha.
- Você precisa estar no mesmo círculo que o restante das mulheres que vem na comitiva do pontífice.
- E?
- Você já sabe a resposta para essa pergunta. – John respondeu um tanto irritado. –

Coloque o colar. Vai dar a aparência de maior riqueza.

A carruagem começou a desacelerar.

- Não estou gostando disso. – Mary falou, colocando o colar no pescoço.

John abriu a porta e deu um salto para fora. Levantou a mão para ajudá-la a descer.

Mary deu um passo para fora e se viu abaixo de um lugar magnífico. Um castelo um tanto modesto – em comparação ao de John – se elevava centenas de degraus acima dos dois. Outra carruagem com cavaleiros reais chegava logo atrás.

O castelo era uma construção maciça de pedra e de enormes estandartes da casa. A bandeira era branca, com uma lança na cor vermelha desenhada na transversal. Nos lados do castelo não havia absolutamente nada, pois ele era construído no limite de um precipício que dava diretamente ao mar violento.

Mas não era isso que Mary estava espantada naquele momento. E sim, o homem que descia as escadas como se aquele trajeto não fosse novidade. E não era mesmo.

Pois o castelo pertencia ao Duque de Lavandor, o homem no qual vinha ao encontro de Mary e o Rei.

- Você vai precisar disso. – John colocou algo na mão dela.

- O que... – Ela levantou um lenço de seda branco. Não acreditava no que estava vendo. Ela segurar aquilo era sinônimo de pureza e de *disponibilidade*.

Aquele encontro não havia sido ao acaso. O Duque de Lavandor com certeza não tinha sido pego desprevenido. Ele e John tinham chegado a um acordo, provavelmente, de paz.

E Mary era a barganha.

- O que você fez? – Mary pegou forte no braço de John, olhando em seus olhos. Ela estava desesperada. E sinceramente, não esperava aquilo. Depois do momento breve que tiveram no início da manhã, quando ele pegou em seus cabelos de um modo inexplicável, Mary achou que estava segura com John.

Mas não estava.

- Dois coelhos. Uma só paulada. – Foi a única coisa que saiu da boca dele antes de falar: - Saudações, Duque.

O Duque retirou sua espada da bainha e fez uma mesura elegante ao rei.

- Meu Rei. – Levantou-se e ofereceu a mão a Mary. – Milady.

Mary olhou para John, depois para o Duque.

- Milorde. – ela finalmente deu a mão para ele após alguns longos segundos.

- Espero que a viagem não tenha sido longa. Preparei um banquete para receber meu

senhor.

- Ainda me recordo de sua cerveja. A melhor do reino.

- E o hidromel. – O Duque se exibiu, olhando para Mary.

Os degraus da subida eram muitos, mas era de longe o motivo porque Mary estava ficando tonta. Se ela pudesse jogar os dois dali daquele penhasco, já tinha jogado.

O olhar enfurecido dela chegou nos olhos de John, mas ele não deu atenção. Seu manto vermelho roçava nos degraus enquanto subiam.

Quando finalmente chegaram lá em cima, o Duque já havia contado histórias seculares dos segredos de sua cerveja e hidromel.

Dali de cima a visão era de ficar sem ar. Dava para ver tudo e um pouco mais. O castelo real parecia estar bem perto, mas a distância era medida pela cidadela no meio dos dois. Aquele castelo parecia estar ao sul, pois havia outros dois nos pontos leste e oeste, ficando então o castelo de John no norte. De lá, ela não tinha percebido esse detalhe.

- Deixe-me levá-los pelos arredores do castelo... Acredito que meu senhor e a *Milady* irão achar encantador.

- Estou um tanto indisposta depois de todos esses degraus. – Mary se fez de donzela. Era o único meio de ela fugir dali.

- Claro. Como não considere a senhorita antes? – O Duque se aproximou, fazendo um movimento com a mão para umas mulheres que esperavam ali, atentas. – Levem a prima do Rei para *meus* aposentos. Deixem-na descansar enquanto os cavalheiros tratam de negócios.

- Sim, senhor. – As mulheres fizeram reverência, esperando seu senhor dispensá-las.

- É um belo colar que você tem ao redor de seu pescoço, minha senhora. – comentou ele. – Aposto que foi um presente do nosso bondoso Rei.

Ele falava um modo que assustava Mary. Era como se ela soubesse que nada que ele dizia fosse verdade. Engoliu em seco e abriu um sorriso.

- Meu primo é um homem muito bondoso, de fato. Deu-me essa peça como presente de chegada ao reino. – ela passou a mão no colar de ouro, sentindo as esmeraldas na ponta de seus dedos.

- Uma mulher tão bela como você deve sempre estar enfeitada com joias valiosas. *John* sabe disso bem melhor que eu. – O Duque tirou seu olhar intenso de Mary e passou para John, que parecia saber lidar bem melhor que ela.

John deu um passo em direção dela. Ele via medo no olhar de Mary. Sabia que ela estava em defensiva.

- Abra seu lenço. – Sussurrou no ouvido dela, disfarçadamente. Se virou para o Duque e em um acordo silencioso os dois seguiram juntos pela passarela que dava ao precipício.

O coração de Mary bateu forte em suas costelas. Ela seguiu as servas do Duque com cara amarrada. Antes de entrar no castelo, abriu o lenço que tinha nas mãos. Dentro dele havia um pequeno pedaço de papel onde John havia escrito:

Se você fugir, nós dois morremos.

De tudo o que esperava encontrar, aquilo fez com que ela desse um pulo. Ela atravessou o grande salão, as escadas, mais escadas e um longo corredor que era pintado com cenas de batalhas sangrentas até chegar a um quarto. As servas a colocaram lá dentro e trancaram a porta quando foram embora.

Mary não sabia o que fazer. Olhou ao redor e sentiu os cabelos de sua nuca arrepiarem. John estava certo. Se ela fugisse, iria morrer com certeza.

O quarto era o oposto do de John, que chegava até ser confortável e acolhedor. Mas aquele era um quarto para assustar quem entrasse ali. Havia ossadas de javalis no teto. Cabeças empalhadas de tigres nas paredes. Peles de animais onde, no quarto de John, até naquela manhã, havia tapeçarias da história popular do reino.

A lareira estava apagada e não havia uma só vela para iluminar, exceto uma abertura na parede que não cabia nem uma cabeça.

Mary chegou perto e de lá pôde ver o Duque de Lavandor e o Rei provavelmente discutindo por algo sem significado. Uma plantação de ópio que havia vindo do novo mundo, talvez. Ou o casamento de Mary com aquele Duque, que tinha se tornado de cavaleiro charmoso para sinistro.

Ela não gostava de suas chances naquele tabuleiro.

Observou os dois o máximo que pôde, mas, eventualmente, eles sumiram de sua visão. E Mary ficou com nada além de uma vista para o mar turbulento, onde as ondas quebravam com violência na costa de pedras.

Até parecia um aviso. Talvez fosse.

O banquete do almoço havia sido servido. Havia galinha mourisca, peixe seco com alcachofra, carne de porco cozida ao vinho, pães, frutas e nozes. Mary quase não comeu nada.

John sentara no lugar de honra, na ponta da mesa. Enquanto o Duque pegou o assento ao seu lado, com Mary à sua frente. Durante todo o banquete, ele lançava olhares para ela que a fazia se sentir de volta nas ruas.

O homem que estava ali não parecia o mesmo que havia lhe dado uma gardênia no combate. Mas afinal, a primeira impressão geralmente nunca é a certa.

Quando a sobremesa chegou, Mary preferiu negar. O Rei e o Duque continuaram a tratar de assuntos sobre terra, as encomendas que estavam para chegar em embarcações e o Papa que já estava a caminho dali.

John se levantou da mesa e os dois fizeram o mesmo, demonstrando respeito.

- Se o Duque não se importar, tenho um compromisso com o Lorde Byron na baía.

- Espero que possa retornar a tempo de pernoitar aqui. Suas instalações já foram preparadas – O Duque olhou para Mary.

- Serei o mais breve possível – John disse, caminhando com o Duque para o salão. Mary foi junto com a intenção de acompanhar John.

O Duque pigarreou e fez com que os dois parassem antes de alcançar a grande porta de saída do castelo, que dava para os degraus.

- Não seria uma maravilha se a Milady pudesse passar a tarde em minha companhia?

De jeito algum, Mary pensou.

- Claro. – John concordou, fazendo-a levar um susto. Ela arregalou os olhos e olhou bem para ele.

- Não. – sussurrou.

- Sim. – ele retrucou. – Seja gentil, *bruxa*. Lembre-se do bilhete.

- John... – Ela agarrou no braço dele.

- Já está feito. – John se desvencilhou dela e saiu do castelo, descendo rapidamente as escadas sem olhar para trás.

Já Mary não conseguia tirar os olhos das costas daquele maldito. Ela queria esganá-lo. O Duque se aproximou e ofereceu sua mão para ela.

- Vamos, Milady. Acredito que irá gostar das minhas dependências. Não são reais, mas por aqui, em Lavandor, temos muitas riquezas.

Mary engoliu saliva amarga, sentindo seu estômago revirar subitamente. Ofereceu um sorriso nada sincero ao Duque e pegou sua mão.

- Tenho certeza que sim, meu senhor.

- Você sabe, sua presença pegou todo o reino de surpresa. Ninguém sabia que a prima do Rei havia chegado.

- Sou uma pessoa muito privada – comentou ela.

- Acredito que sim, acredito que sim. – O Duque conduziu-a para o centro do castelo, onde havia um grande átrio com um enorme jardim ao redor. No centro, um tanque com peixes e água fazia o ambiente ficar mais agradável. As flores ao redor eram aromáticas e as ervas estavam em todos lugares, assim como os servos.

Diferentemente dos servos do castelo de John, aqueles pareciam mais infelizes até. Nenhum deles se arriscava olhar para o Duque, caminhando, trabalhando com cabeças baixas e expressões cansadas.

- Já havia visto algum jardim como este onde vivia?

- Não, Milorde. – Definitivamente não, ela repetiu para si mesma.

- Tenho grandes aliados no novo mundo. Alguns amigos em um Império que chamam de China. São grandes guerreiros, mas pessoas feias e nojentas.

- Nunca ouvi falar. – comentou ela.

- Eles são bárbaros, para os vassalos. Para mim, uma vantagem bélica. Sem contar que os jardins que eles possuem são graciosos. Este daqui – O Duque abriu os braços. – Foi inspirado neles.

De fato, Mary estava impressionada. Nas passarelas em que caminhava havia água correndo, vindo do grande tanque com peixes. O clima era agradável. Havia roseiras em todo o canto do jardim, e não apenas algumas espécies de flores como no castelo de John, que servia mais como canteiros de legumes que podiam ser colhidos em algumas temporadas do ano, devido a terra infértil.

- Isso não é proibido?

- Nada no meu castelo é proibido, Milady. – O Duque abriu um sorriso para ela. O rosto dele era encantador. Mesmo com aquela longa cicatriz que dizia claramente que ele era perigoso. – Alguns boatos dizem que a senhorita vem de um lugar muito frio.

- Milorde não deveria nunca acreditar em boatos. Mas sim, venho de um lugar frio. – Ela se lembrou do que John havia lhe dito alguns dias atrás.

- Teve sorte, então. O reino também é muito frio quando chega o inverno. Estamos na primavera, por isso que é tudo muito belo.

Atrás de uma grande folhagem, e roseiras trepadeiras, havia algo no centro do jardim

que fez Mary olhar.

- Ah, - o Duque sorriu. – Aquele é meu *hortus deliciarum*. Todo grande homem do reino tem. Gostaria de ver?

Ela ficou indecisa. Olhou para o Duque e concordou, apertando em sua mão o lenço imaculadamente branco que tinha nas mãos.

- Por aqui – ele pegou na mão dela e a conduziu até uma passarela que ia para o lado oposto do átrio em que estava. Um enorme muro de pedra protegia o que estava dentro do lado de fora. Aquilo sim parecia ser proibido. Coberto por folhagens no muro, ela não conseguiu ver porta alguma.

O Duque soltou a mão dela por um instante e tirou uma chave de dentro de um bolsinho de couro que tinha na cintura. Afastou algumas folhagens e entrou em um nicho, onde Mary escutou o clique da fechadura e o arrastar de uma pesada porta.

Ele voltou em seguida.

- Entre, é por aqui. Irei pedir aos servos para trazerem vinho. Fique a vontade.

O Duque saiu por onde eles vieram em direção ao interior do castelo. Mary olhou para trás e depois olhou para aquele nicho que parecia não dar em lugar algum. Ela colocou o lenço que tinha nas mãos dentro do busto de seu corpete e entrou.

O lugar era lindo. Um jardim secreto dentro de um jardim. Havia todo tipo de flores, havia parreiras de uvas, morangos maduros ao lado da passarela, arcos de girassóis, e um caramanchão onde havia uma mesa e cadeiras decoradas em um canto perto do enorme muro. Fontes jogavam água sobre as flores.

Fora tudo aquilo, havia algo inusitado em um canto do jardim. Umas cordas penduradas em um galho de árvore sustentavam algo parecido com um banco.

- É um balanço.

- Você diz que todo lorde do reino tem um desses jardins em seus castelos?

- Ah, sim. – O Duque se aproximou. Uma serva vinha atrás dele com vinho, cálices e algumas bolachas de manteiga. A mulher seguiu até o caramanchão e depois voltou por onde veio, deixando os dois a sós.

- Mas a terra daqui é infértil.

- Milady está certa. Orcadas é um reino que não produz nem batatas. Mas na primavera, se a terra for bem cuidada, podem nascer algumas belezas. São raras, de fato.

- O Rei não tem esse *hortus deliciarum*. – Ela olhou ao redor.

O Duque deu um sorriso irônico, como se soubesse de certas coisas que ela jamais

descobriria. Se encaminhou até o caramanchão, sem esperar respostas.

- Gostaria de um biscoito de manteiga?

Mary se sentou a frente dele. Acenou com a cabeça. Ele lhe entregou um cálice de vinho.

- O Rei deve ter lhe falado porque está aqui. – Não foi uma pergunta.

Mary mordeu um biscoito, evitando responder.

- Recentemente, fiquei viúvo.

- Sinto muito, Milorde.

- Não sinta. Ela era uma vadia. Fodia com qualquer homem a sua frente. – Ele bebeu do vinho, exibindo uma expressão de calma ao que dissera. Mas os olhos dele não enganavam ninguém. Havia ódio neles.

Mary estava sem palavras. E ela queria sair daquela situação de algum modo.

- Já estou prometida, meu senhor.

- O Rei disse que você falaria isso. – ele sorriu como quem consegue encurralar sua presa. – Ele está tomando conta desse *problema*. O Rei valoriza a união que podemos ter com o casamento.

Ela tentou não se exaltar. Terminou o vinho em um só gole, engolindo milhões de xingamentos que queria propagar.

- E se eu não quiser me casar com você?

O Duque deu uma risada alta que ecoou fora daquele jardim secreto.

- Acredito que isso não é uma opção. O Rei deve a mim, você será o acerto de contas.

- O quê?

Os olhos do Duque ficaram mais escuros. Ele sorriu, tentando fazer com que ela não se assustasse tanto. Mas todos os pelos do corpo de Mary se arrepiaram. Aquele homem era mau, ela soube naquele instante.

- Vou fazer você se sentir em casa. Irei trazer o frio para esse castelo, se necessário for.

- Minha casa é em qualquer lugar onde John está. – Escapou da boca dela. Mary arregalou os olhos, surpresa consigo mesma.

- *John*? – O Duque riu. – Ele está fodendo você também, não está? Mantendo promessas que não vai manter? – ele se levantou da cadeira, com o cálice de vinho na mão. – Isso é precioso!

- Acho que acabamos aqui, Milorde.

Ele colocou o cálice na mesa e olhou bem para ela.

- A Duquesa já estava me dando nos nervos. Eu mesmo teria enfiado uma adaga na garganta dela, se o Rei não o tivesse feito por mim.

Foi a vez de Mary de se levantar. Ela deu um passo para saída, mas o Duque a parou pegando seu braço com força.

- Eu lhe acompanho, minha senhora. – falou baixo ao ouvido dela.

Mary ergueu seu rosto e tentou seguir em frente. Não sabia o que iria fazer depois de sair dali. Se é que iria sair dali. O modo como o Duque a segurava era possessivo e agressivo.

- Você não tem escolha, Milady. O trato já está feito. – ele disse calmamente para ela.

- Então por que está me dizendo tudo isso?

- Porque eu quero que sabia quem é o seu Rei. – Ele a fez parar na passarela do jardim, próximo ao muro. – Ele é um homem vil, Milady. Por isso que o chamam de “Vitorioso”.

Mary sabia daquilo, em partes. O Duque tirou sua mão do braço dela para acariciá-la no rosto.

- Uma lady tão bela como você deve ser tratada com paixão, não acha?

O corpo dele se aproximou perigosamente dela. E naquele movimento ela não via paixão, via um predador.

- O que está fazendo?

- Te dando o gosto do que você vai ter depois que for minha Duquesa.

- Duque, deixe-me ir! – Ele a puxou para a parede do jardim. Mary se debateu.

Começou a sentir a mão dele procurar a barra de seu vestido. A boca dele encontrou o pescoço dela, e sua mão começou a subir por entre as coxas de Mary.

Ela tinha truques na manga, é verdade. Podia empurrá-lo dali ou engasgá-lo com um simples pensamento, mas sabia que se fizesse isso e ele saísse vivo, podia acabar em uma pira de fogo, queimando até os ossos, com pessoas cuspiendo em suas cinzas, chamando-a de bruxa e amaldiçoando-a para o inferno.

Mary não era inocente. Aquilo já havia acontecido algumas outras vezes. Claro, com homens mais nojentos e sem títulos de nobreza. E ela sabia se defender muito bem.

O Duque deu um sorriso para ela, chegando perto de sua intimidade, e no momento em que ela estava pronta para chutá-lo, ouviu o som de um pigarro alto.

Calmo, o Duque se afastou de Mary, tirando sua mão de dentro da saia dela.

Mary não esperou um só instante e saiu de lá correndo, passando por John que estava parado na porta do jardim.

Aquele momento havia deixado-a nervosa. Mas pelo menos dessa vez ela não saíra

com um ferimento quase mortal, como da última vez, quando John a encontrou.

Porém, o fato de John ter parado lá e simplesmente observado enquanto o Duque tentava tomá-la contra sua vontade era algo que apertou seu coração.

Ela passou correndo pela porta do castelo, sentindo um carço de instalar na garganta. E quando percebeu, estava correndo pelos degraus em direção a lugar nenhum e com lágrimas nos olhos. Mary já estava na metade das escadas quando John chamou seu nome. Foi baixo, mas o bastante para ela escutar.

Ele desceu rápido até onde ela estava. Suspirou e olhou nos olhos dela. Tinha um olhar um tanto questionador.

- Por que está chorando? – John franziu o cenho.

- O quê?

- Deu ao Duque o que ele queria? Digo, você também queria.

O rosto de Mary se iluminou em incompreensão.

- Eu disse a ele que talvez você não fosse mais virgem, mas...

Mary ergueu sua mão e deu um forte tapa no rosto dele. Lágrimas de raiva desceram no rosto dela.

A expressão de John era espanto, entre outras coisas. Mary estava machucada pelo o que acontecera ali. Ela estava começando a confiar nele e de alguma forma, aquilo mexia com John.

- Eu acreditei que você pudesse ser bom comigo. Eu acreditei que...

- Eu sou um Rei. Você não tem que acreditar em mim, tem que me obedecer. – Respondeu a ela, em ofensiva. Mas era o que ele fazia. Atacava, porque não tinha outras opções. O que ele não percebeu era que por mais forte que Mary fosse, a superfície dela havia rachado.

Mary havia confiado em John e ele havia usado-a.

- Não tenho nenhum rei. – ela levantou o rosto e limpou as lágrimas. – Você é um homem nojento como todos os outros. – Olhou na face dele. – Você parou lá e não fez nada, John. – disse, balançando a cabeça. – Poderia ao menos ter impedido.

- Eu impedi.

- Fique longe de mim. – falou ela, descendo o restante das escadas até a carruagem que estava lá embaixo. Os dois cavalos partiram assim que ela entrou, deixando John só.

Ele passou a mão no peito que formigava. Nunca havia sentido aquilo antes. Olhou para as ondas do outro lado do castelo um momento antes de subir em um dos cavalos que ali

estavam a sua espera, e partir para a cidadela.

XI – UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Assim que John chegou no castelo, Prudenza veio correndo em sua direção, se agachando a frente dele e falando de cabeça baixa:

- Meu senhor, minha dama diz que vai embora! – Havia um tom de desespero em sua voz.

- Mary não vai embora. – John respondeu a serva com calma.

- Ela está reunindo suas coisas neste momento, meu senhor. Diz que irá embora do reino caminhando!

John olhou para a pobre mulher e suspirou. Maldição!

- Levante-se. Vá buscar uma garrafa do melhor vinho da adega e leve até meu quarto. E não se preocupe, sua dama não irá nos deixar.

Ele subiu as escadas, deixando Prudenza nervosa lá embaixo. Ela deu meia volta e foi correndo atrás do vinho.

John afastou a porta do quarto de Mary o bastante para vê-la apressada, juntando algumas coisas e deixando outras pelo meio do chão. Ele cruzou os braços e esperou que ela sentisse sua presença.

- Vou prender você neste cômodo se necessário. – disse ele, sério, depois de alguns minutos.

- Eu desafio você! – ela bateu o pé no chão, jogando o colar que tinha usado naquela tarde nele.

Ele tinha ótimos reflexos, pegou o colar e o segurou.

- O que você quer?

- Paz.

- Terá, então... Assim que o herdeiro tiver nascido e seguro irei lhe providenciar paz. Não foi esse nosso acordo?

Mary bufou e sufocou um grito.

- Eu deveria nunca ter vindo! – ela gritou.

- Isso com certeza iria ser melhor para os dois, mas não para meu reino.

- Dane-se esse reino! A única coisa que essa terra tem me dado são motivos para ir o mais longe possível daqui.

- Você teve sua chance.

- Oh, sim. – ela caminhou até ele. – E como sabe disso?

- Não sei.

As mãos de Mary se apertaram em punhos prontos para atacar.

- Não faça escândalos. Você não está mais na sarjeta.

- Vá pro inferno, John.

Ele deu um sorriso amistoso. Colocou o colar que ela jogara nele em um móvel ao lado e disse:

- Nós dois já estamos lá, Milady. Esse colar é seu, recomendo não jogá-lo novamente em pessoas. O ouro pesa, poderia machucar alguém.

Pelo olhar dela ele sabia que essa era a intenção.

- De hoje em diante você come aqui. Só sai para festas se eu permitir. O jardim está proibido para você.

- John, não faça isso.

- Está feito. – Ele deu as costas e fechou a porta.

Mary cobriu o rosto com as mãos e soltou um grito abafado. O chão começou a tremer e poeira caiu do teto abobadado de madeira.

John olhou para a porta do quarto. Todo o castelo havia sentido o tremor. Ele sabia que não era uma boa ideia mantê-la presa. Mas estava disposto a fazer tudo necessário para que Mary ficasse ali.

Não sabia exatamente o porquê. Só tinha um sentimento.

O chão parou de tremer logo em seguida. Ele soltou um suspiro de alívio e entrou em seu quarto. O vinho já estava lá.

Todo o castelo estava se preparando para a chegada do pontífice, que era para muito breve. Haveria uma recepção na porta da cidadela, seguido por um desfile pela cidade. Todos estavam animados.

E enquanto os servos trabalhavam para manter o castelo arejado e a despensa cheia, John fazia levantamentos, participava de algumas reuniões em outras cidades do reino e, finalmente, começou a aparecer nas audiências com os vassalos. Essa tarefa era a que mais estava tomando o tempo dele.

Depois que Mary havia dito que o Rei só estava olhando para as pessoas que o

convinha, John percebeu que era verdade. O reino estava em necessidade.

A comida não ia para onde precisava ir. Os pobres estavam cada dia mais com fome enquanto alguns privilegiados se esbanjavam em banquetes a cada noite.

Assim que ele começou a perceber que algo estava errado, soube que Mary tinha mais razão que qualquer um de seus conselheiros. Ela sabia do que o povo precisava.

Como ele pôde ter sido tão omissos assim durante todo aquele tempo?

Uma semana se passou e John se viu dentro de uma papelada que não acabava mais.

Já no fim da semana, Lorain veio trazer o desjejum para ele, já que ele não saía de seu quarto. Na bandeja havia pão, queijo, romãs, coxas de frango e um cálice de vinho.

Sem tirar seu olhar dos papéis, ele quis saber:

- Como está minha prima?

- Milady está bem, meu senhor.

A voz de Lorain queria dizer o contrário.

- Diga-me a verdade. – ele olhou para a serva, ela abaixou o olhar.

- Ela não está comendo, meu Rei. Minha mãe e eu já tentamos de tudo.

John balançou a cabeça, consternado. Ele não a via desde a briga que tiveram. Se levantou da cadeira e foi até um móvel com gavetas e de lá pegou uma joia.

- Dê isso a ela. Como oferta de paz. – John colocou o anel de ouro na palma de Lorain. Ela abriu um sorriso. Talvez aquilo fosse fazer sua lady comer. Ouro era sempre motivo de alegria.

A serva saiu do quarto apressada. John se sentou e começou a comer. Alguns minutos depois, ouviu um barulho alto vindo do quarto de Mary.

Como era perto do seu, ele até conseguiu escutar alguns dos sons, mas preferiu se aproximar. Lorain e Prudenza estavam do lado de fora do quarto dela e alguns guardas seguravam suas espadas na espera de que algo perigoso acontecesse.

- O que ela está fazendo? – O Rei perguntou para as mulheres.

Lorain respondeu:

- Ela jogou a joia que ganhou pela janela, junto com a comida que levamos.

- O que ela está dizendo agora? – John questionou. Ela ouvia a voz alta de Mary, como se ela estivesse xingando em outra língua... ou amaldiçoando alguém.

- Não sabemos, meu senhor.

Foi a vez de Prudenza falar:

- Teve apenas uma coisa que entendemos, meu Rei.
- O quê? – John quis saber, olhando para a porta fechada.
- Ela disse que não quer nada do senhor, além de distância.

- Milady está dormindo, meu senhor. Passou o dia inteiro dormindo. – Prudenza falou a ele, dois dias depois.

John já não sabia o que fazer.

- Ela está bem?
- Desjejuou hoje de manhã.
- Isso é bom. – Ele parou a frente do quarto dela.
- Meu senhor poderia deixá-la caminhar pelo castelo, Milady sente falta disso.
- Milady não está em condições de me pedir nada. – John respondeu a Prudenza. Ele ajeitou seu manto vermelho ao corpo e entrou no antigo quarto de sua mãe.

As raras lembranças que ele tinha da Rainha-mãe estavam sendo substituídas pelas más-criações de uma *bruxa*. John sabia que ela estava chateada e machucada, de certa forma. E havia mandado presentes para ela, para ver se suavizava seu temperamento. Mas a cada presente mandado, o castelo tremia.

John estava começando a pensar no que aconteceria quando Mary fosse realmente desafiada, ou quando ela não tivesse mais saída a não ser os poderes que suprimia.

Ele entrou no quarto e se virou para a cama. Mary dormia com calma, respirando lentamente. Vestia nada além que uma camisola transparente. Seus cabelos dourados estavam ao redor do rosto, cobrindo seus ombros e uma boa parte do travesseiro. A luz do sol fazia com que eles brilhassem.

John estava mentindo para si mesmo quando tentava admitir que ela não mexia com seu corpo e... com algo mais.

Até dormindo ela causava uma reação nele até agora desconhecida. Ele se arrepiava com a presença dela. O aroma suave de rosas, que tinha sentido nos cabelos dela, estava no quarto.

Ele a observou, apenas. Ficou alguns minutos ao lado da cama olhando o peito dela subir e descer em uma respiração lenta.

John puxou o manto vermelho que ia até seus pés, colocando-o por trás do ombro,

puxando de seu cinto algo que havia escondido ali.

Pegou a rosa que roubara do jardim, sem que ninguém visse, e colocou do lado do rosto dela.

Ele desejava dar a ela tudo o que ela quisesse, apesar de não saber por quê. Mas Mary havia rejeitado seu ouro e suas pedras preciosas, tudo o que restava a ele era aquilo. Não sabia exatamente como aquele gesto era chamado, só queria que desse certo.

John foi embora logo depois, sem esperar que ela acordasse.

Antes do dia escurecer, Mary acordou só no quarto, com uma rosa em seu travesseiro.

Ela soube de quem era no mesmo instante. Levantou da cama, pegou um jarro e colocou a rosa dentro.

Quando suas servas chegaram com o jantar, naquela noite, ela não o recusou.

- O que haverá esta noite, Prudenza? – Mary perguntou para a serva, olhando-a pelo reflexo do espelho enquanto trançava seus cabelos.

- Um contador de histórias irá se apresentar para o Rei. – falou com voz baixa. Ela estava um tanto constrangida pelo fato de falar aquilo para Mary sendo que ela não poderia sair do quarto.

Mary olhou para seu reflexo. Não se sentia tão desperta quanto havia se sentido desde que John derreteria suas asas de cera. É, ele era como o sol. Quando perto demais, queimava, destruía tudo ao redor. Mary se sentia assim agora.

- Não precisa trançar meus cabelos. É melhor eu dormir.

Prudenza colocou a mão no ombro dela, fazendo um carinho distante.

- Tudo vai ficar bem, minha senhora. O Rei, apesar de severo, é um homem misericordioso... Você imagina que há boatos de uma bruxa proclamar coisas horríveis a respeito dele pela cidade e ele ainda poupou sua vida?

A serva pegou um potinho de cerâmica com o unguento que Mary havia feito dias atrás. Apanhou a longa trança dela e a colocou no outro ombro, deixando o pescoço exposto. Pegou um pouco do unguento e esfregou sobre a pele cor de leite dela.

- Mas John não parece tão misericordioso assim... – Mary engoliu saliva amarga, nervosa pelo fato de Prudenza falar sobre a *bruxa*, que era ela. Ela achava que John havia tido o cuidado de manter o silêncio das pessoas envolvidas.

- Mas ele é bom, acredite. Nosso Rei quase perdeu sua vida dezenas de vezes em

batalhas que não eram nossas para o povo não morrer de fome.

Mary bufou e se virou na cadeira, olhando diretamente para sua serva. Esta colocou o pote de cerâmica com o unguento de volta na mesinha.

- Mas o povo está morrendo de fome nas ruas, a senhora sabe disso.

- Não sou *senhora*, Milady. – Prudenza a corrigiu. Algo dizia a serva que Mary era uma mulher além do que uma simples prima do Rei.

Prudenza havia vivido muito para perceber que algumas coisas às vezes não faziam parte, mas não questionava. Sua dama havia sido gentil, como nenhuma outra. E não importava quem ela era ou o que fazia ali, dormindo no quarto ao lado do homem mais importante do reino e o chamando pelo primeiro nome, algo que não era concedido nem mesmo para as mulheres com quem ele compartilhava a cama.

Naquele momento, Prudenza só queria o melhor para Mary.

- O reino esteve pior. Antes da Rainha-mãe, havia miséria e doença em todos os lugares.

Mary havia escutado aquilo e várias outras coisas sobre a famosa mãe de John que havia assumido o reino por alguns meses, antes dele assumir e um pouco depois dela morrer.

- Eu acredito – Prudenza ajeitou o cabelo de Mary. – Que meu senhor está mantendo Milady dentro deste quarto por segurança.

- Você soube sobre o Duque de Lavandor, não? – Mary questionou, meio baixo.

- Todos do castelo ouviram. – Prudenza sorriu. Alguém bateu na porta e Prudenza foi atender. Um mensageiro carregava uma bandeja de prata. A serva pegou um papel dobrado de cima dela. – É do Rei.

Mary revirou os olhos. Só havia ele para mandá-la recados. Pegou o papel da mão de Prudenza e rasgou o selo real com descaso.

Dentro do papel havia:

Junte-se à corte hoje à noite. Use um vestido cor de ouro.

John

- O que diz, minha senhora? – Prudenza estava se remoendo de curiosidade.

- O Rei pediu para me juntar a ele.

- Que maravilha! Que tal um vestido azul? Ou vermelho? Em sua pele fica...

- Não. – Mary desviou seu olhar perdido no espaço para sua serva superexcitada. – Um vestido dourado.

Prudenza abriu um sorriso e foi até o baú de vestimentas. Mary voltou seu olhar perdido para a rosa que agora murchava no vaso do outro lado do cômodo.

- Não quero meu cabelo trançado. Quero algo novo.

Prudenza veio até ela com o vestido dourado nas mãos. Era lindo. Uma peça única de ouro e seda longo, que iria cobrir os pés de Mary. O busto do vestido era alto, mas deixava espaço para jóias. Ela sabia o que iria usar.

- Acho que tenho algo em mente para o que fazer. Milady terá que usar um véu.

- Perfeito. – Mary levantou para se vestir. Em sua mente, única coisa em que pensava era que iria adorar saber que o Rei não veria seu rosto naquela noite.

John não gostava muito de cerimônias como aquelas. O maior inconveniente de tudo era que ele tinha que passar um bom tempo sentado em seu trono enquanto membros da corte se ajoelhavam e beijavam sua mão.

Mas naquela noite ele soube que esperar valia a pena, pois *havia algo* para esperar.

Ele viu Mary entrar no salão com suas duas servas e dois guardas reais ao seu lado. O lugar parou para olhá-la chegando. Ela era como uma deusa. A personificação dos maiores desejos de cada Lorde ali dentro e de um objetivo a alcançar de cada Milady. Era a mulher mais linda não só dali de dentro. John tinha um sentimento que ela seria a mulher mais bela que veria na vida.

Mary usava as vestes douradas que ele pedira. A cor de ouro fazia a pele branca dela brilhar. Seu cabelo não estava trançado, não completamente, ao menos. Havia uma trança pequena abaixo de suas têmporas que seguia para a parte de trás da cabeça. A corrente que havia sido da Rainha mãe estava ao redor da testa dela (como a coroa que ele usava) e sobre o rosto lindo que ela possuía, havia um véu pálido que a escondia.

Na mão direita ela usava o anel que ele a tinha dado e ao pescoço, o colar de esmeraldas.

Mary tomou seu lugar na fila de Lordes e Ladys, e esperou seu momento de reverenciar o soberano.

No mesmo instante, John se sentiu um pouco incomodado pela pompa que era obrigado a usar em eventos com a corte.

Usava seu manto real vermelho, o enorme broche com o símbolo real ao peito por cima da manta uma grossa pele de animal que o deixava ainda mais imponente. Por baixo vestia uma malha com uma cruz latina. No cinto havia sua espada e uma adaga, nos pés uma longa bota de couro que ia até seus joelhos.

Sobre sua cabeça, o peso de todos os seus problemas e o símbolo de sua soberania, a coroa que havia sido do avô, do pai, da mãe, e agora dele. Ela se encaixava como uma tiara sobre a testa e era encravada com duas espadas e uma gardênia. Era de prata e ao redor havia pedras preciosas.

Um servo foi até ele levando seu cálice de hidromel enquanto lordes se ajoelhavam e beijavam sua mão. Mas John não tinha olhos para outra pessoa, além da *bruxa* que, insatisfeita em persegui-lo na vida real, o perseguia também nos sonhos.

Quando chegou a vez dela, Mary se ajoelhou e tomou a mão dele.

- Meu Rei.

- Milady. – John ergueu o queixo indicando que ela podia se levantar.

Ela saiu de lá, dando a vez para um Visconde.

Assentos haviam sido organizados no meio do salão real. A frente desses assentos havia uma grande mesa de madeira com uma cadeira principal, a do Rei, e outras do lado direito e esquerdo.

Quando a reverência ao Rei acabou, John foi se sentar na cadeira principal e mais alta da mesa. Algumas pessoas tomaram os lugares das outras, mas as mais próximas dele, do lado esquerdo e direito estavam vazias. Mas não por muito tempo.

John se casaria em breve, então o lugar a sua esquerda logo estaria preenchido.

Com o casamento, seu herdeiro iria tomar o assento da direita.

Ele era um homem com destino selado. E talvez fosse por isso que uma sensação de perigo corria nas veias de Mary ao se imaginar ao lado esquerdo dele, como Rainha.

Sorriu ao pensar nisso. Uma bruxa ser Rainha?

Graças a Deus que ela tinha seu rosto coberto e então ninguém a viu sorrir do jeito que estava sorrindo, pois poderiam achar que ficara insana.

O contador de histórias tomou seu lugar em um banco na frente do Rei e de toda a corte. Uma música tocada ao alaúde acompanhou a história. Uma história que tomou a atenção de Mary como nada antes.

“Em uma terra mais distante que podemos imaginar, onde o vento sopra os sussurros

de amantes, e a terra alimenta um povo que nunca foi faminto, havia um jardim. Um belo jardim rodeado por imensas muralhas, protegido por animais selvagens e por pássaros que cantavam ao ver intrusos. Dentro deste jardim vivia uma dama.

O nome dela era Neruda.

Mas essa dama era proibida de sair do jardim, o qual tinha tudo o que ela precisava, pois era encantado. Das árvores ela colhia figos, amêndoas, canela, pêssegos, tamarindos, maçãs e romãs... As flores nasciam quando se ela aproximava para que pudesse sentir o perfume que exalavam. As violetas eram suas favoritas, mas Neruda amava trazer em seus cabelos negros as rosas silvestres e os crisântemos que nasciam com face para o sol.

Um dia, um cavaleiro cansado de batalha ouviu água correr e se deu conta que vinha de dentro dos grandes muros quais passava por perto. Ele teve sede, e ao sentir o aroma das frutas, teve fome.

Desceu de seu cavalo e depois da noite cair, encontrou uma entrada. Os pássaros cantariam se o tivessem visto e os animais o atacariam, mas a noite encobriu sua presença e o cavaleiro entrou sem jamais ser percebido.

Mesmo cansado, caminhou até o centro do jardim, onde encontrou uma linda fonte com água tão cristalina quanto a cor do céu. De lá, matou sua sede, e das árvores ao redor, sua fome. Em uma grama próxima, passou a noite. A melhor noite de sua vida.

O jardim encantado provia, a quem conseguisse entrar, descanso que ninguém jamais sentira igual.

A manhã chegou e o cavaleiro, excitado por ter encontrado um lugar tão rico, começou a desbravá-lo, caminhando e descobrindo seus lugares mais preciosos. Algumas horas depois, o cavaleiro ouviu a voz suave de uma dama que cantava.

Ele se apaixonou no mesmo momento e cheio de paixão pela voz daquela dama, seguiu sua canção até encontrá-la banhando na nascente que alimentava a fonte da qual ele bebera água.

Para ele, Neruda era a dama mais linda jamais vista. O cavaleiro, cansado das batalhas, percebeu que queria ficar ali naquele paraíso para sempre. Surpreendeu a dama e a pediu em matrimônio, oferecendo a ela sua espada e amor em troca.

Neruda aceitou o pobre cavaleiro, também apaixonada pelas cicatrizes que ele trazia e por sua coragem.

Alguns dias se passaram. Neruda e seu cavaleiro estavam felizes, mas como prisioneira daquele jardim, ela insistia para seu amado lhe mostrar como havia atravessado

as muralhas cruéis.

O cavaleiro, com medo de perder sua dama, se negava ao pedido.

Todos os dias, Neruda perguntava ao seu marido e este, todos os dias lhe negava uma resposta.

Anos se passaram e o mesmo acontecia. Certa vez, o cavaleiro perguntou para sua dama por que ela queria saber da saída já que ali dentro eles tinham tudo o que precisavam.

Neruda, uma mulher bela e sábia, disse a ele: - Meu amor, sou uma feiticeira presa em meu próprio feitiço. Esse Jardim é um paraíso, mas faz parte de minha penitência. Passei muito tempo presa e anseio saber como é a vida lá fora.

O cavaleiro, espantado por sua dama ter admitido ser uma feiticeira, desembainhou sua espada e ameaçou matá-la por tê-lo feito cair na magia do amor.

Mesmo jurando para ele que o amor dos dois havia sido verdadeiro, o cavaleiro não acreditou e só aceitou não matá-la porque agora sabia que parte da maldição que ela carregava era nunca sair daquele paraíso.

Quando a noite chegou, e Neruda dormira, o cavaleiro pegou sua espada e seguiu em direção ao caminho que havia entrado, anos antes. Mas antes, encheu um cantil de água e colheu uma pequena violeta para se lembrar dos anos que havia passado com sua dama, agora feiticeira.

Quando o cavaleiro saiu do Jardim viu que seu cavalo fiel o havia aguardado por todo aquele tempo. Montou em sua sela e cavalgou na direção do amanhecer, para bem longe daquele paraíso que havia vivido com a mulher que um dia amara.

O que o cavaleiro não levava em conta foi o que sua dama, Neruda, lhe dissera: O jardim era seu próprio feitiço, que fazia parte dela.

Ele havia entrado no Jardim, havia entrado em sua dama.

E quando saiu, levando uma simples violeta, saiu levando o coração de sua amada.

Ele não sabia, mas no instante em que se foi, para longe do Jardim, este murchou e morreu. As frutas apodreceram e as flores morreram, assim como Neruda, uma feiticeira aprisionada e amada, que morrera junto com seu feitiço e com o coração em pedaços.

Quanto à violeta que ele roubara e levava para fora do Jardim, esta havia sumido no ar, levando consigo as lembranças do cavaleiro de um dia ter amado aquela feiticeira.”

O contador de histórias aguardou a música acabar e agradeceu, fazendo uma mesura demorada ao Rei. John se pôs de pé e a corte o acompanhou, batendo palmas.

- Em honra ao nosso contador de histórias – que trouxe essa peça do novo mundo, ofereço um banquete! – John exclamou para todos.

Mary ainda estava em estado de êxtase. Tudo naquela história falava com ela. Ela ouvira histórias antes, mas sempre contadas em bares, sobre damas corrompidas pelo prazer mundano e essas coisas. Mas nunca daquele modo.

O fato da feiticeira pedir ao amante por liberdade e ele não dar a ela foi um tapa em sua cara.

John se aproximou dela e sussurrou próximo ao seu rosto:

- Gostou, Milady?

- É um tanto triste. – falou, caminhando com ele para onde iria ser o banquete.

- Triste? Por quê?

- Porque mesmo amando-a, ele a deixou por causa de um detalhe.

- Você diz isso porque é uma *bruxa*.

Ela parou e, por trás do véu, olhou bem para o rosto dele.

- Não. Eu digo isso porque acho que o amor pode valer a pena.

- Amor é um mito.

- Então por que você tem tanto medo de não ter que o seu irmão tem?

John pegou o braço dela com força, aproximando-a de si. Abaixou a cabeça para falar bem próximo do rosto dela.

- Pare de me desafiar.

- Pare de deixar hematomas na minha pele. – ela puxou o braço da mão forte dele.

John deu um passo para trás e falou ríspido:

- Coma e depois volte para seu quarto. – Ele levantou a mão para os dois guardas reais que estavam com ela antes.

- John... Me deixe sair. Estou definhando.

Ele encarou ela.

Mary puxou o véu e mostrou seu rosto. Dessa vez foi ela que segurou o braço dele.

- Deixe-me ao menos caminhar no jardim.

Havia algo no pedido dela. Ela não estava implorando, mas pedia com uma força tão intensa como se aqueles fossem seus últimos dias de vida e tudo o que não queria era gastá-los trancada em um quarto.

Quando ele não respondeu nada, Mary exibiu raiva.

- Você nunca deveria ter me tirado daquela cela nojenta. Ao menos lá, eu tinha

liberdade. – ela deu meia volta e passou pelos guardas, seguindo na direção oposta do banquete.

O Conde de Adivaix se aproximou de John e questionou:

- Algo aconteceu com sua prima, meu senhor?

- Indisposta.

- A Milady ainda estará aqui no castelo quando o pontífice chegar?

- Sim. – John respondeu para si mesmo, olhando para a porta de saída por onde Mary havia acabado de passar. – Sim, ela vai estar.

XII – UM LIVRO

Mary estava andando no quarto de um lado para o outro, pensando em algumas possibilidades de como ela iria fugir dali. Seus poderes estavam fracos, e para ser sincera, ela estava fraca. Cada dia que passava sem que a profecia de John fosse modificada, continuava deixando-a na ponta da espada.

Ela havia avisado John, havia aproveitado a mordomia de ser uma Milady, mas agora tinha que voltar a realidade. Não podia passar seus últimos possíveis dias em um quarto enorme com servas trançando seu cabelo, apesar de ser uma boa perspectiva de fim de vida.

Mary queria conhecer lugares além daquela cidadela. Queria ir para o Reino da Sicília que tanto Prudeza falava, talvez navegar para esse novo mundo que todos comentavam.

Ela não sabia exatamente o que fazer depois de sair dali, mas o aspecto da dúvida e de saber que tinha liberdade para fazer o que quisesse era algo que Mary apreciava. E estar presa naquela maldita torre não ajudava nada.

A porta se abriu de repente e Mary quase deu um pulo de susto, achando ser John. Mas era só um dos cavaleiros da guarda real.

- O Rei envia isto para a senhorita. – O cavaleiro parou na porta, não dando um passo além. Nas mãos, ele trazia algo estranho, enrolado em um tipo de papel pardo com cordões amarrados.

Mary foi até onde o cavaleiro estava e pegou o pacote, fechando a porta.

Ela já estava cansada de presentes que não valiam nada para ela, mas John não parava.

Depois da rosa, achou que havia finalmente criado uma trégua entre eles, mas àquela noite só piorou tudo.

E ela sabia que teria que parar de pressioná-lo. John não era acostumado com isso. Ele geralmente cortava a cabeça de quem o pressionava.

Abriu o pacote e se viu encarando um livro de capa de couro grossa, com folhas pesadas e amareladas. O livro também não era pequeno, tinha a grossura de seus cinco dedos juntos. Na frente havia uma rosa vermelha pintada em uma linda iluminura.

Ela abriu o livro e na primeira página estava escrito:

Romance das Rosas.

Mary leu em voz alta, passando os delicados dedos nas letras feitas com tinta de ouro.

Como se fosse magia, e ela entendia muito de como magia funcionava, seus

pensamentos de fuga evaporaram. Ela virou a página e começou a ler. A noite que já estava escura, ficou ainda mais. Mary caiu no sono antes do amanhecer, tendo lido uma boa parte do Romance.

O livro estava perto de seu peito.

Ela não sabia o que John pretendia com aquele presente, mas definitivamente ele havia ganhado mais uma pequena batalha entre ambos. E como Vitorioso, Mary não esperava nada além do que ouvir o que ele queria em troca.

Nos domingos, após a missa, o Rei saía para caçar. Mary ainda estava proibida de sair do quarto, então não foi até a enorme catedral construída com o almejo de alcançar o céu. Enquanto a comitiva de caça do Rei ainda se organizava, Mary sentou-se próximo à janela de seu aposento na esperança de poder ver um pouco do que estava acontecendo ali.

Deixou seu livro sobre as pernas e, pela janela aberta, viu dezenas de cavaleiros e lordes da corte se reunirem junto a um centro.

John estava imponentemente sentado em seu cavalo cor de carvão - cor também dos cabelos dele – rodeado de homens e uma quantidade incrível de cachorros que iria os acompanhar.

As ladys ficavam a certa distância do pátio principal, onde todos esperavam a palavra do Rei para saírem. Algumas delas não resistiram de olhar para John. O solteiro mais cobiçado do reino. Não por muito tempo, elas sabiam daquilo.

Por um só segundo Mary invejou-as. Queria estar lá embaixo, com a sensação de estar livre e fazer o que bem entendesse. Mesmo que esta fosse errônea.

Em algum momento, John olhou para cima, para as torres do castelo, e viu Mary um tanto deslumbrada pelo o que se passava ali embaixo. Demorou um tempo para que ela encontrasse o olhar dele. E quando encontrou foi como se o fogo fosse descoberto. Fagulhas aqueciam os dois mesmo àquela distância.

John notou o livro no colo dela e viu a expressão que dizia que ela gostaria de estar ali embaixo.

Ele ainda enganava a si mesmo achando que era o melhor para os dois.

Os cães começaram a ficar impacientes, e John foi obrigado a quebrar o olhar que compartilhava com Mary. Ele deu o comando e os portões elevadiços do castelo foram abertos. Os cachorros dispararam na direção da ponte. John esporou seu cavalo e seguiu cavalgando

com rapidez. A comitiva foi atrás.

Mary voltou-se para o livro a sua frente, mas o entusiasmo se esvaíra. Ela queria ir embora. E havia vários bons motivos para isso.

Um deles, o mais importante deles na verdade, era que ela sentia algo estranho no estômago sempre que via ou sentia a presença de John. E sabia que aquela sensação só iria piorar se continuasse ali.

O dia já estava escurecendo e nada da comitiva voltar. Mary não sabia que demorava tanto. Prudenza havia explicado que o Rei organizava essas caçadas em prol de que toda a carne que conseguissem fosse oferecida aos famintos do reino.

Mary estava esperando sua serva lhe trazer o jantar no momento em que os portões elevadiços do castelo se abriram mais uma vez. Mas dessa vez não havia calma. Os cães de caça correram para o centro do pátio e logo atrás vinha uma comitiva com pressa. Alguém entre os Sirs e Lordes gritou para os servos que os esperavam:

- O Rei está ferido!

O coração de Mary bateu feito louco quando ouviu essa frase. Ela tentou procurar John no meio da confusão de cavalos, lordes, cães e servos, mas não conseguiu.

Levou um susto no momento em que Prudenza entrou em seu quarto, minutos depois, trazendo uma bandeja de comida e o rosto em desespero.

- Coma, Milady. – disse com pressa, colocando a bandeja sobre a mesa do quarto.

- O que houve?

- O Rei se feriu na caçada. – Disso Mary já sabia.

- Onde está ele?

- Subindo. – Suor frio escorreu pela testa de Prudenza.

- Preciso vê-lo. – Mary correu até a porta de seu quarto e de lá pôde ver algumas pessoas correndo até o quarto real. John apareceu no corredor logo depois. Ele parecia bem, mas segurava uma flecha que estava alojada em seu ombro esquerdo.

Calmo, ele caminhava até seu quarto. Desfez o cordão do manto vermelho e o deixou escorrer de seus ombros, caindo no chão por um segundo até um servo recolhê-lo.

- O curandeiro já está a caminho, meu senhor. – Um dos servos fez reverência a ele enquanto falava.

- Traga vinho.

- Sim, meu senhor.

- John. – Mary gritou de onde estava. Mas ele não a escutou. O corredor era longo e as paredes de pedras largas. Havia tochas acesas para iluminar o ambiente.

O cavaleiro que ficava de guarda no quarto de Mary estava a sua frente, com uma expressão bem clara de que dali ela não passaria.

- John? – Mary gritou quando ele chegou mais próximo. Pela luz das chamas pôde ver que ele estava um tanto pálido. O sangue de sua ferida escorria por onde caminhava. – Me deixe passar! – ela empurrou o cavaleiro.

- Milady – Prudenza apareceu por trás dela. – É melhor que fique em seus aposentos...

- Não! – um calor desesperador se alojou na garganta dela. - Saia de meu caminho! John?

Ele já estava perto o bastante e conseguiu escutar a voz dela.

- Por favor... – ela disse com os lábios, meio presa nos braços do cavaleiro que não a deixava dar mais um só passo.

- Deixe-a passar. – O Rei ordenou.

Mary correu até lá e parou um pouco perto demais do corpo de John. Ela olhou intensamente no rosto dele, procurando vivacidade em seu olhar.

- Venha. – Ele a pegou pelo braço, levando-a até seu quarto. Servos seguiram meio assustados atrás dos dois. – Busquem água quente e deixe-nos a sós!

- O curandeiro, meu senhor. – um dos servos falou, com cabeça baixa.

- Já está no castelo?

- A caminho.

- Então vá! – John ergueu a voz, um tanto irritado. A porta se fechou em seguida e eles ficavam a sós.

- Você está bem? – Mary foi até ele, se negando a vontade de tocá-lo.

- Me ajude a remover a flecha.

Ele se sentou na cama com lençóis vermelhos. Mary foi até ele, e se posicionou entre suas pernas abertas e a camisa fina encharcada de sangue.

- A ponta já está quebrada, é só puxar.

Na posição em que estava, Mary abaixou o rosto para o olhar para ele, que estava todo sujo de fuligem.

- Vai doer.

- Tire logo essa maldita flecha, Mary.

- Tudo bem. – ela suspirou.

Olhou do outro lado do ombro dele, onde a flecha havia parado e depois analisou o buraco de entrada. Colocou as duas mãos sobre o corpo da flecha, buscando forças dentro de si para puxar com rapidez. Ela sabia que iria doer que nem um inferno, mas John provavelmente já havia passado por coisa pior.

- O que está esperando?! – John falou entre os dentes. Em algum ponto ele começou a se segurar na cintura dela, mas nenhum dos dois percebeu.

- Estou aproveitando o momento. – Mary disse com um tom de sarcasmo, mas com o rosto bem sério. Ela sentiu ser o momento certo e puxou um pouco. John gemeu. Ela se preparou e na segunda vez puxou a flecha toda de uma só vez.

Acabou se desequilibrando, mas John a puxou pela cintura, segurando-a perto de si.

Ele estava cansado por causa da dor, então assim que a puxou para si, repousou sua cabeça no colo dela e fechou os olhos.

- Eu ainda vou te matar – John sussurrou. Mary sorriu silenciosamente e, sem perceber, o embalou em seu riso.

- Já passamos dessa fase. – suspirou e passou a mão nos cabelos negros dele. – Quem fez isso a você?

John se afastou e deixou suas duas mãos caírem sobre a cama. Mary também se afastou. Os criados entrariam a qualquer momento.

- Tenho uma grande lista de sucessão.

Mary voltou para perto dele com um pedaço de pano. Apertou-o no ferimento para que parasse de sangrar.

- Suspeito que alguns desses Lordes só perceberam agora que a visita do Papa será muito conveniente para que eu consiga um herdeiro.

- Então acha que foi um dos que acompanhava você?

- Não sei. – John passou a mão no rosto sujo de terra.

- Você caiu do cavalo?

- Não.

Mary continuou pressionando a ferida.

- Talvez possa ter sido por outro motivo. Vingança, talvez.

- Não está implicando que... – Sim, John estava implicando que talvez poderia ter sido o Duque de Lavandor. – Se for o Duque a culpa é toda sua.

John apertou os olhos para ela. Servos entraram no quarto em seguida.

- Vinho.

Uma serva serviu a ele o cálice e John bebeu em um só gole. A garota encheu mais uma vez e mais outra.

O curandeiro não demorou para chegar. Mary havia deixado de pressionar a ferida há um tempo e ficou aguardando à distância. O curandeiro rasgou a camisa de John e verificou a ferida, limpou com água quente e passou uma pasta feita de ervas e água do mar. Falou para John que iria ter que acompanhá-lo de perto para que a ferida não inflamasse e depois saiu para os aposentos que John pediu para os servos prepararem.

A garota do vinho deixou a garrafa na mesinha próxima à cama. John levantou e tentou se servir. Mas com o braço enfaixado e o cálice na mão boa ficou um pouco atrapalhado.

- Você pode...? – Pediu a ela. Mary foi até ele e o serviu.

- Acho que... – Mary começou a dizer indo em direção à porta, olhando para as costas nuas dele.

- Fique.

Algo naquele pedido fez um nervosismo rápido atingi-la.

Ele se virou e viu esse nervosismo estampado no rosto dela. Bebeu o último gole do vinho do cálice e caminhou até a cama.

- Seu vestido está manchado com meu sangue.

Mary nem tinha percebido. Olhou para seu busto e viu que era verdade. John conseguiu se servir sozinho dessa vez.

- Como conseguiu se sarar tão rápido? – Ele se sentou na cama.

- O que quer dizer? – A pergunta dele a pegou de surpresa. John acenou para o corpo dela.

- Suas feridas. Você tinha várias delas.

- Magia e ervas.

- Ótimo. Faça o mesmo em mim.

- Não posso.

- Pode e vai. – ele ajeitou travesseiros e encostou suas costas.

A porta estava entreaberta. Se Mary corresse, qual era a chance daquelas borboletas no estômago dela irem embora?

Não era nem pelo pedido dele, era pelo próprio John em si.

Ele estava deitado na cama sem seus trajes, com o peito nu, o rosto um tanto sujo e os cabelos jogados para trás, roçando seus ombros. Ele parecia confortável, apesar de claramente

sentir dor. O olhar dele ainda não estava tão quente quanto costumava, mas por um instante Mary imaginou como eram as noites que ele tinha com as concubinas. Ficou vermelha.

Será que ele as atraía como quem atraí mosca com açúcar? Será que ele já amou alguma delas? Ou havia sido apenas prazer?

Mary engoliu saliva morna quando se aproximou. O peito dele era forte, musculoso. Os pelos de seu peito eram escuros como os de sua cabeça, mas bem espalhados. Ela sabia que ele tinha braços bem fortes, mas vê-los fê-la perceber que era além do que pensava.

Ela subiu na cama engatinhando e foi até ele, tensa.

- Não vai sarar de imediato, mas a dor cessará. – Colocou as duas mãos em concha no ombro esquerdo dele e fechou os olhos, entoando baixo algumas palavras que ajudavam na magia. Mary estava quase sem poderes, e qualquer coisa que fazia consumia toda sua energia.

John sentiu um calor morno irradiar das mãos de Mary para seu ferimento e imediatamente sua dor foi acabando, devagar, como uma onda em maré baixa.

Ela se afastou e suspirou, piscando os olhos com um pouco de esforço.

- Deita aqui. – John a puxou para seu lado, compartilhando os travesseiros com ela.

- Você é a primeira pessoa que não tem medo de mim. – Mary falou baixo, com os olhos fechados.

Ele ficou calado.

- Eu sei quem sou. Uma bruxa que não merece nada de bom na vida. Mas em algum momento aprendi aceitar essa maldição que carrego. Não escolhi fazer esse tipo de coisa, mas agora até me sinto feliz em poder.

- Não precisa se preocupar com isso, Mary.

- Às vezes, é excitante saber que sou poderosa. Do segredo que guardo de outras pessoas, da emoção de saber que posso fazer qualquer coisa.

- Você pode...? Fazer qualquer coisa? – John virou o rosto para ela.

- Não hoje. – ela sorriu, encostando sua cabeça no ombro dele. – Nós caminhamos um longo caminho, John.

- É, eu sei. – falou, abraçando os ombros dela.

- Obrigada.

- Pelo quê?

- Pelo livro.

- Não precisa agradecer. Nós provavelmente iremos brigar novamente no futuro.

Ela se aconchegou nos braços dele.

- Mesmo assim, eu realmente gostei.

John abaixou o olhar para ver o rosto dela, com aquelas linhas delicadas e belas. Em um movimento quase inconsciente, beijou a cabeça dela. A respiração de Mary ficou mais rápida. Ela ergueu o rosto, encontrando os olhos claros dele.

As fagulhas estavam se transformando em uma explosão descontrolada.

John também achou os olhos azuis, depois os lábios rosados dela.

Ele queria fazer aquilo. Demais. Há algum tempo.

Mary parecia compartilhar o sentimento. Ela respirava devagar agora, como se esperasse um movimento dele. Os dois estavam presos em um olhar de desejo.

John não conseguiu se segurar mais. E colocar sua boca sobre a de Mary foi como se amarras se soltassem de seu corpo. Ela ergueu a mão para apoiar-se no rosto dele.

John a beijou muito suavemente e Mary retribuiu, compartilhando o beijo com uma paixão que nenhum dos dois sabia que existia.

O sabor da boca de John não era algo que se decifrava, mas era agridoce e seus lábios se movimentavam com suavidade sobre os lábios dela.

Já a boca de Mary tinha sabor de amêndoas provadas pela primeira vez. E não qualquer amêndoa, e sim aquelas de sabor inesquecível, sabor inigual a qualquer outro.

John se ajeitou nos travesseiros e a puxou pela cintura, querendo mergulhar ainda mais profundo na boca dela. Mary apertou sua mão nos cabelos dele enquanto John se inclinava sobre seu corpo.

- Ah. – Ele gemeu quando algo sem querer esbarrou em seu ombro machucado.

Mary afastou o rosto o máximo que pôde do dele e ficou sem palavras diante o calor que sentia.

Ele ia abrindo a boca para falar alguma coisa, mas ela, como se percebendo finalmente o que estava acontecendo, levantou da cama num susto, puxando seu vestido e saindo da cama.

- Isso não pode acontecer. – Falou com voz dura.

- Foi apenas um beijo. – John se levantou da cama tranquilo, se aproximando.

- Foi mesmo? – ela questionou. Mary parecia que tinha visto um fantasma invés de ter beijado o Rei.

Mas a verdade era que ela queria mais do que apenas aquele beijo espetacular.

E John não ficava para trás. Os sonhos que tinha com ela eram sonhos que a palavra quente não era o bastante para definir. E tê-la em seus braços na realidade era infinitamente melhor.

De todas as mulheres com quem John tivera contato, nenhuma causava a erupção de emoções como Mary causava nele. Por isso que com ela era muito mais fácil perder a cabeça.

Ele levou sua mão até o rosto dela e a acariciou, passando os dedos naqueles cabelos cor de ouro.

- Tenho sonhado com você. – Ele falou, sabendo que iria se arrepender daquela sinceridade.

Mary puxou o ar com força. Não estava sabendo como respirar.

- Que tipo de sonhos?

- *Bons* sonhos. – Ele quase abriu um sorriso, mas não foi daquela vez. – Mesmo antes de você aparecer na porta do meu castelo. Talvez este seja o real motivo porque te quero aqui. Porque não consigo entender esses sonhos.

- O que eu digo neles? – ela estava genuinamente assustada e preocupada.

John deu um passo a frente.

- Geralmente sou eu quem falo, você só fica lá... Olhando, sorrindo para mim... Me tocando...

Mary parecia que ia desabar.

- John, isso é...

- Eu não sei o que é, mas a sensação que você deixa... – ele abaixou o rosto. – Me deixa te beijar mais uma vez, talvez você também possa sentir o que sinto.

Ele não esperou que ela deixasse, realmente. Atacou os lábios dela com mais brutalidade do que anteriormente. Sua mão direita agarrou a cintura dela e um segundo depois Mary se viu colada nos braços nus do Rei, abraçando a pele quente dele e beijando-o com um fervor e uma vontade que nunca sentira na vida.

Por ser mais baixa que ele, teve que ficar na ponta dos pés, e ainda sim John precisava abaixar seu rosto para beijá-la.

Ele introduziu a língua e sentiu o corpo dela se amolecer sobre o seu. A partir daquele momento ela era sua. Completamente sua.

Com a única mão, John a ergueu para seu colo e Mary enroscou suas pernas no quadril dele. Ela segurava o rosto de John como se aquele toque fosse o último.

E no momento em que ele mordeu o lábio inferior dela, Mary não conseguiu se segurar e soltou um suspiro baixo de prazer. Já conseguia sentir algo firme roçando sua pele por sobre o vestido e sabia que era John.

Caminhando cegamente, os dois foram parar na parede de pedra do cômodo. Mary com

as costas na parede e John a apertando em todos os lugares certos. As chamas do quarto não eram o bastante para iluminar aquela parte do ambiente, os rostos dos dois ficaram na penumbra.

Segura pela parede às suas costas, John pode subir sua mão até o busto do vestido dela, onde havia vários cordões que prendia o corpete que ela usava.

A boca dele desceu por um instante ao pescoço dela, sentindo a doçura de sua pele, voltando para os seus lábios com uma vontade incrível de não parar.

Mas, de repente, o som alto de uma trombeta reverberou pelo cômodo e provavelmente toda a fortaleza do castelo.

- O que é isso? – Ela sussurrou, encarando o rosto dele escondido pela penumbra.

- Maldição.

- O que é?

A trombeta soou novamente.

John abaixou Mary no chão, sem cerimônia e com um pouco de descaso. Correu até o nicho que dava para a única abertura do quarto. De lá dava para ele ver o porto da cidadela e a enorme muralha que cercava o castelo.

Não, eles não estavam sofrendo ataque.

John viu, em toda aquela distância, uma comitiva de barcos aportados próximos à baía. Uma bandeira branca com o brasão de um escudo e chaves entrelaçadas voava a leste com a brisa.

John voltou para o quarto e colocou uma camisa, pegando seu manto e o jogando sobre o ombro ferido.

- John... – ouviu o som baixo da voz de Mary ressoar na escuridão em que havia deixado-a. O coração dele doeu. Dali dava para ver que ela sabia quem havia chegado e também sabia o que iria acontecer a partir de agora.

- Ele está aqui. – John disse para ela, sentindo que cada palavra que dizia a machucava. Mas Mary ergueu a cabeça e deu um passo para fora da escuridão no momento em que ele falou: – O Papa chegou.

XIII – UM PAPA GENTIL

Mary se olhou ao espelho e suspirou.

- Deus...

Ela estava vestindo um aparato quase cômico de tantas camadas de seda. Era um vestido grosso, na cor púrpura – para demonstrar riqueza. – que cobria sua pele do queixo até arrastar no chão. As mangas do vestido eram largas e davam um toque elegante. Por debaixo do vestido um corpete a apertava e seus cabelos haviam sido presos com um chapéu cone, daqueles com ponta. Não era muito comprido, mas completava tudo o que vestia em uma mistura de ostentação desnecessária.

- Por que estou vestindo tudo isso? – Prudenza veio atrás dela, com um baú de joias que Mary nunca havia visto antes.

- É muito importante que o Papa saiba da riqueza do reino.

Mary ainda lamentava pelo fato da corte ter tanto e o povo não ter nada. Isso não era riqueza, era hipocrisia.

- O sumo pontífice vai passar apenas alguns dias conosco – Até John se casar, era o que Prudenza estava pensando. – Toda a beleza de Orcadas tem que ser demonstrada para ele.

Sabendo que não podia fazer muita coisa, Mary apenas suspirou e observou enquanto sua serva colocava um pesado colar com uma cruz em seu colo.

Já era manhã. Os barcos haviam chegado ao começo da noite, mas era preciso ao menos algumas horas para que as pessoas pudessem desembarcar na cidadela. A peste estava em todo lugar, e se chegasse ali no reino poderia vir a ser o fim.

A noite havia sido longa. Pelo menos para Mary.

Depois do que havia acontecido na noite passada com John, não conseguira dormir.

John havia expulsado-a de seu quarto e cavalgara até o porto para ter certeza de que tudo estava correndo bem para a chegada do homem mais importante da Europa ocidental.

No castelo, chegou a notícia que o Papa e sua família pernoitara no barco, mas que de manhã todos iriam descer. Por isso que Mary estava naquela preparação insana. E todo o castelo.

Dali de seu cômodo era possível escutar os servos trabalhando para que tudo estivesse pronto. Todos os quartos de visitantes e o do sumo pontífice, que seria ali no andar do Rei... e

agora também de Mary.

- Onde está Lorain?

Prudenza desviou o olhar do de Mary e foi até uma gaveta buscar algo.

- Esteve se sentindo mal, minha senhora. Achei melhor que ficasse na casa dos empregados, não queria que lhe incomodasse.

- O que ela tem? – Mary se virou com dificuldade para olhar para sua serva.

- Febre e algumas manchas vermelhas no corpo. Não é nada demais...

Mary sentiu um arrepio na espinha. Era algo demais, sim. Já havia visto pessoas morrerem disso de onde viera. Mas preferiu não dizer nada.

- Quero vê-la.

- Mas não é seguro, Milady. – A face de Prudenza exibia preocupação não só com sua filha ou a de Mary caso adoecesse, mas porque ali no castelo era punido quem falasse sobre doença aos seus patrões.

- Irei mesmo assim.

Engolindo em seco, a serva se aproximou de sua dama, concordando com a cabeça, sabendo que iria mudar a ideia dela.

- A senhora vai precisar disso. – Entregou a ela um lenço branco. Não era o mesmo que John havia dado a ela. Este era bordado com as iniciais de Mary de Adlarn.

Mas uma vez Mary sabia que não podia fazer nada. Segurou o lenço com força nas mãos, querendo poder matar alguém com ele.

Prudenza passou a mão em sua touca de pano e segurou uma parte do vestido de Mary para que ela pudesse andar sem tropeçar. Era hora de ir, a carruagem estava a espera.

Depois de descer as escadas e atravessar o salão do castelo que estava repleto de servos correndo de um lado e para outro, ajeitando tapeçarias, brasões e ouro espalhado pelas grossas paredes de pedra e o telhado abobadado, Mary chegou ao pátio central. Havia apenas uma carruagem. O cavalo do Rei não estava lá... e nem mesmo ele.

Prudenza ajudou-a a entrar no espaço apertado da carruagem.

- Onde está o Rei?

- Já está na baía, minha senhora.

A carruagem partiu e não deu tempo dela fazer mais perguntas. Guardas reais a seguiam a cavalo logo atrás. Durante o trajeto, Prudenza se preocupou em não deixar um só fio

de cabelo de Mary para fora do chapéu. Mas do modo que estava grudado ao seu couro cabeludo, Mary duvidou que seu cabelo iria se rebelar.

Pela janela, viu quando pararam. Os guardas a ajudaram sair da carruagem e conduzi-la por uma passarela de madeira que havia sido construída. Na areia, logo a frente, o cavalo negro de John estava parado. O Rei o montava com austeridade. Sua capa vermelha longa abaixo de peles grossas de animais ferozes, e a coroa ao redor da testa davam uma clara imagem de poder, e não só poder, de vitória conquistada pelo sangue.

Mary chegou até próximo de onde John estava. Ele não olhou para ela e nem exibiu uma reação a sua chegada. A corte, atrás deles, murmurava coisas indistintas sobre ela. Mary, hipoteticamente, era a única outra pessoa da família real presente, por isso ficava tão a frente de todos os outros.

Henrik não havia chegado, mas Mary sabia que em breve estaria de volta à cidadela real.

Ela inspirou bem forte. Era a primeira vez que via o mar tão de perto desde que havia se enfiado na confusão daquele Rei. A praia estava deserta. Não havia pescadores nem catadores de conchas. Apenas o grupo da corte, um Rei e uma dama fajuta. De longe, foi possível enxergar os barcos que se aproximavam trazendo a bandeira do papado.

Quando aportaram, um senhor com longas barbas, as vestes brancas e um grosso anel na mão esquerda foi o primeiro a sair. Em seguida alguns homens com espadas ao cinto. No barco após, aportou um grupo de mulheres com servas, e após este, um grupo de cavaleiros.

O Papa, até lá Mary soube quem ele era, desceu do barco e caminhou calmamente pela areia da praia.

John desceu do cavalo e se ajoelhou sobre o pontífice. Era uma demonstração de respeito e devoção. Mary não entendia daquilo, mas sabia que se ajoelhar para alguém era algo que devia ser muito *raro* na vida de John, o Vitorioso.

Ele beijou o anel do senhor de longas barbas e este o mandou levantar, batendo no ombro e dizendo algo para ele em seguida. Parecia engraçado, mas John não riu.

Os dois chegaram à passarela de madeira e Mary começou a se abaixar, de cabeça baixa, mas alguém a parou no meio do caminho.

- Por favor, minha senhora. Deixe a etiqueta para depois. Sou apenas um homem que não suporta mais comida de barcos. Depois de cear, então, teremos tempo para isso.

Ele ajudou Mary a se erguer. Ela ergueu o pescoço e olhou para ele.

Aquele homem não parecia um homem poderoso. Parecia uma pessoa que havia sido

abençoada por algo como bondade que não cabia no peito.

- Você é muito bela, Milady. – ele sorriu. Mary tentou não olhar para John que estava ao lado. – O cavaleiro que a tiver será muito abençoado. – falou depois de ver o lenço branco bem apertado nos dedos dela.

Ele ofereceu sua mão e Mary beijou o anel.

- É um prazer conhecê-lo, meu senhor.

O Papa riu gostosamente.

- *Sua graça*, perdoe a ignorância da mulher... – John sibilou, olhando para Mary com fúria.

- Não, não, meu filho. Está tudo bem. Venha criança – ele abriu o braço para ela. Nos acompanhe.

Ela queria abrir a boca para contestar, mas aquele era o Papa. E John a esganaria se falasse mais alguma coisa.

- Minha prima veio em uma carruagem, sua graça. Tenho os melhores cavalos do reino a espera para...

- De carruagem, então! Eu nunca gostei de cavalos – ele sussurrou para Mary como se John não estivesse escutando. – São rudes e imprevisíveis. Venha.

Mary o acompanhou pela passarela até sua carruagem logo ali. O cocheiro abriu a porta com cara de espanto suprimida. Mary entrou primeiro porque era costume.

John, tentando ser sutil, falou antes do Papa adentrar.

- Sua graça, acredito que prefira uma carruagem apenas com cavaleiros.

- Ora, mas porque iria preferir isso?

- Uma mulher nunca é boa companhia para trajetos longos.

O Papa franziu o cenho.

- Você está errado, meu filho. Elas são as melhores companhias. – disse, levantando seu traje e subindo na carruagem, fechando a porta em seguida. – Vá com os lordes. Eles precisam do Rei mais do que eu.

Bateu no teto e os cavalos saíram em disparada. A carruagem levando Mary e o Papa pelo caminho sinuoso de volta ao castelo.

Mary retorcia o lenço branco na mão.

- Sinto muito que tenha escutado isso, minha querida. Às vezes, me impressiono com a

capacidade de maldade que alguns soberanos têm.

Ela olhou para ele.

- Posso ser honesta, sua graça?

- Devemos sempre ser honestos.

- O Rei vai me matar depois disso. – ela falou com um tom de sarcasmo.

- Todos morremos um dia, mas não vai ser por minha causa sua partida. Relaxe.

Ela evitou não pensar no que havia acabado de acontecer. John a tratara como se nada tivesse acontecido na noite passada, e talvez ele estivesse certo em ignorar, mas o coração de Mary não parecia querer esquecer.

O Papa abriu a cortina da janela para ver a cidade.

- Diga-me... Onde estão os pobres?

Ela não queria causar mais confusão, mas não iria mentir. Olhou para o senhor a sua frente e falou:

- O mercado foi limpo e os bêbados presos, sua graça. – Aquilo estava acontecendo há algum tempo.

- Os judeus?

Mary engoliu em seco porque se lembrou daquela mulher grávida.

- Enviados para as cidades mais pobres do reino.

- É sempre assim. – admitiu. – Eles escondem, mas não percebem que os maiores problemas são os que menos se veem.

- Eu também acho isso – sussurrou ela. – O que estou vestido alimentaria centenas de pessoas e suas famílias. Não é justo.

O Papa balançou a cabeça.

- Não, não é. – ele parou um instante, olhando para a face de Mary. – Me dê sua mão, criança.

Mary ergueu sua mão para ele.

- O que uma mulher tão boa como você está fazendo escondida por trás de uma corte?

Nem ela sabia.

- Chegamos. – O cocheiro avisou.

O Papa abriu um sorriso para ela.

- Mantenha isso em mente. – Abriu a portinhola da carruagem e saiu, segurando a mão dela pra ajudá-la a descer. Havia uma comitiva no pátio do castelo.

O Papa, logo que desceu, foi abordado por um Duque que lhe era conhecido, o qual foi

cumprimentar.

John chegou depois, descendo de seu cavalo também para ser recebido com entusiasmo. De longe, lançou um olhar repreendendo Mary por algo que ela *não* havia feito.

Mary nem fez questão de se importar. Ergueu seu vestido e voltou para o quarto. Festas e banquetes da corte eram as últimas coisas que queria participar... Principalmente pelo fato de que seria ali onde John iria ser apresentado a sua provável noiva e, de alguma forma, Mary não estava preparada para vê-lo se comprometendo a alguém que não era ela.

O beijo da noite passava havia roubado não apenas sua dignidade, mas um pedaço de seu coração que nunca iria retornar.

Porque John o roubara e não tinha intenções de devolver.

XIV – O REI PERDE

- Milady, mas é o sumo pontífice que está pedindo sua presença! – Prudenza parecia que estava a um ponto ou de arrancar todos os cabelos da cabeça ou de pular da janela. – Minha senhora precisa ir.

- Não, eu não preciso. – Ela soltou um suspiro de prazer quando conseguiu tirar o chapéu e todos os grampos de seus cabelos. – Estou indisposta. Diga isso ao mensageiro.

- Mas minha senhora...

- Por favor, Prudenza. – ela se virou, tentando se desfazer do longo vestido que fazia sua pele pinicar. – Só vá.

Com o rosto em chamas de nervosismo, a serva fez mesura e saiu, abrindo a porta e dando de cara com a última pessoa que Mary queria ver.

- Deixe o vestido. – John falou com voz dura. – Você vai descer comigo.

- Estou proibida de sair.

Ele suspirou bem profundamente. Suas mãos já estavam em posição perfeita para encontrar o pescoço dela.

Enquanto isso, Mary ainda se debatia para tirar o vestido, mas era muito difícil.

- Céus! – ela sussurrou.

- O que quer que você tenha feito com o Papa Benício está funcionando. Não vai querer continuar?

- Não faço a mínima ideia do que você está falando.

- Chega! Você vai vir comigo! – ele começou a chegar perto dela para pegá-la pelo braço.

- Tudo bem. – ela cedeu, largando os braços ao lado do corpo, o fazendo parar. – Mas a partir de hoje eu saio para onde eu quiser.

- Feito.

Ela pegou a corrente para trançar os cabelos e caminhou a frente dele, abrindo a porta do quarto. Seu coração batia com força, ela sentia a presença dele a cada passo que dava.

O dia estava claro, mas todas as fogueiras e tochas estavam acesas. Pessoas se acotovelavam pelo salão, de tão cheio que estava. A música já havia começado, os servos serviam hidromel, cerveja e o vinho. Mary agarrou um cálice de vinho e jogou sua trança

recém-feita para trás dos ombros.

- Depois que tudo isso acabar, precisamos conversar.

- Não temos nada para conversar. – O olhar de Mary estava nas bailarinas exóticas trazidas do oriente que dançavam com elegância enquanto seguravam cobras. Velas iluminavam o ambiente. Estava tudo no devido lugar. O trabalho que os servos fizeram tinha sido incrível. Um lustre com velas de ferro acima de todos iluminava aquelas tapeçarias bordadas a ouro.

John limpou a garganta. As pessoas ao seu redor faziam medida quando ele passava.

- Eu tenho algo para...

- Pegue isso. – ela entregou a ele o cálice de vinho vazio e o olhou bem nos olhos. – O livro não tem fim. É lindo, mas não acaba, simplesmente não tem final. Ninguém morre, ninguém nasce. Por que me deu um livro sem fim?

John colocou o cálice dela em uma bandeja de prata que estava com um servo próximo. Ela não deu tempo para que ele respondesse.

- Eu sei por quê. Porque você é um bastardo egoísta. Não foi um presente, foi mais uma prova de tortura.

John ficou ereto e abriu a boca.

- Sua graça... – ela falou, fazendo referência ao Papa que havia acabado de chegar perto dos dois.

- O Rei se importa de eu pegar emprestado sua lady?

- Não.

- Ótimo. – Benício tomou Mary pela mão e a conduziu pelo meio do salão.

Todos os olhares estavam nos dois, inclusive o de John, que deveria estar em outra pessoa.

Ele não havia sido apresentado oficialmente a mulher que esperavam que casasse. Mas já sabia quem ela era.

Era a filha mais velha de Benício. Os Papas comumente tinham família, mas a daquele era inacreditavelmente imensa. Nem metade dela havia vindo para o Reino, o que em parte era bom.

A mulher prometida a John estava o observando desde que aportara na baía.

E ele admitia que ela não era feia.

Se chamava Valence de Port. Havia nascido na França, mas herdara do pai uma cabeleira escura. Um castanho escuro que se repetia nos olhos. Tinha traços bonitos, um

sorriso charmoso.

Assim que ela percebeu o olhar de John em si, pegou um cálice de hidromel no meio da multidão e foi até onde ele estava. Valence havia sido criada para corte, a espera de um casamento fantástico. Com John, ela iria conseguir isso e o título de Rainha.

Os dois nunca haviam se visto antes, mas ela pareceu gostar dele. Talvez pelo porte de cavaleiro – mais a graça de um aristocrata e a coroa sobre a cabeça.

- Meu senhor. – ela fez uma mesura exagerada a ele. Os cabelos castanhos estavam bem trançados envolvidos em um véu da cor de leite. O colo dela estava nu, mas coberto de joias.

Valence ofereceu o cálice para John.

- Para sua sede, meu senhor.

Ela deveria saber que John só bebia no cálice real, mas em seus olhos esperava que fizesse uma concessão para sua boa vontade.

- Milady. – ele agradeceu, sem olhar muito para ela. Pegou o cálice e deu um gole, entregando para alguém do lado em seguida.

- Seu reino é muito rico, meu senhor. E tudo é muito belo. – falou ela com um grande sorriso.

- É. – John disse mais para si mesmo, olhando bem longe, para uma bruxa disfarçada que tinha conquistado não só um dos homens mais importantes da Europa, mas dois.

- ...O castelo é acolhedor e muito convidativo. – Valence falava para ele sem saber que John nem estava escutando.

Sua cabeça estava na noite passada e no sabor que tinha ficado em sua boca.

Um sabor que nunca sentira antes.

Mary.

A tarde estava no fim. Depois de muito esforço, Mary conseguiu sair dos festejos e se esgueirar pelos corredores inacabáveis do castelo.

Ela queria caminhar por eles sem destino, mas dessa vez tinha um.

Abriu uma larga porta e caminhou pelo corredor até neste aparecer uma pequena luz, então caminhou até ela sem pestanejar. Quando atravessou o portal de saída deu de cara com o pôr do sol mais lindo que já vira. O sol se punha sobre o mar e, naquele dia, o mar escolhera ficar tão calmo quanto às nuvens.

Mary tinha muito na mente. Muito que envolvia *John*. Mas tinha que ser sincera, nunca imaginaria que o sumo pontífice seria daquele jeito. Um senhor sábio e gentil.

Gentileza nunca fora algo fácil de achar na vida que Mary vivia.

Ela ouviu que o Papa Benício era médico e estudioso, que ele gostava de estudar como a cidade funcionava, como respirava e vivia através de cada pessoa que a compunha.

Era algo ambicioso e muito inteligente da parte dele. E algo muito perigoso também.

Suspirou fundo. Seu vestido ainda pinicava e Mary estava um tanto tonta pelo vinho. Talvez esse foi um dos motivos quais não viu John chegar até a bancada ao lado dela.

- Henrik te mostrou esse lugar.

- Antes de eu o beijá-lo.

- O que foi um erro.

- É, foi um erro. – Mary murmurou.

- O que está fazendo aqui?

- O mesmo que você. Eu não quero brigar, John. Estou cansada demais para isso.

- Eu quero te pedir um favor.

- E eu quero ir embora. – ela se virou para ele. – Me deixe ir embora.

- Não, *bruxa*. Você vai ficar comigo até o final, não importa qual seja este.

Ela fechou bem os olhos, dando dois passos para trás.

- Eu nunca quis isso! – Mary gritou para ele. – Olhe o que você fez comigo! Me transformou em uma pessoa que não sou! Me fez sentir coisas que... Ah, maldição! – ela se apoiou na bancada de pedra e tentou respirar fundo.

- O que você tem? – Ele a puxou pelo braço para que pudesse ver seu rosto.

- Meu corpete. Não consigo respirar.

John escutou o que ela disse e não pensou uma segunda vez. Puxou sua adaga do cinto.

- Se você me matar eu juro que...

Ele colocou a adaga próximo ao peito dela e cortou as amarras do corpete, e acabou cortando também um pedaço do vestido. Mary cobriu seus seios com o braço livre.

John soltou o braço dela e a puxou pela nuca para bem mais perto de seu corpo.

- O que você vai fazer?

John agarrou a parte de trás da cabeça dela, levando sua boca até a dela para um beijo forte e perfeito. Mary se debateu mais uma vez, mas agarrou os cabelos dele com força do jeito que ele fazia com os seus. Ela ouviu o som da adaga rasgando o resto do vestido e deixou seu braço cair de lado, sentindo a seda deslizar por sua pele.

- John, não... – ela implorou quando ouviu o som da adaga dele cair no chão para que pudesse tocá-la onde quisesse. Mas Mary o afastou, colocando as mãos em seu peito. – Não posso deixar que você me tenha.

Os olhos azuis dele haviam escurecido em muitos tons. Não era mais aquela cor delicada, era uma cor de desejo profundo e obscuro. Ele não entendia *porque* não. Ambos sentiam a luxúria dentro de si e John sabia que ela também queria aquele momento de prazer.

- Me deixe persuadir você – ele sussurrou, pegando o rosto dela com suas duas mãos e abaixando a cabeça para beijá-la de um jeito que a derreteu por inteira. Tudo o que Mary pôde fazer naquele momento foi fechar os olhos e compartilhar o beijo, abraçando a cintura dele enquanto ele se movimentava com força, como se ele aquele beijo fosse algo que precisasse.

Ela sentia uma necessidade naquele beijo. A pressão dos lábios dele sobre os seus, a sede que John tinha de não parar de beijá-la... Como ele fechara os olhos, de um modo quase doloroso...

Mary também se sentia assim. Ela o abraçou pela cintura o mais forte que pôde, e agora que estava nua – depois dele ter rasgado todo seu pobre vestido – podia senti-lo em cada centímetro.

As mãos dele desceram pelos ombros dela, tocando-a com seus dedos calejados de tanto brandir a espada. E a cada toque parecia dizer que queria mais.

Ele encontrou a parte baixa das costas e das nádegas dela.

As mãos dele fizeram a pele dela se arrepiar. E por mais que ela quisesse o que ele já estava preparado para dá-la, não podia.

Mary se afastou mais uma vez.

- Venha aos meus aposentos depois que o castelo dormir. – ele pediu, sabendo que ela já tinha se decidido.

- Não me peça isso.

John puxou o manto que tinha nos ombros e colocou-o sobre os dela.

- Você também deseja o mesmo que eu.

- Eu sei. – ela disse, cobrindo sua nudez com a pele de animal dele, dando um passo em direção à porta de saída.

Mas John a parou no meio do caminho.

- Diga-me. Do que é que você tem tanto medo?

- Não tenho medo de nada.

- Essa não é a verdade. Você diz que eu tenho medo de morrer sem encontrar amor,

mas e você, *bruxa*? Qual é seu medo?

Ela queria dizer para ele, queria mesmo. Mas sua boca se fechou e não abriu mais.

- Está tarde demais para eu usar seu medo contra você.

Essa era uma mentira.

- Não está, não. – falou ela, puxando a porta do túnel e entrando sem olhar pra trás.

John tinha que saber o que era tanto que Mary escondia. Ele sabia que a profecia era real, não tinha provas, apenas sabia do fundo de seu peito de cavaleiro. Mas havia algo além do que a profecia.

Ele ainda não engolia o fato de misteriosamente feridas aparecerem no peito de Mary como se ela estivesse presa em uma maldição ou algo parecido...

- Uma maldição. – Ele falou para si mesmo. Fazia sentido. Tudo o que ela dissera estava pela metade.

E se essa outra metade da história tivesse a ver com o fato de que ela iria morrer em breve?

Parecia que as peças estavam devagar se juntando e formando uma imagem completa. John estava no caminho certo, só esperava não se perder.

Ele olhou para o vulto dela já no fim do corredor.

Não importava o que ela escondia, John tinha algo no corpo que se preenchia quando ela estava perto. Talvez fosse um feitiço que ela havia feito, mas não era. Era algo bem mais concreto e carnal. Ele conseguia sentir os músculos de sua coxa pulsarem pela dor no centro de sua virilha.

Foi até onde o vestido dela estava em pedaços e abaixou para pegar sua adaga, tendo que amaciar seu membro para que ele se acalmasse.

Sabia, no fundo, que Mary não iria em seus aposentos mais tarde. Mas ia esperá-la o tempo que fosse necessário.

O dia amanheceu nublado, mas não impediu dos vários hóspedes se reunirem do lado de fora do castelo para comer e beber no desjejum. John alegou estar resolvendo questões do reino, mas ainda estava lidando com o fato de ter passado a noite inteira só, a espera de Mary que não havia ido ao seu encontro.

Depois do desjejum, que Mary tomara em seu aposento, recebeu uma carta do Papa para que fosse fazer companhia a ele em um jogo de damas.

Mary não sabia o que era, por isso ficou curiosa o bastante para se aprontar e enfrentar toda aquela gente.

Os vestidos que ela vestia era um dos mais graciosos de todas as ladys da corte, apesar de estarem um pouco atrasados. Orcadas era um reino que sempre andava um pé atrás nesse tipo de coisa. Era rico, mas pouco interessado nas novidades.

- Milady, que prazer. – O santo Papa se levantou quando ela abriu caminho por toda aquela gente. Pegou a mão dela e a beijou com afeto, depois voltou a se sentar quando Mary por sua vez se agachou para beijar o anel dele. – Jogue uma partida comigo. Uma nova regra foi introduzida e não tenho encontrado parceiros talentosos o bastante para uma partida que valha a pena. Pode me fazer a honra?

- Claro, sua graça. – ela abriu um sorriso, ignorando as ladys ao redor que faziam careta ao fato de o Papa já mal ter chegado a cidadela e já ter uma favorita.

Mary tomou um assento a frente de Benício e sorriu alegremente enquanto ele montava o tabuleiro e explicava as regras, inclusive a nova chamada *crowning*. O que significava que o jogo poderia ter uma Rainha.

Quando ele falou Rainha, Mary se segurou para não olhar para a moça que estava do lado de seu pai, o Papa, sorrindo alegremente como quem sabia que teria uma coroa sobre a cabeça em breve.

- A dama começa. – Benício falou. Mary moveu sua primeira peça, sem muitas expectativas. Seu componente moveu a dele e por um breve momento ela se perdeu no jogo. Era divertido e desafiador. Quando ela comeu duas peças opostas e conseguiu colocar a sua no extremo tabuleiro, Benício sorriu abertamente. – Até que enfim. Uma parceira a minha altura.

Mais uma frase que causou cochicho ao redor da mesa. O engraçado era que as pessoas não levavam em conta de que ela estava bem ali.

O jogo continuou, mas Benício acabou ganhando.

- Pelo esforço, minha mais estimada dama ganha essa rosa. – Ele entregou uma rosa branca para ela.

- É uma honra, sua graça.

- A honra é minha... E olha quem vem chegando. É o nosso Rei.

No mesmo instante, um servo colocou um cálice de vinho na mão de Mary. Ela deu dois goles longos.

Olhar para ele àquela distância, sabendo tudo o que eles guardavam e tudo o que compartilharam era um pouco demais para ela.

Valence parecia querer pular no pescoço dele, mas se continha. Assim como Mary se continha guardando tudo aquilo preso dentro de seu peito.

Todos os beijos que eles compartilharam deixava em Mary um gosto amargo, por saber que ele nunca seria seu de verdade.

E se John soubesse do que ela tinha medo, nunca a tocaria.

Com ajuda de seus servos, Benício se levantou e esfregou a longa barba, dando a mão para o rei.

- Devo me retirar agora. Ainda estou cansado pela viagem. Espero que perdoe esse pobre velho, meu Rei.

- Descanse, sua graça. Podemos conversar pela noite.

Benício deu dois tapinhas no ombro de John e partiu, levando consigo metade das pessoas que ali estavam.

Só com o olhar, John se virou para Mary e perguntou o que ela estava fazendo ali.

Ela apontou para o tabuleiro.

Valence cortou a conexão de olhares deles.

- Meu senhor poderia me acompanhar em um passeio pelo castelo. – ela sugeriu.

- Meus servos podem fazer isso com Milady. Passar bem.

Ele deu meia volta no corpo dela, uma massa brilhante de cabelos negros e sorrisos e se sentou na mesa do jogo.

- Sabe como jogar?

- Acabei de aprender.

- Ótimo – ele começou a juntar as peças.

- Ela vai ficar nos observando o tempo inteiro? – ela falou, se referindo à Valence.

- Ela está tentando me convencer de que será uma boa esposa e Rainha.

Mary deu um sorrisinho e moveu sua peça.

- O que foi agora?

- É que não me vejo no lugar dela.

- A de uma dama que precisa agradar seu senhor a todo custo? – Foi a vez da jogada de John.

- Eu cresci sabendo que precisava agradar a mim mesma e, em algumas ocasiões, saber quando ficar quieta.

- Essa segunda não passa de fábula.

Mary revirou os olhos. Os dois estavam falando em sussurro para que ninguém os

escutasse.

- Se você soubesse tratar uma mulher com carinho iria descobrir que sei me portar com uma dama. Quando necessário, claro.

- Vejo isso com o Papa.

- Recomendo que meu Rei faça anotações quando estiver na presença do sumo padre, então. – ela fez uma jogada e exclamou: - Virei rainha! – e riu, sem perceber a ironia naquilo. John percebeu, mas deixou para lá.

Ele estava perdendo feio. Mary já tinha quase todas as peças dele.

- Eu te esperei a noite inteira.

- Falta uma só peça. – Mary o ignorou.

Quando um servo chegou com hidromel para servir para todos, John tocou seus dedos nos dela e murmurou:

- Vou continuar esperando, Mary.

Ela tirou sua mão de perto da dele e comeu a última peça, ganhando o jogo.

- E a coroa perde. – disse ela baixo, como se ele conseguisse entender o segundo significado daquilo.

Mas, desta vez, quem não entendeu foi ele.

XV – UMA VIDENTE NA CORTE

Mary saiu da casa onde morava Lorain e a mãe, e imediatamente se sentiu um lixo em pessoa.

O castelo parecia um céu comparado àquele lugar. Elas viviam em uma cabana com telhado de palha, o ambiente era iluminado por velas velhas que Prudenza podia trazer do castelo para casa. Não havia uma só janela para trazer ar fresco para dentro. E Lorain estava muito doente.

- Estou liberando você dos seus afazeres, Prudenza. Quando Lorain estiver melhor pode voltar a trabalhar no castelo.

- Mas Milady, como vou manter minha casa? Não tenho marido, ele se foi há muitos anos. Só sou eu e minha pobre filha.

- Pegue isso. – Mary colocou duas moedas de ouro na mão dela. – Deve ser o bastante. Eu vou voltar com um remédio feito de ervas, mas até lá limpe as feridas na pele dela com água morna, está bem?

Prudenza balançou a cabeça.

A vila de funcionários estava toda olhando para a lady na frente da casa de Prudenza. Ninguém acreditava que alguém da corte poderia ir até ali, mesmo sendo a vila dez minutos de caminhada do castelo.

Ali perto alguns cortesãos vendiam tecidos baratos e carne duvidosa, em uma versão minúscula do mercado principal da cidadela. Era o que mantinha aqueles pobres vivos, o que colocava comida na mesa.

- Tome cuidado na volta, Milady. – Prudenza implorou, olhando o guarda real ajudar Mary a subir em cima de um cavalo.

- Vou ter. – Ela esporou o cavalo e este saiu cavalgando rápido, em direção a ponte que separava os mortais da grande fortaleza do castelo.

O cabelo trançado de Mary voava sobre suas costas e a seda de seu vestido era indomável àquele vento frio. Quando ela e dois guardas – que a acompanharam – chegaram ao portão elevadiço, alguém deu um grito e as manivelas foram acionadas, abrindo então a entrada para a fortaleza.

Mary desceu no pátio e entregou as rédeas para um rapaz a espera.

Dali podia ver a torre em que ficava o quarto de John. E da pequena janela que havia lá, viu que o rei tinha os olhos curiosos para onde ela estava.

Mary não deu importância. Seguiu direto para o jardim, atravessando as portas que davam até ele.

As cozinheiras que vinham até ali para colher as verduras se agacharam quando ela entrou.

Mary pegou algumas ervas que sabia que se combinadas do jeito certo iriam fazer com que Lorain ficasse saudável. Ela já estava de saída, com as ervas nas mãos, mas não esperava Valence a esperando.

- Milady. – ela se curvou diante Mary. – É uma honra conhecer a prima do Rei.

- Não seja tão bajuladora.

Mary passou por ela, sem esperar resposta. Mas a garota foi atrás.

- Eu gostaria de pedir de Milady um favor. Não é nada demais.

Mary suspirou e parou para ouvir o que Valence queria. Os cabelos dela eram tão apertados na trança e em um véu que o escondia que Mary conseguia compartilhar a dor de cabeça que ela deveria ter todos os dias.

Valence passou um momento olhando Mary, analisando-a, na verdade. Mary era um pouco mais baixa que ela, mas Valence era bem mais magra, quase não tinha seios e quadris. E as duas tinham a mesma idade. A idade de matrimônio.

- Eu queria pedir para Milady trocar de acomodações comigo.

Mary sorriu.

- Perdoe-me. Como? Tem algo errado com seu cômodo, Milady?

- Não. Está tudo em perfeita ordem. Mas eu gostaria de ficar mais perto do nosso Rei, já que... Milady sabe. Sou sua prometida.

- Não. – Mary respondeu.

O rosto de Valence se transformou quando ouviu a negação de Mary.

- Você é apenas uma prima do Rei. Eu serei sua esposa. Eu serei a Rainha. – ela falou com ameaça no rosto.

Mary escondeu, mas a verdade é que aquilo a machucou profundamente.

- Até lá, você é apenas uma convidada real. Saiba seu lugar.

- Mas...

- Milady já pensou em pedir pessoalmente para o Rei? Eu gostaria ouvir suas ameaças para ele.

Mary se virou e fingiu não escutar o que ela dizia atrás de si.

Chegou em seu quarto e tentou não desabar em desespero. Por dentro ela estava de cabeça para baixo.

Engoliu o amargor na garganta depois de escutar a ameaça de Valence e abriu um baú com utensílios que tinha começado a guardar, sabendo que seriam úteis no futuro.

Sentou no chão e fechou os olhos. Sussurrou algumas palavras antigas e em um piscar de olhos a tranca da porta do quarto se fechou e a janela de vidro foi coberta por um lençol grosso de pele que ficou suspenso no ar enquanto ela se concentrava para fazer o que iria fazer.

Pegou as ervas e as colocou em um pote. A cada segundo usando magia ela se sentia mais e mais cansada.

Água cristalina surgiu do fundo do pote, afundando as ervas e transbordando. Mary se concentrou mais e juntou suas mãos. A água ficou verde e as ervas se dissolveram. A porção começou a borbulhar e vapor a subir. Em poucos segundos, no pote, só restou uma porção verde escura, o bastante para um gole apenas.

Quando Mary começou a desfazer a magia da porção, algo a manteve presa onde estava. Era como se uma prisão invisível a estivesse impedindo de terminar a magia... Foi quando Mary percebeu que não estava sozinha no quarto. Que não era um “o que” que a estava prendendo; e sim, “alguém”.

Presa naquela bolha de poder, que fazia com que ela ficasse sem ar, Mary se ergueu, andando de olhos fechados pelo quarto. Uma força vinha de perto da lareira, ela seguiu até lá. No momento em que se aproximou, uma vela explodiu e depois outra e outra. O quarto ficou um breu. A manta de pele na janela voou por todo o canto e caiu longe, e mesmo assim, o quarto ainda estava escuro. Algo bloqueava o sol de entrar ali dentro.

Com um alívio, a bolha que a prendia evaporou no ar e Mary se sentiu livre. Ela respirou bem fundo e abriu os olhos.

- Mary... – Uma mulher chamava seu nome. Mas não havia ninguém ali.

Assim que Mary abriu os olhos, viu que apenas uma vela tinha ficado acesa e ela estava em sua frente.

Sentindo que era o que devia fazer, Mary assoprou e a apagou. Só para em seguida ouvir um *crack*. A lareira se moveu, abrindo mais um túnel secreto no castelo.

Mary pegou a vela apagada e entrou no túnel. Seguiu até um hall alguns metros depois.

Ela passou a mão na vela e o fogo acendeu, iluminando aquele lugar sombrio.

O hall era circular e um tanto apertado. As pedras ao redor brilhavam na presença da vela fraca de Mary. No chão havia dezenas de baús, e alguns deles estavam abertos. Ouro transbordava.

Mary duvidava que John soubesse daquela sala de riquezas.

Uma mesa no centro do local estava cercada por teias de aranhas. Mary foi até lá, guardando a chama de sua vela com a palma da mão. Havia centenas de documentos e um grosso livro, mas o que mais chamou a atenção foi a assinatura que estava nesses documentos.

Elizabeth I de Orcadas, mãe de John Bran, herdeiro real do trono. Rainha-mãe em exercício de poder.

Aquela era uma mesa secreta da mãe de John. E por tudo o que tinha acontecido ali, Mary estava sentindo que era não tinha sido apenas uma rainha revolucionária para o Reino.

Mary suspirou fundo e abriu o grande livro sobre a mesa. Seu coração enlouqueceu quando ela leu o que estava escrito.

A mãe de John havia sido uma vidente.

- Precisamos conversar.

John se virou e olhou bem no rosto dela.

- Essa não é uma boa hora, *bruxa*.

- Pare de me chamar de bruxa.

Ele afastou a cadeira em que estava sentado e se ergueu.

- Estou imergido em problemas, seja breve.

- Não poderei ser breve. Eu preciso te mostrar algo.

- Feche a porta. – ele pediu, vendo pelo rosto dela que era sério. Mary continuou parada onde estava. – O que está esperando?

- O que eu preciso te mostrar está no meu quarto... não, no antigo quarto de sua mãe.

- Eu não posso entrar no seu aposento.

- John, você precisa ver.

Ele bufou e concordou. Pegou-a pelo braço, trazendo-a para dentro de vez e trancando a porta.

- Alguém te viu vindo até aqui?

- Não.

Ele balançou a cabeça e pegou um candelabro. No aposento dele havia um enorme mapa de Orcadas feito a mão. Tinha uns dois metros. Mary nunca o havia percebido porque ficava em uma parte escondida por uma cortina grossa, longe da claridade da pequena janela ou da lareira.

- Orcadas é bonito, entendi, mas eu realmente...

- Você pode ficar quieta por um instante?

Mary ergueu a mão como quem se rende.

Ele chegou até o mapa e tateou a moldura até achar alguma coisa entre a parede e a lona do mapa. Ele puxou e o quadro se soltou, surgindo por entre a parede uma entrada para mais um túnel.

- Quantos túneis tem nesse castelo?

- Incontáveis, acredite em mim. Venha.

- Você sabe todos eles?

- Fiz um mapa quando criança.

- E onde está? Eu preciso de um exemplar.

- Está aqui, Mary. – ele bateu com o indicador na cabeça.

Ela deu um sorriso de deboche.

- E onde, exatamente, esse túnel está nos levando?

John parou e iluminou uma parede de pedra a sua frente com a vela.

- Não tem fim...

- Segure isso. – ele deu o candelabro a ela e forçou a parede com seu antebraço. A parede se moveu e um segundo depois eles estavam no aposento de Mary.

- Como? – Mary devolveu a ele a vela.

- É uma longa história.

- Por favor, conte-a. O que tenho para te mostrar pode esperar, afinal, não vai a lugar algum.

John deu as costas para ela e apagou a vela, deixando o candelabro de ouro sobre a mesinha onde Mary se sentava enquanto Prudenza trançava seus cabelos.

- O Rei antes de mim...

- Por que não o chama de *pai*?

Ele voltou o olhar para ela.

- Certo. Meu *pai* construiu esse túnel com as próprias mãos. Minha mãe e ele tinham uma relação que era considerada inadequada... – John parou um momento antes de terminar a

frase: - Eles se amavam. É costume que a união seja apenas para fins de concepção e harmonia, às vezes, união entre outros reinos, como foi o caso da união deles. Mas eles se apaixonaram. Meu pai construiu o túnel para que ficassem juntos durante a noite. Minha entrada nessa ala do castelo foi proibida até assumir o trono, mas já desconfiava de uma passagem entre os aposentos.

- Como eles criaram você e Henrik?

- Eu fui embora do castelo para meu treinamento muito cedo, não os conheci direito. Depois da morte do Rei, a Rainha-mãe se fechou para mim e meu irmão. Éramos desconhecidos.

- Isso é muito triste, John. – Mary sentiu compaixão por ele.

Ela passou a mão no braço dele, querendo confortá-lo. Mas o Rei não era homem que se confortava. Enquanto ele falava tudo aquilo, sua expressão era indiferente.

- Sua vida não deve ter sido muito diferente. – John pegou a mão dela, afastando-a de si.

- Eu era filha de milheiros, essa era a diferença.

John puxou a palma dela para cima, vendo se havia algum calo ou cicatriz.

- Minhas marcas não estão na pele – disse ela, puxando a mão. – Eles foram bons, mas sofri muito pelo fato de ser... bem, uma bruxa. Então... – ela pigarreou, mudando de assunto. – De onde a Rainha-mãe veio? Onde ela nasceu?

- França – John franziu o cenho. – Um dos motivos porque temos boas amizades por lá.

- Certo. Qual a palavra em francês para “apareça”?

John tinha um bom domínio na língua, até porque era a língua fundamental para qualquer um da corte.

- *Apparaître*.

- Fecha seus olhos – ela pediu entusiasmada, com um sorriso no rosto, pegando a mão dele e o levando até a frente da lareira.

- Não.

- Tudo bem – ela suspirou. – Veja isso...

Mary falou a palavra mais uma vez, de um modo suave, e a lareira estremeceu, se abrindo mais uma vez.

John ficou agitado.

- O que você fez?!

- Eu? – Mary tinha maior satisfação em falar aquilo. – Eu não fiz absolutamente nada.

Os dois entraram no túnel até chegarem ao hall circular. Dezenas de velas queimavam lá dentro. Mary havia passado algumas horas olhando e lendo tudo o que encontrava.

John foi diretamente até a mesa.

- Não. – ele exclamou.

Mary chegou por trás do corpo dele e viu o que ele estava lendo.

- Não sou a única pessoa com poderes que viveu nesse aposento, John.

Mas ele não precisava de explicação, porque já tinha entendido tudo. Mesmo assim, Mary quis soletrar para que ele compreendesse claramente:

- A Rainha-mãe era uma vidente.

XVI – A REDENÇÃO DO REI E DA BRUXA

As chamas da lareira aquecia o ambiente – depois de ser colocada no lugar. Já era muito tarde da noite e John não parava de folhear aquele livro imenso de sua mãe.

- Só aceite, John. – Mary falou com sarcasmo, gostando do desespero dele. Ela havia pedido ao servo para trazer vinho e comida há pouco. Bebeu um gole generoso da bebida que John havia introduzido a ela, o *prunellé*, e comeu um gomo de romã. Sobre a bandeja de prata, em cima da cama, havia romãs, uvas e morangos que haviam vindo junto com a comitiva do papa. Algumas amêndoas e pedaços grossos de pão molhados na cerveja.

- Por que não me procurou antes?!

- Eu estava preenchendo minha própria curiosidade.

- Então, você leu isso! – ele mostrou uma página do livro para ela. Nela estava escrito que um de seus filhos – Elizabeth escrevera – não teria herdeiros. Abaixo, ela complementava pedindo aos céus que este fosse Henrik.

- Inferno! – ele arremessou o livro e este arrebentou-se na parede, caindo no chão sem cerimônia. – Toda essa insanidade de profecia é inútil! – John explodiu em raiva.

Ele jogou a bandeja de prata com as frutas no chão também.

- Eu ia comer isso! – ela disse, tranquila, sentada na cama.

- Você vir aqui foi inútil! – Ele rosnou.

- Concordo. – Mary se levantou da cama e começou a pegar as frutas do chão, colocando-as na bandeja novamente.

Ela olhou no canto de olho quando ele fechou o rosto com as mãos e sentou no canto da cama. Mary bufou. Vê-lo daquele jeito, irado e raivoso por algo fora de seu alcance era doloroso.

- O que ela escreveu não é necessariamente o que vai acontecer. – Foi até ele.

- Você não sabe disso. – John ergueu seus olhos para Mary, sério.

- Mas eu sei. Eu te disse que tive uma visão da futura rainha grávida...

- Mas ela morria.

- Exato. Podemos mudar isso, ainda dá tempo.

- Espere. Mas não havia sido uma vidente que te dissera isso?

Mary fechou os olhos e sentou do lado dele.

- É muito complicado. Mas sim, ela me falou sobre. E depois, *eu* acabei tendo a visão, a qual não foi fácil porque senti todas as dores que a rainha sentiu... É só você não casar com alguém que ame. Enquanto não fizer isso, tudo vai dar certo.

- Não me fale sobre matrimônio. Algo sobre me enlaçar com uma lady pelo resto dos meus dias... – John estremeceu.

Mary sabia que ele não estremeceu daquele jeito em campos de batalhas. Ela colocou a mão na coxa dele.

- Você ainda vai ter as amantes.

- Falando sobre elas... – Ele encarou bem o rosto de Mary. – O Duque de Lavandor estará aqui pela noite para presentear o Papa Benício.

- E? – ela franziu o cenho.

- E espera que eu oficialize a união de vocês dois.

Mary deu um pulo da cama, respirando com dificuldade. Seu vestido azul de seda roçava no chão de pedra enquanto ela começou a andar de um lado para o outro, evidentemente contrariada. Ela foi até sua mesa e se olhou no espelho. Começou a desfazer sua longa trança, para disfarçar que estava trêmula.

Como ela iria sair daquela situação?

Ela tinha duas opções. Ou matava o Duque ou esganava o Rei. John estava mais perto...

- Argh! – ela empurrou a mesa com força, fazendo-a balançar. Seu longo cabelo se soltou da trança, se movendo em lindas ondas douradas por sobre sua face. – John, dê um jeito nisso.

- Eu já dei a ele minha palavra. – Ele se levantou da cama.

- Junto com o comentário que “talvez eu não fosse pura”? Você é um monstro! – Mary bateu no peito dele.

O surto de raiva passou dele para ela. Mas convenhamos, a situação dos dois era parecida, entretanto, quem havia insistido naquela idiotice havia sido John. Mary apenas o alertara e dera um passo para trás.

- Eu ainda te odeio por ter parado lá e não ter feito nada enquanto ele enfiava a mão debaixo do meu vestido!

- Não há nada que eu possa fazer!

- Você é o maldito Rei! Como não pode fazer alguma coisa?

O peito de John se elevou quando ele respirou fundo. O olhar que os dois trocaram estava soltando faíscas.

- Vou pensar em algo.
- Pense rápido. Porque senão eu mesma o mato.

Ele não duvidava dela. Havia visto o que Mary podia fazer quando com ódio.

Ela se afastou dele, porque a proximidade estava demais. Os nervos estavam muito aflorados e ela não sabia se o esganava ou o beijava. John estava sentindo o mesmo.

- Por que você fez isso, John? Eu não entendo.
- Você tinha que estar prometida a alguém.
- Pra satisfazer o desejo da corte ou o *seu*?
- Você quer a verdade?

Mary ficou em silêncio. John estava a um passo de si, alto e forte, exibindo aquele rosto severo e perigoso. O cabelo dele roçava nos ombros, seu rosto era lindo demais à luz daquelas velas. A boca dele, convidativa, se fechou em uma linha reta antes dele dizer de uma vez:

- Porque eu achei que assim iria parar de querer você.
- Pare com isso. Você não me *quer*, você quer me usar. É diferente.
- Não. – John a pegou pela cintura, por trás, cheirando o topo da cabeça dela. – Você diz não ter me enfeitiçado, mas essa é a única explicação para eu ter seu rosto em minha mente o dia inteiro.

Dessa vez, Mary não se debateu, aceitou o abraço dele.

- E no fim do dia, a única coisa que mais desejo é te ter nua debaixo de mim, a noite inteira.

Mary sentiu um arrepio subir de suas partes até sua boca, deixando-a seca.

- O que você quer, Mary? Para me dar essa noite, só uma única noite?
- Eu já te disse – sussurrou para ele.
- Não posso te deixar ir agora. – A mão dele passeou pela barriga dela. John encontrou o cordão do corpete dela e os puxou, livrando-a do aperto e a causando arrepios e sensações incríveis na pele. – A paz que você quer deve ser em resposta a minha. É assim que tudo funciona.

- Eu só... – Ela ficou sem palavras quando John conseguiu tirar todo seu corpete, rasgando-o um pouco pela pressa que tinha.

A boca dele encontrou o ombro dela quando puxou o vestido para baixo.

- Você só quer prazer.
- Errado, eu quero o que você me der. – John a puxou e virou o corpo dela para poder

ver o que tinha feito na frente do vestido. Estava quase lá. O vestido já havia descido muito, exibindo a saliência dos seios firmes e redondos dela de uma forma quase completa.

Mary não tinha como argumentar mais. Estava na mesma sintonia que ele.

John puxou o restante do vestido, Mary controlou a necessidade de se cobrir. Da cintura para cima estava completamente nua aos olhos famintos dele.

Ele já havia visto Mary nua, mas aquele momento era diferente. Completamente diferente.

John abaixou o rosto e roçou seus lábios nos dela, deixando-a de boca aberta esperando por um beijo que não veio. Ele estava atormentando-a e fazendo com que ela pedisse dessa vez... Não, implorasse.

Ele beijou o queixo e o rosto dela, descendo para o pescoço e sentindo a reciprocidade do desejo. John teve que se curvar para beijar e lambe o pescoço dela, descendo mais e mais.

Quando ele finalmente chegou aos seios, demorou-se beijando ao redor da aureola ao invés de rapidamente ir para o que interessava.

Mas quando colocou o mamilo dela dentro da boca, as sensações que Mary estava sentindo pareceram explodir em harmonia. Ela abraçou o pescoço dele e puxou seus cabelos enquanto ele chupava seu mamilo com vontade.

Mary gemia baixinho, como uma gata manhosa. John gostou daqueles sons.

Ele passou sua língua ao redor do mamilo bem tentadoramente, passando seus dentes com cuidado para não machucá-la, mas causar uma pressão perfeita para ela sentir prazer na dor. John pegou o outro seio com a mão e começou a brincar com o mamilo com seu polegar.

Mary estava tão imersa em seu prazer que não viu quando ele ergueu o rosto e procurou sua boca para um beijo. Surpresa, o recebeu, puxando-o pela nuca e cabelos, para seus lábios que arfavam de prazer com o que ele continuava a fazer com a mão.

John sabia muito bem o que fazer. Ele conhecia de mulheres. Mas as respostas que Mary dava em reação ao prazer eram tão satisfatórias quanto nunca antes.

O beijo era prazeroso e fervente. A tensão, a vontade e a luxúria eram gritantes. Mary o puxava para si com intenção de nunca mais deixá-lo sair de seus braços, e o braço que John tinha ao redor dela era uma clara demonstração de possessão.

Eles se afastaram sem fôlego, Mary um pouco desnorteada. John ainda tinha sua mão no seio dela, brincando com o mamilo.

Sem que ele falasse algo, Mary puxou as amarras de frente da camisa branca dele, puxando-a para fora da calça. John a ajudou a tirar essa camisa.

Ela ficou na ponta dos dedos para beijá-lo no queixo e fazer o mesmo trajeto que a pouco ele fizera. As mãos dela encontraram o torso dele e se surpreenderam. Ele era incrivelmente forte. Seu peito era largo e grande, coberto por uma camada sensual de pelos.

Mary já estava sentindo há tempos a ereção dele entre os panos do vestido que ainda estava preso em sua cintura. Se bem que não tinha como esconder o que ele possuía na virilha, era alarmantemente grande.

- Nós podemos fazer isso aqui ou ir para cama. – John falou, roubando um beijo dela e a deixando corada.

- Cama.

- Foi o que eu pensei. – Ele a pegou no colo e Mary soltou um gritinho. A deitou na cama logo em seguida, observando o cabelo loiro dela se emoldurar ao redor de seu lindo rosto. Mais uma vez, John teve que jogar a bandeja de frutas no chão.

Ele colocou o mamilo rosado dela na boca novamente, deixando-o avermelhado pela sucção. A pele dela, e ele já sabia, era doce com aroma de rosas. Era algo novo para ele.

Mary afundou seus dedos nas costas de John e não conseguiu pensar mais em nada. Só aquela boca naquela parte tão sensível... E começou a imaginar em outros lugares. Sentiu uma das mãos de John procurar a barra de seu vestido.

Ele puxou a saia com força, fazendo com que deslizasse dos quadris dela, deixando-a completamente nua.

Mary, deitada e enfeitiçada pela tensão entre eles, olhou-o nos olhos por um longo segundo.

Ele abaixou suas calças em seguida seu membro pulou duro para fora, apontando para o teto.

A apreciação de tocá-la e de tê-la em suas mãos era única. John abaixou a cabeça, beijando-a mais uma vez, alisando os quadris dela de um modo tentador e sensual.

Agora, Mary sabia porque aquilo era proibido. Era o céu na terra. Nas mãos de um homem. Mas não qualquer homem.

John se afastou um pouco, voltando a capturar os mamilos com os dentes, encontrando a umidade dela com os dedos. A pele dela era macia, não tinha pelos. John gostou do que sentiu. Ele a beijou no centro dos seios e depois em seu ventre.

Mary agarrou os cabelos dele, olhando para baixo para ver o que ele iria fazer. Seu coração estava acelerado demais, seu corpo inquieto e seus nervos entrando em colapso.

John passou o polegar pelos lábios do sexo dela, esfregando bem devagarzinho para ela

sentir a fricção de pele com pele. Ele melou todo o seu dedo com a umidade dela, fazendo-a fechar os olhos e arquear as costas na cama.

E quando se posicionou no meio das pernas abertas dela e ergueu seus joelhos, foi aí que Mary se perdeu de vez.

John substituiu seu polegar pela boca, passando a língua de cima a baixo no sexo dela.

Mary deu um gritinho agudo de prazer e de repente todas as velas se apagaram ao mesmo tempo e a lareira se transformou em brasas na lenha. A única luz do quarto naquele momento se tornou a da janela de vidro, que vinha da noite.

A boca de John era como veludo, tocando e chupando cada tecido sensível e terminação nervosa que ela tinha.

Mary apertou suas mãos nos cabelos dele e John emitiu um rosnado grave de prazer e dor, atacando com mais força o sexo dela com a língua. Mary já estava toda trêmula e sem controle do corpo quando sentiu uma onda de prazer invadir seu corpo de baixo para cima. Foi como se por alguns segundos ela tivesse encontrado a paz que tanto queria.

- O que é isso? – perguntou com a garganta seca e a voz trêmula, ainda sentindo seu corpo pulsar de prazer. John se ergueu sobre ela e a beijou no pescoço, depois no queixo e nos lábios secos.

- Isso é o prazer de verdade.

Ela abraçou o pescoço dele, umedeceu os lábios com a língua, e sussurrou:

- Eu quero dar isso a você.

- E vai. – murmurou com voz rouca, pegando-a pelo lado direito do rosto e encostando sua testa na de lá.

Ela não soube porque ele fizera aquilo, mas no fundo conseguia entender.

Mary, pela primeira vez, ergueu seu rosto e procurou a boca dele para um beijo quente. Ela o puxou pelos dois lados do rosto querendo que ele se aprofundasse mais e mais no vale de tentações que os dois estavam rapidamente descobrindo.

Aquela não seria *apenas* uma noite. Mary não queria que fosse.

Ela desceu sua mão para encontrar o membro rijo dele no meio das pernas. Ele era duro como rocha e tinha uma sensação maravilhosa nas mãos.

John encontrou a mão dela em seu membro, tocando-o com delicadeza. Rangia os dentes porque a mão dela era suave e morna.

Ele encaminhou seu membro até a entrada molhada dela, roçando a cabeça nos lábios até que ela fechasse os olhos mais uma vez em intenso prazer. Mary estava sentindo um vazio

incomum. Era como se o que John fizesse a seguir a completasse de um jeito que jamais seria completada por outro homem.

John colocou seu membro na fenda dela, forçando a entrada. Bem devagar, sem pressa.

- Eu nunca... – ele resmungou, afundando sua cabeça no ombro dela. – Ah.

Os músculos do torso e das coxas dele estavam tensos, a um ponto de explodir. Ele continuava forçando a entrada no sexo dela, seu membro era grande, ele sabia disso, mas Mary era apertada demais. Ela estava escorregadia por dentro e intensamente quente.

Mary afundou suas unhas nas nádegas dele, sentindo prazer, mas uma dor forte. Ela teve que morder o lábio inferior para não gritar. John gemia preso em seu colo. Quando ele conseguiu entrar completamente dentro dela, Mary soltou um suspiro doloroso. Seu peito tremeu e John ouviu as batidas descoordenadas do coração dela.

- Você está bem? – ele sussurrou ao seu ouvido, querendo conseguir captar os lindos olhos azuis profundos que ela tinha e que tinha perseguido-o por tantos sonhos.

- Sim – ela abriu um sorriso. Isso ele conseguiu ver apesar da pouca luz.

John se movimentou dentro dela, voltando e indo até o fundo mais uma vez.

Mary agora não sentia mais dor, apenas prazer.

- Mais forte – pediu a ele, arfando.

Ele fez o que ela pediu e começou a se movimentar com força, indo e voltando, remexendo o quadril para alcançar qualquer e todo o espaço que ela ainda tinha restante. Enquanto os quadris de John e seu membro faziam Mary suar de dentro para fora, sua boca a fazia temer pela sanidade.

Quando Mary começou a sentir aquela onda se formar em seu âmago mais uma vez, John acelerou os movimentos, se colocando dentro dela com mais força e sede. As investidas dele eram como os beijos, quentes e famintos.

Ela se perdeu naquela paz mais uma vez, e dessa vez foi bem mais demorado. E não conseguiu evitar gritar alto. John mergulhou sua língua na boca dela, capturando o grito e abafando seu rugido grave também de prazer.

Mary sentiu um líquido quente dentro de si e os movimentos do membro, ainda rijo de John, fez com que esse líquido se espalhasse para fora.

Ele não queria admitir, mas aquele ápice havia sido o mais verdadeiro e intenso que tivera na vida.

E ainda assim, não tinha perdido a disposição. Seu membro continuava ereto dentro dela, se movendo com mais calma e suavidade.

- Me beije – Mary pediu, tocando as costas dele com carinho, enlaçando os dedos nos cabelos dele.

John nunca havia obedecido a uma mulher na vida, mas só de ouvir a voz de Mary, seu corpo e alma se renderam.

Ele a continuou beijando por vários minutos, talvez por uma ou duas horas, ambos perderam a noção do tempo. Mary só sabia que seus lábios já estavam doloridos e inchados, sua pele estava vermelha de tanto beijos que ele já havia dado e, mesmo assim, não queria que parasse.

John continuava a fazer amor com ela mesmo já se sentindo cansado.

Quando ele a parava de beijar por um segundo, era ela quem o beijava.

Mary o beijou em todos os lugares que pôde, deixando a marca de suas unhas nas costas e nas nádegas firmes dele.

Já John queria, inconscientemente, que Mary nunca mais pudesse sentir prazer sem o seu toque. Era egoísta da parte dele, mas não sabia disso. Ele só não queria que ela fosse para outros braços senão os seus.

Quando um último ápice chegou aos dois, eles pararam um pequeno instante só para respirar. John embalou Mary em seu corpo, fazendo-a colocar a cabeça sobre seu peito. Os dois estavam suados, mas realizados. Mary não conseguia levantar um dedo de tão cansada e maravilhada de prazer que estava.

- Estou faminta – comentou ela, beijando o pescoço dele.

- O dia já está amanhecendo. – John disse, olhando o céu negro começar a ter tons claros.

O coração de Mary bateu forte porque se a claridade chegasse, John iria ver...

- Meu Rei! – Alguém lançou um grito, batendo em uma porta distante.

- Acho que seja em seus aposentos, John.

Ele passou a mão no rosto, exausto.

- Meu Rei! – A pessoa gritou mais uma vez.

Dali do quarto de Mary dava para se escutar muita coisa que acontecia nos corredores daquele andar e se ela prendesse a respiração, podia ouvir até as conversas no quarto de John.

- Vá. – ela sentenciou, se erguendo e se sentando na cama.

John encarou o rosto dela por um momento e cedeu, ouvindo que mais pessoas estavam chegando a frente da porta de seus aposentos.

- Eu voltarei. – Ele desceu da cama, pegando sua calça e a vestindo rapidamente. Não

conseguiu encontrar a camisa então deixou de mão.

Antes dele puxar a parede que dava acesso ao túnel que o trouxera ali, lançou um olhar para Mary.

- Traga desjejum – disse ela, despreocupada.

Aquele era o momento perfeito para John abrir um sorriso, mas nem assim ele o fez. Entrou no túnel, puxou a parede de pedras e sumiu, aparecendo em seu quarto.

Mary pulou da cama e acendeu as velas e a lareira. Com a claridade, uma pequena mancha vermelha sobre o colchão se sobressaiu.

Sua mãe havia falado sobre isso. Quando uma mulher perdia sua pureza, ela sangrava, como demonstração de sacrifício, para agradar ao seu marido e a Deus.

Ela puxou a manta manchada e a jogou na lareira, que queimou e tornou em cinzas a prova de que o Rei havia tirado algo dela que nunca teria de volta. E se John queria acreditar que ela não era pura, iria continuar acreditando.

Mary sentou a frente da lareira, com uma manta de pele de urso cobrindo seu corpo, enquanto olhava a prova de sua virgindade ser destruída para sempre.

XVII – UMA CAIXA DE MANJAR

- O que aconteceu? – John abriu a porta para dar de cara com seu mensageiro pessoal.

- O Papa, meu senhor. – O pobre homem fez uma mesura rápida. O resto da corte estava atrás dele. – O Papa está tendo um ataque do coração.

- Deus – John exclamou, pegando sua manta real e jogando por cima da camisa que havia acabado de vestir e que estava, para os parâmetros das ladys, indecente. Ele deu um nó no cordão, correndo para o aposento de Benício.

- O Rei! – O mensageiro gritou e as pessoas que se acotovelavam a frente da grande porta de madeira do quarto se afastaram, agachando-se para ele em respeito. Até Valence estava do lado de fora.

- Meu Rei – ela exclamou, com lágrimas nos olhos. – Peça para meu pai permitir que eu entre.

- Acalme-se, Milady. – John falou rápido, abrindo e fechando a porta atrás de si ao entrar no cômodo.

Aquele aposento era o segundo maior do andar. Só era menor que o de Mary, até o seu era menor que aquele. Este cômodo era exclusivo para visitas ilustres, como um Rei ou o pontífice. Era parecido com o de John, rodeado pelas grossas paredes de pedra, mas neste havia mais de uma janela, com várias frestas estratégicas para posicionamento de arqueiros. As tapeçarias com fios de ouro davam graça ao lugar, e um enorme lustre com velas iluminava Benício deitado na cama.

- Estou bem, meu rapaz – O Papa disse a ele, se ajeitando na cama enquanto seu médico particular verificava se estava tudo bem. – Foi só uma pontada nesse velho coração. Já estou melhor.

- Sua graça – John foi até ele e beijou sua mão. – Eu jamais deixaria o senhor morrer em meu castelo.

- Isso é muito gentil de sua parte. – Benício disse, fazendo uma expressão estranha, sentindo um aroma familiar vindo do corpo dele. – Você pode ir.

O homem ao lado deles se agachou e saiu do quarto. Benício tentou ficar apresentável. Ele usava um tipo de touca na cabeça e uma longa túnica branca.

Coçou sua longa barba olhando fixamente para John.

- Você parece cansado, meu Rei.

John pigarreou, se levantando da cama e se apoiando no dossel.

- Passei a noite em claro, sua graça. Muito trabalho a fazer.

- Que passou a noite em claro não tenho dúvidas, mas quando a outra parte... – Benício apertou os olhos, querendo tirar alguma reação de John. – Olhe, meu rapaz. Eu já sou velho demais, mas sei o que jovens de hoje fazem, até porque já fiz também. Entretanto, há algo *mais* nessa sua noite em claro.

- Fico feliz que está tudo bem com sua graça – John abaixou a cabeça, se despedindo para ir embora. Assim que virou as costas, ouviu Benício falar:

- Ela estava com você, não estava?

John fechou os olhos, se amaldiçoando por dentro.

- Mary. O perfume dela está em sua pele. Um leve aroma de rosas vermelhas. – Benício aguardou, mas John ficou em silêncio. – Ela não é sua prima.

Quando falou isso, John se virou de uma vez. Por mais que o olhar dele fosse ameaçador, Benício não se abalou por um só segundo.

- Você sabia que eu já tinha vindo em Orcadas antes?

- Não.

- Bem, eu fui o médico que ajudou sua mãe a dar a luz a você. Nós éramos amigos. Ela não tinha outros parentes, além do pai tirano. Nem para o norte nem para o sul. E é por isso que eu lhe pergunto: Se Mary não é sua prima, quem ela é? Uma amante que você acolheu com honra em seu castelo? Porque isso não faz sentido algum.

- O que ela é se tornou é difícil de explicar.

- Certo. Aceito não ter explicações. Mas minha presença no seu reino tem um motivo bem claro.

- Vou manter minha promessa.

- Não, John. Você ainda não prometeu nada a mim ou a minha filha. Eu te darei uma semana para pensar. E não lhe julgarei se escolher ficar com a mulher que já tem nos braços. – Benício ajeitou sua manta sobre o colo. – A paixão é uma herança de sua família. Vem desde seus avós e hoje repousam com Henrik.

Paixão? John não tinha pensando naquilo até o momento em que ele falou.

- Eu sou o Rei.

- E isso faz diferença? E isso quer dizer que você não pode ser feliz?

John respirou fundo.

- Vou fazer sua filha feliz, sua graça. Já está decidido.

- Pegue essa semana para você. Pense no que lhe falei.

Mas não havia nada para pensar. John não estava apaixonado e ele não queria ficar com Mary... Ou será que queria?

- Volte para os braços dela. – Benício falou baixo. – Preciso descansar agora.

- Claro, sua graça.

Benício colocou a cabeça nos travesseiros no momento em que John saiu do quarto. Valence correu atrás dele, mas John a dispensou com movimento ríspido de mão, deixando-a parada no corredor com suas damas a tira colo.

Aquilo não havia sido uma conversa, havia sido um conselho amigo.

Ele trancou o aposento atrás de si, considerando muito bem seus próximos passos. O Papa já sabia que Mary não era da família real e que havia passado a noite com ele. Para o *outro* segredo ser descoberto, faltava muito pouco.

Os servos haviam levado, na ausência dele, uma bandeja com desjejum. O sol nascia por sobre a baía rapidamente. O quarto já não precisava das chamas acessas das velas.

John pegou a bandeja e abriu a porta do mapa, seguindo até o quarto de Mary. Assim que entrou, colocou a bandeja em uma mesa central. Ele olhou para a cama e ficou alguns minutos observando os nuances do quente toque do sol na pele nua dela, que dormia de bruços.

Ele passou a mão nas coxas e nas nádegas dela, subindo pela cintura, tocando-a carinhosamente nos seios e nos mamilos.

Mary sentiu um arrepio leve e se espreguiçou, sem abrir os olhos. John deitou ao seu lado e afastou os longos cabelos dela da face.

Era pecado ele querer ficar ali olhando para ela por toda eternidade?

Ela abriu os olhos devagar, entendendo lentamente quem estava a sua frente. Ele esperou que ela o visse e ergueu seu queixo com o polegar, beijando-a sem pressa, roçando seus lábios nos dela, fazendo-a abraçar seus ombros para o beijo ser mais gostoso do que já era.

- Eu tenho que ir de novo. – John mentiu. Passou a mão nos cabelos bagunçados dela. – Preciso trabalhar em uns documentos.

- Pode ir. – A voz dela não passava de um murmúrio sonolento.

Mary esperou que ele dissesse que iria voltar à noite para fazerem amor mais uma vez, mas John não falou nada disso.

Ele se levantou e se foi pelo túnel novamente. E ela voltou a dormir.

Mary encostou o rabo da flecha em seu rosto e parou de respirar, olhando para os círculos pintados na palha, alguns metros dali. Solto a flecha e essa dançou pelo caminho inteiro até acertar o centro.

- Eu acho que gosto de arcos – ela falou para o rapaz com sua aljava na mão, abrindo um grande sorriso.

- Milady é muito boa.

- Não é tão difícil quanto imaginei. – falou para ele, que sempre dava um passo para trás e se abaixava quando ela vinha pegar outra flecha.

Mary estivera entediada no quarto, então perguntou para a serva que estava no lugar de Prudenza se podia fazer algo na cozinha ou em qualquer outro lugar. Escondendo o espanto, a mulher negou que ela ao menos chegasse perto da cozinha e sugeriu que tivesse aula de arco e flecha. As ladys costumavam fazer só para não ficar ao redor se seus senhores o dia inteiro. Acabou que em poucos minutos ela descobrira que levava jeito para a coisa.

Enquanto colocava a flecha no arco, viu pelo canto de olho um grupo de ladys se reunir ali próximo, onde havia um bosque que levava a um pequeno riacho cristalino, que desabava bem longe, na cidadela.

Elas pareciam estar apenas passeando pela propriedade, mas Mary sabia diferente.

Valence era uma dessas ladys e havia feito amizade com as senhoras que ainda guardavam rancor de Mary por ela ter recebido aquela gardênia no combate dias atrás.

Elas achavam a prima do Rei estranhamente fora do lugar. Parecia não pertencer ali e, ao mesmo tempo, possuía um poder sobre o Rei que todas elas almejavam. Mary não se misturava e tinha uma boa razão para isso.

Aquelas ladys eram más. Mary sentia à distância. Elas só estavam esperando uma oportunidade para pisar em sua cabeça.

Naquele dia, Mary teve sorte delas estarem todas em um grupinho bem atrás de seu alvo. Ela apontou para o feno e um segundo depois solto a flecha, que foi parar em um tronco de árvore acima das cabeças delas.

O grito e o alvoroço foi bem engraçado. Mary teve que cobrir seus lábios com um lenço para evitar que elas a vissem rindo.

- Sinto muito, Miladys. Perdi o controle por um segundo!

Ela olhou para o rapaz com a aljava e deu um sorrisinho escondido a ele, que percebeu o que ela fizera e retribuiu o olhar cúmplice.

- Esse arco está muito grande para mim. Seria ótimo se houvesse um menor. – Ela entregou o arco ao rapaz.

- Posso providenciar, Milady. – falou ele, se agachando.

- Séria ótimo, obrigada... hm?

- Renoir, Milady.

- Você é francês?

- Meu avô foi. O nome foi em honra a ele.

- É muito bonito, diga a senhora sua mãe que ela teve muito bom gosto.

- Disponha, Milady.

Ela sorriu e se afastou, ignorando os rugidos raivosos das ladys logo ali.

Mary caminhou pelo bosque até encontrar o caminho que levava de volta para o castelo. De longe, aquela fortaleza era medonha. Mas Mary estava começando a se acostumar com tudo aquilo. Sabia que não devia, porque iria embora em breve.

Entrou por um portal que dava diretamente ao jardim. As cozinheiras que viviam lá, colhiam rabanetes e inhame para o almoço. Elas eram um enorme grupo, cada uma cavando e colhendo o que podia, colocando num bolso costurado na frente de seus vestidos.

Mary caminhou até a roseira, que crescia timidamente. Ainda não era o tempo dela crescer.

A roseira estava plantada bem na beira do jardim. Um muro então se erguia até a cintura e de lá podia ver o pátio central do castelo.

- Milady. – Uma voz a chamou com suavidade. Mary se virou com um sorriso no rosto.

- Henrik! Quando chegou?

Ele foi até a bancadinha ao lado dela e apontou para seu cavalo.

- Agora mesmo.

- Isso é ótimo. Como está?

- Bem. Nosso Rei, como anda? Ranzinza?

- Compreensivo – Mary falou essa palavra para não outra. Ela estava genuinamente feliz por ele estar aqui.

- Caminhe comigo antes de eu entrar na cova do leão, não venho com boas notícias.

- Pode me dizer o que é?

- Infelizmente, não. Mas John vai saber o que fazer.

A última conversa que eles tiveram havia sido antes da despedida dele, para voltar para casa. Eles tinham conversado sobre o beijo e concordaram que era melhor esquecer.

- Você parece diferente. – ele elogiou, caminhando com ela pelas passarelas sinuosas ao lado os canteiros de verdura. – Seus olhos estão mais brilhantes. Até suas bochechas estão mais coradas.

- Foi a aula de arco e flecha. – Mary mentiu.

- Bom saber que está aprendendo a se defender. Esse lugar vira um inferno quando em batalha. Quando casei com minha mulher, ela já sabia manusear uma adaga muito melhor que eu.

Mary riu. Para ela, saber a se defender não era só um capricho. Mas não precisou falar porque Henrik sabia muito bem.

- Falando nela, como a Duquesa está?

- Não muito bem. – ele falou um tanto baixo, olhando para as mulheres colhendo os rabanetes. Elas abaixavam a cabeça quando ele passava. – Perdeu uma gravidez há uma semana.

- Aborto?

- É o terceiro dela.

- Sinto muito, Henrik.

- Está tudo bem. Minha mulher é forte. Mas, claro, sente muito a dor da perda.

- Deveria ter ficado com ela. – Mary disse.

- Eu precisava vir. John vai querer ouvir o que tenho para falar por mim. Algumas coisas nunca mudam. Desde pequenos eu sempre soube que ele era o dependente de nós dois, apesar de não transparecer. – ele sorriu para ela. – Então, como tem sido com toda essa visita ao redor do palácio?

- Estou quase enlouquecendo. E o Rei também.

- Acredito em você – Henrik disse, batendo a mão da espada. – Preciso ir. John já sabe que estou no castelo. Deve estar se perguntando onde fui parar.

- Espere... – ela tocou no braço dele. – Você já sabe quem eu sou, não sabe?

Mary só queria ter certeza. Henrik não precisou falar nada.

- Tenho um presente para a Duquesa – ela disse então, em seguida. Olhou de um lado para o outro e viu o canteiro abaixo de si. Do lado da terra negra havia uma pequena espátula. Ela se agachou e falou umas palavras bem baixinhas, pegando a espátula e cavando a terra. Olhou ao redor, mas ninguém estava espiando. Então tirou da terra uma caixinha de ouro

comprida, do tamanho de sua palma.

Mary entregou a Henrik, limpando a terra das mãos.

- Você escondeu isso antes de eu chegar? – ele perguntou.

Mary riu.

- Se você acreditar nisso, não lhe culparei. O que tem nas mãos é uma caixa de manjar. É um doce comum de onde venho. Não cura o corpo, mas cura a alma. Talvez ela possa se sentir melhor depois de comer alguns desses.

- Obrigada, Mary. – Henrik beijou o rosto dela, realmente agradecido.

- Você é um bom homem, Duque.

- Eu só quero, do fundo de meu peito, que tudo isso que você e meu irmão estão passando venha para o melhor. – Henrik pegou o queixo dela. – Vocês dois, mas principalmente você, merece uma vida longe daqui, merece ser feliz. John teve a chance dele e olha o que fez, jogou anos e anos fora.

- Ele é teimoso.

- Não, Mary, meu irmão é perigoso. Se lembre disso.

Os dois ouviram um pigarro alto vindo da entrada do castelo.

- Henrik. – John falou, olhando para a proximidade dos dois e a mão de seu irmão no rosto de Mary.

- Meu Rei. – Henrik se agachou, segurando a espada na bainha. – Irei mandar seus cumprimentos à Duquesa, Milady. – falou, caminhando para John em seguida. Ele entrou no castelo e John o seguiu, mas não antes de lançar um olhar de reprimenda para Mary, demonstrando o quanto não havia gostado do que tinha visto.

XVIII – UM PRESSÁGIO

Depois de fazer uma breve visita à Prudenza e levar a poção de ervas que havia preparado para Lorain, Mary recebeu um bilhete do mensageiro que pedia a presença dela no centro da cidadela, onde o comércio ficava. Era um bilhete de Benício.

Ela desceu do cavalo com ajuda dos guardas reais que a escoltavam e entregou a rédea de sua égua para eles. A égua era doce e Mary gostava de cavalgá-la.

- Boa menina – acariciou o nariz dela.

- Não acha perigoso? – Benício entrou em seu campo de visão.

- Essa é uma pergunta para vossa graça ou o Rei?

- John deve, com certeza, já ter dado sua opinião sobre.

- Bem, pelo menos não ainda. Eu gosto de cavalgar e mesmo se algo acontecesse, os guardas estariam lá por mim. Mas como o senhor está, sua graça? Ouvi rumores que passou mal ontem pela noite?

- John falou isso para Milady?

Os dois começaram a caminhar em direção à praça.

- Ele está geralmente ocupado com assuntos do reino, não temos tanto tempo para conversar.

- Hm. – Benício coçou sua barba. – Foi apenas uma pontada no peito, nada demais.

- Estive querendo perguntar para sua graça: É verdade que se formou médico e estudioso?

- Estudioso acredito que qualquer um possa ser, minha criança. Mas sim, fui médico antes de aceitar o comprometimento da sagrada igreja.

- E sua esposa também? Eu ouvi boatos...

- Claro. Minha esposa também. Jamais negaria conhecimento para quem tanto o quer. Minha esposa, antes de morrer, se tornou médica.

- Isso é incrível. Eu gostaria de aprender um ofício, mas se aprender a ler escondido de minha família já foi um sacrifício, imagine.

Eles foram devagar entrando na praça repleta de pessoas. Benício ergueu um capuz sobre a cabeça para que não fosse reconhecido. Se soubessem que ele era o sumo pontífice, a praça viraria um pandemônio.

- É de meu conhecimento que há um monastério não muito longe daqui, acredito que na ilha vizinha à cidadela. Talvez o Rei desse permissão para que Milady fosse até lá.

- Irei embora logo após o casamento real, então não precisarei pedir permissão para o Rei.

- Então pretende ir embora antes de mim, Milady?

Mary esperava que sim, mas não respondeu a Benício. Não queria ter falsas esperanças.

- Esse lugar é vivo – comentou ele. – Há todos os tipos de aromas e cores.

Mary olhou para os peixes sobre barris, as nozes, a farinha para o pão e o próprio pão saindo de um forno a lenha. Olhou para as flores roxas e vermelhas sobre o balcão de uma pequena tenda onde uma criança gritava:

- Uma moeda de bronze! Uma moeda de bronze!

Aquele espaço, mesmo sendo um lugar onde havia tanta miséria oculta ainda era fascinante.

Os dois caminharam até essa tenda e Benício tirou uma moeda de prata de uma sacola. E apontou para uma flor branca que Mary conhecia muito bem, pois estava em todos os lugares do reino, em cada prédio oficial, em cada estandarte, cada parede do castelo e no peito de John, em seu broche real. Além da que ela havia recebido do Duque de Lavandor semanas atrás.

- Milady sabe qual o significado de uma gardênia? – Se virou para Mary. - Fique com a moeda para você. – ele disse para a pequena criança.

- Não, sua graça.

- Ela é conhecida como um símbolo de pureza e sinceridade. No caso do símbolo real, significa a paz entre as espadas, ou a guerra. Por mais que Orcadas seja um reino bélico, que vive das guerras, a única coisa que procura é a paz. Por isso essa flor – ele a ergueu na mão. – foi escolhida para representar o reino.

- É lindo.

- É, é sim. – disse. – Mas ela também tem outro significado. Amor secreto. Essa flor é a demonstração de amor proibido e oculto. – Benício entregou a gardênia a ela. – E pelo o que eu vejo em seus olhos, Mary de Adlarn, você deveria entregar essa gardênia para John Bran, nosso Rei.

Mary não se deu o trabalho de fazer perguntas. Estava mais do que claro que ele já sabia de tudo... Talvez não de tudo, mais de grande parte.

No mesmo instante em que abriu a boca pra falar algo, qualquer coisa que fosse, uma

gota de sangue caiu e manchou a perfeita gardênia branca.

- Milady? – Benício deu um passo à frente. Mary passou os dedos sobre o nariz. Aquele sangue viera dela.

Olhou para a flor em sua mão. Aquilo não era algo ao acaso, era aviso; um presságio. Significava o amor proibido manchado por uma maldição.

A noite havia finalmente chegado. Após a visita breve de Henrik – que já voltara para seu castelo – John tinha muito na mente.

Os documentos reais à sua mesa só aumentavam e, agora com todos aqueles hóspedes, John estava sendo obrigado a contratar uma governanta que pudesse cuidar de todo o castelo. Recomendação das damas de Valence, já que ela assumia que em breve iria ser rainha.

Mas o que o preocupava era outra coisa. Algo lindo com cabelos da cor de ouro.

Ele olhava para as chamas da lareira, bebendo um cálice de vinho e pensando na noite anterior, se segurando para não atravessar aquele corredor até Mary, quando alguém bateu em sua porta.

- Entre, seja quem for – falou ele, distraído.

Mas nada que passasse em sua cabeça o preparou para quem entrava no aposento.

- Milady Valence, os aposentos de um senhor não é apropriado para uma lady. Principalmente pela noite. – John a olhava de um modo um tanto impaciente. Ele não se deu o trabalho de sair de onde estava, ou ao menos se mexer. Deu um gole em seu vinho.

- Boatos correm pelo castelo que sua prima o visita constantemente. – Valence alfinetou.

A mandíbula de John retesou.

Ela olhava ao redor como se estivesse reconhecendo o terreno, prestes a dar o bote. Ou simplesmente imaginando como seria seus próximos anos passando a noite ali, concebendo herdeiros para o reino.

- O que deseja, Milady?

Os cabelos dela, como sempre, estavam presos em redes e um véu, o que proporcionava uma visão perfeita para cada reação que ela tinha.

- Eu vim, meu senhor... – ela desfez o nó da frente de seu vestido. – Para agradá-lo.

Valence abaixou as mangas do vestido cor de cobre e deixou seus seios expostos para John. Ela deu mais passos em direção a ele, sem hesitar.

- Eu serei sua Rainha, meu senhor, mas também serei sua amante. Use-me como quiser, eu sou sua!

No segundo seguinte ela estava completamente nua na frente dele.

Mas o olhar de John nem por um segundo saiu do rosto dela. Ele colocou cálice sobre a lareira e olhou bem para o rosto daquela mulher.

Um som estranho reverberou pelo aposento logo depois, como se alguém tivesse aberto uma caixa, um trinco... ou, mais especificamente, o mapa que levava até o quarto de Mary.

O coração de John pulsou mais forte ao pensar naquilo. Ele deu um passo a frente, conseguindo ver o mapa de entrada. Estava entreaberto.

Se Mary o tivesse aberto, não o fechara.

- Coloque suas vestes de volta, Milady. – John se virou para ela com algo além de ódio... era nojo.

- Mas, meu Rei...

- Vista-se! – ele gritou. – Milady não é Rainha então não aja como uma. E com esse comportamento se tornou uma lady indecente demais para ser.

- Meu Rei... – Valence implorava enquanto tentava subir seu vestido, tremendo. Ela deveria ter escutado sobre a fama de John e a verdade era que se fosse outros tempos, tempos prévios a Mary, John não teria pensado uma segunda vez.

- Vamos, saia! – Ele foi até seu cálice de vinho e virou o último gole. Valence abriu a porta e saiu correndo, segurando seu vestido, sem coragem de olhar para trás. – Maldição! – John urrou, chutando a parede de pedra e jogando seu cálice longe.

Ele correu até o mapa e entrou no túnel, esperando que quando saísse do outro lado não houvesse uma bruxa magoada.

Mas Mary estava.

Quando voltou para o castelo depois de caminhar pela praça, com Benício, ela passara a tarde inteira pensando no que fazer, no que falar para John. Sabia que tinha que ser naquela noite.

Queria falar sobre o presságio, mas, ao mesmo tempo, não queria que ele soubesse porque queria mais do que tiveram na noite anterior.

Mary estava insegura pela primeira vez na vida. Ela queria lutar aquele sentimento, mas não tinha armas.

A noite escureceu e as vozes do banquete no salão real cessaram. Ela sabia que o castelo estava indo dormir e que era o momento oportuno para encontrar com John e com ele, então, iria saber o que fazer. Mas no instante em que abriu aquele mapa e olhou para Valence, nua, a frente dele, seu coração se despedaçou.

Não deveria e se houvesse como evitar, Mary evitaria.

John estava lá, com uma bela mulher nua a sua frente, como ele estivera na noite anterior. Só que essa mulher seria algo que Mary nunca poderia ser.

Ela voltou por onde veio, com lágrimas nos olhos e a garganta em chamas.

- Mary. – A voz de John arrepiou a pele dela.

Ela se virou e sentiu medo preencher seu ser. Aquilo não podia ser amor, porque se fosse ela tinha dado o passo em falso que faltava para cair do precipício.

John notou pelo olhar dela que estivera chorando, apesar das lágrimas bem escondidas. E num impulso, foi até ela, pegando-a pelo rosto e a levantando da cadeira que estava sentada.

- Não. – falou ele. – Eu estou dizendo não, está me ouvindo?

- Não para quê?

- Não para qualquer coisa que você queira dizer. Eu não quero, você não quer. – John colocou sua testa sobre a dela. – Não é justo – sussurrou.

Mary tinha que se afastar, mas não pôde. Subiu suas mãos até o rosto dele porque aquele poderia ser o último momento em que iria tocá-lo daquela maneira.

- Você está bêbado. Não sabe o que diz. Isso não é você falando.

- Nunca estive mais lúcido em toda a minha vida.

- Eu não vim aqui para passar noites de amor com você, John. – ela o afastou.

Ele balançou a cabeça.

- Eu sonhava com você antes de te conhecer. Eu te via em meus sonhos! Você estava em cada um deles, Mary! Me explique isso!

- Pode ter sido parte da maldição.

- Maldição? Não era uma maldita profecia?!

- Para você. – o murmúrio dela o fez ter arrepios. – A maldição é para mim. Foi por isso que vim para o castelo, para tentar *me* livrar da maldição.

- E eu sou parte dela? – John encarou o rosto delicado de Mary. Os lábios dela tremiam levemente, o corpo dela parecia em defensiva, tenso e prestes a desabar. Seus cabelos estavam soltos e ela só vestia uma camisola de algodão, transparente. – ME DIGA!

- Sim. Você é parte dela. – A voz dela em contraste com o rugido dele o fez fechar os

olhos de dor. John olhou para a lareira e escutou a lenha queimando em sincronia com a respiração irregular de Mary. – Você tem que casar com ela, John. Por favor.

- Está dizendo que se eu casar sem amor e tiver o herdeiro fruto dessa relação a *minha* profecia é desfeita e *sua* maldição cessa? – Estava tudo mais confuso do que antes.

Mary apenas balançou uma vez a cabeça, concordando. Resumidamente, era aquilo sim.

- E se eu decidir só te amar? Hm? – John deu passos largos até ela, a pegando no colo com rapidez, pressionando-a contra a parede. – E se eu decidir que só quero você como minha amante? O que acontece então?

Ele pegou-a pela nuca e a puxou para um beijo forte e intenso. Havia uma mistura de sabores perigosos naquele beijo. O gosto do vinho que ele tinha tomado transbordou pela língua dos dois. Mary puxou-o pelos ombros e compartilhou o beijo de um jeito que precisava compartilhar.

- Me diz, Mary – John exigiu dela, ofegante, após se afastar.

- Eu não sei.

John a levou até a mesa com o espelho e a sentou lá, separando as pernas dela com a coxa.

- Me diga que não quer mais isso. – John levantou a camisola dela, subindo pelas coxas, com as duas mãos. – Me diga que não pensou nisso desde a primeira vez que estive nua para mim, tantas semanas atrás.

- Sim, mas...

Ele curvou o corpo e chupou o ombro dela.

- Você me odiava.

- Não era apenas eu, John. – Mary fechou os olhos, sentindo a boca dele em seu pescoço e o membro entre suas pernas.

- Eu tive medo. Medo que você estivesse dizendo a verdade. Que tudo o que eu havia feito pelo reino, no fim, não valesse a pena.

- Todo o sacrifício... – E ela dizia isso literalmente. O abraçou mais forte, colocando suas mãos por debaixo da camisa dele.

- Sim.

John capturou o mamilo dela por sobre a camisola, abaixando-a em seguida para pegar os seios dela nas mãos, levando-os até sua língua. Mary apertou as coxas ao redor dos quadris dele.

- E o que fazemos agora? – ela gemeu, arranhando-o nas costas.

- Vou pensar em algo – John abaixou sua calça e pegou seu membro na mão. – Fica assim. Isso.

Mary beijou o rosto levemente barbado dele, puxando-o para mais perto. O membro de John encostou os grandes lábios do sexo dela e Mary sentiu aquela sensaçõzinha gostosa de excitação no ventre.

Quando finalmente entrou nela, Mary arqueou suas costas, encostando os cotovelos na mesa e jogando a cabeça para trás, erguendo seu peito, deixando os lindos seios em perfeito campo de visão dele.

John rangeu os dentes, sentindo-a apertá-lo por inteiro, do começo ao fim. Ela mexeu com os quadris e John entrou ainda mais dentro dela, atingindo rapidamente aquele ponto perfeito que a fez tremer e suspirar de prazer.

As investidas dele eram feitas com maestria e ele movia seus quadris, mergulhando no vale morno e úmido dela, como se fosse uma dança. Mary já parecia saber os movimentos dele; e ele, os dela.

Ela gemia baixinho, mordendo o lábio inferior. Puxou-o pela camiseta para que pudesse alcançar sua boca.

- Temos que fazer isso juntos – suspirou, entre seus gemidos, colocando sua boca na dele e mordendo na pressão perfeita os lábios saborosos que ele tinha.

John a puxou pelo quadril, encontrando um pouco mais de espaço nela, entrando um pouco além do que ela conseguia suportar.

Mary gritou baixo, encostando sua testa no queixo dele, sentindo o suor e o aroma de sua pele.

- Precisa confiar em mim...! John! – Ele penetrou-a mais uma vez até o fim. Movimentando os quadris devagar para ela senti-lo por um inteiro. – Assim...

- Eu já confio – falou em resposta, beijando na boca dela e sentindo seu corpo se contorcer pelo ápice que estava muito próximo. Ele trincou os dentes e se sentiu derramar dentro dela. Ofegante, John a puxou para seu peito e continuou movimentando seu quadril nela, sem se cansar o suficiente para parar. – Eu já confio. – repetiu.

XIX – UM TRATO

- O que está pensando? – Era muito difícil interpretar pelo rosto de Mary o que ela pensava. Ao contrário de todas as mulheres que John conhecera da vida, ela era a única a qual ele não sabia o que faria a seguir. Ela era um mistério.

Passou seu nariz ao longo do pescoço dela, afastando seus cabelos para trás das costas. Mary estava sentada em seu colo, com a cabeça apoiada em seu ombro, repirando devagar, quase pegando no sono. Os dois estavam suados e cansados. Mas ainda restava muita energia em John e ele sabia que não iria dormir tão cedo... Pelo menos não enquanto ela estivesse nua sobre si. Ele, para ser sincero, estava dando um tempo para *ela* descansar e começar tudo de novo.

- Que não deveríamos ter passado a noite juntos. – falou ela, colocando a bochecha no ombro dele e relaxando em seus braços.

- É tarde demais para isso – John sussurrou ao seu ouvido, colocando o lóbulo de sua orelha na boca.

Mary queria perguntar o que significava então. Todo aquele desejo suprimido e toda aquela afeição que um tinha pelo outro quando estavam entre seus braços.

Quando John a abraçava, Mary se sentia segura.

Mas quando passava por ele pelos corredores e ele lançava aquele olhar inquisitivo para ela, Mary se sentia só mais uma das mulheres de sua vida.

Ela levantou a cabeça e olhou bem nos olhos dele.

Nada. Os olhos dele não tinham nada naquele momento, além de serenidade. Nada de inquisição ou reprimenda. Era complicado ter dois Johns em um só. Mary não queria ficar vivendo aquilo.

- Me deixe pegar uma vestimenta – falou ela, tentando sair de seus braços.

- Depois.

- John. – ela empurrou os ombros dele. Mas ele continuou segurando-a forte.

- No que está pensando? – repetiu, pegando-a pela nuca, mantendo-a sobre si.

- Que eu preciso me lavar.

John franziu o cenho.

- Não. Não é por sua causa... – ela se sentiu culpada pela colocação que fez. – Se banhe

comigo. Pode ser bom. Eu e você na banheira com água morna. Seria como estivéssemos no mar.

Ainda com uma expressão bem séria, John a soltou e Mary desceu da cama, tentando encontrar sua fina camisola. Ele se ajeitou na cabeceira e esticou um braço, apertando um dos dosséis para canalizar o que estava sentindo.

- Você já fez isso com outros homens, *bruxa*?

Ela parou, se virou para ele, puxando a camisola até as coxas.

- O quê?

- Isso com a... banheira. Já fez com outros homens?

- Se você não quiser que eu peça o banho, tudo bem. – Mary ignorou as perguntas dele, se sentando a frente da penteadeira em que eles tinham acabado de fazer amor para arrumar seus cabelos longos.

- Eu não me sinto sujo. Você se sente suja o bastante para se lavar? – O reflexo dele apareceu no espelho.

- Esqueça.

- Não. Me diga.

Ela suspirou bem profundamente e virou o rosto para ele, nu em sua completa glória, em pé no meio do quarto.

- Só estou assumindo que possa ser relaxante. Nada além. Você pode ir para seus aposentos, irei tirar o restante da noite para descansar – Mary passou por ele.

John fechou os olhos e se virou, pegando-a pelo braço. Deu um passo para ficar bem próximo ao corpo dela.

- Eu irei pedir o banho para os servos... Eles podem ver a bagunça que fizemos aqui e fazerem perguntas.

Esperou um sorriso dela, mas Mary não sorriu.

- Dê um sorriso para mim em agradecimento. Não seja mal agradecida... Estou fazendo o que você quer, afinal.

- Vindo de um homem que nunca esboça excitação ou felicidade, esse pedido me parece inapropriado. – Mary se saiu dele para tentar deixar a bagunça que haviam feito na cama um pouco mais sutil.

- Isso te incomoda?

- Incomoda a todos. Não só a mim. – falou de costas para ele.

- Nunca senti a necessidade de... sorrir.

- Isso porque você é um monstro sem coração – Mary disse para si mesma, puxando a pele da cama e ajeitando os vários travesseiros.

- Eu vou me ausentar por dois meses, Mary.

Ela parou o que estava fazendo no mesmo instante.

- Foi a notícia que meu irmão veio trazer. Há uma guerra na Inglaterra que não vai acabar tão cedo. Preciso reforçar meus aliados na França... principalmente agora que matrimônio está fora de questão, pois todos já sabem o que o Papa veio fazer no reino.

Mary nunca havia ido para a França, mas sabia que a viagem era dolorosamente longa. Umas três semanas só para chegar lá. Ele havia dito dois meses. Deveria ir, ficar uma quinzena e voltar.

- Eu parto em alguns dias. O Papa Benício virá comigo.

Imóvel, Mary ficou com a garganta seca e com o coração na boca.

A frase “Me leve com você” quase saiu, mas ficou presa dentro dela.

Ela voltou a organizar as almofadas em silêncio.

- Diga algo, *bruxa*. Você sempre diz algo.

- Você precisa anunciar seu casamento com Milady Valence amanhã. – Mary colocou a última almofada no lugar com mais força do que merecia.

- Não é o que você quer. – ele foi até ela, passando os braços por sua cintura. Mary sentiu o membro dele na parte de trás de suas costas.

- Não faz diferença o que eu desejo ou não. – Se virou, empurrando os ombros dele. – Eu não quero ficar aqui nesse castelo por mais dois meses! Marque o banquete de noivado e me deixe ir. Simples assim.

John não gostava de saber que ela ainda se sentia como uma prisioneira.

Ele a ignorou, pegando sua calça e vestindo-a.

- Onde está indo? – ela bufou.

Mary viu John pegar sua camisa e abrir a abertura que dava para seu quarto.

- John? Maldição.

Foi atrás dele, pegando o candelabro com uma vela pra poder enxergar onde pisava. O túnel era perigosamente escuro.

- Sim, meu senhor. Irei pedir para as servas prepararem. – Um dos servos respondeu a ele, fazendo uma medida e fechando a porta atrás de si.

Mary empurrou a parte de trás do mapa e entrou no quarto, colocando o candelabro sobre a primeira mesa que encontrou. A lareira estava apagada. John tentava acender o fogo,

de costas para ela.

- O que você quer? – Mary falou com uma voz suave, se apoiando nos dosséis da cama dele.

Quando o fogo se acendeu e a lenha começou a estalar, ele se virou.

- Não tenho certeza.

- Por que me manter aqui, então? Você vai embora. Não tenho nada nesse castelo além de você.

Ela ficou vermelha ao falar aquilo, percebendo o sentido que ele poderia interpretar.

- Eu não posso te levar. – ele sentenciou.

- Por que não?

- Eu tenho centenas de razões. A primeira delas é a de que você é mulher.

- Isso não muda na...

- Muda. Claro que muda. O que você viveu, Mary, não foi o bastante para perceber o quanto o mundo é feio.

- Você está querendo dizer que quer me proteger disso?

- Não. – ele se aproximou, pegando o queixo dela. – Quero mostrar para você... um dia. Tudo o que já vi. Mas não agora. Sabe o que eu quero agora?

Ela meneou a cabeça, negando.

- Esse dia com você.

- Você vai me deixar ir embora? – Mary passou os braços pela cintura dele.

- Por que você sempre faz as perguntas erradas, milady?

- E qual é a certa, milorde?

John fez um carinho no rosto dela.

- Espero que um dia você descubra.

Alguém bateu na porta.

- Meu senhor, a água de seu banho! – A serva falou do lado de lá.

- Eu sei. – Mary sussurrou para ele, pegando de volta seu candelabro e correndo para o túnel.

As servas preparavam o banho de John no aposento adjacente, onde Mary havia se lavado quando chegara ao castelo.

- Onde já se viu – resmungou uma delas, esfregando as mãos molhadas no avental. –

Banho no meio da noite.

A outra olhou para John de costas organizando alguns documentos sobre sua mesa.

- O Rei tem estado muito estranho ultimamente, não acha?

- As *coisas* neste castelo têm estado estranhas. Já não bastava essa prima do Rei que apareceu do nada, agora aquela Milady que já se sente Rainha e fica mandando em tudo aqui no castelo.

- Eu acho que é o fim do mundo.

A outra serva riu da parceira, pegando mais um balde de água quente e jogando dentro da banheira de madeira, redonda.

- Esse mundo está longe de acabar. E é bom começar a se preparar para esse casamento real, porque se está ruim hoje, vai ficar ainda pior.

Mary entrou no quarto novamente, encontrando John trabalhando em sua mesa.

- Os servos acham que você está começando a ficar louco. – Tinha escutado os sussurros delas quando saíram do quarto dele.

- Posso estar – ele largou sua pena, chamando-a para sentar onde estava. – Eu tenho uma bruxa como amante.

- Não deve ser tão ruim assim. – Mary se sentou no colo dele. John a envolveu com seus braços, procurando a barra da camisola dela para poder enfiar sua mão por debaixo.

- É melhor do que eu achava que seria, para falar a verdade.

- Não me provoque – ela bateu na mão dele, que acariciava a pele de sua coxa. – Ainda temos muito o que conversar.

- Mary. – John a repreendeu, sério. - Não há mais o que falar.

- Fizemos um trato, John.

- Eu posso te dar paz bem aqui. – Ele mudou de ideia e tirou a camisola dela, Mary ergueu os braços para ajudar.

- Por hoje? – ela questionou, sentindo o polegar dele tocar de leve em seu mamilo.

John queria dizer outra coisa, mas concordou.

- Hoje.

Ela se levantou e caminhou até a banheira. John olhou as curvas dela, suas nádegas perfeitas e sua pele suave e sem marcas. Nem mesmo as cicatrizes das feridas que ela tivera quando chegara ali existiam mais. A pele dela era perfeita.

Mary entrou na banheira, deixando-se levar pela água morna. Ele foi atrás, tirando suas roupas pelo caminho. Ela se afastou quando ele entrou, fazendo a água transbordar.

XX – JOHN, UM HOMEM

- Mary, não toque nisso. – John disse quando ela pegou a espada dele nas mãos.

- É pesada.

- E afiada. – Ele se levantou da cadeira e foi até onde ela estava, pegando a espada na mão e colocando na bainha.

Depois, voltou a se sentar à mesa, pegando sua pena e mergulhando-a no pote de tinta.

- O que é isso? – Mary caminhou até ele, colocando as mãos ao redor de seu pescoço e posicionando o queixo no ombro dele para poder enxergar o que ele escrevia naquele grosso livro, e que ela vira mais de uma vez por ali.

- Registros. – John abaixou a pena, encostando seu rosto mais perto do dela para sentir seu hálito doce. – Quer que eu explique?

- Uhum.

- Senta aqui comigo. – ele a puxou pela mão, Mary se sentou no colo dele e ele a abraçou pela cintura.

Os dois tinham saído do banho e estavam descansando um pouco. A noite já estava no fim. O sol nascia a leste e era possível ouvir dali os sons que denunciavam o acordar do castelo.

John abriu o livro nas primeiras páginas. E estas estavam mais amareladas do que as outras.

- Quem escreveu isso foi meu avô. – explicou para ela. – Consegue ler? Essa é a primeira carta magna do reino. Quando a Inglaterra desistiu desse território e quando meu avô o tomou, fazendo alianças com senhores feudais. – Ele virou umas páginas. – Aqui relata a primeira guerra que foi ganha com ajuda do nosso exército.

Mary virou algumas páginas também, quando ele afastou a mão.

- Tem de tudo aqui – exclamou. – Desde tentativas de golpe contra a coroa à datas das pestes.

- Aqui já é da época de meu pai – ele foi mostrando. – E aqui da Rainha-mãe.

Mary passou a mão por sobre as letras escritas com ouro.

- Está sentindo algo?

- Não. Nada. Acho que sua mãe não usou magia para reinar o país, John. Até porque

ela não tinha esse dom. Ela simplesmente via coisas. O futuro... Ou a ideia de um futuro. É muito difícil dizer.

- É difícil por que você está perdendo seus poderes ou por que a Rainha-mãe era obscura?

- Os dois. – Eles já haviam conversado sobre ela estar perdendo os poderes. Não era mais novidade para John. E ele também, agora, já sabia de uma boa parcela da maldição dela.

- Encontrou mais alguma coisa naquele nicho em seu quarto?

- Desenhos. Alguns desenhos de duas crianças.

John havia visto aquilo também.

- Sou eu e Henrik. – John passou a mão nos cabelos dela.

- Você fala como se sua mãe fosse um fantasma na sua vida.

- Eu não a culpo por não ter sido *mãe*, Mary. Afinal, ela tinha o dever de criar um Rei.

Mary encostou o lado de seu rosto no dele.

- Eu acho que ela se importava com vocês dois.

- Uhum – ele resmungou, folheando o livro até apontar para uma página. – A partir daqui já sou eu.

- Em quantas batalhas já esteve?

- Algumas – disse baixo.

Mary deixou quieto porque sabia que deveriam ter sido muitas.

- Por que você não tem cicatrizes? Já encontrei dezenas de ex-soldados com marcas, sem membros...

John apoiou sua mão nas costas dela e a virou, sentando-a de frente para si em seu colo.

- Eu causo cicatrizes, Mary. Por isso que não tenho nenhuma delas. No dia que alguém me ferir e deixar uma marca de batalha em meu corpo, esse vai ser o dia em que morrerei.

- Não diga isso. As palavras são fortes. Elas têm mais poder do que imagina.

- Eu gosto de seus cabelos assim... livres. – Depois de um banho de água morna, os cabelos de Mary, na verdade, estavam secando de um modo bem selvagem, indomável.

- E eu gosto de você assim... Só um homem, sem brasões ou coroas. Só mais um John.

- Só *mais um* John. Como Rei, fiquei um tanto ofendido.

Mary sorriu e passou a mão nos cabelos dele.

- Eu acho que você gostou, na verdade.

- Bruxa abusada. – ele falou sério. Mary riu.

- E esse livro aqui? – apontou para um caderno sobre a mesa, enrolado em cordões e

preso por um nó.

- Este é pessoal. – John pegou na mão. – Eu escrevo o que está acontecendo com a coroa e a corte.

- Há alguma chance de haver algo sobre amantes? – Mary quis saber, interessada.

John apertou os quadris dela, puxando-a mais para si.

- Falar sobre amantes não vale a pena. Mas talvez haja algo sobre uma bruxa e uma profecia. Gostaria de ler?

Ela franziu o cenho.

- Claro que não. Isso pertence a você. Não tenho direito de bisbilhotar suas palavras.

- Você me surpreende. Sabe quantas mulheres já tentaram ler o que tem escrito aqui? –

Ele jogou o caderno sobre a mesa.

- Acredito que ficarei bem se milorde preferir não compartilhar esse número. – Mary se aquiesceu, desconfortável com a perspectiva da quantidade de mulheres que já havia passado por aquele quarto.

John olhou um segundo para ela, sem compreender.

- Quer dormir um pouco? Estou exausta. O dia está amanhecendo.

Ele se levantou da cadeira com ela no colo, indo para a cama. Iria deitar com ela, mas não sabia se iria conseguir dormir. Sua mente estava trabalhando a todo o vapor. E a viagem que faria em breve estava o perturbando. Algo parecia fora do lugar. Como uma peça de quebra cabeça que não encaixa.

Os dois deitaram na cama e Mary se aconchegou no peito dele para conseguir um pouco de calor. Tudo o que ela estava vestindo era uma larga túnica de John. O tecido era fino e não cobria tudo. A lareira estava ligada, mas parecia que aquele dia seria um dia mais frio do que esperado.

John colocou a cabeça sobre os travesseiros e puxou o manto de pele sobre o corpo de Mary, quando ela começou a pegar no sono.

Ele pensava em tudo naquele momento. Desde a chegada dela ali, suja, fétida e ferida, até aquilo que estavam vivendo agora. E por Deus!, John não se arrependia de nada.

Uma brisa suave e fria entrou no quarto pela abertura e apagou as velas, deixando apenas a lareira acesa. John não percebeu, mas caiu no sono um pouco depois de Mary, deixando se levar pelo cansaço de uma noite acordado.

- Mary, acorde. – John sussurrou, ajeitando o broche no meio de sua malha e manta cor vermelha.

Ela virou o rosto e piscou lentamente, contra a luz, tentando ver o que estava acontecendo.

- Preciso ir? – resmungou, tirando seu cabelo do rosto.

- Não. *Eu* preciso ir.

Ele estava todo arrumado. Mary se ajeitou um pouco na cama para vê-lo ir até a mesa e pegar a coroa. Ele a colocou sobre a testa.

- Por quê? – Mary perguntou para as costas dele.

- Tenho uma audiência agora. – John voltou para onde ela estava.

- Fica.

- Não posso.

- Você nem ao menos é um bom Rei – Mary brincou. – Fica na cama.

- Este é justamente o motivo.

- Vai voltar? – ela pegou a mão dele quando ele sentou na cama. John gostou daquele toque.

Ainda era muito cedo. Ele tinha dormido pouco. O sol que irradiava para dentro do quarto tocava a pele de Mary de um modo delicado, expondo os seios dela pela luz. Os mamilos de Mary estavam túmidos e o rosto dela levemente corado, não só pelo sono, mas pela presença dele ali.

- Sim. – John levou a mão dela à boca, dando um beijo. – Durma um pouco mais, Milady.

Mary abriu um sorriso no mesmo instante em resposta ao “milady”. Ela podia não admitir, mas gostava de ser chamada assim.

Ele se ergueu e ficou parado ali ao lado, observando os nuances delicados e exóticos da beleza daquela bruxa.

- Não queime nada até meu retorno.

Mary sorriu para ele e fechou os olhos para voltar a dormir.

- Sim, meu Rei.

- Duque de Lavandor. – John, sem perceber, colocou sua mão sobre a espada.

- Meu Rei – O homem com a cicatriz no rosto fez mesura e voltou seu olhar para John

sentado no trono, com os secretários reais ao seu lado. – Eu venho por parte de meu casamento com Mary de Adlarn, sua prima.

A mandíbula de John retesou. De tudo o que havia escutado ali nas últimas duas horas que sentara naquele maldito trono, desde as pessoas reclamando do poder abusivo dos guardas reais até mães com filhos doentes no colo e no ventre pedindo por algo para comer, pois o reino estava com fome, aquela foi a que fez sua raiva transparecer.

John olhou para os secretários reais e fez um movimento com o pescoço para que eles saíssem do salão. Assim que a grande porta se fechou, John desceu do trono.

- Sinto que terei de revogar nosso acordo.

O Duque de Lavandor esperou um pouco, olhando fixamente a cada passo que John dava longe do trono.

- O acordo já estava selado.

- Eu sou o Rei. – Parou atrás do Duque, com sua mão na espada. O Duque se empertigou. – E posso fazer o que quiser.

- *Meu Rei*, devo lhe lembrar que sem a colaboração das casas dos nobres senhores, seu reino não é nada além de um pedaço de terra infértil no meio do mar?

John tirou a mão de sua espada e deu alguns passos para longe do Duque, para poder ver o rosto daquele homem infeliz.

- Realmente acredita que você, Duque de Lavandor, um antigo mercenário com alianças suspeitas no oriente pode me ameaçar?

- Oh, não, meu senhor. – O Duque abaixou a cabeça, mas em seus lábios havia um sorriso. – Jamais.

John colocou seu cotovelo no braço do trono de frente para o Duque.

- O senhor Duque não irá casar com Mary de Adlarn. E essa é minha palavra final.

O Duque ergueu a cabeça.

- Essa pode ser uma péssima decisão, meu senhor.

- É verdade? Como ela pode ser ruim?

- A próxima Rainha pode não vir a tolerar uma puta no castelo real.

John encarou o homem a sua frente.

- Eu sei que ela não é sua prima. Ninguém de Adlarn ouviu falar de nenhuma prima do Rei. O que ela é pode ser um mistério para outros, mas a verdade é que Mary de Adlarn não é nada além de um rosto bonito e uma boceta cheirosa que meu Rei escolheu para passar as noites.

- Escolha suas palavras com mais cuidado, Duque. Não se esqueça com quem está falando.

- É difícil esquecer. – O Duque falou como se houvesse um significado além do óbvio.
– Peço que o Rei reconsidere o acordo que fizemos e o que pode acontecer caso for rompido.

John subiu os dois degraus do trono e se sentou novamente.

- Nada acontecerá. E sabe como tenho certeza disso? O Duque conhece a razão do por que o povo me chama de John *Bran*? Bran significa corvo. E como um corvo eu começo a matar minhas presas pelos olhos, um por vez, deixando-os cegos para não ver o que faço a seguir. Apenas sentir.

- Foi assim que matou minha mulher, a Duquesa, meu Rei? – O Duque perguntou.

Nos olhos de John havia fogo.

- Nossa audiência acabou, Duque.

- Eu voltarei. – Ele fez uma mesura. – Até lá, pense, meu Rei.

O Duque de Lavandor deu meia volta e foi em direção à saída, um enorme arco de pedra fechado por portas de madeira. Assim que ele passou por essas portas, John fechou os olhos, tentando manter o descontrole que sentia dentro de si.

Eram sensações inéditas para ele. O Duque estava falando de uma mulher, e era por ela que o Rei estava sentindo essa incrível necessidade de derramar sangue.

John já havia matado muita gente nas batalhas em que estivera, mas nenhuma delas havia sido por uma mulher. Nunca, jamais.

E por mais que a presença do Duque de Lavandor não fosse mais sentida naquele enorme salão, suas ameaças tinham um cheiro fétido que deixavam o ambiente insuportável de se estar.

John mandou fechar as grandes portas, encerrando todas as audiências. O castelo estava estranhamente vazio. Talvez porque o Papa Benício resolvera passear publicamente com sua filha pela cidadela.

Algo que pelos informantes que John possuía, ele já havia feito com Mary, mas disfarçado.

Ele subiu as escadas com pressa. Aquela quietude o animava de certa forma.

Quando entrou no quarto, Mary ainda dormia em sua cama. Deixou seu manto no chão e subiu na cama, passando os lábios nas coxas dela. Ela se espreguiçou lentamente, sentindo o toque aveludado dele. John aproveitou e se colocou no meio das pernas dela, erguendo seus joelhos sem gentileza e achando seu sexo quente e molhado.

Ele deu um beijo úmido nas partes íntimas dela, usando a língua para acordá-la de vez.

- Ah. – ela gemeu baixo, mantendo os olhos fechados ao sentir a língua dele naquele local tão sensível. Mary estava, definitivamente, acordada. – Milorde?

John levantou sua mão e apalpou um seio dela, brincando com o mamilo recém desperto, em resposta. Com a outra mão, aproveitou para colocar dois dedos dentro dela e apressar o prazer intenso. Mary arqueou as costas e mordeu o lábio para não gritar. De sua garganta saiu baixo o nome de John.

Ele subiu o corpo dela lambendo os lábios e provando o sabor que ficara em seus dedos.

Mary abriu os olhos devagar, esperando-o se aproximar de seu rosto. Quando ele o fez, abaixou os lábios nos dela, sem dar tempo para que ela dissesse qualquer coisa.

- Eu adoro sentir meu sabor em seus lábios – ela sussurrou para ele ainda meio sonolenta, dando um sorriso em seguida. – Meu Rei ainda está com a coroa na cabeça.

John tirou-a e colocou-a do lado na cama. Depois, ajudou Mary a se sentar.

- Duque de Lavandor esteve aqui. – Falou para ela, descendo da cama e pegando uma jarra com vinho que havia sobre sua mesa, se servindo um cálice.

- Não estou muito preocupada.

- Pois deveria. – John retrucou.

- Sou uma bruxa, John.

- Não será uma se ele cortar seu pescoço. Ele me ameaçou. A mim, o Rei! – John andava de um lado para o outro.

A cabeça de Mary deu uma volta, ela abriu a palma da mão à frente do corpo e, em um movimento rápido, John ficou imóvel.

- Mary! – John exclamou, ela estava fazendo magia. Parecia que havia amarras invisíveis segurando seu corpo e o deixando imóvel.

- Desculpe. – ela abaixou a mão. – Seu andar estava me deixando nervosa.

John sentiu o formigamento o libertar, deixando-o seu corpo solto. Ele suspirou.

- Não faça isso novamente.

- Não posso controlar. – ela se levantou da cama, caminhando até ele, nua. – O que o Duque falou?

- Ele sabe que você não é minha prima.

- O quão decidido ele está em relação à vingança contra você?

- Eu diria que fortemente.

Mary pegou o cálice da mão de John, tomando um longo gole.

- Temos coisas piores para se preocupar. Prudenza uma vez me disse que havia boatos sobre uma bruxa ter vindo até você. Esse Duque infeliz pode achar que isso seja relevante.

- Isso não é possível. – John falou com uma voz séria.

- Esse reino já me deu várias razões para não duvidar de nada.

- O Duque de Lavandor é um problema fácil de ser resolvido. E o que sua serva escutou não passa de um boato.

- Prometa para mim que não haverá mais mortes.

- Você não está realmente me pedindo isso, está? - John franziu o cenho.

- Eu gostaria que você se lembrasse por um segundo que não é mais um cavaleiro.

- Sempre serei cavaleiro, Mary. A cruz está no meu peito. – Ele não falava figuradamente.

Mary foi até a mesa e lá colocou o cálice vazio, fugindo do olhar dele.

- Você não tem pesadelos? Porque eu tenho.

John deu passos largos até ela.

- É por isso que quer paz? Para esquecer?

- Essa não é a pergunta que quer me fazer, não é? – ela ergueu o rosto e encontrou-o ali, há poucos centímetros. – Estou ligada a você de alguma forma, John. – Mary respondeu aquela pergunta silenciosa dele. – E agora... ainda mais. Antes eu queria fugir do passado, agora quero fugir de você. Desse lugar. Só Deus sabe o quanto isso é doloroso para mim.

John tocou os dedos dela gentilmente com a mão, mas Mary desviou o toque e se afastou. Recolheu a manta dele do chão e cobriu sua nudez.

- O que você tem feito na vila dos servos? – John quis mudar de assunto.

- A filha de minha serva estava doente. Estive lá para cuidar dela.

- Por quê? A vila possui monges que cuidam das pessoas.

Mary riu.

- Venha comigo na próxima vez. Lhe mostrarei coisas que nem o Rei imaginaria.

- Por que você se importa tanto?

- Eu sou uma deles.

- Não, não é. Deixou de ser há muito.

- Como Rei, você deveria entender, John. Não é sobre riqueza e pobreza. Nem mesmo sobre certo e errado, ou céu e inferno. Elas são pessoas. E se eu tenho o que comer pela manhã, elas também têm que ter.

John se sentou ao lado dela, tentando entender o que dizia.

- Quando partir, eu queria poder continuar ajudando essas pessoas. Você permite?

- Não precisa me pedir. A corte é toda sua.

- Posso organizar uma equipe, então? – ela sorriu.

- Se é o que deseja. Mas não exagere. Não chame muita atenção.

- Sim, Milorde. – Mary sorria com sinceridade. Aquele havia sido o melhor presente que John já havia dado a ela.

Ele pegou o queixo dela e analisou seu rosto.

- Por que um sorriso tão bonito assim? E por algo tão pequeno?

Mary não respondeu. Não precisava.

- Há algum outro compromisso real?

- Apenas o banquete ao entardecer. Você também terá que estar presente.

- Eu sei. – ela passou uma perna e depois a outra sobre ele, subindo em seu colo.

Mary pegou a coroa que estava ali perto, próximo à cama, e colocou sobre a cabeça dele.

- Quer que eu continue o que comecei há pouco?

Ela concordou com a cabeça, beijando o pescoço dele.

Mesmo com tantas perguntas na cabeça, John não podia negar aquilo. Mary segurou seu rosto com as duas mãos e o beijou com força. Em resposta, ele a pegou pela cintura, deitando-a na cama e tirando o manto que cobria sua nudez.

John olhou para Mary distraída enquanto passava o unguento de rosas na pele. Já era tarde. O entardecer chegava rapidamente. As servas dela já haviam vindo vesti-la e prepará-la para a noite. Mary estava de costas para ele, mas ele podia ver os detalhes do vestido púrpura que usava. Uma cor rica. E ele havia acabado de descobrir que adorava observá-la.

À frente do vestido, pedras preciosas decoravam as costuras da manga longa e do decote sutil. Ela tinha os cabelos trançados em duas tranças compridas, uma amarrada na outra por aquele fio de ouro que um dia havia sido da Rainha-mãe.

Se John tivesse acabado de conhecê-la ao invés de ter passado por tudo o que estavam passando, ainda sim sentiria seu coração bater forte.

Ele conseguia sentir as batidas naquele momento e era um tanto constrangedor. Principalmente porque nunca sentira algo igual.

- Você sente medo do que pode acontecer se a profecia realmente se realizar?

Mary colocou o pequeno pote de barro de volta à sua penteadeira.

- Não vai acontecer.

- Você viu a *mulher*? – A quem ele iria se apaixonar.

Ela olhou seu reflexo ao espelho por um segundo, respondendo silenciosamente aquela pergunta dele.

- Eu senti a dor dela uma vez. Já lhe disse isso. A dor que ela vai sentir quando estiver sendo queimada na fogueira.

- Por que uma fogueira? – John franziu o cenho. - Essa punição é apenas para hereges e bruxas... – Na última palavra a voz dele hesitou.

Mary fechou os olhos, sentindo um arrepio no corpo inteiro. Ele tinha demorado para ligar os pontos.

- Há quanto tempo você sabe? – Ele exigiu com voz baixa, sem sair de onde estava. – Há quanto tempo você sabe que essa mulher é *você*?

Ela estava se negando responder essa pergunta.

John, com as mãos em punho, se ergueu de onde estava sentado. Ele não precisava perguntar outra vez. A tensão ao redor dos dois exigia a resposta de Mary.

E ela sabia que ele tinha direito de saber.

- Desde ontem. Eu tive um presságio. Um amor proibido... Eu vi nós dois.

- E por que não me disse?

- Eu tentei! – ela se levantou da cadeira, se virando para olhar para ele. – Mas você pediu por um dia. *Só um dia*. Eu te dei esse dia.

- Essa é a parte da *sua* maldição? Você morrer porque nós ficamos juntos? – O rosto de John estava lentamente se transformando. Ele sentia raiva, sentia traição, mas ainda sim, sabia que o que acontecesse com ele não seria pior do que com ela.

Afinal, Mary agora sabia que havia sentido a própria morte e não de uma mulher qualquer.

- Eu perco tudo. Inclusive a vida. Eu sabia que perderia, mas não sabia como, nem por quê. Achei que te avisar sobre a profecia fosse o bastante, mas não era. – Mary deu um passo em direção a ele.

- E agora?

- Você casa, eu vou embora.

- Eu quero a verdade, Mary. Agora. Antes que seja tarde demais. Você escondeu de

mim coisas demais. Eu preciso saber da verdade.

- A profecia envolve nós dois.

- Por que nós dois?

- Só Deus deve saber. – ela murmurou. – Eu estou ligada à sua profecia e você à minha maldição. Lembra quando recitei a profecia que ouvi da velha cigana?

- Sim. Algo sobre o *amor* e o *rei valente*.

- E febre e a morte. Não falei toda ela para você.

- Então me diga.

- *“Se um amor inocente escolher*

O rei Valente irá morrer

A chama do reino então se apagará

A fome, a febre e as vozes irão se abraçar

E num último suspiro súditos irão pedir

Por um novo rei com herdeiros

Que pela glória e a paz irá lutar

Mas se a feiticeira o amor impedir

Não apenas o destino de um homem irá interferir

E sua maldição quebrará

Sendo levada pela brisa do oeste

Para uma terra distante, onde o sol jamais tocará”

John ficou calado alguns segundos, processando aquelas palavras. Era o destino dele e dela que estava sendo selado. A morte dos dois. Aquilo não era apenas sobre ele agora.

- Por que você está perdendo seus poderes?

- Eu estava. Agora eu me sinto mais forte do que nunca.

- Como isso funciona? – Ele estava confuso.

- Antes de você me beijar, na noite em que Benício chegou à cidadela, eu podia sentir meus poderes ficando mais fracos. Mas agora... Depois das noites que passamos juntos...

- Eu te fortaleço?

- Sim. Ficar longe de você me deixa fraca. – Falar aquelas palavras fora difícil para ela.

- Mas se ficarmos juntos ambos iremos morrer e o reino irá cair na fome e na peste?

- É por isso que tem que se casar com Valence o mais rápido possível. Me esqueça.

Pense no futuro do reino. Você tem que viver, John. Tem que fazer as coisas melhorarem.

- E se casar com ela não for o bastante?

- Será.

- Você não sabe mais do que eu, Mary. Vejo isso agora. Você tem mentido para mim desde que chegou ao castelo, se escondendo por trás de meias verdades.

- Mas como eu iria saber, John? Eu só queria me livrar de tudo isso de uma vez.

John estava estranhamente tranquilo. Suas mãos ainda estavam fechadas em punhos. Por dentro, ele estava uma bagunça.

Saber que Mary era a mulher quem se apaixonaria e por quem morreria não estava ajudando na aceitação de tudo.

- Se nunca tivesse vindo até aqui, não estaríamos onde estamos agora. Você nos colocou nisso tudo. A culpa é toda sua.

Se ele gritasse com ela, aquelas palavras iriam doer menos. Mas ele falava com a calma de um homem profundamente ferido. Falava com o tom que não usara nas últimas vinte e quatro horas.

Naquele dia que passaram juntos, John havia sido apenas um homem com uma coroa na cabeça. Mas não agora. Agora ele estava sendo um Rei.

- Eu não quero que entenda. Eu só quero que faça o que tem que fazer.

- Eu tenho um dever com meu Reino. – John disse para si mesmo. – E você vai ficar bem, Mary. Vai finalmente ter o que queria.

- Do que está falando?

- Você irá embora. Como desejava. Não há razão para ficar aqui.

- Espere...

John deu um passo para trás quando ela se aproximou, como se tivesse algo mais para dizer.

- Irei fazer os preparativos para sua partida.

- John, eu...

- O quê, Mary? Não é o bastante tudo o que você já disse? Ou tem algo mais surpreendente para me dizer?!

Ela olhou para o chão e respirou fundo.

- Não, milorde.

- Só me responda uma última pergunta... – John pegou o queixo dela, e não havia carinho de amantes naquele toque. – Por que veio aqui, afinal? Se não sabia que a mulher da profecia era você, que motivo tinha para vir aqui?

Mary tirou seu olhar do chão de pedras e ergueu seu rosto até ver os olhos verdes claros dele.

- Eu não sei.

John soltou o rosto dela e demorou um pouco para sair, achando que ela iria mudar de resposta. Mas Mary não mudou. E quando a porta do quarto se fechou atrás das costas dele, ela sentiu que a verdade era algo que só ela deveria saber.

John e seu reino tinham uma chance, ao menos. Ela, não. Ela não tinha uma profecia, que dizia o que iria acontecer. Ela tinha uma maldição. E ela havia ido até ali porque achava que haveria um meio de revertê-la, mas não haveria.

Sem John, Mary perderia todas suas forças até morrer. Com ele, seria assassinada.

A maldição dela era a morte. Independentemente da versão.

Foi por isso que ela foi até Orcadas. Numa chance cega de conseguir a resposta para aquele quebra cabeças.

Que iria continuar incompleto.

XXI – MARY, UMA MULHER

Quando chegou ao pátio onde estava ocorrendo o banquete, servos com bandejas a receberam, servindo-a um longo cálice de vinho. Ela estava faminta. Havia apenas compartilhado algumas alcachofras e pão com John naquela tarde.

As fogueiras ao redor do local aqueciam os bêbados e as damas que cortejavam sutilmente. O Papa Benício estava sentado no lado de John na grande mesa de lordes. Naquela noite, ele ocupava o lugar de honra. Ele levantou o cálice assim que viu Mary adentrar no pátio. John nem olhou em sua direção, estava ocupado conversando com Valence, que parecia um tanto feliz pelo súbito interesse dele.

Mary sabia que teria que sentar naquela mesa, por ser a única “parente” real. Mas ela não queria mais continuar mentindo para si mesma. Sentou em uma mesa mais perto de onde músicos embalavam alguns Duques que já haviam tomado cerveja demais.

Ela se lembrou de quando dançou com Henrik, semanas atrás. Quando tudo não passava apenas de um desejo. Quando ela achava que estar ali tinha uma razão e que iria conseguir se livrar da maldição.

Mary havia sido egoísta no início, querendo apenas se livrar do peso que carregava. Mas lentamente, as pessoas daquele reino a conquistaram. E agora ela sentia um peso no coração, pois carregava uma dívida com eles.

Como poderia ter colocado sua vida antes das centenas de pessoas que iriam perecer com fome e com peste se a profecia de John fosse realizada?

A música parou em um súbito. O Rei havia se levantado. O pátio entrou em um silêncio profundo. John esperou um segundo para poder falar.

- Meus amigos lordes, meus servos. Essa noite é uma noite de celebração, pois além da presença do nosso convidado ilustre, o Papa, tenho uma notícia para dar.

O coração de Mary se apertou até ficar do tamanho de uma ervilha.

- Anuncio hoje meu casamento com a filha do santo pontífice. Valence de Port. – Ele ofereceu a mão a ela. E pega de surpresa, com um sorriso maior do que cabia no rosto, Valence aceitou a mão dele e se levantou na mesa. – Essa é a lady quem escolhi para me enlaçar em santo matrimônio. Essa é a Lady que será a próxima Rainha. – As pessoas ao redor pareciam não acreditar, outras cochichavam que havia demorado demais aquele anúncio. Outras estavam

bêbadas além da conta para perceber o que acontecia.

John olhou para Valence e depois para Benício.

- Vida longa à próxima Rainha.

- Vida longa à próxima Rainha! – As pessoas ao redor repetiram.

A música voltou a tocar com mais intensidade. As damas de Valence correram até ela para parabenizá-la, soltando gritinhos e falando repetidamente quanta sorte ela tinha.

A dor que Mary sentia era a pior desde que chegara ali.

Sua garganta estava apertada, seu peito tinha um nó e seu estômago estava revirado. Sem querer chamar atenção, ela pegou seu cálice de vinho e sorrindo para todos ao seu lado, foi saindo lentamente do pátio. Precisava de um tempo a sós. Ou aquele momento iria consumi-la.

Mary subiu a torre que dava para o jardim. Estava escuro. Ela pegou um archote e caminhou pelos caminhos dos canteiros. Não estaria ali para ver as rosas quando elas desabrochassem.

- Mary?

Ela se assustou quando ouviu a voz de Benício atrás de si.

- Sua graça! – Fez uma mesura para ele.

- Milady está se sentindo indisposta?

- Sim. – Para falar o mínimo.

- E o que é isso em seu lindo rosto? – ele tocou a pele abaixo dos olhos dela. –

Lágrimas?

Mary não tinha percebido que estava chorando.

- É de felicidade, sua graça. – Ela limpou o rosto e sorriu. Benício sorriu com ela também, como se não soubesse a verdade por trás das lágrimas.

- Sempre que entro em um jardim me lembro de uma história de amor.

- Ah, é mesmo?

- Nabucodonosor, o Rei da babilônia, se casou com uma mulher de uma terra distante. E odiava vê-la triste por estar longe de casa. Então deu a ela de presente um magnífico jardim. Os jardins suspensos da babilônia. Levou anos até o jardim estar pronto. Mas, quando completo, a prova de seu amor ficou marcada na história para sempre.

Mary apenas sorriu em resposta.

- Eu sei que você chora pelo Rei. – Benício falou em seguida, calmo. – Você o ama.

- Não, eu...

- Seus olhos, minha querida. Está em seus olhos. – Benício apontou para o rosto dela. – Você não precisa ter vergonha do que sente.

- Acredito que essa seja a última semana que estarei no Reino.

- Irá embora?

- Sim.

- Venha comigo para Roma. Lá será sempre bem-vinda como amiga do Papa.

Aquele convite era irresistível. Mas a resposta de Mary era clara como diamante.

- Ainda assim, as portas estarão abertas para você, quando quiser.

- Eu agradeço, mas meu destino já está selado.

- O que diz com isso?

- Eu temo que não poderei conhecer o mundo como queria. Meu tempo está acabando, Benício. – Havia um toque de lamento em sua voz.

- John sabe disso?

- Sabe... em parte. Não é realmente o problema dele.

- Ele é o vosso Rei, Mary. Mas ele também é seu amante...

Algo no rosto dela o fez perceber algo de imediato. Ele tocou o braço dela e ela estremeceu. De olhos fechados, ouviu quando Benício falou:

- Ele foi seu primeiro amante.

Não havia razões para mentir para ele, um homem que se tornara um amigo e que ela iria sentir muita falta.

Benício notou pelo silêncio dela que John não sabia daquilo.

- Você tem que dizer para ele, milady. John tem uma responsabilidade com você.

- Ele precisa casar com sua filha, Benício. – Um desespero correu do corpo... não, da alma dela para fora. Ela estava desesperada. – Ele precisa.

- Não. – o rosto dele se fechou. – O que ele precisa é saber o que fez com você. E saber que o que *vocês dois* fizeram tem consequências. E como chefe da santa igreja eu dou a benção sagrada pra vocês dois.

Mary sorriu, mas era um sorriso vazio. Não havia nada ali, nem dor nem mesmo infelicidade. Ela pegou as mãos dele nas suas. Olhou bem no rosto de Benício. A barba longa e branca dele cobria quase toda sua face, mas seus olhos azuis claros exibiam uma bondade que ninguém ali possuía, nem mesmo ela quando via seu reflexo ao espelho.

As vestes dele eram brancas naquela noite, e ele resplandecia como um homem tocado por algo que ninguém entendia. Era mais do que simplesmente religião – e não que ela

entendesse, porque Mary evitava em ir à igreja nos domingos.

- Sua graça não viu o que eu vi nem sentiu o que eu senti. E é por isso que digo que destino não existe. Existem escolhas. E algumas vezes elas precisam ser feitas com cuidado. Eu já fiz minha escolha. John já fez a dele.

- Mas você merece ser feliz – Benício pegou o rosto dela nas mãos.

Dois guardas apareceram, portando tochas, fazendo medida quando viram Benício.

- Sua graça, o Rei pede sua presença no pátio. – Eles falaram de cabeça baixa.

Benício trouxe o rosto de Mary até os lábios e beijou sua testa.

- Pense no convite que eu lhe fiz. – ele se afastou, abaixando a cabeça de leve para ela, antes de sair. – Vamos conversar mais amanhã, preciso ir agora.

- Claro, sua graça. – Mary pegou seu vestido e se agachou.

Benício sorriu. Mary não precisava fazer aquilo, mas por causa dos guardas ele não falou nada.

O Papa caminhou a direção do fogo. Os dois guardas esperaram que ele passasse o grande arco de entrada para depois o seguirem.

Ela voltou para o castelo algumas horas depois, quando a música havia cessado e os nobres já haviam ido embora. Mary precisava pedir uma última coisa para John. Algo que ela não iria deixar de fazer antes de ir embora daquela ilha.

Caminhando pelo corredor principal do segundo andar, Mary teve um péssimo pressentimento quando viu Valence e suas damas dando seus risos estridentes enquanto analisavam uma caixa de madeira entalhada que possuía algo brilhante dentro.

Ela tentou passar por elas sem que fosse notada, mas Valence a viu e abriu um sorriso sem muita sinceridade.

- Lady Mary – ela fez uma medida. – Milady está bela hoje com esse vestido.

Mary sabia que o vestido era um pouco antigo em relação ao que ela usava, então tomou aquilo como uma ofensa, mas não respondeu nada. Passou a mão no grosso colar com uma cruz no centro do pescoço. Suspirou.

- Belo bracelete, milady. Presente do Rei?

- Sim. – As garotas ao redor começaram a dar risinhos. – Milorde disse que quer me ver coberta de joias para poder demonstrar a riqueza do reino.

- É. – Mary desdenhou. – A Rainha deve mesmo demonstrar riqueza ainda quando seu povo morre de fome.

Valence fez uma careta.

- Do que está falando?

- Você queria algo, milady? – Mary a ignorou, querendo voltar rápido para seu quarto.

- Ficaré muito tempo pelo castelo? – Ela foi bem direta, apagando o sorriso falso de seu rosto iluminado pelos archotes.

- Sinto que não.

- Bom. – Valence falou, lançando um último olhar nada contente para ela antes de virar as costas e sair caminhando com passos firmes até a escada. Suas damas seguiram como acompanhantes fiéis.

Mary apenas virou a cabeça e seguiu para seu cômodo. Havia poucas velas e o quarto estava quase completamente na escuridão.

Ela acendeu algumas e espalhou pelo ambiente, acendendo também um candelabro.

Sua cabeça estava doendo pelos grampos e pela corrente que amarrava com força suas tranças. Mary as desfez e se sentiu um pouco melhor com seus cabelos soltos ao redor de seu rosto.

Pegou o candelabro e olhou firme por alguns segundos a parede do túnel que ia até John. Mas não mudou de ideia. Com um pouco de força e com o candelabro nas mãos, em poucos instantes já estava empurrando o mapa de Orcadas que selava a passagem.

John estava em pé no meio do quarto. O topo de sua camisa estava aberto, seu manto sobre a cama e sua espada fora da bainha, sobre a mesa onde alguns papéis estavam seriamente bagunçados, com alguns no chão.

O que tinha acontecido ali? Por um segundo ela imaginou que...

Não. John já tinha recusado Valence uma vez, mas...

Mary fingiu não sentir seu estômago revirar.

- O que quer Mary? – ele olhou para ela por um tempo, depois seguiu para a mesa, recolhendo papéis do chão.

- Um favor.

- Não tenho tempo para favores. E, além do mais, acredito que a cota de favores de milady acabou.

- Eu ainda quero ir para a Vila dos Servos amanhã.

- Esse é o trabalho da Rainha agora.

- Mas seu reino ainda não tem uma Rainha – ela falou com uma voz fria como uma tempestade de gelo.

John franziu o cenho. Mary caminhou até ele e colocou o candelabro no meio de toda aquela bagunça, lançando uma lâmina de luz no rosto sombrio dele.

- É a última coisa que peço de você.

Ele esperou um segundo, olhando nos olhos azuis profundos dela, e balançou a cabeça.

- Você irá embora em cinco dias, Mary. Eu aconselharia a você não se importar com essas pessoas.

- Cinco dias?

- Vai de barco até a Inglaterra, de lá segue a cavalo para a Escócia.

- Por que Escócia?

A mandíbula dele retesou. Ela notou quando a expressão tranquila dele foi emudecendo.

Mas ela não precisava de uma resposta. Quando chegasse à Escócia estaria livre.

O problema era que Mary não queria mais ser livre. Ela queria ter o homem que amava em seus braços.

- Quando eu cheguei à cidadela nunca achei que iria gostar desse lugar – Ela falou repentinamente, quebrando aquele olhar intenso entre os dois. Havia entre eles ressentimento e um resquício de paixão, mas que estava bem coberto pelo sentimento de traição. – Mas agora eu vejo que esse lugar possui virtudes que quase ninguém vê. Por detrás da miséria do povo, há felicidade nas pequenas coisas.

- Mary, você não é o tipo de mulher que me bajula. Pode parar com o discurso. – John acusou-a, dando-a as costas.

- Não, eu preciso dizer isso! – Ela pegou o braço dele. – De verdade. Eu preciso que você saiba que eu não vim aqui para ter um romance com você ou o que quer que tenhamos tido... Preciso te dizer que apesar de tudo, se eu tivesse escolha, iria escolher ficar.

- E a sua paz?! – A voz dele ficou mais grave, num tom acusatório. – A sua maldita paz que tanto quer? Que tanto me pediu?

- Por um segundo... – ela respirou fundo e soltou o braço dele. – Eu achei que poderia tê-la aqui.

- Está dizendo que teve esperanças de ficarmos juntos mesmo sabendo o que aconteceria?

O rosto dela denunciava a resposta. Mary sentia suas lágrimas nos cantos dos olhos,

mas retomou seu controle e não deixou John ver o que estava sentindo.

John, por outro lado, não parecia irado. Talvez um pouco. Mas ele estava machucado, na verdade. De um modo que nunca estivera antes. Daquele jeito que consome você de dentro para fora.

Ele não tinha escolha. Nunca tivera. John era o Rei e tinha que proteger seu povo, mesmo que isso significasse enviar a mulher que... – bem, ele não sabia exatamente o que estava sentindo, só sabia que era forte – para bem longe e nunca mais vê-la.

E John tentava se consolar repetindo para si mesmo que aquele havia sido o destino de Mary desde quando colocara o pé no castelo. A morte ou a distância.

- Somente quando você tocava no meu corpo. – sussurrou ela.

John sentiu o coração se apertar dentro do peito.

- Era apenas prazer. – ele falou.

O olhar que ela deu a ele desmentiu aquilo. John deu um passo furioso para perto dela. Odiava quando Mary o via melhor do que ele mesmo.

- Eu caí na sua armadilha. Admito. Mas isso vai embora no mesmo instante que você for. Nós não somos Abelardo e Heloísa, Mary. Não somos crianças como eles eram. E isso não é *amor*. Isso é uma maldição, você mesma disse. E ela acabará de um jeito ou de outro.

- Você sabe o que é preciso para isso acabar! – A voz dela falhou. Ela colocou a mão ao redor do cabo de ferro da espada dele sobre a mesa e a levantou.

John ficou inquieto quando ela começou a se aproximar dele. Mary olhou bem nos olhos dele antes de pegar a mão dele e colocá-la sobre a sua, no cabo da espada.

- Faça o que tem que fazer, John. Você já fez isso um milhão de vezes, não será difícil. – No momento em que ela disse essa frase, não conseguiu suportar o que suprimia dentro de si e teve que virar o rosto para o lado, escondendo suas lágrimas.

A lâmina da espada estava perigosamente perto de seu pescoço.

John havia passado de confuso para calmo... calmo até demais.

- Você faria isso por mim?

Mary se virou para ele, levantando o queixo.

- Eu faria qualquer coisa por você. Mas isso é pelo seu reino, pelo seu povo.

- Mary... – John apertou a mão na dela, abaixando a espada. Com a outra mão, tirou uma mecha de cabelo do rosto dela.

Nada que os dois estivessem pensando naquele momento iria mudar o que estava acontecendo. John estava se rendendo lentamente, mas ainda assim, entregue.

O quarto parecia estar em chamas ao redor dos dois. E a única coisa que os impedia de queimar era aquele abraço.

John largou a espada no chão de pedra e puxou Mary com força pela cintura, para que não houvesse mais espaço entre eles.

- Você não pode me beijar, John.

Nos olhos dela havia dor. Naqueles lindos olhos azuis escuros.

Mas John aproximou seu rosto mesmo assim. Com os lábios se tocando e os olhos fechados, John balançou de leve a cabeça, em uma disputa consigo mesmo. As horas depois da briga que eles tiveram haviam sido penosas, e ele sabia que não iria dormir naquela noite.

- Eu também faria tudo por você, Mary. Não entendo o porquê, mas... – ele apertou sua testa na dela. – Maldição! Desde nosso primeiro beijo não consigo parar de pensar em você.

- Eu... – Ela tentou empurrá-lo pelo peito.

John pegou a mão dela e levou aos lábios.

- Eu adoro o seu cheiro. – Ele roçou sua boca na dela em seguida, ouvindo um suspiro doloroso sair de seus lábios. – Adoro sua boca. E adoro como o sol toca seus cabelos pela manhã... Eu nunca tinha notado algo assim de uma mulher. Mas você me fazer ver tudo diferente. Eu me sinto diferente com você, Mary.

Mary conseguiu forças e o empurrou de uma vez.

- Você vai se casar com Valence. E eu sou uma bruxa. – Abriu um sorriso, se lembrando daqueles primeiros dias em que os dois queriam arrancar o couro um do outro. – Você queria me matar há não tanto tempo assim.

John continuou sério. O olhar dele estava no sorriso lindo dela.

Era incrível como bastava Mary dar um lindo sorriso e a tensão entre eles se dissipava ao ar como areia no deserto. A lua parecia até mais brilhante e prateada. A noite mais quente e John definitivamente conseguia sentir as barreiras dentro de si quebrando uma a uma.

Parecia um feitiço, mas não era. Era apenas a simples e cruel paixão.

Por isso que era proibida. Apaixonar-se não era para Reis e Rainhas, pois havia muito em jogo. John sempre soube disso. Mas Mary não, porque ela era uma Bruxa.

Uma Bruxa com esperanças. E esperança também era perigoso dependendo de quem a possuía.

- Ambos estávamos com medo. Você, da morte. Eu, de você arruinar com meu reino.

- Você ainda corre esse risco.

- Meu reino é tão forte quanto pode ser. Uma Rainha é algo ornamental, Mary. Algo

que o rei possui para evitar falatório.

- Mas um herdeiro, não.

John fechou os olhos, contrariado. Ele parecia querer convencer a si mesmo de que ficar com Mary era uma opção, apesar de minutos atrás afastá-la com mentiras sobre o que tiveram.

- Você estava certa esse tempo todo.

- Certa sobre o que?

- Sobre eu querer amor, como meu irmão. Ele é feliz. E eu nunca fui feliz em toda a minha vida. Eu sabia que teria que me enlaçar em matrimônio um dia, por isso adiei o máximo possível.

Mary já sabia daquilo.

- Não é pecado querer ser feliz.

- Para um Rei, tudo é pecado. – Ele parou um instante e respirou fundo. – Você vai para a Escócia?

- Não é como se eu tivesse escolha.

- Mas você tem *essa* escolha. Eu não tenho nenhuma. – Ele foi até a cama e colocou sua espada na bainha. – Eu tenho um castelo lá. Próximo do mar. É frio o tempo todo, mas ao menos quando sentir minha falta, só precisará olhar para o oceano.

Algo dentro do peito dela despedaçou no instante em que ele falou aquilo. Estava sendo difícil, muito difícil. E o que ele dissera era uma admissão de como também se sentia.

Ela mordeu o lábio inferior para impedir o que iria falar.

- Eu também vou sentir sua falta, *bruxa*. – John falou com aquela sua expressão de poucos amigos, adivinhando o que estava se passando pela cabeça dela.

- Eu tenho que ir – Mary sussurrou para si mesma, se apressando até o candelabro para poder sair dali.

Mas John foi mais rápido. A pegou pela cintura, fazendo-a sentir um arrepio de baixo para cima quando colocou a boca em seu pescoço e passou as mãos por seu abdômen, até apalpar seus seios por sobre o vestido.

O candelabro que ela tinha nas mãos caiu no chão e todas as chamas se apagaram. O quarto ficou a meia luz. Porém, Mary conseguia ver tudo claramente. E na ausência da luz seu corpo reagia em atração ao de John. Como dois asteroides em um caminho direcionado à colisão.

- Fica comigo essa última noite.

- Não podemos...

- Eu sei – John a puxou mais forte, e ela sabia que iria haver marcas do toque dele em sua pele no dia seguinte. Mas não se importava. Ela queria mais.

Sua respiração pesou quando ele a colocou de frente, sendo obrigada a encarar aquele rosto lindo. As feições quadradas do queixo dele estavam relaxadas. A boca linda e macia de John estava entreaberta em uma respiração lenta e cheia de desejo. Seus olhos fixados nos dela transbordavam paixão.

- Me beije – pediu ele.

Ela não podia.

- Não.

- Maldição! – ele exclamou baixo, puxando-a para seu colo.

Com um movimento, John jogou tudo o que havia sobre a mesa ao lado deles no chão e a colocou lá em cima.

Mary puxou o cabelo dele, tentando impedir aquele beijo vindouro. Mas ele não se deteve. O rosto dele era a expressão clara de desejo indomável.

John puxou as pernas dela, abrindo-as e colocando sua mão por dentro da saia do vestido que ela usava. O toque bruto dele na pele sensível dela foi como uma reação química que dá errado. Ela começou a se render, mas com dificuldade.

Ele pegou a nuca de Mary e devagar desceu ao seu rosto para poder beijá-la.

Quando os lábios dele tocaram os dela, Mary pareceu ver o paraíso. Ela queria gritar com ele, bater e machucá-lo de um modo que viesse a entender como se sentia por dentro. Mas ainda assim, recebeu aquele beijo.

Ela suave e nada como os corpos dos dois estavam. Aquele beijo era algo tão genuíno que comoveu John. E ele não era facilmente comovido. Passou o braço pelas costas dela para que ela se apoiasse bem em seu corpo.

Não importava mais as diferenças que havia entre ambos. A única coisa que importava era aquele beijo e como Mary o aceitava.

John se afastou por um segundo, resfolegante. Ele só queria olhar nos olhos dela. E o que ele viu havia sido o mesmo que vira nas dezenas de sonhos que havia tido com ela antes de conhecê-la.

Ele nunca reconhecia o que se passava naquele olhar, mas agora sabia o que era.

Mary o interrompeu ao puxar a camisa dele com força para cima. Queria sentir a pele dele em seu corpo. As mãos dela caminharam sem pressa pelo peito e pelas costas dele. John

voltou a beijá-la.

E ele esperava que a sensação dos lábios doces dela nos seus nunca fosse embora.

XXII – UM HERDEIRO MORTO

Mary se levantou da cama, olhando para as chamas da lareira.

- Quando você acendeu esse fogo?

- Não lembra?

Mary franziu o cenho, sentada. Ela não se lembrava. Sentiu o toque da mão de John em sua pele. Ele queria que ela voltasse para onde estava.

- Eu preciso voltar para meus aposentos. – Mary ficou de pé, pegando seu vestido e o passando pelos pés até seus braços encontrarem as mangas.

- Mary... – John chamou sua atenção. – Sabe que não podemos mais nos encontrar.

- Sim. – Ela terminou de amarrar a parte da frente de seu corpete.

- Então volte aqui. Fique comigo até o dia amanhecer, depois vá.

- Prudenza retornou ao castelo, não posso deixá-la notar minha ausência.

- Mary?

Ela bufou e olhou para ele, desistindo de ajeitar seu vestido.

- Eu gostaria de não brigar com você toda vez que fazemos amor. É como se sentisse culpada.

- Eu me sinto culpada – Ela admitiu, tentando não desviar seu olhar para o peito largo dele. John tinha um par enorme de braços e um peitoral que deveria ser considerado proibido de se ter.

Um cobertor feito de pele felpuda cobria suas partes baixas.

Os cabelos dele, que roçava em seus ombros, estavam emaranhados sobre o travesseiro. Seu braço estava abaixo de sua cabeça, tranquilo. Mary nunca o tinha visto com a guarda tão baixa quanto naquele momento.

- O que houve? Por que está fugindo?

- Por que você deu aquele bracelete para Valence?

John franziu o cenho, mas depois seus olhos se encheram de humor. Ele não sorriu, mas ela conseguia ver que por dentro que ele estava se divertindo.

- Há algo que queira me falar?

- Eu acabei de dizer. – Ela ia dando um passo para longe, mas John a puxou pelo braço, forçando a se sentar.

- O que é, Mary?

Ela apertou os olhos.

- É só dizer. Qual o mal nisso?

- Tudo bem – ela bufou, tirando uma pequena pena de ganso que havia grudado no cabelo preto dele. – Você tem planos de consumir o casamento *aqui*?

Foi a vez de John se estranhar aquilo. Ele franziu o cenho.

- Bem, se aqui você diz *castelo*... Sim.

- Não, John. *Aqui*. – Ela colocou ênfase.

- Não se preocupe com isso – John a beijou de leve. Mary o afastou.

- Por favor, não. Eu queria saber que ao menos algo vai ser só meu e seu. – ela olhou ao redor. – Nós passamos tanta coisa nesse lugar.

- Eu já tive outras ladys aqui, sabe disso.

- É, eu sei – Mary fez carinho no rosto dele. – Esqueça então. Pode me ajudar com isso?

John se colocou para fora da cama, beijando atrás do pescoço dela. Começou a amarrar a parte de trás do vestido.

- Você tem que tirar dos diários de sua mãe da câmara secreta dela quando eu for embora.

- Considere feito.

Mary puxou seu cabelo para frente do corpo e o encarou:

- Benício sabe sobre nós dois.

John passou a ponta de seus dedos sobre a clavícula dela, seguindo a linha do osso até o centro do colo.

- Ele me deu um tempo para escolher entre você e Valence.

- Ele deu?!

- Não é algo que podemos mudar agora – Ele colocou sua mão na nuca dela e a puxou para si. – Você é incrivelmente linda. Toda parte de você.

Abaixou o rosto lentamente e capturou os lábios dela em um toque suave como a pele de um pêssago. Se afastou meio centímetro e sentindo as batidas fortes do coração dela, falou:

- Sonhe comigo, Mary.

- Não faça isso...

- Não estou pedindo como um Rei, estou pedindo como um homem... Sonhe comigo. Porque eu sei que irei sonhar com você.

- Me solte – Mary falou baixinho, quase tocando os lábios dele, sentindo as mãos em sua cintura e em sua nuca, levando seu corpo milímetro a milímetro mais perto. Há pouco eles estavam grudados um no outro, compartilhando prazer e emoção, mas nada comparado àquele toque e àquele pedido.

Era sincero, era carinhoso. John não fazia atos carinhosos. Era raro.

Ele sabia que tinha que deixá-la ir. Foi soltando-a gradualmente.

- Eu irei com você até a vila hoje – Falou com uma voz mais autoritária.

De costas, ela apenas acenou com a cabeça. Caminhou até o mapa de Orcadas e estava prestes a sair das vistas dele quando seu mundo girou. Foi uma tontura anormal. Uma tontura parecida com a que teve quando viu o Duque de Lavandor pela primeira vez, naquele combate semanas atrás.

Ela esbarrou na parede e cambaleou. John franziu o cenho e foi até ela, apoiando-a em seu peito. Antes de o candelabro, com aquela única vela que estava na mão dela, cair, ele o pegou, e essa foi a última coisa que Mary viu antes de olhar ao redor e enxergar um mundo de chamas.

Por um segundo achou que estava no inferno, que sua hora havia chegado. Mas os gritos ao seu redor eram vivos demais, as cores, a dor... Mary sentia sua carne ferver e uma dor excruciante fazer querê-la gritar. E sentia lágrimas no rosto.

O local se tornou nítido por um segundo. Mary estava em uma estaca, presa por correntes enquanto o fogo consumia tudo ao redor, inclusive duas mulheres sem rosto.

Havia uma plateia, e essa plateia gritava “Morram, bruxas!”.

Nenhuma dessas pessoas possuía rostos, apenas borrões. Ela não sabia se era por causa da dor que sentia e poderia estar fazendo seus sentidos ficarem loucos, ou se era porque aquilo que estava vendo era uma visão do futuro.

Uma das mulheres que estava na pira de fogo gritava por um nome. Demorou muito para perceber que era *seu* nome. Ela gritava “Mary, me ajude!”. Mas Mary não conseguia fazer nada.

E quando a dor começou a ficar tortuosa demais, Mary soube que a visão estava acabando. Por um segundo, olhou para o céu e viu que não havia nenhuma estrela. Era como se aquele fosse um sinal de que Deus a abandonara. E, então, ouviu um sussurro:

- Salve o herdeiro do trono! Salve a Rainha!

Não foi nada além de um zumbido, como uma abelha que vem e logo vai embora. Mas foi o bastante para Mary perceber que não estava sozinha naquela visão. Ela sentiu algo no seu

ventre. De alguma forma conseguiu soltar a mão e sentir o inchaço de sua barriga. Estava grávida. Muito grávida.

A dor que sentia não era pelo fogo. Era a dor de um parto.

Ela ouviu mais uma vez alguém gritar pela vida da rainha, a multidão desapareceu como fumaça negra ao ar – a fumaça que saía dos corpos das duas mulheres ao seu lado naquela pira –, ouviu o tilintar de espadas e por um momento pensou ter visto olhos verdes claros na escuridão que era aquela noite.

Mas nada daquilo prendeu sua atenção. A dor estava insuportável. Mary não aguentava mais. O fogo, seu ventre, os sussurros... Ela gritou de dor e de desespero.

Não havia nada que podia fazer.

John estava tentando dizer a si mesmo que aquela era a melhor opção para os dois... o distanciamento, no instante em que viu Mary cambalear e quase cair no chão.

Fazia tempo que ele não precisava pegá-la no colo e deitá-la.

Assim que a pegou em seus braços, os olhos dela se fecharam, dizendo a ele que nada que estivesse vendo ali valia a pena ser visto.

John a pegou no colo e carregou até o quarto ao lado. A colocou na cama e pairou sobre ela por um momento. Mas não houve tempo para pensar. A visão de Mary acabara. E ele sabia disso porque um segundo antes dela desmaiar de verdade, abriu os olhos e olhando para o nada, disse:

- Meu bebê.

**

Havia uma bandeja farta de café da manhã sobre a mesa ao lado da grande janela de vidro do quarto da prima do rei.

Havia pêssegos, morangos (que não era uma fruta popular de Orcadas então era bem difícil de encontrar, a não ser que você morasse no palácio), pão branco com amêndoas e uma limonada de lima limão. Mas ninguém iria comer aquilo por um bom tempo. O sol nem havia nascido ainda. Os servos estavam começando a se levantar.

O próprio John tinha buscado essa comida porque depois da noite passada estivera tão inquieto que podia fazer crescer um campo de arroz nas terras inférteis de seu reino apenas só

para conseguir se acalmar, e ainda sim não iria aliviar a pressão de seu estômago.

E essa pressão só fez aumentar no instante em que Mary acordou.

- Me diga o que viu! – Ele correu para a cama. Havia buscado algo para vestir, mas ainda estava com seu peito descoberto.

Mary passou a mão no rosto, exausta, sem saber muito bem o que estava acontecendo.

- Maldição, Mary! Diga!

- Do que está falando? – Ela tentou despertar, mas ainda não conseguia ver as coisas claramente. Estava no seu quarto? Por que estava no seu quarto?

- A visão!

Essa palavra fez com que tudo voltasse a ela com a força de uma flecha bem atirada. Ela respirou bem profundamente e encostou sua cabeça na parede.

- Eu estava queimando. Essa era a visão. Minha morte. – Ela ergueu as mãos para ter certeza de que sua pele não estava queimada. Ainda conseguia sentir o cheiro que carne queimando.

Muito cautelosamente, porque John não queria que fosse algo além do que estava sendo, se sentou na cama e tomou todo o campo de visão dela.

- Você disse algo sobre uma criança.

- Não era nada.

- Claro que era... é.

- Vá dormir, milorde. Você precisa descansar. – ela desceu da cama. E antes que ele contestasse: - Estou falando sério, John. Você é o Rei. Precisa dormir. Se não, como irá acordar amanhã e fazer o melhor pelo seu Reino? Esse país precisa de você.

- Como você morre, Mary? – A voz dele era amarga. John olhava para o chão agora.

Ela parou onde estava e prendeu o ar do peito.

- Você sabe como. Eu já falei.

- Não. Você disse para mim que a Rainha iria morrer pela mão do *meu* povo... – Ele virou o rosto para ela. – E agora me diz que eu preciso lutar por esse mesmo povo?

- Eu não sou a Rainha, pelo amor de Deus! E não vou ser! – Exaurida, ela cobriu o rosto com as mãos. – Esqueça isso. Esqueça o que foi dito. Eu não existo mais na sua vida, não estou aqui! Em quatro dias irei embora e isso é tudo o que tenho de sobra.

- Você está certa – ele se ergueu, juntando as sobrancelhas e balançando a cabeça. Ainda se demorou um pouco olhando para ela, mas seguiu para a entrada secreta do quarto em seguida.

- Espere – Mary o chamou no último segundo. – Tenho algo para você.

Ele observou-a ir até a penteadeira e abrir uma gaveta, buscando algo brilhante. De longe não conseguiu ver o que era, mas quando ela chegou perto, sim.

- Não é justo que eu fique com algo que foi de sua mãe. Não sou família. – Ela quis ser bem clara. Mary pegou a mão firme dele e nela depositou a tira de ouro que John havia dado a ela em seus primeiros dias ali. – Dê para Valence... ou para as princesas que irão nascer. E não odeie sua mãe para sempre. Ela te amou.

Algo no rosto de John se modificou com aquele gesto. Ele apertou sua mão no cordão de ouro e se afastou. Não sabia por que a raiva, mas sabia que não gostava do que Mary estava fazendo.

- O que você sabe sobre amor? – Ele falou de uma forma hostil, com os olhos em chamas.

Calma, Mary deu um sorriso, engolindo sua tristeza.

- Provavelmente o mesmo que você, meu Rei.

Ela podia ver que ele estava cansado de todas as mentiras e omissões. John estava finalmente se preocupando por ela... com ela. Mas Mary só sabia esconder, e ela não era a única. Mas as consequências do que ela escondia eram catastróficas e, além do mais, John não tinha como ajudá-la.

Porque nem Mary sabia como fazer isso. E esperava que aqueles quatro dias passassem bem rápido para que fosse logo embora. Ou tudo estaria a um passo de ficar ainda pior do que já estava.

XXIII – CARTAS DE EXÍLIO

Prudenza tinha voltado a dormir no castelo. Sua filha estava em casa, se recuperando. Mary havia dado a elas moedas o bastante para viver uma vida inteira sem precisar trabalhar para o Rei. Mas Prudenza queria agradecê-la do modo que podia ao servi-la. Antes de o sol tocar a linha do horizonte, ela já estava subindo as escadas do segundo andar do castelo e atravessando o longo corredor que dava para os principais quartos dali.

Sabia que Mary estaria dormindo, por isso não bateu na pesada porta de madeira. O quarto estava escuro e frio quando entrou. Mary dormia na cama, completamente vestida na vestimenta que usara na noite anterior. Mesmo dormindo, ela tinha uma expressão cansada.

Prudenza tratou de ligar a lareira e algumas velas para que o ambiente ficasse mais aquecido. Depois que havia se ausentado, parecia que aquele cômodo não havia sido limpo ou arejado.

Havia uma bandeja com comida sobre a mesa perto da janela, e ela achou estranho porque as frutas estavam frescas. Era como se elas houvessem sido colocadas ali há pouco tempo. Pegou a bandeja e voltou para a cozinha, meio desconfiada.

- Judith, irei precisar de sua ajuda para limpar as tapeçarias do quarto de Milady Mary. Estão imundas. – A mulher que descascava algumas batatas parou e concordou para ela, virando um olhar curioso para outra serva ao seu lado. – Mikeia deveria ter feito isso enquanto você estava fora, Prudenza.

Mikeia havia sido uma das servas que, no meio da noite, fora chamada para preparar um banho para o Rei. Ela tinha um rosto manchado pela catapora que pegara alguns anos atrás, e seu nariz estava com sarda, o que a fazia coçá-lo constantemente. Esse era um dos motivos porque ela não estava mais preparando refeições.

- Milady pediu para que eu não limpasse. Eu juro! Ela me chamava apenas quando precisava de ajuda para se vestir.

- Acho que ela esteja com saudades de casa... – Prudenza falou. Algo estava afetando Mary e a deixando triste.

- Você não sabe?! Ela vai embora. Milady Valence tem comentado para Deus e o mundo.

Prudenza colocou a bandeja na enorme mesa onde Judith descascava as batatas. Uma

chaleira com água para o chá das damas de companhia de Valence começou borbulhar, outra panela cozinhava ovos para o café da manhã. Os outros servos haviam começado a trabalhar, arejando o castelo, abrindo as portas e as janelas, limpando o ouro e as armaduras espalhadas pelos saguões.

- Como assim?

- Logo após o anúncio do noivado real. Parece que foi Milady Mary que disse a ela. Que iria embora logo.

- Isso está muito estranho – Mikeia comentou. – Um dia surgem boatos de que ela irá casar com Lorde de Lavandor, e agora vai embora...

- Pela primeira vez na vida está falando algo que valeu a pena ser dito – Judith falou para a pobre, que coçou o nariz em resposta.

Prudenza estava séria. De uma forma sorrateira iria perguntar Mary. Mas por enquanto só tinha em mente de que se ela fosse realmente embora, era hora de arrumar suas malas, pois iria também.

- Ei, o que você está fazendo com essa bandeja?

Prudenza voltou a si, meio distraída, e abriu a boca para responder...

- Claud me falou que o Rei veio aqui algumas horas atrás buscar café da manhã. É essa bandeja? – Claud era um guarda real que fazia vistoria pela noite. – Falou que milorde parecia meio perturbado.

Naquele instante, tudo ficou bem esclarecido. Perguntas haviam sido respondidas por causa daquele descaso. Mary estava tendo um caso com o Rei. E era por isso que estava tão abatida, e era por isso que iria embora. Ou porque o casamento com o Duque de Lavandor não passava de boatos.

- É. É do Rei sim.

- Jesus! Ele não comeu nada – Mikeia comentou baixo, se levantando para guardar aquela comida.

A água que cozinhava os ovos ferveu. Prudenza voltou a realidade depois daquele choque. Sua lealdade por Mary continuava intacta.

Fez uma nova bandeja com comida para ela, esperava que quando chegasse a seu quarto, Mary já estivesse em pé.

Assim que Prudenza entrou em seu quarto, Mary deu um sorriso para ela pelo reflexo

do espelho.

- Bom dia, Prudenza. Como está Lorain?

- Saudável, milady. Graças à senhora.

- Eu não fiz nada.

- Bem, eu discordo completamente. – Prudenza colocou a bandeja de comida na mesa.

Mary se levantou de onde estava sentada para ir até lá e comer. Estava faminta. Aquela noite tinha tirado todas as forças que ainda restava em seu corpo.

- Hm, esse chá é bom. Diferente do que eu estava tomando.

- Como eu disse para milady, aquele chá era bom para fertilidade... – Prudenza não conseguiu evitar ficar corada. – Bem, esse que está tomando não é.

Levou um segundo para Mary entender do que ela estava falando. Ela fechou os olhos e abaixou sua caneca fervente quando percebeu.

- Prudenza, eu...

- Eu não faço perguntas, milady. E nunca irei fazê-las. Milady precisa se trocar?

Mary pigarreou e fez que sim com a cabeça. Prudenza sorriu e foi até o baú pegar um vestido mais simples para o dia e uma manta de lã, pois o dia iria ser frio.

- Irei à vila hoje, levar mantimentos para os servos.

- Estarei lá com a senhora, Milady. – Ela colocou o vestido sobre a cama de Mary. – O quarto precisa ser arejado e a roupa de cama ser trocada por limpas.

Mary concordou, quebrando a casca do ovo cozido.

- Isso chegou para Milady. – Prudenza tirou duas cartas de um dos bolsos de seu vestido e entregou para ela. Mary franziu o cenho. Era estranho receber cartas.

As duas tinham papéis ricos e pesados, com selos na cor vermelha selando o conteúdo.

- De onde elas vieram? – perguntou para Prudenza assim que ela trouxe um pequeno quite que era utilizado para responder as cartas. Havia uma lâmina para quebrar o selo, pena, tinta e a própria cera de Mary.

- Uma da vossa graça, o Papa. Ele saiu antes do amanhecer e deixou essa carta com alguém de confiança. E a outra... Bem, pelo selo, acredito vir do castelo de Primord.

Mary franziu o cenho, pois não conhecia nada sobre Primord.

- O irmão do Rei, minha senhora.

- Ah – Mary exclamou, rasgando primeiro o selo da carta do Papa. – Eu não sabia.

Onde fica Primord?

- Cinco horas de cavalo daqui.

Ela abriu o conteúdo da carta e suspirou. Mary havia dito para Benício que não podia aceitar a oferta dele, mas ainda assim, aquilo que segurava nas mãos era uma carta papal, que dava a ela exílio imediato na cidade sagrada, Roma. No fim da carta, havia a assinatura de Benício e uma frase:

“Sou seu amigo, Mary. Use essa carta com sabedoria.”

Algo dentro dela soube que aquilo que segurava era valioso, então colocou de lado já pensando em um local seguro onde guardar.

Prudenza se afastou de Mary para dá-la um pouco de privacidade. Foi preparar água para que ela fizesse sua higiene matinal.

A segunda carta era um mistério. Por que Henrik escreveria algo para ela?

E assim que ela começou a ler, seu coração se apertou até fazê-la ficar sem ar.

Querida senhora, eu agradeço imensamente pelos doces que mandou pelo meu marido. Sinto que sua presença faça muito bem a ele, e como há boatos por todo o reino, até mesmo ao Rei.

Eu nunca escutei falar da senhora e é uma pena que talvez nunca irei conhecê-la, mas saiba que sua bondade quanto à minha enfermidade está guardada em meu peito. E um dia espero retribuí-la com o tanto de carinho que meu marido disse você ter me tratado.

Milorde Henrik é um homem feliz, mas tem estado impaciente e sei que isso se deve há algo que está acontecendo no palácio real. Tente sobreviver ao ninho de cobras ao seu redor, porque elas não irão poupá-la. E nunca olhe para trás, pois elas podem comer sua cabeça enquanto não estiver olhando.

A corte é cruel, só Deus sabe o quanto eu sofri com ela, mas não desista.

Milorde Henrik decidiu não viajar com o Rei, porque a ideia de ele nunca voltar e nunca mais ver nossos filhos é como uma adaga sendo cravada em meu peito bem lentamente. E ele quer me ver bem mais do que tudo.

Se sentir-se só, venha para nosso castelo. Estaremos de braços abertos à sua espera.

E obrigada pelo carinho, ainda que nem ao menos me conheça.

*Com estimo,
Duquesa Angelica de Primord.*

Mary abaixou a carta bem devagar.

- Você já conheceu a Duquesa de Primord?

Prudenza, que dobrava alguns corpetes sobre a cama, acenou com a cabeça que sim.

- Sim, Milady. Tive o prazer de estar no casamento dela e do Duque Henrik.

- Como ela é?

- Ela é boa, milady. Ao menos comigo, digo, sempre foi uma mulher boa. O cabelo dela é vermelho como o fogo e seus olhos são escuros como a noite, mas cheios de bondade. Acho que foi por isso que milorde a escolheu.

- E como o Rei lidou com isso?

- Bem, o Rei não estava aqui. – Prudenza fez uma pausa como se estivesse pensando. Dobrou mais um corpete. – Foi antes da morte da Rainha-mãe. O Rei estava nas cruzadas, voltou semanas depois de saber. Ele já havia completado a idade de assumir o trono. Quando chegou, Milorde Henrik já estava casado e a Duquesa já esperava o primeiro filho... Um varão. Depois do nascimento do menino, o Rei mandou que Henrik fosse embora da cidadela. Algumas pessoas diziam que Henrik era o preferido para o trono, apesar de ser o segundo na linhagem. Mas não importava muito, porque o Duque já tinha herdeiro, e o Rei não tinha nada além de histórias de batalha e um gosto por ladys casadas.

- Uau – Mary suspirou. – Isso é muito para absorver.

Prudenza deu de ombros.

- Muita coisa aconteceu dentro das paredes desse castelo, Milady. E tenho um sentimento de que muita coisa ainda está por acontecer.

E Mary sabia que aquele pensamento não era exclusivo para funcionários da corte. Longe disso.

Com a cabeça nas estrelas, apesar de ser de dia, Mary comeu, bebeu seu chá e depois lavou seu rosto. Prudenza a vestiu e penteou seus cabelos.

Quando terminou, um cavalo já estava a sua espera para levá-la à vila dos servos.

Ainda era cedo, mas a vila estava movimentada. Principalmente por causa de Mary. John havia preparado tudo para ela. Desde monges a pessoas que cortavam carne de carneiro e coelho para distribuir para os servos. Havia muitas crianças por ali. Sujas, com feridas e algumas seriamente doentes.

- Obrigada por ter vindo, Renoir. – Ela falou para o garoto que a estava ensinando arco e flecha.

- É minha honra, milady. Espero que o arco que fiz seja de seu agrado.

Mary tocou no arco que estava bem seguro atravessado em seu peito. Ela sorriu. Já havia testado e estava perfeito. Leve e preciso.

- Mais uma razão para eu poder agradecer. Agora... Preciso que ajude aqueles rapazes que estão vindo com os tambores de água.

Ele balançou a cabeça. Hesitou um pouco, mas acabou perguntando o que queria perguntar.

- Se não se importa, Milady... Para que mesmo está trazendo essa água do castelo?

- Você vai ver em um minuto.

Renoir sorriu e deu dois passos para trás, se virando e correndo até a carruagem aberta que trazia uns cinco barris de água. Depois que ele saiu da visão dela, outro tomou toda sua atenção.

John, montado em seu garanhão, vinha rápido. O cavalo não cavalgava, parecia voar. A manta real de suas costas balançava ao vento. Dois lordes vinham atrás, mas Mary acreditava que era apenas para proteção.

O cavalo negro, como os cabelos dele, parou de uma vez, levantando poeira ali perto de onde havia uma imensa mesa com ervas.

John pulou do cavalo, dando a correia para um dos guardas reais que cuidava de Mary.

As pessoas ao redor começaram a ficar inquietas. Parecia, até mesmo, medo. E nada daquilo era bom.

Mary foi até ele.

- As pessoas estão com medo de você. – Sussurrou quando chegou perto.

- Milady. Como está seu dia? – John a ignorou, acenando para algumas pessoas lá no fundo da pequena praça de terra batida.

- Você precisa ser mais amigável. Sorrir mais... Sorrir, ao menos – ela se corrigiu.

Ele se virou para o guarda real e falou algo baixo para ele que Mary não conseguiu ouvir. O homem saiu na busca de algo.

As pessoas se agachavam quando John passava por elas.

- John! – ela trincou os dentes. – Se você veio aqui para...

- Eu não tenho culpa. – John falava sem olhar para ela. – Como vai, *Prudenza*?

- Milorde... – ela fez mesura, surpresa por ele saber seu nome.

- Essa é sua filha?

Lorain também fez mesura.

- Fico feliz que esteja bem, garota.

- Graças à Milady Mary, meu senhor. Ela salvou minha vida.

John franziu o cenho e olhou para Mary pela primeira vez.

- Ela mudou muita coisa por aqui desde que chegou. Milady, venha comigo.

Ela e Prudenza trocaram um olhar cúmplice. Eles se afastaram de onde todo o povo estava.

- Não fale comigo dessa forma na frente de meus súditos, Mary. – A voz dele era dura. Mary não se abalou.

- Isso não é um evento em que as pessoas beijam sua mão e dizem o quão rica é sua coroa. Maldição, John. Por que, raios, veio com essa coroa?

- Eu sou um Rei. Preciso usar o símbolo do meu trono quando estou com meus súditos. Ela apertou os olhos.

- Não a usou nenhuma das vezes que fizemos amor. O quão estranho é isso? – Mary sussurrou, se afastando.

Ela o escutou praguejar quando saiu de perto, mas não se deteve. Renoir e mais alguns garotos chegavam com a carruagem. As pessoas começaram a ficar olhando. Aquilo era estranho.

- Chegue mais perto – ela pediu. – Assim, isso. Obrigada.

- Milady, vai sujar seu vestido. – Prudenza veio correndo até ela.

- Nós podemos sempre lavá-lo. Não se preocupe com isso. – Ela sorriu. – Ei, garotinho. Pode vir aqui comigo? – chamou uma das crianças que brincava no meio da terra, balançando pedaços de madeira como se fossem cavalos.

A criança olhou para a mãe e depois para Mary. Ela acenou para a mãe vir também.

- Isso dentro dos barris é água limpa. – Mary aumentou sua voz para alcançar as pessoas. – As crianças têm que tomar, ao menos, um banho ao dia, assim como os pais. Pegue isso – ela ofereceu uma jarra de água para a mãe da criança que havia chamado. – Só assim vai prevenir que seu filho tenha feridas ou que as pessoas achem que tenha lepra. Está bem?

- Mas não há água limpa na vila, Milady – Alguém gritou de longe para ela. – Como vamos nos lavar uma vez por dia se não tem água nem para beber?

Mary olhou para John, que escutava de longe o que ela falava.

- O Rei – ela ergueu a mão para que ele se aproximasse, aproveitando da situação. –

Ele me disse que irá fazer uma fonte com água corrente no meio dessa praça. Alguns de vocês serviram a vida inteira no castelo e ele quer agradecer a todos pelo serviço.

John franziu o cenho, não havia falado nada daquilo.

Os servos cochichavam entre si, outros exclamavam felicidade.

- Eu e minha serva, Prudenza, vamos oferecer ervas aos enfermos. Há carne sendo preparada para quem quiser comer. Quem quiser se banhar ou banhar seus filhos, não hesite em vir até aqui. Há mais água limpa vindo do castelo, não se preocupem. Então, por favor, não tenham medo.

Ela parou de falar e um silêncio se fez durante alguns segundos. Ninguém se mexia, nem mesmo as crianças. Por um momento, ela achou que as pessoas iriam fugir. Mas aquela mãe que Mary chamara antes, pegou a jarra da mão dela e jogou a água na cabeça de seu filho, se agachando para limpar o rostinho sujo dele a meio de um choro baixo, pois não era acostumado com banhos, principalmente em um dia frio.

Depois disso, as pessoas se dividiram, indo para a mesa de ervas ou até mesmo se banhar. Uma delas, antes de Mary sair dali, a agradeceu.

Mary tentou se segurar e não demonstrar qualquer emoção. Ela se sentia bem por fazer algo para as pessoas daquele reino. Mas nunca quisera esse sentimento, só queria ajudar, do jeito que fosse.

- Eu nunca prometi coisa alguma. – John pegou no braço dela e sussurrou em seu ouvido.

- Está dizendo que não vai fazer?

- Não. Eu irei fazer. Mas você passou dos limites.

- Não, eu não passei. Você é um péssimo monarca, John. E isso tem que mudar. Nem que eu tenha que colocar palavras na sua boca. Vou embora em quatro dias, e pretendo ir sabendo que deixei algumas coisas para você fazer para *seu* povo, ao invés de sentar naquele trono e fingir que nada está acontecendo.

A mão dele apertou o braço dela. Ela esperou. Seu rosto estava a um centímetro do dele. John parecia confuso e raivoso.

- Eu quero te beijar agora. – ele falou com voz rouca. – E tirar toda sua roupa... Bem aqui, nessa mesa.

A tensão dos dois foi interrompida pelo pigarro de Prudenza.

- Milady...

- Sim. – Mary puxou seu braço da mão de John.

- Preciso de sua ajuda.

- Claro. – ela passou a mão em seu corpete, sentindo o coração bater rápido. Foi com Prudenza, agradecendo-a baixo por tê-la tirado daquela situação.

Depois que Mary saiu de perto de John, não o viu tirar a coroa da cabeça e se livrar de sua pesada capa. Ela acabou se distraindo no que fazia, demonstrando para algumas mulheres como preparava um tônico de ervas, que acabou perdendo John de vista.

Umas duas horas mais tarde, quando um tumulto começou a se fazer no meio da praça, aquele mesmo garotinho que ela chamara mais cedo veio correndo até ela, com o rosto limpo, os cabelos ainda úmidos e uma moeda de ouro na mão:

- Milady, milady... O Rei está chamando pela senhora.

Prudenza não estava ali, havia voltado ao castelo, pois tinha seus afazeres. Lorain havia voltado para casa, pois não estava completamente saudável.

Depois que a criança veio até ela, saiu correndo entre as pernas dos adultos. Renoir apareceu logo depois.

- Recomendo Milady ter seu arco em mãos quando for até o Rei.

- Ah, é? – Ela tirou o arco do peito, segurando-o forte. – E o que ele está fazendo exatamente?

Renoir ajudou-a passar por entre o tumulto e ficou ao seu lado quando ela, em choque, olhou John dar uma aula um tanto animada de como manusear uma espada.

Eram espadas feitas de madeira, claro. Mas havia dezenas delas.

- Ninguém nunca o viu assim, minha senhora. Na verdade, ninguém nunca viu o Rei fora do castelo. – Renoir fez uma mesura para ela e sussurrou baixo para que apenas os dois escutassem. – Obrigada por nos dar nosso Rei de volta.

- Não, eu...

- Minha senhora sabe como manusear esse arco? – John pairou sobre ela. Renoir recuou até se juntar à multidão.

- Sim, milorde.

- Quer competir comigo? Para a diversão do povo. – Um guarda real correu e pegou o arco dele.

As pessoas ao redor gritaram, aprovando aquela disputa.

- Eu vou perder, com certeza.

- Pela minha experiência, Milady, você já ganhou muito hoje. – Ele entregou a ela três flechas. Um extremo da flecha tinha uma ponta era bem afiada, e o outro possuía penas de

pavão, bem coloridas.

- Ganhe dele, milady – Alguém gritou, causando uma comoção nas pessoas.

Mary sorriu porque não teria nenhuma chance, mas gostou do fato de John estar querendo se envolver e fazer com que seu povo se sentisse próximo.

- Somente porque você é meu Rei.

O rosto de John se encheu de divertimento. Como se ele perguntasse: “É mesmo?”. Um guarda real correu uns cinquenta metros de distância dos dois e colocou uma maçã na cabeça.

- Isso é sério? – Mary sorriu. – Eu vou acertar na testa dele.

- Não seja tão negativa. Eu vou primeiro.

Ele pegou sua flecha e a colocou no arco, esticando-o até o extremo de trás da fecha encostar-se ao rosto. A camisa que ele usava estava apenas um pouco aberta, não muito, acima do peito, e Mary observou quando todos os músculos dele se flexionaram ao se posicionar daquele jeito.

John não se preparou nem respirou fundo, simplesmente disparou a flecha e essa encravou com perfeição na maçã sobre a cabeça do pobre guarda.

- Você parou de respirar por um segundo, Mary. – ele sussurrou no ouvido dela, passando para trás. – Sua vez.

- Isso não é justo. – resmungou ela, preparando a flecha. Treinar uma vez, mesmo tendo talento não chegava nem perto da habilidade que ele possuía.

Mary se posicionou, respirou bem fundo. Só não queria acertar a cabeça do pobre rapaz. Solto a flecha e ela passou bem longe.

As pessoas ao redor fizeram um “aw” coletivo.

John olhou para ela com uma expressão irônica. Se preparou e lançou mais uma flecha, bem no centro da maçã. A plateia aplaudiu.

- Exibido – sussurrou para ele. Ela lançou a flecha mais uma vez, e por alguma sorte, conseguiu acertar a maçã, apesar de bem no canto.

Era a última chance dos dois, e John iria acertar aquela de qualquer jeito. Mas Mary tinha uma carta na mão, afinal, ela era uma mulher. Quando ele passou por ela para se posicionar, Mary falou bem baixinho:

- Talvez você possa me visitar na Escócia.

- O quê? – ele parou e olhou para ela.

- Sua vez.

Ela achou que talvez aquela estratégia não fosse funcionar, mas John ficou meio tenso.

E quando lançou a flecha, essa passou raspando, indo parar bem longe da maçã. Mary soltou um sorriso.

- Você é uma mulher muito má.

Ela soltou uma gargalhada quando ele falou isso.

Se posicionou, soltou sua flecha e lá ela foi, parando no meio da maçã e empatando o jogo dos dois.

As pessoas ovacionaram e começaram a se separar. Não havia ganhador, então a graça acabara. Pães e cerveja chegavam diretamente do mercado da cidadela. John tinha mandado trazer.

- Eu preciso voltar ao castelo. – Ele entregou seu arco para um guarda, que deu privacidade aos dois. – Você quer...? Que eu te visite na Escócia?

Mary olhou ao redor, tentando ignorá-lo.

- Mary... – ele tocou seus dedos de leve nos dela. – Me responda.

- Talvez.

- Não. – O rosto dele alcançou a cabeça dela e ele sentiu o aroma de seus cabelos loiros. – Não diga talvez para mim. Diga sim.

- Você precisa voltar...

- Não antes de...

- Sim. – Ela o interrompeu, olhando para qualquer lugar menos aqueles olhos verdes. – Sempre que puder, sempre que quiser... Eu vou sentir sua falta, John.

- Milorde, seu cavalo está pronto. – Um guarda falou.

John se afastou e ergueu bem a cabeça, mas nunca tirando seus olhos do rosto dela.

- Quando voltar para o castelo, me procure. Precisamos conversar.

E a próxima coisa que Mary viu foi ele montar em seu cavalo e sumir no horizonte. Ele estava certo. Precisavam conversar.

Mary voltou a fazer o que estivera fazendo, deixando essa parte de seus pensamentos bem guardados.

Perto dali, uma carruagem pintada de branco e com símbolo papal estava parada. A cortina da janela estava levemente aberta.

- Você viu o que eu vi?

- Sim, milady.

- Eu sabia desde que cheguei que aquela prima dele iria me causar problemas. Preciso me livrar dela.

- Mas ela vai embora, milady.

- Não. Eu vou ser a Rainha desse reino e preciso dar uma lição em quem tenta me passar para trás. Ela está seduzindo *meu* Rei. Não posso deixar isso impune. – ela bateu na parede da carruagem e essa voltou disparada em direção ao castelo.

- E como podemos ajudar, Milady Valence?

Valence sorriu para suas damas.

- Vocês vão saber.

XXIV- A BRISA DO OESTE

Mary bateu na porta do quarto de John, mesmo estando aberta. Ele pegava algo em sua mesa, de costas para onde ela estava.

- Meu senhor mandou me chamar.

- Sim. Peça para sua serva lhe pegar um casaco de pele. A noite vai ser fria.

- Para que? – Ela uniu as sobrancelhas.

- Não pergunte, Mary. Apenas vá pegar um casaco.

Ela cruzou os braços e esperou ele se virar. John suspirou e encontrou o rosto dela.

- Vamos sair.

- Está tarde, John. Estou exausta.

- Faça de suas, minhas palavras. – Ele pegou sua espada e prendeu ao cinto na cintura.

– Vamos. – pegou-a pelo braço, fazendo-a engolir tudo o que tinha para dizer.

Eles atravessaram o corredor até chegar à escada que dava em direção ao salão real. Prudenza vinha por este mesmo caminho, mas ia ao quarto de Mary, preparar a cama para pernoite.

- Prudenza, traga um casaco de pele para sua milady.

- Não precisa – Mary retrucou, tentando se livrar da mão dele. – Não vou a lugar algum.

- Vá, Prudenza. Agora. Ou ela vai passar frio.

Sem precisar dizer outra coisa, Prudenza saiu correndo, confusa. Aqueles dois estavam fritando seus miolos.

Eles chegaram ao pátio do castelo e ali já tinha dois cavalos os aguardando. No cavalo de John, um garanhão negro e forte, uma sacola estava presa na sela. A égua de Mary era parda, mas ainda sim bonita. Ela já tinha cavalgado-a algumas vezes.

- Não está um pouco tarde para um passeio? O castelo inteiro já está dormindo – Mary acariciou o focinho da égua.

- Melhor assim.

No mesmo instante, Prudenza chegou correndo com um casaco pesado nas mãos.

- É o mais quente que ela tem, meu senhor.

- Ótimo. – John o pegou e foi até Mary, passando por seus ombros. – Quer ajuda para

subir?

Ela ficou calada por um segundo, olhando para os olhos dele. Depois concordou. Quando John queria algo, nada o fazia mudar de ideia. Ela sabia que teria que ir para onde ele quisesse, nem que fosse arrastada.

Ele a ajudou subir no cavalo, depois foi até o seu.

- Voltamos antes do amanhecer – ele falou para seu guarda real de confiança e para Prudenza, que continuava ali, parada no meio da escadaria, sem saber muito bem o que fazer.

Os cavalos cavalgaram rápido até a saída do castelo, quando o portão se fechou com fúria atrás deles.

A noite estava escura, mas ficou ainda mais. Os dois passaram um bom tempo cavalgando em silêncio. John não falava nada e Mary também não. Não sabia o que dizer.

Chegou um momento em que ela não conseguia ver nada, mas escutava o som de água. Som de ondas e sentia o cheiro do mar.

- Oa! – John parou seu cavalo, parando o de Mary também.

Ele desceu e ajudou que ela descesse. Sim, eles estavam à beira mar. Mary sentia a areia da praia sob seus pés. John parecia conhecer aquele lugar muito bem, pois caminhou com os cavalos até um pedaço de árvore caída – no meio da escuridão – e amarrou as correias lá.

Ele voltou trazendo lenha nos braços e jogou no chão.

- O que estamos fazendo aqui? – Mary puxou seu casaco. Estava muito frio ali.

- Viemos conversar. – Uma pequena chama surgiu do nada depois de John bater uma pedra na outra. Ele começou a colocar a lenha e essa pequena chama se transformou em uma fogueira.

Com o fogo, ela conseguiu ver o rosto dele novamente.

- Eu queria ficar a sós com você.

Mary se sentou sobre uma manta que ele jogou sobre a areia.

- Nós estamos sempre sozinhos, John.

Ele balançou a cabeça.

- Isso é uma mentira. – Se sentou do lado dela. – Vem cá.

Mary se aproximou dele e John jogou a manta que tinha nos ombros sobre ela, por cima do casaco que trajava.

- Eu te disse que ia ser frio. – sussurrou, pegando a mão dela.

- E como eu iria saber? Você não me disse nada... Você nunca me diz nada.

- Outra mentira.

Mary bufou e se aconchegou no ombro dele, enquanto os braços dele aquecia sua pele.

John encostou o rosto no cabelo dela e fechou os olhos, se esquecendo do mundo por aquele momento. Ela era tão cheirosa. Iria sentir falta de cada centímetro dela, até mesmo de seu aroma.

Havia muita coisa para ser dita entre os dois, mas ambos ficaram calados pelo maior tempo possível. Mary gostava daquela sensação de tê-lo abraçado em seu corpo, como se ele estivesse protegendo-a de algo. Mas sabia, no fundo, que dos dois, quem precisava ser salvo era ele. Porque John estava há muito tempo pedindo socorro naquele silêncio bruto que carregava, e ela tinha sido a mulher que o escutara.

- O que você fez hoje foi incrível, Mary.

- Obrigada.

- Eu que tenho que agradecer. Nunca me senti tão vivo em anos. – ele tocou o queixo dela com carinho, encontrando seu olhar. – E devo isso a você.

Ela abriu a boca para contestar, mas sabia que aquele não era momento para brigas, contestações ou qualquer outra coisa que pudesse acabar com aquele clima. John abaixou seu rosto e a beijou com segurança e com amor.

Aquele beijo não era fruto da paixão, pois os dois já tinham passado daquela fase. Havia fervor em seus corpos, mas também havia algo calmo que transbordava naquele beijo.

A boca dele era calma e gentil. John a apertou mais para si, sentindo o gosto doce e a maciez de seus lindos lábios.

- Estou dividido – ele comentou quando se afastou, brincando com os cabelos dela.

- Hm. – Mary sorriu. – Entre o quê?

- Entre meu reino e a mulher que eu amo.

Os olhos de Mary exibiram choque. Mas tudo o que ela fez foi abaixar a cabeça.

- Você vai me esquecer.

- Como? Você vai me enfeitiçar? – A voz dele era tranquila, às vezes interrompida pela quebra das ondas do mar ali ao lado. Como ela não respondeu nada, era a vez dele de falar. – Eu imaginei. Olha para mim. Estou admitindo isso porque não sei o que fazer, Mary. Se ficarmos juntos...

- Você perde tudo.

- Não. Nós lutamos. Eu lutei minha vida inteira por um Deus que nunca respondeu as minhas orações. E agora que você está aqui, vejo que Ele me deu uma chance, minha última chance. Algo para poder lutar de verdade.

- E morrer. Não se esqueça dessa parte. – ela se aconchegou ainda mais no peito dele.

Se ela fosse embora, morreria. Mas John iria ficar vivo.

- Essa parte é difícil de esquecer.

- Eu não quero falar sobre isso agora. Você está sendo bom, eu não estou brigando...

Podemos apenas aproveitar o momento?

John colocou o cabelo dela pra trás da orelha.

- Sim, milady. Mas antes... Não quer me perguntar quantas ladys eu já trouxe aqui?

O estômago dela revirou.

Ela voltou a olhar para a chama da fogueira, sem prestar atenção no que ele falava.

Algumas coisas faladas não deveriam machucar, mas machucavam.

John beijou o canto da testa dela.

- Você é a primeira... e a única.

O pobre coração dela acelerou.

- Você não queria um lugar só nosso? Essa praia é sua, Mary. Só sua. Não vai dizer nada?

Quando ela se virou para ele fez questão de sorrir. Se ergueu um pouquinho e o beijou.

- Quer fazer amor?

- Claro. Estou morrendo de vontade de subir a saia de seu vestido.

Do jeito que ele falou a fez rir alto.

- Mas agora eu só quero ficar assim. Quero ver o amanhecer com você em meus braços.

Podemos fazer amor depois disso.

- Eu gosto dessa ideia – Mary acariciou o cabelo dele. – Eu também não vou conseguir te esquecer, John.

- Eu sei.

Ela levantou uma sobrancelha, questionando.

- Não importa o que diga, não importa o que você saiba. Não importa o que a profecia significa ou o poder que tem. Você, Mary de Adlarn, é a minha maldição. Tornou-se minha maldição. E eu sou a sua. E nada mais importa.

John voltou a apertá-la em seus braços e os dois não falaram mais sobre futuro ou sobre o que iria acontecer, apenas sobre aquele dia. Mary adormeceu no colo dele, enquanto esperava o dia amanhecer.

E sem perceber, a fogueira foi lentamente se apagando, até virar cinzas. Cinzas que foram carregadas por uma brisa suave que vinha com o despertar do dia, a brisa do oeste.

XXV- O TÚMULO DE UMA RAINHA

- Você pode ficar quieto?!

John balançou a cabeça e resmungou alguns palavrões baixos. Mary tentava amarrar a camisa dele, mas ele estava se mexendo demais, tentando prender a espada no cinto.

- A espada não vai fugir, meu Rei. Tenha paciência.

- Tente não ser tão desobediente quando estivermos no mosteiro.

- Ou? – ela terminou de dar todos os nós e pegou a capa da mão dele, prendendo o broche com o símbolo real. – Pronto.

- Ou eu serei um péssimo Rei se não lhe punir.

Mary deu uma gargalhada e pegou da areia o resto do pão e frutas que eles haviam acabado de comer, jogando na nova fogueira que John acendeu.

- Você pode me punir do jeito que quiser. – Ela guardou a garrafa de vinho na sacola presa ao cavalo.

John deu um olhar misterioso para ela, ajeitando a sela do cavalo dela.

- Talvez te trancar no meu quarto pelo tempo restante que temos não seja bem um castigo.

- Eu acho que você iria apreciar esse castigo, milorde. – Mary passou o braço pelo pescoço dele.

- Eu sei que iria – Ele a pegou pela cintura e encostou seus lábios aos dela, fazendo aquele beijo algo bem demorado. Nem mesmo a fúria das ondas contra as rochas os interromperam.

Eles haviam decidido passar em um mosteiro que ficava a caminho do castelo, para poder alongar um pouco aquele momento juntos. Iriam chegar um pouco mais tarde do que John planejou, mas valeria a pena.

O caminho para lá era próximo, e Mary adorava andar a cavalo. O dia estava esquentando então não precisava mais daquele casaco pesado. John a deixou ir à frente, apesar de ser ele quem sabia do caminho. Não queria tirar os olhos dela.

Aquela era uma subida para o penhasco, um passo errado do cavalo, e ela poderia cair.

Mas logo o chão começou a ficar verde, cheio de grama e mato selvagem. O mosteiro foi aparecendo devagar no horizonte, como uma construção de pedra que se erguia sobre os

relevos do penhasco, muito próximo de um abismo. Dava para ver de longe que o teto era de madeira e as sessões do mosteiro subiam uma sobre a outra, numa altura incrível feita de pedra e argamassa.

John cavalgou até o lado de Mary, e os cavalos começaram a trotar. Eles haviam chegado.

- Esse é o Mosteiro de Hathor.

Estranho, Mary pensou, tendo lido algo sobre *Hathor* em algum lugar. Se ela não se enganava, aquele nome era o mesmo dado a uma deusa pagã.

No mesmo instante John falou aquilo, dois monges que colhiam frutas em árvores próximas o reconheceram. Um correu para dentro do mosteiro, e outro para onde eles estavam.

John desceu do cavalo e ajudou Mary a colocar os pés no chão.

- Meu senhor – O monge se agachou, colocando a cabeça no chão. – Não o esperávamos.

- Não se preocupe quanto a isso – John deu sua mão ao homem que vestia uma túnica grossa na cor cinza. – O abade está?

- Sim, meu senhor. Já pedi para que o chamassem. – O monge olhou de canto de olho para Mary. Ela sorriu. – Milady. – falou o monge, tímido.

- Vem. – John a pegou pela mão.

O mosteiro era um lugar bonito. Conforme Mary caminhava pelos corredores, descobria a beleza do lugar. Havia quartos e mais quartos com monges concentrados, curvados sobre mesas, transcrevendo e copiando alguma coisa. Eles passaram rapidamente pelo átrio, uma espécie de jardim interior, onde havia canteiros para ervas e verduras, pés de morangos e videiras crescendo pelas colunas. Havia um ou dois bancos, onde pessoas com cabeças raspadas rezavam.

Mary não sabia dizer se eles eram doentes ou noviços.

- Por aqui, meu Rei. – O monge os conduziu. Alguns outros monges ficaram olhando de longe, tentando serem discretos. O Rei estava ali, e de mãos dadas com uma mulher.

Assim que eles entraram num enorme salão, o monge que os acompanhava fez mesura e foi embora.

- Ontem, o Papa. Hoje, o Rei. Algo está muito estranho nesse reino. – Um homem alto

e forte, apesar de levemente acima do peso saiu de frente de sua mesa e veio abraçar John. Ele vestia roupas cléricas e quase era careca.

- Essa é Mary de Adlarn. – O homem veio abraçá-la também. Quando se afastou, John completou: - Esse é o Abade Dmitrei. Antes de virar padre, lutava comigo. Hoje cuida do mosteiro.

Mary entendeu naquele instante porque a conexão deles era algo parecida com a de irmãos; a que John tinha com Henrik.

- Fomos praticamente criados juntos... – Dmitrei falou. – E tirando o fato de que ele era o herdeiro do trono, nos demos muito bem.

- Um prazer conhecê-lo, milorde.

- Nunca fui um lorde e nunca tive vontade de ser, apesar de John Bran aqui tentar me convencer.

John Bran? Mary ficou confusa. Era a segunda vez que escutava aquilo, mas não sabia o que significava.

- Então, o que fazem aqui?

- Mary vai embora em breve, quis mostrá-la um pouco mais do reino.

Ele mentia, mas ninguém discordou.

- Ah, sim! Essa deve ser a lady Mary que fez você vir do castelo até aqui para colher algumas ameixas silvestres.

John tossiu, um tanto constrangido. Mary se lembrou do *prunellé* que havia tomado logo quando chegara ali.

- Mary, quer ir lá fora e ver os jardins?

Ela entendeu a deixa. John queria falar com o Abade a sós.

- Sim, meu Rei.

Mary achou melhor sair de uma vez. Ela voltou pelo caminho que haviam feito, e rapidamente encontrou o átrio.

- Gostaria de levar algo para o castelo, Milady? – Um dos monges a abordou.

- As ameixas. – foi a primeira coisa que veio à mente. O rapaz apontou para outra direção dos longos corredores de pedra, e eles caminharam até lá, atravessando uma porta que dava para um pomar realmente selvagem.

- O Rei vem muito por aqui?

- Não, minha senhora. Duas vezes no ano, no máximo. Quem gostava de passar o tempo aqui era a senhora Rainha-mãe. Foi ela que mandou plantar esse pomar. Às vezes,

dizem que o segredo do bom reinado que ela teve era esse lugar...

Ele apontou para o pé de ameixa, pegou uma sacola de pano presa em uma fonte para pássaros.

- Aqui, milady.

- Fale-me mais sobre a Rainha-mãe.

O monge foi até o pé e começou a recolher as ameixas maduras.

- Ela era doce, senhora. Mas ficou triste depois da morte do Rei. – O pai de John. – A rainha costumava passar horas aqui dentro depois de sua morte, meditando.

Ele voltou e entregou a ela a sacola com as ameixas.

- E essa também é uma das razões porque o Rei John vem até aqui.

- Que razão é essa?

- Bem... O Rei e a Rainha-mãe estão enterrados juntos bem ali. Nosso senhor vem visitá-los ao menos uma vez ao ano. O Duque Henrik II vem mais vezes, mas...

- Pode me dar um minuto?

O rapaz entendeu e nem respondeu. Simplesmente se foi, fechando a porta do pomar atrás de si.

Ela sempre, antes mesmo de conhecer John, soube que a Rainha-mãe de Orcadas havia sido uma grande mulher. Ajudara os pobres e fizera o reino crescer, fazendo alianças amigáveis.

Mas agora Mary tinha um sentimento de que fazia parte daquela família. Ela amava o filho de uma das mulheres mais poderosas de seu tempo.

Mary caminhou até os túmulos. Ela ficou ali, em pé, por um longo tempo, conversando com uma mulher que havia morrido há mais de uma década. A mulher que sabia o que iria acontecer com seu filho. Sabia da profecia antes mesmo de Mary descobrir que tinha “poderes”.

Não notou quando John chegou e ficou ao seu lado, olhando para o mesmo que ela.

- Ela foi mesmo uma grande mulher... – comentou ele, quebrando o silêncio. – Eu só queria que tivesse sido uma mãe melhor.

- Ela tentou. – Mary ergueu o rosto para ele. – Eu sei que ela tentou.

John acariciou o rosto dela, suspirando fundo. Mary dava a ele esperança. Balançou a cabeça.

- Vamos embora – ele disse.

- Sim. Vamos embora.

- Rumores dizem que a situação entre França e Inglaterra só está a piorar, meu senhor.

- Eles são apenas rumores, Duque. – John quebrou seu ovo, olhando para as outras pessoas presentes na mesa. Não eram comuns cafés da manhã na corte, mas como o Rei estaria a dias de se ausentar, se achou necessário.

Ele e Mary haviam chegado a tempo de conseguir com que ninguém notasse a pequena aventura que fizeram. John só teve tempo de vestir seu manto e colocar sobre a cabeça a coroa.

- Essa disputa de herdeiros entre França e Inglaterra não é nova, meu Rei. Temos sorte que conseguiu fazer um acordo com o Rei Felipe para que a comida enviada ao nosso reino não fosse interrompida por uma guerra próxima.

Mas para isso John havia vendido sua alma, como fizera várias outras vezes.

- E como estão os preparativos para sua partida à Paris, milorde? – Valence perguntou baixo, sorrindo com elegância, ao lado de John.

- Como devem estar, Milady. Disse a vossa graça, seu pai, para não ir comigo, mas ele insiste – Falou, tomando um gole do vinho seco.

- Meu pai sempre quis ter o dom de um guerreiro, meu senhor. Acredito que ao seu lado ele se sintá assim.

John apenas concordou, pois sua mente estava longe demais para falar qualquer coisa. Uma cadeira foi afastada na grande mesa, e assim que Mary se sentou, um lorde ao lado pegou sua mão e a beijou.

- Me desculpe, mas conheço o senhor, milorde?

- Não, Milady. Minhas desculpas pela ousadia. Mas não pode me culpar... Todos no reino a conhecem.

- Ah, sim? – Mary riu, franzindo o cenho. Do outro lado da mesa, John apertava os olhos.

- Claro. Você é a lady mais bonita da corte.

Mary ficou corada com o que ele disse. Prudenza veio atrás dela e a serviu com um cálice de chá.

- Não vai tomar vinho, Milady?

Mary balançou a cabeça.

- Não pela manhã.

Do outro lado da mesa, Valence não conseguia evitar em notar os olhares que John lançava a ela.

- Milorde, tenho sido perguntada em relação ao casamento de Milady Mary. Algumas ladys da corte estão preocupadas com uma moça solteira dentro do castelo.

- Elas não deveriam – John a cortou, esboçando desprezo. – E você também não, Milady Valence. Conseguiu o que queria, não é mesmo? – O olhar dele no rosto dela era inflamatório. Ele terminou o vinho de sua taça e se levantou da mesa, fazendo menção para ninguém se levantar e continuarem a comer.

Mary sorriu discretamente para ele, quando já estava na saída. E pelo olhar dele, no fundo, Mary sabia que sorria para ela também.

- O que você está fazendo?! – Mary colocou as mãos na cintura, se escorando na parede da lareira que dava para o quarto dos segredos da Rainha-mãe.

- Retirando tudo isso. – ele foi até ela e colocou aos seus pés duas sacolas de couro cheias de cadernos, papéis e ouro.

John voltou lá para dentro. O corredor que levava até o hall circular estava iluminado por velas que derretiam e escorriam, deixando caminhos de cera seca nas pedras.

- Não há ninguém de confiança para fazer isso para mim, então eu mesmo estou fazendo.

- E não passou por sua cabeça de me pedir ajuda?

Ele ficou em silêncio, jogando cadernos e documentos dentro de outra sacola.

- O que vai fazer com tudo isso?

- Queimar, entregar para Henrik, afinal, ele também tem direito de saber... Ainda não sei.

Ela abriu um sorriso.

- O Rei de Orcadas, John, o Vencedor, não sabe?

John caminhou até ela novamente e jogou ao chão mais aquela sacola. Ele a encarou bem sério.

- Evite ficar de sorrisos com lordes na minha frente. – falou.

Mary enfiou a mão no corpete que usava e puxou um lenço de seu busto, limpando a testa dele, que estava levemente suada pelo esforço que estivera fazendo.

- Estou indo embora, não se lembra? Não faz diferença.

- Claro que faz, Mary. – Ele tomou o lenço da mão dela. – Principalmente quando minha adaga estiver bem fundo na garganta desse lorde.

- Quando precisei que cortasse a garganta de alguém você se recusou – ela deu de ombros. – O que temos é incrível, mas não sou sua propriedade, meu Rei. Sinto dizer.

John balançou a cabeça, consternado, e voltou para o quarto, terminando de embalar o restante das coisas de sua mãe. Ele ainda achava tudo aquilo muito estranho, principalmente quando entrou no quarto e a parede começou a se mover depois que falar uma palavra em francês.

Como, afinal, sua mãe tinha conseguido um feitiço como aquele?

- Você precisa esquecer o que aconteceu no castelo de Lavandor, Mary.

Ela soltou um sorriso sarcástico.

- Você esqueceria? Ah, sim. Ninguém jamais colocou a mão por baixo de sua saia a força!

- Maldição. – ele praguejou baixo, respirando bem fundo. – Já passamos por isso. Já brigamos por causa disso. Por que não damos um tempo com as brigas?

- Porque eu estou certa em querer mais do que ciúmes de sua parte...

- Ciúmes? – John franziu o cenho, indo até onde ela estava, ainda escorada na parede da lareira.

Ele a pegou pelo braço e a empurrou com força na parede. Seu corpo colou forte no dela e Mary suspirou, sentindo sua pele aquecer.

- Sou um homem muito perigoso e poderoso, Mary. Eu não sinto ciúme, sinto raiva. – A boca dele roçou a orelha dela.

- Mas ainda sim, você me ama.

John subiu a boca para o rosto dela, encontrando seus lábios e os encaixando com perfeição em um beijo bem firme e nada suave. Ele puxou os cabelos bem arrumados dela em direção ao seu rosto, as mãos de Mary abraçaram a cintura dele enquanto as duas bocas se movimentavam em uma mistura de prazer incumbido e punição.

Aquele beijo era como se eles estivessem xingando um ao outro, mas não pela raiva e sim pelo prazer e as sensações que trazia. A tensão e a ira sempre fora algo presente nos dois.

John subiu sua mão, afastando a saia do vestido, passeando seus dedos pela coxa macia dela. Desceu sua boca apenas um pouco para beijá-la no pescoço, mas Mary pegou sua cabeça e o fez colar os lábios nos seus novamente.

- Me diz o que você quer de mim, Mary – ele sussurrou, sentindo os beijos dela em seu

pescoço. – Quer que eu a proteja?

- Eu não preciso de proteção.

John a empurrou mais um pouco na parede. E com voz rouca, continuou:

- Então, o que quer?

Mary sorriu e pegou a mão dele que estava sobre sua coxa. Ela levou essa mão entre suas pernas, onde seu sexo estava molhado e ávido pelo toque dos dedos dele.

- Eu quero isso – A voz dela foi um sussurro quente e chamativo. Com os olhos em chamas, John avançou e mordeu o lábio dela.

- Quer também? – O provocou.

Ele soltou um ruído grave da garganta e a colocou em seu colo, enfiando o dedo bem profundamente dentro dela.

XXVI – UM ÚLTIMO FEITIÇO

- Milady está tão corada essa noite – Benício a elogiou, beijando sua mão.

A música da festa de jantar era alta, mas ali onde estavam era um ótimo lugar para conversar. Mary preferiu sentar distante da mesa do Rei, justamente para evitar olhares após o que eles tinham feito a tarde inteira. Então escolhera uma mesinha um tanto solitária perto de uma bancada que tinha visão para o mar, agora escuro pela noite, e o largo portão e a ponte que dava acesso ao castelo.

As velas deixavam aquele cantinho bem elegante. Mary já tinha bebido duas taças de vinho e estava prestes a aceitar um parceiro de dança no momento em que este se apresentasse.

John não iria gostar. Mas ele não tinha muita opinião naquilo.

Benício se sentou ao lado dela, ajeitando suas vestes brancas e vermelho-sangue, chamando um servo para encher seus cálices vazios.

- Como você está? – Mary perguntou, carinhosamente.

Benício deu um gole no vinho e esperou um pouco para responder, coçando sua longa barba.

- Quer a verdade, milady?

- Claro. – Mary franziu o cenho. – Está tudo bem? – Ele parecia preocupado.

- Eu não acredito que minha filha será uma boa Rainha ou até mesmo, uma boa esposa para o Rei.

- Não diga isso.

- É a verdade, Mary. Ela não tem bondade no coração... E o Rei ama outra mulher. Não é culpa dela, claro. E sei que John irá fazer o possível para tenham uma boa relação... Pelo menos até que um herdeiro nasça.

Mary desviou o rosto por um segundo para a visão do lado de fora do castelo, fugindo das luzes que tremeluziam e da riqueza dos vestidos das damas que comiam e bebiam como se aquele fosse seu último dia na terra.

- Vai ficar tudo bem.

- É isso que diz a si mesma?

Mary voltou seu rosto para ele e sorriu com sinceridade.

- Obrigada pela carta que me mandou. Vou guardá-la com carinho. – Mudou de

assunto.

- Espero que a use ao menos que seja para me visitar. Não tenho muito tempo de vida, então tomara que seja em breve.

Mary queria contestar, mas, por outro lado, ela também tinha pouco tempo de vida.

E isso estava a atormentando desde o momento em que dissera para John que Escócia era algo possível. Quando na verdade, não era. Ele não *poderia* visitá-la.

- Conversou com John?

- Não. Eu...

Um pigarro interrompeu imediatamente o que ela iria falar.

- Vossa graça – O Duque de Lavandor fez mesura, beijando o anel de Benício. – Sou Duque de Lavandor...

- Ah, claro. O pretendente preferido *para* milady Mary. – Mary lançou um olhar inquisitivo para Benício. Ele riu. – Ouvi rumores pela cidade.

Mary sabia muito bem que “cidade” era essa. Talvez ela fosse chamada de Valence.

- Eu preciso conversar com o Rei antes de me retirar pela noite. – Benício se levantou, trazendo consigo seu cálice de vinho. – Com sua permissão, Milady.

Ainda que com borboletas no estômago, Mary balançou a cabeça e Benício se foi pelo pátio adentro, deixando-a com aquele homem repugnante ao seu lado.

- Até eu não tinha conhecimento dessa preferência que o povo tem por nós dois.

- Não existe um “nós dois”, Duque.

Ele estendeu a mão.

- Dance comigo. Vamos aproveitar que o alaúde está suave.

Na mente dela havia milhões de “nãos” suprimidos que queria jogar na cara dele assim como aquele vinho que estivera intocado sobre sua mesa desde que fora servido.

Detestando cada movimento seu, Mary pegou a mão dele e se levantou.

- Eu não sei dançar, vou pisar em seus pés, meu senhor. – Ela estava fazendo o teatro de Milady atrapalhada porque no fundo queria enfiar suas unhas nos olhos dele, mas o local estava cheio demais e aquele tipo de atenção não era o que Mary procurava no momento.

Então ela aceitou a mão dele e se afastou de sua mesinha solitária.

- Às vezes, acho um tanto exagerada a música do castelo real. Há muita vivacidade. E vivacidade é a última coisa que encontramos por aqui. Não acha, milady?

Mary tossiu baixinho e pisou no pé dele com força, de propósito.

- Claro, meu senhor.

O Duque tencionou a mandíbula, mas não reclamou da dor no pé. Continuou conduzindo Mary. Pelo ombro dele, ela tentava encontrar John de alguma forma. Mas ele parecia ter saído dali.

Algumas pessoas sentadas e dançando olhavam para os dois pelo canto de olho, cochichando como se aquele fosse o assunto do ano. Mary era uma lady diferente de todas as outras. Ela não saía, não tinha interesse para a moda (ainda continuava com seus vestidos um pouco antigos, mas mais caros do que cada um naquele pátio) e aparentemente também não possuía interesse para matrimônio.

É claro que além do rumor do interesse óbvio do Duque de Lavandor por ela, outro alcançara os ouvidos da corte. Esse rumor dizia que o prometido de Mary havia morrido em um duelo, e por causa disso ela decidira não se prometer novamente.

Como esse rumor começara, só Deus poderia dizer.

- Quantos anos você tem, Milady?

- Vinte e dois, Milorde.

- Algumas ladys aqui neste salão tem sua idade e já são senhoras respeitadas com dois ou três filhos.

- Sou seletiva – Falou ela, acertando o pé dele mais uma vez.

O Duque bufou e apertou sua mão na cintura dela.

- Case comigo, milady Mary.

Ela sorriu.

- Milorde sabe minha resposta.

- Sua ou do Rei? Ele foi bem incisivo quando me recusou sua mão, mesmo depois de fazer um acordo comigo. – Ele desviou seu pé de outro pisão que Mary estava prestes a dar. – O que acha que o povo do reino irá pensar quando souber que o Rei não cumpre com suas promessas?

- Eu não me preocupo muito com isso. Mas você deveria se preocupar. O Rei não é um homem misericordioso, Duque.

O Duque parou de balançá-la em seus braços e abriu um sorriso lento. Ele inclinou sua cabeça até chegar bem perto do rosto dela.

- E você acha que *eu* sou? – sussurrou, com a voz obscura como uma noite sem luar. – Não se engane, Milady. Para mim, você não passa de um pedaço de carne. Mas adivinhe só, você é a carne do momento e a que quero comer dos pés a cabeça. E se o seu custo for a cabeça de um Rei, a cabeça de um Rei será.

A garganta dela ficou seca. O rosto dele estava quase tocando o seu. Mary se esqueceu de respirar. A ameaça daquele homem era tão vívida quanto à música que começou a tocar, Mary podia ver nos olhos nojentos dele.

- Sua escolha, Milady. – O Duque de Lavandor sussurrou para ela, sorrindo. – A cabeça do seu Rei em uma bandeja ou sua liberdade. Eu não pensaria muito nessas opções, porque eu sinceramente acho que você está apaixonada por ele.

- E o que o faz pensar isso, Duque? – John surgiu, fazendo o coração de Mary bater com tanta força que ela conseguia sentir o sangue pulsando de uma vez. Fazendo-a voltar respirar.

John segurava uma adaga bem discretamente por debaixo de seu manto vermelho. A ponta dessa adaga estava encostada no estômago do Duque. John fez uma expressão amena, como se nada estivesse acontecendo.

Ninguém, além dos três, conseguia ver exatamente o que estava acontecendo.

- Milady, vá buscar um cálice de vinho para seu Rei. – ele ordenou com voz rouca, para tentar disfarçar.

Mary engoliu saliva amarga e abaixou a cabeça, dando um passo para trás bem devagar. O que John queria mesmo falar era: Corra e tranque seu aposento!

- Sabe o motivo pelo qual não vou matar você neste exato momento, Duque? – John deu dois passinhos para o lado, como um leão que se posiciona para atacar. A adaga continuava no mesmo lugar de antes, mas ninguém conseguia enxergar. Nem mesmo os dois, naquela posição. – Não é pela corte – John explicou, desdenhando. – Nem mesmo pelo Papa, que obviamente iria ficar um tanto decepcionado pela minha falta de modos. – Ele pausou um instante e completou, olhando bem nos olhos daquele homem. O Duque não tinha medo da morte, isso era bem claro, mas ele tinha medo de perder uma batalha. Mas aquilo não era uma batalha. – Eu não vou te matar porque prometi a Mary que não haveria mais sangue. Não estou certo se essa promessa inclui você, mas eu a prometi. E nunca quebro uma promessa...

O Duque ergueu a cabeça pronto para argumentar algo.

John discordou desde já, e diminuiu o espaço entre a adaga e as entranhas dele.

- Eu não prometi nada a você. Nós fizemos um acordo. E acordos podem ser quebrados. – John guardou a adaga em seu cinto em um movimento rápido. – Essa é a última vez que você toca em Mary.

- Sim, meu Rei.

- Ótimo. – John deu meia volta e voltou a se sentar no trono, no ponto mais alto da

mesa que rodeava aquele pátio.

O Duque de Lavandor não foi visto na festa depois daquilo.

E nem Valence, que conseguiu assistir um pouco dos dois enquanto conversavam e da tensão que revolia entre eles, e ainda de longe soube que aquele Duque poderia ser valioso.

**

John entrou em silêncio no quarto de Mary. Por ser muito tarde, ele achou que ela estaria dormindo. Mas assim que trespassou a porta do túnel que ligava seu cômodo ao dela, viu-a em pé, de frente para a grande janela de vidro de sua mãe.

A janela estava pela primeira vez aberta. Desde que sua mãe morrera ninguém havia conseguido abrir aquela janela, nunca. Mas ali estava. Aberta, assoprando um vento suave no rosto de Mary e jogando seus cabelos longos e loiros para trás.

Mary parecia um anjo. Ela vestia um vestido branco com um corpete dourado, que se misturava com o brilho de seus cabelos.

Ele nunca tinha visto olhos tão lindos quanto os dela. E a primeira vez que os viu, em seus sonhos, soube que precisava preenchê-los de felicidade.

Mary olhou para ele, seus olhos brilharam. Ela brincava com algo em seus dedos. Não disse nada. John também não.

Ele foi até onde ela estava e passou sua mão pela abertura da janela. Como se aquele objeto mundano pudesse um dia trazer memórias alegres que nunca tivera.

Nenhum dos dois falou nada por muito tempo. Só de estarem ali, de saberem que tinham um ao outro era o bastante. Mary não chorava, mas seu peito doía por toda a mentira que tinha escondido e que ainda escondia dele.

John não sabia o que fazer com aquele sentimento comprimido dentro de si. Ele não sabia dar nome, não sabia se poderia sobreviver. Mas o perfume daquela bruxa fazia tudo ficar mais calmo.

Como se ela fosse a deusa do mar que acalmava a sua tempestade.

Depois de um longo tempo em silêncio entre os dois, Mary tomou a mão dele e colocou uma pequena concha do mar lá. Tinha um cordão amarrado na ponta.

- Nunca tire. – Pediu ela. – Nem mesmo por mim.

- O que quer dizer? – John apertou sua mão na dela. Ela abaixou a cabeça e disse baixo:

- Você me deu tanto, John... Esse é meu presente para você. Com isso ninguém jamais irá te machucar. Nem mesmo *eu*.

Ele acariciou o rosto dela com a concha na mão. Mary pegou a mão dele sobre seu rosto.

- Encontrei essa concha na praia hoje de manhã. Não é ouro, ou prata. Não é nada que um Rei receberia de presente... Mas é tudo o que posso dar. É a prova de que... – Mary fechou os olhos um segundo. – A prova que nunca vou me esquecer de você.

John não falou nada. Ele simplesmente olhou para os olhos azuis daquela mulher.

Ele colocou o cordão com a concha ao redor do pescoço e sentiu, ao fazer isso, uma espécie de formigamento percorrer de sua cabeça aos pés.

- Esse é meu último feitiço, John. – Ela suspirou, ficando tonta repentinamente. Havia colocado quase todo o poder que tinha naquele amuleto que ele agora usava. – Esse é meu último feitiço... – repetiu ela, enquanto ele a abraçava e a pegava no colo para levá-la para cama. – Antes de morrer.

- Bom dia, milady – Prudenza entrou no aposento de Mary com a bandeja do desjejum na mão.

Mary parecia cansada, e estava. Sentada a frente de sua penteadeira, ela passava a escova em seus longos cabelos, encarando aquele reflexo estranho a sua frente. Uma bela lady com lindos olhos apaixonados, porém tristes.

- Bom dia, Prudenza. – Falou para a serva quando ela trouxe o cálice com o chá matinal, que agora era mais amargo do que ela estava acostumada, e a bacia com água morna para lavar o rosto.

- Deixe que eu faço isso, minha senhora – ela pegou a escova, esperando Mary lavar seu rosto, para escovar os cabelos loiros dela.

- Eu preciso fazer algo hoje, Prudenza. Não posso ficar dentro deste quarto o dia inteiro.

- Posso passear com a senhora, se desejar. Há alguns lugares do reino que quase ninguém conhece... Mas estou aqui há muito tempo, sei de algumas coisas. – ela sorriu, como se aquilo fosse um segredo.

Mary sorriu em resposta para ela.

- Eu gostaria de fazer algo útil, não sei... Ajudar de alguma forma. – Prudenza sabia

muito bem do que ela estava falando. Lembrou-se de certa vez quando ela se ofereceu para ajudar na cozinha... algo absurdo.

- Todos aqui no castelo sabem sua função, Milady. Desde a morte da Rainha-mãe todos os servos sabem o que tem que fazer para manter o castelo arejado e agradável para o Rei a corte. Não há nada para se fazer aqui. E você não é uma Condessa, minha senhora, é a prima do Rei.

- Se isso significa alguma coisa, não sei – Mary resmungou. – Deixe-o solto mesmo. – falou para Prudenza assim que foi atrás de acessórios para trançar seu cabelo.

- Milady, sinto dizer, mas acredito que o cordão para trança que ganhou da Rainha-mãe não esteja aqui. – Prudenza ergueu o rosto, contrariado, com as mãos dentro de uma caixa com joias.

- Eu o devolvi, Prudenza. Não se preocupe.

- Para quem, milady?

- Para mim. – John atravessou a fenda na parede de pedra.

- Meu senhor – Prudenza fez medida, sem esconder sua surpresa. Mas John ignorou-a. Foi até Mary e se agachou ao lado dela de uma forma gentil, pegando em sua mão.

- Como você está? Eu não queria te deixar só, mas...

- John. – ela o repreendeu, sorrindo. – Estou ótima. Onde está?

Ele entendeu do que ela estava falando. Enfiou a mão dentro de sua malha e puxou o amuleto da noite passada. Mary tocou na concha do mar com a ponta de seus dedos delicados. Depois passou esses mesmos dedos no rosto com barba áspera dele.

- Quero passar a noite com você hoje. São nossos últimos dias...

John se ergueu, interrompendo-a.

- Vocês estavam planejando fazer um passeio? – Ele perguntou a Prudenza, puxando Mary pela mão para que ela se levantasse também.

Prudenza estava boquiaberta. Ela sabia da relação dos dois, mas o choque que levou ao ver o Rei se ajoelhar para sua senhora foi um tanto intenso. Ela precisou de um segundo para voltar a si e respondê-lo.

- Sim, meu senhor. Estava pensando em levá-la ao Boques dos Canários. É muito belo e...

- Sim. Eu gosto de lá também. – ele sussurrou para Mary, acariciando seu rosto. – Vá a cavalo, e leve o guarda real que designarei para você... Para segurança.

- John... Você não me respondeu. – Eles estavam aos sussurros naquele momento.

- Eu tenho muito que fazer, Mary. Não sei se voltarei ao anoitecer. Não quero que me espere acordada. Aproveite o tempo que lhe resta vendo as belezas do reino.

“O tempo que lhe resta”. Sem saber, John cutucou naquela ferida aberta.

- Sim, meu Rei. – respondeu a ele.

John respirou fundo e passou a mão nos cabelos loiros dela, olhando seu rosto por demorados segundos. Aproximou seu rosto e a beijou lentamente, movendo seus lábios como dois amantes sem pressa, sem compromisso e sem medo do mundo em chamas ao redor.

E era sempre assim quando John tinha sua boca na de Mary. O mundo deixava de existir e só havia o doce sabor dos lábios suaves e rosados dela.

Mary pousou suas mãos no peito dele e relaxou, correspondendo aquele beijo apaixonado.

Para Prudenza, algo interessante acontecia ali na sua frente. Ela deu espaço para os dois, indo ajeitar as cobertas da enorme cama de Mary, tendo em mente que a senhora que servia não era apenas uma dama importante da corte. Não mais, pelo menos. Aquela mulher era pelo direito e pela escolha do coração do Rei, a Rainha.

John se afastou de Mary e passou o polegar nos lábios dela bem lentamente. Ela mordeu o lábio inferior em uma reposta involuntária.

- Aproveite hoje. – disse ele, dando de costas e saindo por onde entrou, fechando a fenda na parede.

Mary sentou novamente a frente de sua penteadeira e se deixou levar por aquele sentimento bom em seu âmago.

Prudenza começou a cantarolar, assim, do nada. Mary olhou para as nuvens claras e azuis daquele lindo dia através da enorme janela, e sorriu.

**

- Um presente do rei, Milady. – Um rapaz de recados trouxe um enorme pacote até o aposento dela.

Mary pegou uma moeda de prata e colocou na mão do garoto, esperando-o sair para abrir o pacote. Era um vestido. Ela olhou para ele, com toda aquela seda branca, fios dourados e violetas que se sobressaíam nas longas mangas e no corpete. Franziu o cenho.

Teria sim um banquete na corte naquela noite, mas John não iria comparecer, pois teve que fazer uma visita prolongada a um Visconde que guardava as fronteiras do reino. O Papa e toda a comitiva havia ido ao castelo desse Visconde. E lá haveria uma festa à fogueira e dança, além de muita comida.

Por isso o estranhamento. Onde ela iria vestir aquele vestido? Iria embora em menos de 24 horas. E isso a assustava um pouco, mas talvez não tanto quanto os toques furtivos que Valence iria tentar em seu noivo no meio da multidão em clima de festa. E Mary sabia o quanto homens gostavam de toques furtivos.

Era o gostinho do proibido. Do inalcançável.

Um toque furtivo e um olhar corrompia qualquer lorde.

Prudenza apareceu no cômodo não muito depois. Mary escrevinhava algumas coisas à mesa, perto da janela que dava visão para a costa da cidadela. O passeio naquela manhã havia sido bom. O bosque era encantador e cheio de mistérios. Além de que, Mary gostou muito de ficar um pouco longe do castelo, cavalcando sem rumo. Certas coisas dentro daquela construção monstruosa a sufocava.

Ela gostava do som que Prudenza fazia quando caminhava ao redor do quarto, guardando, arrumando as coisas. Conversaram um pouco sobre a vila e Prudenza disse a Mary que havia homens trabalhando dia e noite para calçar toda a praça dos servos com pedras.

Mary estava pronta para dormir, e sua serva já tinha ido embora, quando um pequeno papel escorregou pela porta pesada do cômodo.

Ela pegou um candelabro e chegou até lá.

“*Venha até a torre*”, o bilhete dizia. Não tinha assinatura, nem nada.

E ela foi, sem pensar duas vezes.

Com o candelabro na mão, os cabelos soltos e os pés descalços, Mary caminhou ao longo do corredor de pedra até encontrar a escada em espiral que levava ao alto da torre. Algumas coisas ela ainda não tinha visto no castelo e foi interessante explorar aquela parte sem ninguém ao seu lado.

Os corredores eram fechados, mas tinham suas belezas. Alguém havia deixado tochas acesas em um dos corredores.

Assim que ela chegou à torre, uma vela tremeluzia com o vento que vinha de uma janela. Não era John que estava ali – Mary achava que era.

Era Valence. Ela estava virada para as escadas, a espera de Mary.

- Por um momento acreditei que você não viria, milady. Mas agora que está aqui, quem

pensava que havia mandando o bilhete?

Mary suspirou bem fundo, olhando o rosto dela à meia luz. Valence estava envolta de penumbra.

- O Rei, milady?

- O que você quer, Valence?

- Sabe – ela se virou para olhar pela abertura da torre – Tive que falar para meu pai que não estava me sentindo bem. E ele só me deixou ficar no castelo porque o Rei não estaria. Meu pai se importa com minha virtude, entende. E acreditei que o Rei também se preocupava com ela, afinal, fui até os aposentos reais e me entreguei para ele em uma bandeja... – Valence voltou a olhar para os azuis dos olhos de Mary. – Mas agora sei que ele não gosta de mulheres virtuosas, mas vadias. Tem sido a vadia dele por quanto tempo, milady? Estou curiosa.

Mary deu um sorriso amistoso.

- Eu tomaria muito cuidado com o que você fala.

- Ah é? – Valence ergueu a mão e deixou cair ao chão a corrente de ouro que Mary usava no cabelo, mas que tinha devolvido a John.

- Isso era seu, certo?

- Não. Isso era da Rainha-mãe.

- Mas usou por um bom tempo. O que será que a corte irá dizer quando eu falar que encontrei isso no quarto do Rei?

- Valence, você está entrando em um território perigo...

- Para o inferno com isso! – ela gritou. – Eu vou ser a Rainha.

- Você vai ser a vadia oficial do Rei, Valence. Só isso.

Valence acertou um tapa bem forte do rosto de Mary. Ela sentiu gosto de sangue em sua boca, mas ergueu a cabeça e olhou novamente naqueles olhos afogados em ira.

- Não se segure, Valence. Me bata mais.

Bater não era o que Valence queria fazer. Mas ela, com o peito subindo e descendo em uma respiração violenta, passou por Mary e desceu escadas abaixo.

O corpo de Mary relaxou no mesmo instante. Agora não eram apenas *algumas* pessoas que sabiam de seu caso com John. Muito em breve seriam *todas* as pessoas do reino.

Ela pegou o cordão de ouro e voltou para seu aposento. Desta vez não conseguiu ver muita coisa do castelo, pois a chama de sua vela apagara.

Quando entrou no quarto, John estava na cama. Ele mandou um olhar questionador para ela, mas não fez nenhuma pergunta. Mary ficou feliz por ele estar ali, achava que não

viria.

Ele estava sem suas vestimentas, mantendo apenas a calça.

Seus pés descalços, seu peito nu e seu lindo rosto fazia Mary se sentir mais do que segura, amada.

Colocou o cordão sobre a mesa onde estava escrevendo há pouco. John olhou o objeto reluzir sobre a luz da lua que vinha da vidraçaria da janela.

- Mary?

- Valence – respondeu, massageando o lado de seu rosto em que ela lhe batera. – Ela entrou no seu quarto, ou mandou alguém entrar e encontrou isso.

Ela jogou a capa que estava ao redor de seu pescoço no chão, caminhando até a cama.

- Você está bem? – A voz dele era tranquila. Ele sabia que Mary tinha controle da situação.

Ela colocou um joelho na cama e John passou seu polegar na bochecha dolorida dela. Mary encaixou seus joelhos ao redor do corpo dele e desceu o rosto para encontrar sua boca. E aquele beijo foi o modo de ela responder que estava sim, bem.

John agarrou a cabeça dela, aprofundando o beijo de um modo bem apaixonado, leve e amoroso. Ele tinha gosto de vinho, e ela, chá doce. Os lábios dela eram como seda para ele. Uma sensação tão suave quanto nenhuma outra.

Os corpos se aproximavam cada vez mais. Mary usou a mão livre para puxar o cordão de sua camisola. Seus seios ficaram nus e convidativos para que John os aproveitasse.

Ele deslizou a mão pelas costas nuas dela, acariciando suas nádegas, colocando gentilmente a língua dentro da boca dela, que ela aceitou com carícia.

Quando as mãos dele subiram um pouco mais, agarrou os seios de Mary com as palmas em concha, fazendo um movimento circular nos mamilos um pouco forte demais, mas deliciosamente prazeroso.

Mary arfou baixinho e mordeu os lábios dele.

Ela não sabia o quanto John adorava quando fazia aquilo, mas sentiu o membro dele ficar firme como rocha perto de seu sexo.

- Amanhã será nosso último dia juntos.

- Shh – John a beijou para que ela parasse de falar. – Não vamos falar sobre nós dois agora, está bem?

- Ou sobre o futuro – Mary completou.

- Então, o que iremos fazer?

Lentamente, a resposta de Mary veio de seus quadris, que ela balançou por cima da virilha dele.

- A noite inteira?

Mary abaixou seus ombros para beijá-lo.

- A noite inteira – confirmou.

XXVII – AS GOTAS DE UM MAR

- Eu não estou pronta pra isso.

- O que disse, Milady?

- Nada, Prudenza. – Os olhos de Mary naquela manhã estavam tão baixos quanto sua estima. John levantou cedo da cama para voltar ao quarto real, mas a acordou sem querer.

Ele ficou um longo tempo sentado à beira da cama olhando no rosto dela, memorizando cada linha sonolenta daquela linda face, dos olhos azuis como lápis-lazúli até os lábios cheios, rosados como pêssego.

Os cabelos de John estavam ao redor do rosto, num emaranhado como se fosse uma juba de um animal selvagem que ataca sem ao menos avisar. Mas aquele era ele, o homem pelo qual o coração dela batia mais rápido. Seu sangue pulsava em espera de um só toque, sua boca antecipava o sabor do beijo doce e inesquecível.

Ele tinha um rosto perfeito, um rosto austero. As linhas eram duras como havia sido sua vida. A mandíbula quadrada e tesa, o corpo forte. E nele, Mary conseguia sentir o seu perfume. Mas também, depois da noite que haviam tido, ele havia pegado dela mais do que seu perfume.

John fizera amor com Mary como nunca havia feito antes. Havia sido intenso em alguns momentos, carinhosos em outros. Sentia-se a necessidade, a urgência, mas o afeto também.

O corpo dele completou o dela do início ao fim. E o único homem que Mary havia tido na vida, ela soube naquela noite que seria o último.

John nunca iria saber desse fato. Nunca iria olhar nos olhos dela e saber que ele havia sido o homem que havia pegado a inocência dela para si.

Talvez fosse pelo melhor. Assim não se obrigaria a ter responsabilidades e tudo já estava difícil demais para algo como isso atenuar ainda mais.

Depois de minutos sentado à beira da cama, ele passou sua mão no rosto dela, esticou seu corpo, beijando-a docemente, e partiu pelo túnel secreto.

O sono que Mary conseguiu tirar depois disso foi o mesmo de nada. O futuro a preocupava mais do que nunca. Primeiro, porque a maldição que carregava dizia que sem John, sua morte era certa. Segundo, Mary não sabia como iria manter, de um jeito ou de outro, seu coração batendo sem ele. Terceiro, de alguma forma, aquele reino, Orcadas, as pessoas

dali, o povo, havia se tornado seu lar. E só de saber que iria para bem longe, para um lugar ainda mais frio, remoto e solitário, já roubava dela seus resquícios de esperança.

- Peça para que prepare um cavalo para mim, Prudenza.

- Um para mim também, senhora?

- Não. Preciso de um momento só.

- Sim, Milady.

Prudenza fez mesura e foi pedir para prepararem o cavalo.

Quando Mary desceu as longas escadas de pedra até o salão principal, percebeu que o castelo estava um tanto vazio. Se perguntou o que estava sendo da corte do Papa, que há muito não via, em parte por raramente ir aos jantares da corte.

- Milady – O cavaleiro abaixou a cabeça quando ela chegou. Dois guardas estavam a espera dela também.

- Irei só. – disse, aceitando a ajuda do rapaz para subir na sela alta do cavalo.

Os dois guardas olharam um para o outro, como se questionassem algo no silêncio de seus olhares.

- Vou só. – Mary repetiu, esporando o cavalo e não dando tempo para que os dois decidissem se iriam ou não com ela.

O enorme portão elevadiço se abriu, a ponte que separava o castelo da cidadela estava baixa. Mary cavalgou rápido sem uma direção exata. Ela gostava de sentir o vento no rosto dali de cima. Cavalgar sempre que quisesse era uma das poucas coisas que gostava de estar ali.

“Sempre que quisesse” era um eufemismo, claro.

Seu cabelo em trança chicoteava para trás, enquanto a cidadela ficava cada vez mais perto. De longe, uma imensa construção, com seus ornamentos quase chegando às nuvens, chamou a atenção dela. Era a catedral da cidade. Era o livro de pedra para iletrados, suas torres imponentes se erguiam sem medo de irem ao chão.

E quanto mais ela chegava perto, mais a sensação de ser apenas um grão de areia sem importância no mundo era maior. Ela se sentia uma simples gota na imensidão do mar.

Mas o que era o mar senão um conjunto de gotas?

Havia uma praça na frente da catedral, uma praça de pedras bem assentadas. Alguns padeiros cainhavam com seus pães em direção à grande feira no centro da cidade, e nem ao menos repararam nela, que chegava perto da entrada da catedral com a correia do cavalo em mãos.

Perto dali, amarrou o cavalo e entrou na catedral.

Era impossível entrar naquela igreja e não olhar para cima. A imensidão daquilo a puxava como a gravidade que a puxava para John.

As gárgulas e as esculturas que contavam as histórias sagradas a encantavam. Mary nunca achou que veria algo tão bonito assim em Orcadas.

Ela sentou em um banco do fundo. Não havia ninguém ali.

Na mente dela, Mary se perguntava o que fazia ali. Sua relação com o “algo maior” era complicada. Mas poderia usar de uma ajudinha na situação em que estava.

Ela amava um homem, mas não poderia ficar com ele.

Então Mary orou por John, não por ela. Seu destino, como mulher e bruxa estava selado e, mesmo não aceitando isso, seu coração só queria que ele amasse alguém que não fosse ela. Que depois que morresse, ele aprendesse que a vida era mais do que espadas e coroas.

Ela não sabia muito disso, para falar verdade. Mas sabia que se tivesse tempo, iria aprender a valorizar cada segundo.

Mary não soube quanto tempo se passou, mas quando deixou a catedral, os padeiros estavam voltando para suas padarias, prontos para fazer mais pães.

Montou em seu cavalo e partiu de volta para o castelo, dessa vez sem tanta pressa. Não esperava encontrar John por lá. Afinal, ele estava se preparando para partir. O que ela também deveria estar fazendo. No meio do caminho para o castelo, Mary saiu da estrada e foi em direção à praia em que ela e John haviam passado uma noite juntos. Não era muito longe dali, mas o caminho era sinuoso.

Ela desceu do cavalo quando chegou e o deixou solto, para procurar algo para comer no meio de uma pequena mata que havia por ali perto da praia. Sentou-se na areia e olhou o vai e vem das ondas. O coração estava do tamanho de uma ervilha.

Era só ela e as ondas do mar gelado quando ouviu o bater violento de cascos de cavalo logo atrás de onde estava.

Um segundo depois, John apareceu cavalgando como se não houvesse amanhã. Ele parou na frente dela, a areia da praia sendo arrastada pelas patas do animal. No olhar dele havia raiva.

- Onde está seu cavalo?! – ele rugiu, descendo do seu com uma tensão violenta no corpo. John parecia estar a ponto de esganar alguém. Ele pegou Mary pelo braço. – Onde está seu cavalo?! – John rugiu mais uma vez.

- Lá atrás.

Ele a puxou consigo e a pegou na cintura para sentá-la no cavalo em que viera. Montou atrás dela e esporou o animal, que saiu da praia numa velocidade que refletia sua fúria. Mary nem ao menos conseguiu perguntar por que ele estava tão colérico.

Os portões do castelo começaram a se abrir assim que o cavalo do Rei fora visto à distância. Mary tremia na frente dele, mesmo John a segurando pela cintura com força – mais do que necessária.

Os cascos do cavalo bateram nas pedras da praça central do castelo. John desceu num pulo e chamou um guarda, dando instruções para que ele fosse buscar o cavalo de Mary na praia.

Quando se voltou para ela, Mary soube no mesmo instante que o porquê da fúria era sua culpa.

Ele a pegou pela cintura, tirando-a do cavalo e colocando-a no chão.

- John...? O que eu...

O olhar colérico dele compeliu-a a calar a boca.

John a pegou pelo braço e a arrastou para dentro do castelo.

- Se você não disser algo, como é que vou saber o que fiz? – Mary resmungou, começando a se debater. Alguns servos que limpavam as armaduras do salão central conseguiram pegar aquele momento... Em breve, todo o castelo saberia.

- Eu simplesmente não acredito em você – ele resmungou, ainda puxando-a pelo braço quando chegaram ao segundo andar no castelo.

Mary começou a se debater. John abriu a porta dos aposentos reais com o pé e a empurrou lá dentro.

Mary cambaleou e firmou os dois pés no chão, se segurando para não pular em cima dele.

- O que foi tudo isso? Você está ficando insano?! – ela gritou.

- A única pessoa quem deveria estar questionando sanidade aqui é você! Qual a parte do “não sair do castelo” você não entendeu?!

- Eu não pertenço a você!

Ele fez uma expressão irônica.

- Claro que pertence.

- Você é um asno! – Mary pegou um dos candelabros sobre a mesa ali perto.

- Não se atreva a atirar isso em mim, Mary!

No segundo seguinte o candelabro voou da mão dela em direção ao peito dele. Se não

fosse o bom reflexo de John, teria o acertado em cheio. Mas o candelabro bateu na parede com um estrondo.

John se irritou e fechou as mãos em punho.

- O que deu na sua cabeça?

Ela cruzou os braços como se falasse “eu pergunto o mesmo!”.

- Tudo o que eu faço é proteger você, Mary! E invés de me ajudar, você some por uma manhã inteira! Mesmo depois de terem ameaçado você!

- Eu protejo a mim mesma. Nunca precisei de ninguém para isso.

- O que você fez foi arriscado – John puxou a manta que estava sobre seus ombros para se livrar daquele peso e a jogou na cama.

- Sabe de algo? Estou cansada de tudo isso. Não vejo a hora de pegar o barco para Escócia.

- Não diga isso – A voz dele engrossou.

- Não, é a verdade.

O rosto de John se transformou, voltando a ficar do modo como estava dez minutos atrás.

- É isso que tem para dizer um dia antes de ir embora? Que não vê a hora?

Mary sabia o que estava fazendo com ele, assim como sabia que ele merecia estar sentindo aquilo.

- Sim.

- De todas as palavras que ouvi, Mary. Essas foram as mais cruéis.

John foi até o mapa de Orcadas e o abriu com uma força o bastante para quebrar.

- Vá se despedir de seus servos. Seu barco está à espera no porto desde o momento que eu decidi que iria para Escócia. Se quiser, parta agora.

Dessa vez, Mary sentiu o feitiço voltar contra a feiticeira – literalmente.

Ela ergueu a cabeça e foi até a entrada, onde ele segurava a porta (mapa) com força.

Mas antes de entrar no túnel que levava aos seus aposentos, John perguntou baixo:

- Onde você foi?

- Na catedral. – Ela o olhou no rosto. Os olhos dele brilhavam, do jeito que não brilhavam quando o viu pela primeira vez. – Fui rezar por você.

Ele apertou os lábios finos, com aquele orgulho de sempre, e não acenou nem concordou. Só ficou olhando para ela.

- É verdade que o barco está a minha espera há uma semana?

- Sim.

- Por quê?

- Sabe por quê. Agora vá.

Mary sentiu seu corpo ferver. Seu estômago revirou.

- Me leve com você.

- O quê? – John franziu o cenho.

- Por favor, John. Me leve com você. Não me deixe só.

- Você acabou de dizer que...

- Sabe que é uma inverdade. Eu não quero ir, quero ficar aqui.

Ele ficou meio confuso, e a confusão virou indecisão.

- Eu tenho esse sentimento... – Mary tentou explicar com a mão no peito. – De que algo ruim vai acontecer.

- Não use essa carta. Não seja tão baixa assim... como acabou de ser.

- Não estou mentindo, dessa vez. Algo tem me perturbado em meus sonhos...

- Nós todos somos perturbados nos sonhos, Mary. Isso não é exclusivo a bruxas.

- Acredite em mim.

- Eu acredito, sabe disso. Acredito em cada palavra que sai de sua boca, desde o dia que te conheci. Mas não posso levar você comigo para a França. Não posso – ele reafirmou.

Mary balançou a cabeça, decepcionada.

- Não parta agora. – John pegou-a pelo queixo e colocou uma flor atrás da orelha dela.

- Onde pegou isso?

- Estava aqui o tempo todo – ele brincou.

Mary sorriu para ele.

- Eu achei que você tinha me deixado, Mary. – O polegar dele acariciou a bochecha dela. – Nunca senti meu coração bater tão rápido quando os guardas disseram que você tinha ido embora. Até mesmo agora – ele pegou a mão dela, colocando sobre seu peito.

- Eu só queria...

- Eu sei. Me desculpe por isso. – A mão dele acariciou o rosto dela novamente. – Nunca vou me esquecer do quão linda você é. Do quão doce...

- Me leve com vo...

- Não. – Ele a interrompeu. – Não posso... Não quero. É muito perigoso.

- Você é perigoso e consegui sobreviver em suas mãos. – Mary ficou na ponta dos dedos para encostar sua testa na dele. Passou os braços pelos ombros dele e ele, as mãos pela

cintura dela.

- Sou perigoso, mas eu te amo. É diferente. E você me ama também.

- Como tem tanta certeza assim?

- Eu não tenho, mas o jeito como você olha para mim me diz isso.

- E como é esse olhar, John? – As mãos dela passearam pelos cabelos dele. Mary estava com borboletas no âmagô ao admitir o que sentia, mas estava se entregando. A verdade é que tinha se entregado há dias. Mas naquele momento, seu corpo parecia mais leve.

- É o completo oposto do que eu via nos campos de batalha. Parece com o ódio e pode até ser confundido com ele, mas eu te conheço e sei que jamais me odiaria.

- Hm – ela riu.

- Você tem um milhão de razões, e não te culpo – ele beijou o nariz dela. – Mas o que você tem aqui é algo que jamais irei encontrar em outra pessoa. Você ama demais. Tenho ciúmes disso, aliás. Você ama tudo ao redor de você. É a mulher... não, a pessoa mais bondosa que já conheci.

- Você está certo, meu Rei. Eu amo você, mas não queria dizer, porque dizer é fazer ser real.

- Não quer que seja real?

- Não. A realidade dói demais.

- Eu não posso te levar comigo – Algo do que ela disse o trouxe novamente para esse assunto. – Mas eu vou estar com você.

- Onde?

- Em seu corpo, em sua mente... No seu coração. Onde quiser me levar.

- Posso te levar em um beijo?

- Sim. – Aproximando seus lábios dos dela, ele respondeu: – Sempre.

XXVIII – O DUQUE TRAIADOR

O salão da corte bateu palmas após o discurso que John fizera sobre as alianças que teria que fortalecer e que sua ausência no reino não seria em vão. Ele ergueu seu cálice de prata, a corte o imitou.

Mary levantou seu vinho com uma dor do peito. Algumas das palavras que John dissera haviam penetrado profundamente em seu peito.

Ele olhou para ela rapidamente e se virou para Benício, falando algumas coisas que pareciam amistosas. Depois de mais cedo, Mary havia se retraído. Ela tinha medo. Não sabia exatamente do que, mas era algo que a deixava sem ar.

Quando John se virou para procurar Mary entre os membros da corte, ela havia sumido. Como fumaça, mas diferentemente desta, não deixara rastros. O Rei sabia que ela não havia *sumido* de verdade, não depois daquela manhã e do susto que havia levado.

John foi se esgueirando de algumas pessoas até conseguir sair de fininho em direção a seus aposentos, dando a desculpa de terminar de se preparar para a longa viagem.

Mas ele sabia que quando abrisse a porta, iria encontrar sua amada lhe esperando.

E lá estava Mary. Encostada à lareira, as pontas dos cabelos loiros chegando abaixo dos quadris, seus lábios rosados um tanto avermelhados por causa do vinho que tomava. A parte acima dos seios de seu vestido estava aberta, como se ela tivesse aberto para poder respirar um pouco melhor.

Mas ainda assim, a casualidade de como ela estava fez John notar aquela beleza sensual quase inconsciente que raras mulheres possuem.

Os olhos azuis dela pararam no rosto dele quando ele entrou. Mary olhou para a coroa sobre a cabeça dele, ao redor de sua testa, emoldurando talvez a maldição *dela*.

Se ele não fosse Rei, talvez tudo fosse diferente.

O manto real de cor vermelha se moveu quando John deu um passo em direção a ela. Mas Mary o fez parar quando colocou sua mão entre eles.

Ela abriu os lábios, mas nada saiu. Mary não tinha forças.

Como que ela, uma mulher tão forte, havia se rendido tão rápida e profundamente por um homem?

Mas não era apenas um homem, era a um amor.

John não tinha tempo a perder, sabia que logo, logo seus servos estariam ali por ele.

Deu passos firmes até ela e agarrou o rosto dela com suas mãos.

Havia um ar pesado ao redor dos dois, e um olhar que dizia tudo no silêncio das vozes.

- Me diga de onde você veio, Mary. Me fale sobre seu passado.

- Não importa mais. Não fará diferença.

- Fará. – falou resolutivo. – Para mim, fará toda a diferença do mundo.

- Apenas mantenha as memórias. Não as perca.

- Eu a verei novamente, Milady.

A mão suave dela tocou os lábios dele.

- E isso me dá medo. Não posso mentir. Me dá medo ver o amor que sente por mim sumir de seus olhos e se transformar em algo que não quero. Me dá medo saber que nunca poderei ser para você nada além do que uma amante.

- Não tema, minha Rainha.

Um sorriso sutil surgiu ao rosto dela quando ele falou isso.

- Você é minha Rainha em todos os sentidos, Mary. Eu sei disso... *Você sabe disso.*

- Nós não...

- Eu sei. Você já repetiu inúmeras vezes aquilo que podemos ou não ser. – As mãos dele saíram do rosto dela para abrir ainda mais a parte frontal do vestido.

Enquanto ele se ocupava em tentar tirar seu vestido apertado, Mary colocou seus lábios aos dele. Era uma mistura de sensações que explodiram nos dois. Era sempre assim. Forte e inexplicável.

Era a mesma sensação desde a primeira vez. Algo tão maravilhoso quanto sentir a brisa do mar em um fim de tarde ou caminhar na chuva. Era uma sensação de liberdade que consumia os dois. Mas os dois eram prisioneiros do destino.

A única liberdade que eles um dia iriam conhecer seria a morte.

Para Mary, isso estava muito próximo. Ela conseguia sentir dentro de seu corpo. Como se a cada dia algo antigo e poderoso a apoderasse esperando o momento certo para começar a consumi-la. E esse momento era a ausência de John.

Por isso e por outras razões, Mary se agarrou no peito dele e o trouxe mais para si. John pegou Mary nos braços e foi abaixando-a devagar ao chão de pedra, ainda com sua boca sobre a dela, em uma carícia suave e apaixonante.

Ele queria sentir o corpo dela sobre o seu, cada curva, cada pedaço da pele morna e macia dela. Os dois foram devagar se desvencilhando de suas vestimentas. O calor do corpo de

um aquecia o outro e o vestia de uma forma erótica.

Mary sentiu as mãos de John passearem por seu corpo com uma delicadeza e calma sem igual. Ele abaixou seus lábios, trocando a boca dela pelos seios. Ele a fez arquear as costas em prazer, e sentiu seu corpo tremer só em escutar os suaves gemidos que ela dava.

John sentia todo o corpo dela conectado ao seu. Eles eram um naquele momento.

Mary arranhava as costas dele com força. Não apenas pelo calor do momento, mas porque sentia, no fundo, raiva de John. Não queria ter se apaixonado, não queria ter se entregado para ele.

O culpava de tudo. Mas o amava tanto a ponto de se sacrificar. E era o que estava fazendo. Dando a chance para que ele salvasse seu reino, e além. Salvasse a si mesmo.

Ela começou a sentir o calor da lareira no mesmo instante em que o ápice aqueceu seu âmago.

Fechou os olhos e sentiu cada segundo se passar como uma eternidade só sua. Os lábios de John tocaram os seus em seguida. Aquele era seu último momento de amor com ele, mas tudo iria ficar bem.

Ela tinha certeza disso.

**

A comitiva estava pronta. Os cavalos inquietos. Havia uma pequena multidão no pátio central do castelo. E lá de cima, do antigo quarto da Rainha-mãe, Mary assistia John montar seu garanhão e se preparar para partir.

Não havia sido fácil se despedir.

Ele, de longe, conseguiu sentir o olhar da mulher que amava sobre si. Olhou para cima e próxima às janelas de vidro, a assistiu. Tinha uma manta sobre o corpo. Sua serva ainda não tivera tempo de ir até seu quarto e ajudá-la a se vestir.

Mary tocou brevemente em seu colo, mandando uma mensagem silenciosa para John.

Ele também tocou o colo, sentindo a concha que o manteria seguro, e que Mary colocara seus últimos recursos de magia.

Uma trombeta soou da torre mais alta do castelo. Estava na hora. No mesmo instante, a pesada porta de Mary se abriu e de lá entrou Prudenza.

- Minha senhora – ela se abaixou, correndo para os baús pegar um vestido.

Mary se mantinha forte, olhando para o Rei. Ele olhou mais uma vez para ela. Dessa

vez havia um adeus escrito em seu olhar.

Alguém anunciou alguma coisa. John tinha que guiar o restante dos lordes que iriam com ele.

Ele esporou seu cavalo e se foi, sumindo pelo portão elevadiço e a ponte do castelo. Os cavalos restantes o acompanharam, com bandeiras erguidas.

Mary suspirou fundo, sentindo seu corpo se esvaír de algo que ela achava que não tinha.

A profecia estava cada dia mais próxima de se realizar.

Prudenza tocou de leve o ombro de Mary, tendo uma boa ideia do que a amante de seu Rei deveria estar sentindo. Em breve ela também estaria indo embora dali.

Aquilo não parecia certo.

- Milady, não tema. Vocês voltarão a se ver.

Com os olhos fechados, Mary não quis falar, não queria dar voz ao que sentia, mas sua mente duvidava muito que voltaria a ver o homem que amava.

Embora, seu coração não estivesse muito certo e não estava querendo seguir a razão.

Uma batida na porta assustou as duas. Foi de repente e algo fora do comum. A batida se seguiu por vozes de soldados do castelo.

- O que está acontecendo?

- Não sei, minha senhora. – Prudenza deu um passo para tentar ver o que acontecia, mas no segundo seguinte, a porta fora arrombada e alguns guardas reais entraram no aposento. – Isso é um ultraje! – gritou Prudenza, assustada com aquilo. Nunca tinha visto soldados reais invadirem o quarto de uma lady.

Mas Mary entendia do que aquilo se tratava. Ah, sim. Ela soube no mesmo instante, pois aquilo tinha assinatura de Valence, a futura Rainha do reino de Orcadas.

Mary estava prestes a ser presa. Com John longe e o reino sendo governado por alguns senhores, a futura rainha tinha bastante apoio quando se vinha a combater vadias dentro da corte.

E Mary era a maior delas.

Os homens de armadura não disseram nada. Avançaram em Mary e Prudenza, levando-as pelos corredores vazios do castelo. Toda a corte estava no pátio, ainda se dispersando pela despedida do Rei.

Mary era inteligente. Valence também. A corte já estava sabendo de sua ida para longe, o que facilitaria mandar prendê-la.

Prudenza gritava em favor de sua dama. Mary respirava fundo, o coração batendo rápido. A próxima coisa que viu foi ser jogada em um calabouço.

A porta pesada de fechou ao redor das duas. As pedras frias do calabouço silenciaram os gritos de Prudenza. Mary pensou no que faria. E pensou também no por que estava ali.

Se Valence quisesse se livrar dela, não precisaria fazer tudo aquilo, já que o navio para sua ida para a Escócia sairia em algumas horas. Não, alguém mais fazia parte daquele plano. E ela tinha uma boa ideia de quem era.

Os minutos se tornaram horas. Havia feno gasto por todo o ambiente apertado daquele lugar com pedras geladas. O frio estava aumentando. Por uma pequena grade na parede, dava para se ver o mar e foi de lá que Mary viu o barco que a levaria para longe, se afastar da costa.

Prudenza rezava. Havia chorado um pouco. Mary a consolava.

- Sua filha vai ficar bem – Mas ela não tinha certeza.

O maior medo de Mary era as duas congelarem pelo frio que estava fazendo. Não iria mentir, tinha passado tanto tempo nas ruas antes de chegar ao castelo que não ligava tanto, mas Prudenza, sim.

Quando a noite de findou, o sol começou a aquecer as duas e acordar Prudenza, que já não sabia mais o que fazer.

Mary ouviu alguns passos próximos à porta. Deu um sorriso irônico. Sabia que era questão de tempo até alguém aparecer. E foi quando se lembrou de algo que há dias tinha recebido e guardado.

- Prudenza, olhe para mim. Escute com atenção. Quando tiver a chance, corra aos meus aposentos e procure um baú pequeno perto da lareira. Dentro há uma carta do Papa. Depois disso, pegue um navio e vá para Roma. Entregue essa carta a alguém da segurança papal. Eles vão te acolher.

- Mas...

- Na praia – Mary falou devagar. – Onde há alguns rochedos, onde quase ninguém vai. Você conhece?

- Sim, milady. Minha filha costumava brincar lá com os amigos. anos atrás, mas ninguém mais vai desde que uma criança bateu a cabeça nas pedras e morreu. Pobre coitado.

- Sim, sim. Lá. Não se esqueça. Entre alguma dessas pedras você vai encontrar um saco com moedas. Deve ser o bastante para você fugir. – Havia escondido aquele ouro desde que chegara ali.

- Mas... E você, minha senhora?

Mary esboçou um sorriso incerto.

- Eu sei para onde vou. Desde que cheguei nesse castelo eu soube.

- E onde é isso, Milady?

Mary iria ser eternamente grata por aquela mulher e pela bondade dela.

- Leve sua filha. – Apertou sua mão dela. – Eles vão te soltar, mas não por muito tempo. Então corra. Não se esqueça do que lhe disse.

Prudenza balançou a cabeça várias vezes. Tinha entendido. Olhou para Mary com um olhar triste e vago. Não sabia o que sua lady pretendia, mas tinha certeza de que não era nada bom. Principalmente agora que o Rei não estava ali para protegê-la.

As duas ouviram o trinco da pesada porta que as prendia. Alguém estava prestes a entrar ali. Mas antes disso, Prudenza abaixou a cabeça para Mary e sussurrou:

- Deus salve a Rainha.

A porta se abriu com um estouro. Mary virou o olhar para quem estava ali.

O Duque de Lavandor sorriu para ela.

Um guarda que havia vindo com ele pegou Prudenza pelo braço e a tirou com força dali. Mary não conseguiu olhar sua serva e amiga pela última vez. O Duque entrou no seu campo de visão e a atrapalhou. Ergueu sua mão e ofereceu a ela.

Mary engoliu em seco e se levantou com ajuda dele.

Era claro para os dois o que aconteceria depois. O Duque estava com um sorriso de vencedor no rosto.

- Está pronta?

- Eu tenho uma escolha? – Mary respirou fundo, tentando controlar seu medo e sua raiva.

Não. Ela não tinha escolha.

Ele a pegou pelo braço, conduzindo-a a um corredor que dava para uma saída lateral do castelo, longe do pátio e de toda a corte. A noite estava tomando tudo. O Duque pegou um archote para ver o caminho. Ao fim do corredor havia uma grade elevadiça, que dava para um riacho escuro e uma praia de pedras. Havia uma carruagem a espera.

O Duque girou uma manivela e a porta se abriu. A empurrou para fora com força. Mary cambaleou no meio das pedras e se virou para ele.

- Eu não me importo com o que faça. Quando o Rei souber...

- Esqueça o Rei, milady. – sorriu. O fogo iluminou aquela sua cicatriz facial tenebrosa dele. – Se eu lhe falar que foi ele que me ordenou fazer isso, você acreditaria?

- Nem por um segundo.

O Duque deu ombros.

- Eu tentei. – Pegou-a pelo braço e a arrastou até a carruagem. Assim que entraram, os cavalos começaram a correr. – Ah, um presente de Milady Valence. Ela agradece os serviços prestados ao Rei.

Entregou a ela um lenço.

Meio desconfiada, Mary hesitou em abrir. O Duque se recostou no assento da carruagem e suspirou em puro contentamento. Seu momento tinha chegado, finalmente. No instante que seus olhos encontraram Mary naquela arena, semanas atrás, ele sabia que a teria. Mesmo que tivesse que ser contra a vontade dela.

Ele não se importava com cortejo. Se importava apenas com ter o que queria.

Mary abriu o lenço e encontrou a corrente de ouro que John a havia dado naqueles dias iniciais ali. Uma lágrima escorreu por seu rosto. Tudo estava acabado.

- Não chore, pequena bruxa. O Rei vai pensar que você foi para longe.

- Como sabe que sou uma bruxa? – Ela ergueu o rosto para encarar aqueles olhos violentos.

- Não sabia. Eu presumia. Agora *eu sei*. E como você veio comigo sem reclamar muito, acredito que não tenha mais poderes. O que acho muito agradável.

- Você não pode casar comigo. – ela sentenciou.

O Duque gargalhou, jogando a cabeça para trás. Depois de alguns segundos rindo daquele modo assustador, olhou para ela e murmurou.

- Matrimônio é a última coisa que vem na minha cabeça quando penso sobre o que fazer com você.

Naquele momento, Mary percebeu que não importava o que pensasse, não importava o que esperasse. O que viveria com aquele homem seria algo muito pior do que jamais imaginou.

E a única coisa que tinha certeza naquele momento, era a de que ele iria destruí-la pedaço por pedaço. E quando terminasse, enviaria um *suvenir* para John.

XXIX – UMA AMIGA DA RAINHA

Era difícil enxergar qualquer coisa onde Mary havia sido jogada. O Duque a havia levado para um aposento muito próximo à extremidade, onde as ondas furiosas do mar batiam e faziam as paredes de pedra perto de si tremerem.

A obscuridade do ambiente era óbvia. O aposento em que estava era até mais assustador do que aquele que viu quando havia ido ali pela primeira vez... Com John.

Mary estava fazendo um grande esforço para não pensar nele.

Ainda vestia a camisola e sentia frio.

Ficou surpresa quando a porta do cômodo se abriu e uma mulher maltrapilha entrou.

Ela fez mesura para Mary, sempre com olhos baixos.

- Milady, meu senhor pediu para trazer roupas. – A garota veio correndo até Mary, que estava em pé ao lado de uma cama. A garota tinha dentes podres. – Disse para minha senhora se vestir, pois haverá um jantar em sua honra.

O corpo de Mary gelou.

- Obrigada. – disse.

A garota franziu o cenho, não acostumada por agradecerem o que fazia.

- Eu vim contra minha vontade do castelo do Rei. – Mary falou, casualmente, vendo se aquilo causaria alguma reação à moça. Servos conversam muito, e geralmente sobre seus patrões. Se, de alguma forma, algum boato surgisse e fosse carregado aos quatro ventos, *talvez* alguém viesse salvá-la.

Mas, sabia bem no fundo que ninguém viria. Se ela quisesse sair daquele lugar viva, teria que salvar a si mesma.

Ela viu que a serva a sua frente ficou inquieta, mas não disse nada. Simplesmente saiu apressada.

Mary sentia falta da janela de seu quarto... Do quarto da Rainha-mãe. Sentia falta da vista e da sensação de estar segura.

Não havia janelas naquele aposento e as ondas não paravam um segundo de bater nas paredes e fazer tudo tremer.

Olhou para as vestimentas. Vestidos brancos. Não sabia do porquê da escolha daquela cor, mas presumia que não era nada bom.

Um banquete estava servido.

Assim que Mary adentrou o ambiente iluminado por velas e adornado com tapeçarias antigas, viu a mesa e à ponta dela, o Duque. A imagem dele tremulava ao reflexo das chamas quentes. Estava vestido propriamente, como um cavaleiro real. Exceto a espada, que deveria estar em sua cintura. Mas estava sobre a mesa, ao lado dos pratos.

Se aquela fosse uma tentativa de assustá-la, estava funcionando direitinho.

Mary tomou seu assento, olhando para o guarda que a acompanhou se retirar e deixar os dois sós.

A mesa estava servida para umas vinte pessoas, e ainda assim, só havia os dois ali.

O Duque abriu um sorriso antes de servir um cálice de vinho para ela.

Mary olhou bem para os olhos escuros dele e olhou para o vinho em suas mãos, desconfiada. Estava faminta, não tinha comido nada desde que se despediu de John no início do dia, mas não confiava em nada ali, nem mesmo no vinho.

- Não está envenenado, se é isso que está pensando. – falou ele, se servindo do mesmo vinho. – Eu sei que você não quer estar aqui, milady. Mas prometo fazer de sua estadia algo agradável.

Ela sorriu com desconforto e decidiu beber um pouco da bebida, sua garganta estava seca.

- Você nunca vai fazer um rapto ser algo agradável.

O Duque afastou o cálice dos lábios.

- Mas isso não é um rapto. Foi uma compra. Eu comprei você.

- O quê? – ela franziu o cenho.

- Milady Valence precisava de ouro, para alguma coisa, eu realmente não perguntei o motivo – falou, balançando a taça no ar, indiferente. – Fizemos um negócio, apenas.

- Em troca de *mim*? – Aquilo era um absurdo. Mary entornou o vinho de uma só vez.

Ele deu de ombros.

- Foi um bom negócio.

- O que você espera que eu faça? Sirva de vadia para você todas as noites?

- Talvez – O Duque respondeu bem vago. – Ainda não decidi qual será seu papel nesse castelo. Talvez eu te tranque em meu *hortus deliciarum*, meu jardim, e você se tornará minha Neruda até o fim de seus dias.

Mary se lembrou da história de Neruda, que escutara semanas atrás. O fim dela não era

muito bom.

- E se eu te matar nesse momento? – Mary passou a mão por uma faca próxima a seu prato.

O Duque ergueu as sobrancelhas, bebendo o vinho tranquilamente. Quando terminou, olhou bem para os olhos azuis dela.

- Se você ao menos tentar, corto sua cabeça no mesmo instante. – a mão dele foi até a espada sobre a mesa. – Seria uma pena, mas...

Ele fez uma pausa.

- Todos temos um papel a fazer, milady. Você serviu o Rei por algum tempo, agora vai servir a mim. Acredito que no início as coisas não eram tão boas entre vocês dois. Assim como a situação de agora. Seja paciente, talvez comece a apreciar o castelo de Lavandor... e seu Duque.

Mary não tinha como responder aquilo. Tudo o que queria fazer era enfiar aquela faca no pescoço dele. Mas como sabia que não podia fazer aquilo *naquele momento*, suspirou fundo e soltou a faca que apertava nas mãos.

- Posso comer, ao menos? – perguntou.

Ele abaixou a cabeça, assentindo. Ela se serviu de galinha ao molho, batatas cozidas com tempero e favas refogadas. O cheiro estava bom, e ela não esperou muito para comer.

O Duque também se serviu, e comia enquanto observava Mary. Ela estava levemente corada, talvez pelo medo de estar ali. Seus cabelos loiros e longos trançados com a corrente que Valence a mandara. Havia algo naquela face bela que o hipnotizava. Não sabia se eram os lábios rosados que com certeza eram doces, ou aquele colo com os seios fartos delineados pelo corpete branco do vestido.

Ele lambeu os lábios ao imaginar tomá-la. Sabia que ela iria se debater e resistir, mas gostava de mulheres assim. Sem contar aquele espírito rebelde. Ah, ele iria se divertir muito com ela.

Lentamente, ele se ergueu da cadeira na ponta da mesa. Mary estava sentada ao lado direito, na cadeira mais próxima. Ele buscou um cacho de uvas verdes e voltou até lá, se sentando e oferecendo uma uva para Mary.

Ela o olhou com intensidade e curiosidade. Levantou a mão para pegar o que ele oferecia, mas ele recuou.

- Não. Com a boca.

Um calafrio tomou a espinha de Mary. Seu estômago revirou. Talvez comer não tivesse

sido uma boa ideia. Ela queria vomitar tudo.

- Vamos lá, milady. Se você não vier livremente, virá à força.

As ameaças dele soavam tranquilas. E essas eram as piores, pois ele tinha real intenção de cumpri-las.

Mary sentiu uma raiva se amontoar no âmago, mas inclinou o rosto para frente e abriu os lábios, capturando a uva com os dentes.

O Duque aproveitou para encostar seus dedos na boca dela, esfregando o polegar naquele lábio inferior que queria experimentar.

Mary ficou quieta, tensa.

Ele se aproximou também e colou a boca na dela. E quando achou que finalmente triunfaria, Mary mordeu seu lábio com força, tanto que no mesmo instante começou a sangrar.

O Duque a empurrou da cadeira, se afastando com um pulo. Sangue escorria de sua boca para a malha que vestia, Mary estava caída no chão, segurava uma faca na mão e estava pronta para atacar.

- Se me tocar novamente, mato você! – Parecia que ela estava de volta nas ruas, tentando se proteger de guardas reais nojentos e bêbados quase inconscientes.

O Duque esperou que ela se levantasse. Quando Mary o fez, ele avançou nela e a imobilizou, pegando-a pelos dois pulsos. Não havia comparação entre ela e o Duque. Ele era forte, alto e sem escrúpulos. E a única coisa que Mary tinha naquele momento era seu instinto de fugir dali e sobreviver.

Ainda segurava a faca na mão, mas foi por pouco tempo. O Duque torceu o pulso dela e Mary gritou quando seu osso saiu do lugar com um estalo alto. A faca caiu ao chão. Ela estava desarmada.

- Não deveria ter feito isso, milady – Ele falava enquanto sua boca sagra e deixava o vestido branco de Mary, vermelho.

Apesar da dor do pulso quebrado, Mary ergueu a cabeça e cuspiu na cara dele.

Aquela era mais que uma recusa. Era demonstração de nojo.

Um silêncio feio abraçou os dois por curtos segundos. Os sorrisos do Duque haviam acabado. Junto com sua breve paciência.

Ele a pegou pelo cotovelo e começou a arrastá-la por um caminho que pareceu infinito. Subiram escadas e mais escadas. Nem Mary nem o Duque falavam nada. Ele chegou até uma porta de madeira grossa e grades. Tirou um molho de chaves do cinto e a abriu.

Empurrou Mary lá para dentro, num escuro total. Não, ali não havia janelas, não havia

brechas. Portanto, não haveria como ela saber se era dia ou noite. Ela não saberia dizer quanto tempo passara naquele inferno.

O Duque fechou a porta com um estrondo. Abriu a portinhola onde ficavam as grades e disse para ela, antes de fechá-la naquele lugar por um longo tempo:

- Eu deveria ter colocado veneno naquele vinho.

A portinhola se fechou e ele se foi junto com a luz. Mary correu até a porta e tentou empurrá-la e puxá-la, gritando coisas incoerentes. Mas não tinha mais forças, seu pulso doía que nem um inferno, sentia o cheiro de ferrugem do sangue dele em sua pele e suas vestes.

Escorregou pela parede gelada de pedras e tentou não gritar... mas não conseguia.

O problema era que de onde estava, em um calabouço suspenso no precipício, que dava para ondas violentas e pedras no mar, ninguém a jamais ouviria.

**

Mary não tinha ideia de quanto tempo se passara, nem se a noite havia se tornado em dia. Suas lágrimas estavam secas, sua dor ficara pior e para deixar a situação ainda mais complicada, uma náusea e tontura forte apareceram.

Ela encostou a cabeça na parede e tentou se acalmar um pouco.

E no silêncio, de repente, algo se mexeu e fez um som rápido. Mary abriu os olhos e mesmo não vendo nada, soube que havia algo ou *alguém* ali. Não tinha mais forças para se defender, se fosse uma fera ou algo do tipo. Não duvidava de nada do Duque.

Estava tentando conseguir escutar mais alguma coisa quando não se segurou e acabou virando para o lado e vomitando todo o jantar. Limpou os lábios com a barra do vestido e deitou.

Seus pensamentos voavam de John para a profecia. Não tinha pensado antes, mas, afinal, tudo estava se completando.

John estava longe e ela logo morreria. Fim. Aquele era seu fim. Mas não se contentava. Não acreditava que seus últimos dias seriam ali naquela cela onde nem o sol podia ver.

Quando John se foi, achava que embarcaria para Escócia e morreria lá, abraçada pelas ondas geladas do mar e de uma noite estrelada.

O barulho soou novamente, mas Mary ficou onde estava. Se fosse morrer naquele momento, então não lutaria mais.

- Não vou te matar – Uma voz feminina e dura disse a Mary, assustando-a. Ela levou

um susto, mas continuou deitada. – E se estiver pensando em morrer, pare.

Nessa segunda vez, Mary ficou intrigada. Encostou-se ao cotovelo, com dificuldade e perguntou:

- Quem é você? – Sua voz estava fraca.

E em troca de uma resposta, recebeu um toque em seu rosto.

- Você está quente, garota. – Havia um tom bruto em suas palavras, e um tanto autoritário. Aquela mulher, quem quer que fosse, não era uma serva... nem uma lady.

Mary sentiu-a fazer a volta em seu corpo. Ouviu a mulher cheirar alguma coisa.

- Você está cheirando meu vômito?

- Vômito e urina. São ótimos para descobrir o que está acontecendo dentro do corpo de alguém.

A mulher de voz intensa chegou perto dela.

- Vou tocar em você, garota. Não tente me matar.

Mary queria contestar, mas no segundo seguinte, sentiu as mãos dela tocarem seus seios, depois sua barriga.

- O que eu tenho? – A verdade era que Mary estava se sentindo miserável. Um mal estar terrível.

A mulher se afastou bruscamente, como se não esperasse o que tinha descoberto.

- Você sabe que o Duque não vai te libertar nem te livrar pela morte, não sabe?

- Eu tenho esperanças...

- Ele não vai, garota. Quando o Duque de Lavandor quer algo, ele consegue.

- E o que está querendo dizer?

- Estou querendo dizer que você precisa encontrar um modo de fugir daqui.

- E acha que já não tentei isso?

- Então não teve sucesso porque não tinha um motivo pra quê lutar.

O único motivo que Mary tinha para lutar pela vida estava longe, indo para a França.

- E por que eu lutaria agora, sabendo que não tenho como vencer?

- Você está carregando um filho.

O chão de Mary sumiu. Ela se viu caindo de um precipício em queda livre. Todas as emoções possíveis que podia sentir explodiram dentro de si sem aviso.

- Não.

- Sim. – A mulher disse firme. Sua voz era de certeza. – Quem é o pai?

A boca seca de Mary ficou amarga. Ela conseguia sentir o gosto da dor de saber que

estava carregando um filho de John. Não podia estar carregando um filho dele.

- É do Rei – um sussurro saiu de seus lábios, quase presos pela tristeza dela.

- Meu Deus – a mulher também suspirou, atônita. – Rei John?

Mary assentiu com a cabeça. E mesmo no escuro, a mulher conseguiu enxergar a resposta dela. Já havia se adaptado a escuridão.

- Não posso carregar esse filho – Mary disse a si mesma, passando a mão no ventre.

E então algo a atingiu em cheio. John a amava. Ela sabia daquilo com todas suas forças. E agora carregava seu filho.

A profecia. A profecia dele.

John não podia saber daquilo, Mary não podia deixá-lo saber que teria um filho dele.

E se suas esperanças de um dia encontrá-lo eram mínimas, agora eram nulas.

Mary tinha que fugir não só do Castelo de Lavandor e daquele Duque, tinha que fugir também de Orcadas e do Rei.

- Há quanto tempo está aqui?

- Acredito que anos. Não contei quando cheguei, mas presumo o Duque de Lavandor tenha me prendido aqui vinte e dois anos atrás.

- Como? Há vinte e dois anos o Duque era uma criança.

- Não, garota. O Duque de Lavandor real. O pai de Robert. – Robert era o nome do Duque de agora.

- E quem é você? – Mary perguntou mais uma vez, com medo da resposta. Uma tensão pesada estava ao ar.

- Sou a mãe dele. Duquesa Anna de Lavandor.

Mary fechou os olhos com força. Sentiu lágrimas quentes escorrerem pelo rosto. Ela estava desolada. Sua mão continuava ao ventre.

- O Duque, seu filho, sabe que está aqui?

A mulher parou um tempo para considerar.

- Robert é ocupado demais para saber que seu pai mentiu sobre minha morte e que estou bem aqui, há metros de distância.

- E por que não gritou quando ele abriu a porta?

- É a primeira vez em vinte e dois anos que vejo a luz e a sombra da face de meu filho.

Gritar foi a última coisa que pensei em fazer.

A mente de Mary estava a mil.

- Se está aqui todo esse tempo, como sabe de John?

- Eu era amiga da Rainha. Eu sabia que durante esses anos o filho dela tinha assumido. Falando nela... Elizabeth está morta?

- Sim – A lembrança do túmulo da Rainha-mãe veio à mente de Mary. – Morreu logo depois do Rei. Eles se...

- Amavam – Anna completou, com uma voz, pela primeira vez, tocada pela emoção. – Eu sei.

- Anna – As lágrimas escorriam pelo rosto de Mary. – Eu preciso sair daqui. Me ajude.

O coração de Anna de Lavandor sabia que não podia ajudar Mary, pois se fizesse isso, seu filho iria morrer. Porque a morte do Duque era a única via de saída dali. E, por outro lado, guardava consigo a lembrança de um pacto com sua amiga e Rainha.

A de nunca deixar uma a outra, que por causa de seu marido cruel, tinha quebrado, sendo jogada ali por anos, enquanto ele mentia para todos que ela tinha morrido em um navio, a meio de uma tempestade.

O problema era que Anna não tinha apenas essa responsabilidade. Mary estava carregando o herdeiro do trono, apesar de ter quase certeza e que ela e o Rei não haviam se enlaçado em matrimônio e aquela criança ser bastarda.

Anna tinha o dilema de não matar seu filho cruel, como o pai, ou salvar a vida de uma mulher que estava com o futuro do reino no ventre, uma criança inocente.

- Você o ama? Assim como Elizabeth, minha amiga, amava o Rei?

Mary engoliu um soluço e ergueu a cabeça.

- Eu o amo mais do que posso dizer.

Isso era o bastante para Anna. Ela remexeu em algo a meio de uma palha espalhada abaixo delas. Demorou, mas achou.

Ela foi até Mary e colocou o objeto gelado na palma de sua mão.

- Cuidado. É afiado – sussurrou. – Fiz isso anos atrás. Quando ainda tinha esperança de sair daqui. Mas os dias se passavam e a porta nunca se abria, jamais. Percebi que só sairei daqui quando morrer. Esse é meu destino. Leve essa arma. Use-a quando tiver oportunidade. Você só terá uma chance, garota. Robert não hesitará em quebrar seu pescoço.

O punho de Mary latejou, como se lembrasse de que o Duque nem piscou ao quebrá-lo.

- Como sabe que ele vai voltar aqui?

- Ele vai – Anna respondeu. – Ele vai.

Mary tocou a mão dela. Tinha um aspecto áspero e envelhecido. Não precisou

agradecer com palavras.

Guardou a arma afiada em um bolso do vestido e encostou-se à parede. A náusea havia voltado. Anna ficou ao seu lado e tocou em seu ventre pela segunda vez. Como se quisesse sentir aquela vida florescendo.

A esperança das duas tinham se reascendido. Eram fagulhas, mas estavam lá.

Mary tinha que lutar agora. Mais do que nunca. Suspirou e colocou a mão sobre a de Anna. Estava feliz por ter alguém ali. A partir daquele momento, as duas esperavam o instante em que a porta daquele calabouço se abriria novamente.

- Eu sou Mary. – disse à Anna.

- Eu sei.

Um silêncio se fez.

- Elizabeth me disse sobre a profecia. Me disse que um dia você iria encontrar John.

- E o que mais? – Mary não possuía mais dúvidas a respeito do destino e da magia. Elizabeth era uma vidente, se tinha visto que um de seus filhos não teria filhos, por que não teria visto sua ida até o palácio?

Anna suspirou e soube que precisava guardar o futuro que sua amiga lhe compartilhara em segredo. Então respondeu o que tinha que responder:

- E nada mais.

XXX – UM RESGATE AMIGO

As duas não sabiam quanto tempo se passara. Mas havia sido o bastante para conversarem e descansarem. Principalmente Mary. Exausta, ela dormiu por um bom tempo, e apesar de acordar ainda cansada e com o peso do mundo nas costas, se sentiu um pouco melhor.

A cabeça girava sempre que pensava que teria um filho de John. Tentou esquecer essa informação nos momentos em que estava acordada e conversava com Anna sobre o que ela havia vivido décadas atrás.

A corte era diferente há vinte anos, as pessoas eram diferentes. Anna dizia que a esperança de um reino melhor que Elizabeth, a mãe de John, passava para os súditos era algo que se espalhava como doença.

As pessoas eram felizes. Anna também contou quando conheceu Benício, e ficou surpresa em saber que ele virara Papa.

Depois de um bom tempo, Anna disse a Mary que mais de dois dias haviam se passado. Mary não sabia como ela conseguia contar ou ter certeza, mas concordava.

Algumas horas mais tarde, as duas ouviram passos bem longes. Era o Duque, não havia dúvida.

Anna se afastou de Mary, não falando mais nada. E no silêncio, se despediu. Era a hora que estavam esperando.

Mary se preparou para quando ele abrisse a porta, esperando-o lá na frente.

Quando o Duque apareceu, pela porta aberta, contra a luz, Mary ergueu a mão em um sinal de rendimento.

Tinha que jogar aquela carta e esperar que ele acreditasse na mentira.

Por um instante, ela achou que o Duque não compraria a oferta dela. Mas ele apertou os olhos e segurou a mão dela com força, puxando-a para longe daquele quarto escuro.

Onde Anna estava pronta para passar mais uma década.

Só.

Mary afastou a estranheza de estar no quarto do Duque pela segunda vez. Parecia que ele havia aprendido com seus erros e não iria mais alimentá-la antes de usá-la.

Ele trancou a porta atrás de si quando entraram. Colocou a chave no cinto, aproveitando para tirar suas armas, uma por uma. Colocou-as numa mesa próxima enquanto Mary avaliava com mais atenção os detalhes obscuros daquele lugar, aquelas tapeçarias mórbidas e a lareira acesa. Foi até lá para se aquecer um pouco.

- Acredito que tenha aprendido uma valiosa lição ao ficar naquele lugar.

Mary não queria dizer nada, mas resolveu que precisava.

- Sim, milorde.

O Duque começou a andar ao redor do quarto, tirando seu manto e jogando no chão.

- Meu pai costumava me deixar lá por dias quando eu era uma criança, sem comida nem água.

- E sua mãe, o que pensava disso? – Mary queria saber se ele realmente não sabia que Anna estava viva ou era mesmo um monstro, e a deixara lá por todo aquele tempo.

- Minha mãe – ele riu. – Ela brigava e apanhava. Acho que a melhor coisa que ela fez na vida foi morrer antes de meu pai matá-la.

Não. Ele não sabia.

Mary queria contar, mas não era uma boa ideia. Se virou para ele e o olhou intensamente.

- John me tratava com respeito... Tentava me tratar, ao menos. Se me machucar novamente, dou um jeito de matar a mim mesma.

O Duque franziu o cenho e foi até ela. Viu que segurava o punho quebrado, ainda doía muito.

- Vá até a cama. Depois que terminarmos aqui, você pode se lavar e comer algo.

Ela engoliu em seco. Tinha que fazer o que ele falava. Foi até a cama, se deitou e com a garganta presa, abriu as pernas, erguendo até os joelhos o vestido manchado de sangue.

Sentiu o Duque se aproximar. Ele foi vindo devagar, se aproximando do rosto dela, virado para cima. Mary sentiu as mãos dele em suas coxas e quis morrer. O hálito do Duque tocou seu pescoço. A mão dele estava perto demais de onde não deveria.

- Não se preocupe – ele disse baixo. – Vou fazer você se sentir...

Ele parou de falar, engasgado com alguma coisa. De olhos bem fechados, Mary imaginou que seria sua própria saliva, ou até mesmo, sangue.

Havia enfiado aquela ponta afiada que Anna lhe dera bem no estômago dele.

O corpo do Duque despencou sobre seu corpo. Mary, com força, o empurrou para o lado. Se levantou e olhou para ele. O desgraçado ainda estava vivo. Respirava com dificuldade, mas olhava Mary com os olhos mais ferozes que ela já tinha visto na vida.

Ela correu para pegar a chave do quarto no cinto dele, mas parou e teve que se segurar no dossel da cama, atingida por uma dor intensa no estômago. Ela gritou e se encolheu. Parecia que a faca que enfiara nele, estava sendo enfiada em si.

Mary sentiu algo morno escorrer por entre suas pernas. Era sangue.

Mesmo com dor, sabia que a hora de fugir era aquela. Pegou a chave do cinto do Duque e correu até a porta, gemendo de dor. Correu corredor afora, se escorando nas pedras para não cair e deixando sangue pelo chão de pedra do castelo.

Desceu as escadas e quando estava prestes a sair pela porta principal do castelo, que dava para a enorme escadaria até a praia, sentiu uma presença nas suas costas.

Se virou e lá estava o infeliz do Duque, ensanguentado, com um buraco no estomago, uma cicatriz no rosto e um lábio lacerado.

- Guardas! – ele gritou, com ódio cego.

Mary sabia que aquele era o momento decisivo. Ou conseguia fugir, ou morreria em minutos.

Empurrou a enorme porta do castelo, correndo o mais rápido que podia pela escadaria. Alguns guardas apareceram. Ela sentiu flechas serem atiradas em sua direção, lá de cima, dos mata-cães.

A vista de Mary ficou turva. Ela não conseguia ver mais nada naquela noite. Sim, era noite. Uma noite escura, onde as ondas próximas do mar explodiam contra os muros do castelo de Lavandor e a assustava ainda mais. Suas mãos estavam cheias de sangue, seu vestido ensopado. Não sabia se era seu sangue ou o sangue do Duque.

Ela escorregou em certo momento e se viu desabando pelos degraus, e a última coisa que ouviu antes de desmaiar, foi o relinchar de um cavalo e o grito de uma pessoa conhecida.

A mente dela estava no limiar da inconsciência, mas ela tinha certeza, com todo o seu coração e alma, de que a voz que gritava seu nome naquele momento e que cavalgava com fúria até onde estava, jogada e ensanguentada entre degraus da escadaria de Lavandor, era o irmão do Rei e seu amigo, Henrik.

XXXI – ENTRE IRMÃOS

Um grupo de soldados reais e cavalos com estandartes da casa de John cavalgaram em círculos pelo pátio do castelo real. Trombetas soaram, as mulheres da corte corriam, atrapalhadas, se reunindo em grupos do outro lado dos lordes, surpresas pela volta repentina do Rei.

A carruagem do Papa logo alcançou os cavaleiros, parando ao lado da porta do castelo.

John saiu primeiro, saltando da carruagem e ajudando um curandeiro a apoiar Benício nos braços. O Papa havia tido outro ataque do coração. Sorte que estavam apenas dois dias de distância da cidadela, logo do começo do trajeto até a França. Caso contrário, ficaria ainda mais difícil retornar.

Os cavaleiros desceram dos cavalos, esperando John e o Papa entrarem no castelo.

John olhou ao redor. Tinha saído dali há quatro dias. E em nenhum momento longe deixou de sentir falta da bruxa que roubara seu coração.

Mary deveria estar a meio mar da Inglaterra, de onde cavalgaria até a Escócia.

- Mary já se foi? – Benício questionou a ele baixo, percebendo a reação que ele tinha em voltar ali antes do planejado.

John simplesmente concordou e colocou o braço dele em seus ombros, para ajudá-lo a subir as escadas.

- Sinto muito ter atrasado sua viagem, John. Esse meu espírito de ser cavaleiro e viver aventuras me enganou. Estou velho demais para viagens longas.

- Não diga isso, sua graça. Ninguém é velho demais para aventuras.

Benício estava prestes a responder algo animado para ele, mas parou quando ouviu um grito.

- Meu Rei!

John virou o rosto imediatamente. Havia urgência na voz da mulher. Era Prudenza.

Ela veio correndo até ele, os guardas reais ao redor retiraram as espadas, em intenção de protegê-lo. John fez um movimento com a mão e eles se afastaram. Prudenza parecia desesperada. Ela se ajoelhou aos pés de John quando chegou perto.

- Meu Rei! – Havia lágrimas em seus olhos. Toda a corte presenciava aquele momento. Valence e suas damas estavam no andar superior, no fim das escadas, observando tudo com

curiosidade.

- O que houve, Prudenza? – ele exigiu, com voz tensa. O Papa também ficou nervoso. Ou aquela serva estava ficando insana, ou algo de muito ruim acontecera.

- Minha dama, meu senhor. Ela se foi.

- Sim – John respondeu. – Ela se foi para Escócia.

- Não. – Prudenza olhou no rosto dele. – Assim que meu senhor se despediu, os guardas prenderam-na e a mim nos calabouços. E uma noite depois, ela foi levada.

O coração de John se apertou, batendo forte numa emoção nunca sentida. Parecia ser medo. Ele não queria acreditar naquela mulher, mas tudo o que ela falava era verdade, conseguia sentir pela emoção que tinha. Prudenza havia criado um laço com Mary muito forte, jamais a trairia.

- Quem a levou? – A voz de John era tão fria quanto as noites de inverno.

- O Duque de Lavandor, meu Rei.

John se afastou de Benício, sentindo uma ira se amontoar dentro de seu corpo.

- Prepare um cavalo! – ele gritou para um servo. – Agora! – Olhou para Prudenza, ajoelhada no chão. – Você está certa do que está falando?

Prudenza balançou a cabeça várias vezes e puxou algo do bolso do vestido velho.

- Ela me deu isso, meu senhor. Disse para eu fugir para longe, eu e minha filha. Ou iriam nos matar. Mas eu não podia deixar que ela morresse, tinha que tentar salvá-la de algum jeito...

John pegou o papel da mão dela. Leu rapidamente e mostrou para Benício.

- Você deu isso a Mary? – Era a carta de exílio.

Benício exibiu uma expressão severa. Estava preocupado.

- Sim, meu filho. Eu dei isso a ela.

- Onde milady Mary está agora, Prudenza? - John se virou para a mulher mais uma vez. Ela colocou a mão no rosto e começou a chorar.

- Eu não sei, milorde. Fui proibida de sair do castelo. Falhei com minha senhora.

John olhou para a porta do castelo, seu cavalo estava sendo trazido para o pátio. E não só isso. Um mensageiro chegou no mesmo instante, trazendo a bandeira do Castelo de Primord, o castelo de Henrik. O mensageiro pulou do cavalo e correu até o Rei.

Agachou-se e entregou um rolo pequeno de papel para ele.

John tinha medo do que podia ler ali. Abriu o rolo e sentiu seu mundo desabar. Parecia que as paredes grossas daquele castelo estavam ruindo sobre sua cabeça. Havia ido embora por

quatro dias, e esses quatro dias haviam sido o bastante para mudar com sua vida.

Benício estava confuso e quando olhou o semblante de John, percebeu que algo estava mais do que errado. Uma tragédia havia acontecido.

- Quem mandou prendê-la? – O olhar feroz de John encontrou o rosto vermelho e choroso de Prudenza.

Ela deveria ter medo de dizer, mas sua lealdade estava toda com Mary. E mesmo se sofresse consequências, teria valido a pena.

Prudenza levantou a mão e apontou para quem havia dado a ordem aos guardas.

Apontou para Valence.

Esta, na posição em que estava, logo fez uma cara de inocente, descendo as escadas.

- O que esse verme está dizendo, meu pai?

Benício a fez parar de se aproximar com um olhar mais do que austero. Ela engoliu em seco.

O cavalo de John estava pronto, ele voltou para o pátio, Benício o seguiu com dificuldade.

- O que houve com ela, John? – Quis saber.

O Rei montou no garanhão, que parecia tão feroz quanto ele naquele momento.

John pegou a correia do cavalo com força e se virou para o Papa e sua filha, prometendo com um só olhar que nada ficaria em branco, ele castigaria todos que participaram naquilo.

- Ela estava carregando um filho meu! – exclamou para toda a corte ouvir.

Murmúrios e espantos explodiram em todos os cantos.

- *Estava?* – Benício questionou, se sentindo ainda mais fraco. John olhou para ele e a resposta daquela pergunta pairou no ar e no silêncio doloroso. O Rei disparou pelos portões elevadiços, uma velocidade furiosa, desaparecendo na visão da corte em segundos.

Benício se escorou na porta do castelo e, ouvindo o choro falso de sua filha cruel, rezou.

Se o pior tivesse acontecido com Mary, todos seriam julgados com o escárnio do Rei. E nada seria perdoado.

Encontrou o rosto de sua filha, segundos depois, e deu um sinal para os guardas papais. A partir daquele momento, o único reino que Valence seria rainha, era o da miséria.

Henrik havia descoberto que a comitiva do Rei estava de volta algumas horas antes deles chegarem ao castelo real. O que o deu tempo suficiente de mandar aquela nota pra John.

Ele precisava saber o que havia acontecido. E se realmente se importava, iria mover céus para tentar fazer as coisas melhores.

Mary havia sido salva pela sua serva duas vezes. Prudenza tinha encontrado um jeito de enviar uma carta à Milady Angélica, sua esposa, dizendo o que havia acontecido. Com o Rei fora, a serva viu em Henrik a única esperança de Mary.

Na carta também dizia que Mary e John eram amantes há um bom tempo.

Algo que logo foi confirmado, quando em estado de quase morte, Mary chamou o nome dele dezenas de vezes.

Henrik, quando a viu jogada naquela escadaria, achou que já estava morta. Agarrou-a e a colocou sobre o cavalo, conseguindo escapar das flechas mortais dos arqueiros da fortaleza de Lavandor.

Quando chegou em seu castelo, Angélica já o esperava. Seu filho mais velho tinha chamado os curandeiros e Mary foi logo levada ao quarto principal.

Horas se passaram, até que sua esposa apareceu com mãos ensanguentadas e o rosto abatido.

- Ela *estava* grávida, Henrik.

- Grávida?

- E pela quantidade de vezes que chamou o nome de John, acredito que o filho era dele. – Angélica tinha um coração de ouro. Uma das razões porque logo se apaixonara por ela. Ela sabia quando o mal havia sido feito e tentava repará-lo como desse.

Foi até Henrik e o abraçou. Ele colocou o queixo sobre os cabelos ruivos dela, tentando confortá-la. Mary havia sido boa para ela, e Angélica tentara retribuir sua bondade.

Elas duas eram mulheres inesquecíveis. Belas, sábias, boas e valentes. Mary era mais teimosa do que Angélica, mas o que Angélica tinha de obediente, tinha de rebelde. Montava um garanhão melhor do que qualquer cavaleiro de Primord e sabia se defender melhor do que qualquer outro.

- Pai. – O filho mais velho de Henrik, William, apareceu algumas horas depois. Ele tinha uns nove anos, mas era esperto e mais maduro do que aparentava. – O Rei está se aproximando do castelo.

- Está acompanhado?

- Não, meu pai. Está só.

Algumas trombetas soaram. John havia chegado.

- Como ela está, Angélica?

- Dormindo. Mas parece bem.

- Vá ficar com ela. Preciso conversar com meu irmão. William, vá com sua mãe.

O garoto fez mesura diante ao pai e acompanhou a mãe, subindo as longas escadas duplas até o segundo andar, onde Mary estava instalada.

Henrik se serviu de um cálice de vinho no mesmo instante que John irrompeu a porta de entrada.

Aquele castelo era bem menor do que o real. O cômodo central era um tanto pequeno. Tinha uma lareira acesa e algumas velas para iluminar. Angélica também achou uma boa ideia colocar alguns móveis acolchoados aqui e ali, para quem quisesse se sentar.

- Onde ela está?

- Mary está lá em cima, dormindo.

- Preciso vê-la. – Ele começou a caminhar em direção à escada.

- Você alguma vez pensou em me contar que estava tendo relações com ela?

John parou onde estava. Estava preocupado com tanta coisa, e muito passava pela cabeça. Mas aquele questionamento não era algo que esperava no momento.

- Há quanto tempo tem estado com Mary? Você se forçou para com ela? Ela foi obrigada a ficar com você?

Henrik tinha que admitir que não confiava no seu irmão. Anos haviam se passado, e John não o deixava entrar. Aquele homem era um desconhecido para ele. Era seu Rei, mas não mais que isso.

- Quando Mary acordar, perguntarei a ela a mesma coisa. E se ela disser que a fez fazer coisas que não queria... Vou matar você.

A mandíbula de John se retesou. Ele estava a um fio de explodir. Acabara de descobrir que haviam tentado matar a mulher que amava e no processo, mataram seu filho que ela carregava no ventre.

- Fique longe disso, Henrik.

- Mas eu não posso mais, meu irmão. Não posso. Essa mulher, que quase morreu na mão do Duque de Lavandor, é uma das mulheres mais gentis que já conheci na vida. Ela não merece você. E não me importa se ela é uma bruxa ou até o próprio demônio vindo do inferno, você tinha que protegê-la.

- Eu tentei! – John urrou. – Eu tentei!

Henrik bebeu seu vinho. Naquele momento, John não era mais um Rei, e os dois eram irmãos prestes a resolver pendências pelos próprios punhos.

Mas John recuou, sabendo que brigar naquele momento não resolveria nada. E respirando com força, disse para Henrik:

- Eu a amo. Como nunca amei na vida. Eu *nunca* amei na vida. Ela me deu isso.

Henrik suspirou, tentando esconder sua surpresa. John falar daquele jeito era inédito. E no mesmo instante, viu algo nos olhos dele. Era medo. Medo de perder quem amava.

Ele balançou a cabeça, como se desse permissão para John subir e ver Mary.

- Quando tudo isso acabar, lembre-se de quem a salvou.

- Lembrar-me-ei de você, meu irmão.

- Não, John. Não a mim. A serva de Mary.

John concordou, subindo as escadas e indo até uma porta aberta, no fim do corredor. Algumas damas esperavam do lado de fora, com alguns curandeiros e servas que seguravam panos ensanguentados.

E aquilo, John não queria admitir, quebrou seu coração de um jeito que o ar fugiu de seus pulmões.

Todos fizeram medida quando ele entrou no quarto. O ao redor tinha ficado turvo, mas ele conseguiu ver com clareza Mary deitada na cama, com os cabelos loiros espalhados pelo lençol e Angélica segurando sua mão. O outro braço estava enfaixado com uma tala, deveria estar quebrado.

Ao lado da cama, havia uma cadeira com um vestido branco manchado de sangue de cima a baixo. John passou a mão nos cabelos, despedaçado. Ele havia feito aquilo com ela, de certa forma.

Se tivesse levado-a consigo, dito sim aos seus pedidos, ter acreditado quando ela dissera que sentia que algo ruim estava por vir, nada daquilo teria acontecido.

Ou se tivesse ficado.

Se tivesse ficado, talvez o bebê no ventre dela ainda estivesse crescendo.

Angélica e seu filho, William, fizeram medida para o Rei. Ele a agradeceu com um olhar. Saíram do quarto e fecharam as portas, mas William e alguns guardas ficaram ali, mantendo a segurança. Mesmo muito novo, o filho mais velho de Henrik já era um guerreiro.

- Mary. – John tocou o rosto dela.

Devagar, ela foi despertando. Seus olhos azuis aparecendo por entre suas pálpebras

lentamente.

Como quem acorda de um pesadelo, ela respirou fundo, se sentindo novamente na realidade.

- John. – A mão dela foi até o cabelo dele. – Senti sua falta.

Ele não respondeu nada. Encostou os lábios nos dela e a beijou com delicadeza, com saudade, com um pedido de perdão e com sofrimento compartilhado.

- Eu estou bem – respondeu a ele.

- Não há nada bem aqui, bruxa.

Ela sorriu. Gostava quando ele ficava zangado daquele jeito.

Pegou a mão dele para tentar se ajeitar nos travesseiros. Sentou e encostou as costas, John a ajudou.

- Você está com febre.

- Vai passar.

- Mary... – ele se ergueu. – Eu nem sei o que dizer para você.

Fez uma pausa, olhando para o rosto cansado dela.

- Você sabia que estava grávida quando eu fui embora?

A garganta de Mary ficou seca. Ela ficou inquieta.

- Eles te disseram?

- Claro que me disseram! – John observou a expressão dela. – Não queria que me dissessem?

- Não, – a voz dela era definitiva. – Você não deveria estar aqui. *Eu* não deveria estar aqui.

John deu dois passos para trás. Não estava acreditando no que ouvia.

- Você iria fugir com meu filho no ventre?

- Sim. – Mary nem hesitou em responder.

- Meu filho, Mary!

Ela balançou a cabeça.

- E você deve ter se esquecido de sua profecia.

- Que vá para o inferno essa profecia!

John pegou o rosto dela nas mãos, prestes a exclamar algo. Mary o interrompeu.

- Você foi meu primeiro e único homem, John. Eu caí na boca do monstro ao me apaixonar por você. Nunca houve um jeito de reverter a profecia, nunca houve um modo de impedir minha morte. Eu percebo isso agora.

- Mas tudo acabou, não vê? – ele franziu o cenho. – Acabou.

- O que acabou? Nós? Sim. Não posso mais ficar aqui nesse reino, ou com você...

John discordou e encostou sua testa na tela.

- Pare de ser teimosa. Pense um pouco. Eles tentaram te matar, Mary. Meus súditos tentaram te matar e no processo, mataram meu filho. *Nosso* filho.

Mary sentiu uma dor atingi-la. Uma dor na alma. Sabia que perder aquele filho havia sido o melhor para os dois, mas agora, pensando no que ele falava...

- Você disse para mim que o meu povo iria tentar matar a Rainha e o filho que ela carregava no ventre. Tudo isso aconteceu, não vê?

Exceto um fato. Mary se afastou dele, se levantando da cama com dificuldade. Foi até um cálice e o encheu de vinho.

- Eu não sou e nunca serei uma Rainha, John. Nós não somos marido e mulher. A profecia diz que deveria ter um casamento entre você e a mulher que amava.

John ajustou sua postura e pairou atrás dela. Conseguia ver que Mary estava muito fraca e pálida. Tinha perdido sangue e forças além da conta.

Angélica tinha vestido-a em uma túnica branca. As frestas das paredes do cômodo faziam seu cabelo loiro comprido brilhar. Mary colocou os cabelos para trás do ombro e ergueu a cabeça, encontrando aqueles lindos olhos verdes que tanto sentira falta.

- Não *nos* enlaçamos em matrimônio. – falou de uma vez.

- Eu fui o seu primeiro homem. Você mesma disse. E admito ter demorado um pouco para perceber, foi necessário Benício me dizer.

Um calafrio percorreu o corpo de Mary. Ela fechou os olhos.

- Não. Olha para mim. Realmente acha que eu iria tirar sua honra assim? Tomá-la para mim e não te dar nada em troca?

- Nunca pedi nada... Só amor. E nós dois precisávamos de amor.

- Eu sei. Mas você era virgem. Eu tinha um dever para com você.

- O que você quer dizer com isso? – Mary sussurrou. John beijou a testa dela e voltou a encontrar seu rosto.

- Eu me decidi não casar com Valence há alguns dias. Notifiquei Benício da minha decisão e ele concordou.

Mary estava confusa. Esperou-o terminar de falar.

- Naquele dia que fomos ao Mosteiro de Hathor, se lembra? Em que pedi para ficar a sós com o abade?

- Sim. – ela se recordou. Havia dado aos dois privacidade. John parecia querer tratar de assuntos urgentes.

- Pedi a ele para preparar o documento da nossa união. – Uma bola de espinhos pareceu se alojar na garganta de Mary. – E o Papa assinou, ao meu pedido.

- O que está dizendo?! – Mary perguntou mais uma vez, horrorizada. Seu corpo tremia. Com a força que tinha, afastou John de perto de si.

John não esperava aquilo dela. Aquela resistência. Os dois se amavam. E agora estavam juntos perante aos olhos da igreja... e, bem, ao olhos dele mesmo, o Rei. E só bastava isso para duas pessoas se enlaçarem em matrimônio.

- Você é a Rainha de Orcadas, Mary. Minha Rainha.

Ela queria gritar e bater nele. Como podia ter feito aquilo pelas suas costas? Enfiá-los mais profundamente naquela profecia maldita? Nada havia sido impedido. Os dois haviam se juntado para tentar impedi-la, mas só tinham-na feito acontecer.

A visão de Mary ficou turva e o quarto girou. Ela se apoiou em uma mesa próxima, estava prestes a desmaiar. John a pegou pela cintura e a levou até a cama.

Levou um tempo até ela finalmente falar alguma coisa, mas quando o fez, terminou de despedaçar John.

- Eu nunca quis nada disso. – Ela pegou a mão dele em sua cintura e a afastou. A mão que conhecia tão bem seu corpo. – Eu só queria paz.

- Achei que você também queria essa paz comigo.

Ela fechou os olhos, se sentindo traída pelo homem que amava.

- Sai daqui, John. – Sua voz era suave, mas firme.

- Mary... – Os olhos dele questionavam o que ela pedia. Pegou uma mecha de cabelo dela nos dedos, fazendo um carinho.

Mas ela se retraiu e virou o rosto.

Mary precisava de um momento para engolir toda aquela informação que havia sido enfiada em sua garganta.

John se afastou e seguiu até a porta. Iria dar esse tempo a ela. Agora, os dois tinham tempo de sobra.

Uma vida inteira.

XXXII- UMA NOVA RAINHA

John empurrou a mesa do salão de reuniões com força, soltando um urro que saiu de dentro da alma.

- Ele estava ferido. Não deve estar longe.

O Rei se virou para o irmão. Seus olhos infestados de ódio e um instinto que era perigoso demais para alimentar. Seu corpo tremia de vontade de esganar o Duque de Lavandor, mas não podia fazer isso. Ele havia fugido.

Havia deixado o castelo e o reino depois que Henrik salvara Mary. E ele provavelmente não iria voltar jamais.

- Não vou conseguir dormir se não puder fazer justiça com minhas mãos.

Henrik sentou em uma cadeira a frente de John, observando as passadas pesadas dele.

- Acredito que você deve se preocupar com outra coisa no momento, meu irmão. A *nova Rainha* parece ter que ser convencida de sua posição. E já que a colocou nessa situação, quem terá que fazer isso é você.

John parou, respirando fundo, tentando encontrar uma rocha em que se segurar. Há dias, quem fazia isso era Mary. Mas depois de ter dito a ela o que havia feito, Mary estava o evitando.

E o pior, a notícia de que o Rei se casara em segredo já estava em todo o Reino. Eles precisavam resolver aquilo ou haveria motins em breve. O problema é que Mary estava mais do que decepcionada.

Ela sentia dor. Mas John ainda estava incerto se era porque não acreditava que a profecia acabara ou por causa do filho que perdera.

John também havia sentido a perda de algo que nem sabia que teria, mas precisava ter sua cabeça em outros lugares, afinal, eles podiam ter filhos quando quisessem.

- Onde ela está?

Henrik tossiu baixo. Levantou-se e pegou a mesa do chão, ajeitando-a no lugar.

- Esteve com Anna de Lavandor por um tempo.

Antes de irem até o castelo do Duque, ela dissera sobre Anna e eles a libertaram. A Duquesa estava fraca e precisava de um tempo para se situar no reino e cicatrizar suas feridas mentais. Mas Mary insistia em vê-la. E como também estava fraca, tiveram que trazer Anna

até o castelo real.

Henrik achou melhor eles irem logo para o castelo de John, pois se ficassem no seu, os boatos só piorariam.

- Mas a Duquesa já se foi há algumas horas. Duquesa Angélica está com ela no jardim agora.

John meneou a cabeça, concordando. Precisava falar com ela. Desde que chegaram ali não a tinha visto.

- John... – Henrik se aproximou dele. – Você me falou sobre essa profecia... Realmente acredita que ela já foi completada? Realmente acredita que acabou?

O peito do Rei se elevou e ele fez que sim, caminhando até uma abertura na parede, olhando lá para baixo, numa visão que dava ao jardim. De onde estava, viu Mary, com seus lindos cabelos loiros soltos, vestida em vermelho, caminhando com Angélica pelas roseiras que estavam começando a desabrochar.

- Se eu não acreditar, Henrik, irei perder a mulher que eu amo e mais um filho. Então, sim. Para mim, toda essa magia ou seja lá o inferno que for, acabou.

Henrik também olhou para a mesma direção que o irmão.

- E onde isso deixa Mary?

John não tinha uma resposta certa ou sólida para aquilo. Mas assim como cada um deles, o futuro é algo incerto e nem tudo é feito de maldições e profecias. A vida é composta de momentos, momentos que precisavam ser descobertos e abraçados como fossem.

- Em meus braços. – ele falou de uma vez. – Mary fica em meus braços.

**

Angélica tinha experiência com abortos, então sabia claramente que aquela não era a razão pela qual Mary estava tão ruim. Estava se recuperando rápido. Mas a saúde do corpo da Rainha era a última coisa que a Duquesa de Primord se preocupava no momento.

- Eu nunca achei que o Rei se apaixonaria. – disse do nada, quebrando o silêncio entre as duas.

Mary observava as roseiras com seus pequenos botões, crescendo e há dias de virarem rosas. Tentava não pensar em John. Estava machucada pelas escolhas que ele fizera. E tinha uma incerteza profunda dentro do peito quanto ao que ele acreditava, de que a profecia ainda

acabado.

As visões que ela vira há um tempo não faziam mais sentido, é claro. Mary não tinha mais a sensação de algo a consumindo dentro do peito, como se sentia antes. Mas a incerteza era algo como um monstro. Assustava demais.

- Não quero falar sobre John agora, Angélica. Honestamente, - ela falou. – estou cansada de falar sobre ele.

Angélica sorriu.

- É o que esperam que nós, miladys, façamos, certo? Falar sobre lordes e sonhar incansavelmente sobre nossos casamentos, filhos e vida doméstica.

- Quero falar sobre rosas, você se importa?

- Claro que não, minha Rainha.

Mary continuou calada, mas engoliu em seco.

- Não tenha medo, Mary – Angélica notou o quanto aquele título a incomodou. – Eu tenho fé que você fará um incrível trabalho no reino.

Mary olhou para o rosto daquela mulher que havia salvado sua vida. Concordou. Orcadas havia virado seu lar e queria fazer o bem por ele. Também queria ficar com John, passar a vida ao lado dele. Mas, de certa forma, sentia que algo não estava certo.

- Ninguém se importa se você é plebeia. Eu era plebeia. Só essa garota de cabelos vermelhos que gostava de lutar com espadas. – Angélica suspirou. – Sabe o que a Rainha-mãe disse para mim assim que Henrik falou que iríamos nos casar?

Mary negou.

- Para sermos felizes do jeito que pudéssemos. E é isso que digo para você agora. – ela abriu um sorriso e logo em seguida algo atrás do ombro de Mary chamou sua atenção.

Mary virou o rosto e encontrou John.

Angélica sabia que aquela era sua deixa. Fez mesura para ela e para John, saindo do jardim.

John se aproximou, sentando no banquinho em que Mary estava. Ela olhava para longe, e ele, para o rosto dela.

John estava para abrir a boca e falar algo. Mas Mary o interrompeu, pegando em sua mão.

- Eu sinto falta dos nossos primeiros dias. – disse. – Eu sinto falta não ser uma Rainha.

John apertou a mão dela e aproximou seu rosto, tocando os lábios no pescoço dela.

- Você é Rainha há dois dias.

Ela riu baixo.

- O que vamos fazer, meu Rei?

- Reinara, Mary.

- E depois?

- Eu pretendo te amar. Todas as manhãs, tardes e noites.

Mary pegou o rosto de John nas mãos, passando os polegares nas bochechas e nos lábios dele. Sentia sua falta.

- O que houve com o Papa e Valence?

- Pelo o que sei, Valence voltou para a França para se casar com um cavaleiro e Benício voltou para Roma.

- Hm. Então ela ainda vai se casar?

- Com um cavaleiro empobrecido. – O rosto dele demonstrou que não gostava daquilo.

- Estou bem, John.

- Mas eu, não. Eu preciso ter as pessoas que fizeram isso com você mortas.

Ela fechou os olhos. Trouxe o mais para perto. Não mentiria. Tinha um sentimento de ódio por Valence e o Duque, mas de nada adiantava aquilo. Sabia que agora estava segura, e viva.

- Benício é um bom homem. Matar a filha dele só iria o destruir ainda mais. E o Duque... Bem, esqueça o Duque. Disso Anna é patrona de Lavandor agora.

John se afastou para falar algo sério. Olhou bem nos olhos azuis dela.

- Mande cartas para os lordes do reino e pedi que avisarem o povo. Sua coroação é hoje.

Mary suspirou e concordou. Mas os dois tinham esquecido um pequeno detalhe.

- Você vai voltar para a França? Para tentar mediar o conflito com a Inglaterra?

- Meus conselheiros já estão a caminho. – ele falou firme. – Quando você estiver melhor, vamos juntos.

O corpo dela sentiu um aquecer bem forte. Acariciou as mechas do cabelo negro dele que ia até o ombro. John parecia um pouco atordoado, um tanto nervoso. Mas estava tranquilo.

- Há algo que ainda me preocupa.

Ele franziu o cenho.

- A parte da profecia que diz que você morre.

“Se um amor inocente escolher

O rei Valente irá morrer (...)”

- Mary... – ele a repreendeu. – Esqueça isso.

- Não posso.

John se levantou e começou a dar passadas longas. Sua capa vermelha tocava ao chão e amassava algumas ervas aqui e ali. A tranquilidade dele havia ido embora.

- John, eu só...

- Esqueça essa maldita profecia! – Urrou. – Se eu tiver que morrer por ter escolhido ficar com você, ótimo!

Os olhos dele alcançaram-na numa mistura de turbulência e impaciência.

- Não quero ouvir isso novamente. Está me ouvindo?

Mary engoliu em seco. Abaixou a cabeça, concordando.

- Sim, meu Rei.

John grasnou, raivoso. Sabia que ela iria continuar perseguindo aquilo até não sobrar mais nada entre os dois. E tentando não deixar tudo pior, saiu dali sem dizer mais nada.

Mary expirou, olhando para aquela maldita roseira a sua frente. Achou que não iria ficar ali no castelo para vê-la desabrochar.

E no fim, ali estava. Mas Mary não sabia se isso era bom ou ruim.

XXXIII- UMA COROA

Mary sabia que nunca se acostumaria com aquele peso sobre a cabeça.

Já estava coroada.

A cerimônia tinha sido feita com uma pompa desnecessária na catedral central da cidadela. Havia tanta gente que eles quase não haviam conseguido chegar até o palácio.

Um banquete estava servido para os lordes dentro do salão de festas do castelo. No pátio exterior, outro banquete para a corte. E nas praças centrais da cidadela, comida havia sido distribuída e John havia pedido para que música fosse tocada em honra a nova Rainha.

Ao que parecia, apenas o fato de se *haver* uma Rainha, já era o bastante para os súditos. E até naquele momento, nada mais além de condolências pelo aborto e felicitações pelo casamento haviam sido recebidas pelos mensageiros. E as cartas vinham de todo o canto.

Anna de Lavandor tinha mandado uma dessas cartas, pedido uma reunião com a nova Rainha. A qual Mary aceitou, pois queria agradecer apropriadamente a uma das pessoas que ajudou a salvar sua vida.

Mary estava cansada. John também.

Os dois haviam trocado olhares durante a cerimônia na catedral e agora estavam sentados um ao lado do outro. Mary ocupando aquela cadeira esquerda ao lado dele, que achava ser Valence que um dia a ocuparia.

Apesar de estarem próximos, não haviam trocado uma só palavra. E a tensão só aumentava.

Quando a música começou a tocar no salão, Mary viu Henrik puxar sua esposa para dançar. E diferente daquela vez em que dançaram juntos, ela via entre eles uma real conexão. Algo sublime.

Sorriu. Ficava feliz pelo fato dele ser feliz.

Muitas pessoas estavam felizes ali. Até mesmo Prudenza, que depois de ter recusado um título de nobreza de John, concordou em virar a governanta do castelo real com a condição de cuidar de Mary. E Lorain, aparentemente, já tinha ótimos interesses para casamento, o que, em breve, a transformaria em uma lady.

A música parou por um momento. Mary se virou para John e percebeu que ele havia pedido silêncio. Esperou-o falar.

- Quero agradecer a presença de todos os lordes presentes. E, pedir para que Rainha

Mary diga algumas palavras. Ela sempre tem algo a dizer, apesar de não parecer.

Ouviu-se alguns risinhos. Mas John continuava sério. Se virou para ela e fez uma expressão de apoio.

Mary não esperava aquilo. Pegou sua taça de vinho e levantou para a plateia. Todos estavam atentos. A coroa de ouro e esmeraldas pesava sobre sua cabeça.

- Eu nunca quis ser uma Rainha. – disse, firme. – Quando cheguei até esse Reino, não era nada mais do que uma plebeia. E como vocês já devem saber, John me acolheu e escolheu mentir, dizendo que eu era sua prima, para me proteger. E ele continua fazendo isso até agora. – Os olhos ao redor estavam grudados nela. Mary ergueu o queixo e continuou. – Mas nos apaixonamos. E era difícil, saber que não podíamos ter algo que é dito proibido. O Rei precisava proteger seu reino, e casar para manter alianças. E foi o que ele fez. Mesmo quando, meu amigo, o Papa disse que não era o certo. Eu nunca quis ser uma Rainha porque via o quanto John sofria para carregar a responsabilidade da coroa. Mas agora, como soberana de vocês, eu só quero fazer o melhor para meu povo. O povo que me conquistou e fez me sentir em casa. Por isso, quero que saibam que, o Reino pode não ter novas alianças, mas farei o que for necessário para que ele triunfe.

John se levantou do trono em que estava sentado. Pegou seu cálice e levantou também. As pessoas ao redor fizeram o mesmo.

Mary olhou firme para os lordes. Eles pareciam estar convencidos da nova Rainha. E ela pretendia fazer aquele título valer a pena.

John tocou seu rosto levemente, olhando-a com admiração e paixão. Ele tinha feito a escolha certa. Desde o início.

- Deus salve a Rainha – exclamou.

Ao redor, as pessoas recitaram em uníssono a mesma coisa. E o mesmo foi repetido no pátio exterior e nas praças ao redor do Reino:

Deus salve a Rainha.

**

John ouviu o barulho do mapa de Orcadas se abrir. Estava trabalhando em algumas coisas sobre a mesa, mas se virou para observar Mary entrar no quarto. Ela ainda estava com o vestido da coroação, vermelho com um corpete dourado. Os cabelos estavam soltos, com algumas tranças aqui e ali, e no centro da testa, a coroa.

Era de ouro, toda entrelaçada e no centro uma pedra grande de esmeralda.

Ele encontrou o olhar dela. E sabia que Mary estava se sentindo só.

- Estou trabalhando.

- Eu sei – disse a ele, suavemente. Ela deu passos até a mesa e suspirou. – Dispensei minhas servas. Preciso de ajuda.

Ela se virou para que ele pudesse abrir os laços do corpete na parte de trás.

John achou aquilo cômico. Mary estava sozinha porque queria estar sozinha. Mas a verdade é que sentia falta da conexão dos dois.

Ele se ajeitou na cadeira e puxou os cordõezinhos, a libertando daquele corpete. Mary finalmente conseguiu respirar fundo. Puxou as amarras na frente de seu peito, delineado pelo lindo decote do vestido, que caía nos ombros, e logo se livrou de todo aquele pano.

- Obrigada – ela disse, abaixando o vestido e o deixando jogado pelo quarto, colocando a coroa sobre a mesa em que ele trabalhava. Não vestia nada por baixo.

John a observou caminhar lentamente até a cama e se deitar lá, encostando o rosto nos travesseiros, sentindo o aroma dele.

Aquilo parecia um convite, mas será que era?

Ele não ia mentir, estava louco para ir lá e tomá-la.

- Vá para seu quarto, Mary – John engoliu seu desejo em chamas e voltou os olhos para aquele livro enorme de assuntos do Reino, que agora preenchia sobre a coroação da nova Rainha.

- Eu queria ter me despedido de Benício – ela resmungou de lá da cama, puxando uma pele para se aquecer. A lareira estava acesa, mas não era o bastante.

- Ele vai mandar cartas. – John estava impaciente com a presença dela ali... nua, em sua cama, enquanto fingia trabalhar.

- É – Mary desistiu de ficar deitada e se levantou novamente, indo até ele. – Mas queria ter me despedido.

Quando ela chegou a sua frente, John teve que puxar o ar bem profundamente. Os seios fartos de mamilos rosados dela eram uma tentação, e aquela cintura, aquelas curvas... John queria se afundar em Mary até não poder mais.

- O quarto está escuro. Deveria ter acendido mais algumas velas. – Mary se inclinou sobre ele e passou a mão em uma vela apagada, e no segundo seguinte ela se acendeu.

Esse tipo de coisa ainda deixava John assustado e maravilhado, mas se Mary estava conseguindo fazer magia, significava que estava recuperando suas forças.

Ele pegou o braço dela, puxando-a para si. Estava prestes a perguntar se a magia dela estava voltando, mas Mary foi mais rápida.

- Consigo fazer poucas coisas. Acendo uma vela, mas não consigo acender uma lareira, por exemplo.

- E o que isso significa? – A mão dele estava forte no cotovelo dela.

Mary deu de ombros e invés de se afastar, se aproximou dele, tocando os lábios em seu nariz, descendo um pouquinho para roçar nos lábios dele. John pareceu dar permissão e ela subiu sobre ele, colocando as pernas ao redor de seu quadril.

- Não faça isso – Ele soltou um silvo entre os dentes. Mary já conseguia sentir o membro rijo dele. – Você acabou de perder um...

- Sh – Ela colocou a boca na dele, silenciando-o. Não queria falar mais daquilo. – Estou bem. Quero você.

John se remexeu, desconfortável, sentindo o sexo úmido dela e o desejo que ela exalava. Fechou os olhos e sentiu aqueles lábios deliciosos tocarem os seus, descerem por seu pescoço e voltarem, numa carícia lenta e bem erótica.

Mas os dois ainda tinham pendências. Ele segurou o quadril dela bem forte, deixando-a quieta sobre seu colo.

- Por que não me disse que eu havia sido seu primeiro homem?

Mary soltou um gemido decepcionado.

- Você sabe por quê.

- Não sei, não. Você deixou eu te insultar e te usar, Mary.

- Eu queria você... *Quero*. Não fiz nada que não gostaria. E sou sua Rainha agora, isso não basta?

- Não. – os olhos dele eram severos. – Eu queria que você tivesse me dito.

Mary revirou os olhos.

- Tudo bem, Milorde venceu. Vou voltar aos meus aposentos. – Não queria ficar brigando o tempo inteiro. Eles tinham que parar de se engalfinhar. Se inclinou para dar um beijo nele, prestes a sair. Mas John a segurou bem firme, pegando-a pela nuca e a puxando mais para sua boca.

O beijo deixou de ser uma carícia delicada e virou uma avalanche de sedução. A língua morna de John entrou na boca dela e Mary gemeu, sentindo os dedos fortes dele em seu quadril, fazendo-a rebolar sobre o membro túmido dele.

John se ergueu, a pegando pelos braços fortes, a sentando na mesa. Conforme Mary ia

deslizando pela superfície, ia afastando as coisas ao redor. Sentia aquele olhar intenso de John em seu rosto, em seus seios, em seu sexo molhado.

- Você tem certeza que podemos fazer isso?

John nunca tinha lidado com nada parecido, mas Mary balançou a cabeça. Tinha, discretamente, perguntado de Angélica se podia ir ao quarto do Rei naquela noite.

Angélica entendeu rapidamente e concordou.

Mary se deitou inteira sobre mesa, respirando pesado. John puxou sua camisa e a jogou longe, abaixando as calças e tirando, com dificuldade as botas. Mary riu dele quando ele se atrapalhou. Mas quando terminou, encostada nos cotovelos sobre a mesa, ela o puxou pelo pé para se aproximar.

Estava todo nu, naquela gloriosa visão de virilidade. Mary adorava o corpo dele.

O membro de John estava tão ereto que apontava para cima, com aquelas veias grossas e pulsantes.

Ele se abaixou sobre ela, capturando o mamilo erigido com os dentes. Mary gemeu alto. Sentira muita falta daquela boca. A língua dele circulava a aureola de uma forma deliciosa, enviando sinais lá para baixo. Ela tentou se agarrar em algo na mesa, mas John pegou suas mãos e a segurou, mantendo-a imóvel sobre si.

- Hoje vai ser do meu jeito – Sussurrou ao ouvido dela.

Mary só fechou os olhos e aguardou. John a mordeu de leve no ombro, achando sua boca e se mergulhando rápida e profundamente.

Sentia-o encostando-se a sua entrada escorregadia. Gemeu só com a sensação de estar prestes a tê-lo.

- Eu senti demais sua falta, Mary. Demais – ele a mordeu novamente.

- John – suspirou de prazer quando a boca dele desceu um pouco mais, indo até seu sexo. E quando a língua dele tocou seus tecidos inchados, Mary gritou.

Jogou a cabeça para trás e sentiu o prazer a atingir com força. Ela ficou sem ar, mas a boca de John não se afastou.

Ele estava mesmo com fome dela, de todo aquele corpo maravilhoso e doce.

Havia sonhado estar dentro dela todo aquele tempo em que estivera longe, e agora, podia sentir a pele de seda da mulher que amava mais uma vez em seus dedos.

E a segurava forte, trazendo o quadril dela para mais perto de sua boca, fazendo-a se contorcer.

Mary aproveitou que ele soltou seus braços para pegá-lo pelo cabelo. Ele a atormentava

com a língua. Ela adorava.

Quando retornou para cima, depois de limpar a boca na parte interior da coxa dela, a beijou com força, pegando-a pela nuca, movimentando seus lábios brutaemente nos dela. Aquela sabor o deixava ainda mais rijo... Aquela boca.

John gemia sobre os lábios de Mary e quase sentiu que o prazer o viria sem nem mesmo estar dentro dela. Seu membro pulsava, suas coxas doíam. Precisava entrar nela naquele instante, ou iria se despejar fora.

Sem parar de beijá-la, colocou a mão entre eles e pegou seu membro. Esfregou-se na entrada dela, querendo ser tomado por aquela umidade. Queria tudo de Mary, cada aspecto. Ela arfou, sentindo-o dentro de si.

John encontrou o olhar dela. Queria ver a reação que Mary.

O rosto dela estava corado, seus cabelos loiros brilhantes grudados à pele pelo suor. Seus lábios cheios eram tão convidativos quanto seu olhar intenso. Ela fechou os olhos por um segundo, não aguentando de prazer e teve que ronronar alto quando sentiu o membro dele entrando por inteiro dentro de si, pulsante e quente.

- Olha para mim, minha Rainha. – disse ele, com a voz embargada, inundado de prazer.

Entrar nela era tanto um tormento quando a melhor sensação que John já havia sentido.

Mary era apertada, suave e morna. Suas terminações o apertavam por inteiro e ele sentia que iria sentir aquele prazer no mesmo instante, então tinha que se segurar.

Seu quadril se moveu para fora e dentro dela devagar, esperando Mary se acostumar com a sensação.

Ela soltou um grito agudo e olhou bem nos olhos verdes claros dele.

- Assim. – John sussurrou, movimentando o quadril em círculos.

Mary procurou a mão dele em seus quadris, enlaçando seus dedos. John entrou com força, voltando e entrando intensamente mais uma vez. A mesa balançou entre eles. O Rei sentiu as paredes do sexo de Mary tremerem e apertá-lo inteiro.

Ele se inclinou e a beijou, mantendo-a bem paradinha.

Sentiu seu membro convulsionar dentro dela e um prazer lhe atingir com a força de um soco.

Mordeu o lábio inferior de Mary e deu um urro alto, que saiu de bem fundo de seu corpo.

- O Rei se sente confiante – John colou a boca na barriga lisinha de Mary, beijando-a suavemente.

Ela soltou um sorriso.

- Pare com isso.

- Seria uma pena se a Rainha não sentisse o mesmo. – Ele foi subindo pelos seios, pelo pescoço até repousar os lábios bem delicadamente nos dela.

- O herdeiro pode esperar um pouco.

Ela acariciou a nuca dele, mantendo-o bem acima seus olhos, sobre si.

Eles tinham ido para cama para mais uma rodada de amor. E estavam esperando um tempinho para fazerem tudo novamente.

- O tempo que você precisar, Mary.

John deitou ao lado, puxando-a para seu peito. Mary suspirou, ficava feliz de saber que John entendia que precisava de algumas semanas.

- Não tem medo...? Os lordes vão te pressionar por um herdeiro. E Henrik já tem três filhos.

- Não, minha Rainha. Tudo vai ficar bem. As coisas estão tranquilas politicamente.

Mary se aquiesceu sob ele rapidamente.

- Falando nisso... Quero um tutor.

Isso deixou John confuso. Ele se levantou e colocou as costas no encosto da cama.

- Como?

- Sim. Um tutor. Quero aprender sobre o Reino, sobre a política, a história...

Ele abriu a boca. Mary o interrompeu, colocando a mão sobre ela.

- Não se atreva dizer que uma mulher não pode fazer isso. Como Rainha, meu primeiro decreto será prover para as súditas do Reino aulas de leitura e escritura.

John apertou os olhos. Pegou a mão dela e a beijou.

- Por mim, tudo bem.

- Sério?

- Contanto que você me dê um herdeiro em breve, concordarei com tudo que propor.

Mary revirou os olhos. E se John tivesse o hábito de sorrir, ele o faria naquele instante.

- Proponho que tenha aula com algum dos monges do mosteiro.

- Isso pode ser bom.

- Ótimo, porque não vou deixar nenhum lorde chegar perto de você.

Um sorriso lindo se abriu no rosto dela.

John nunca se acostumava com a beleza daquela mulher. Nunca. Ela era como um anjo.

Pegou o queixo dela, demorando-se a contemplá-la.

- Isso é ciúme, milorde?

- Quer descobrir, milady?

- Uhum. – concordou, colocando o rosto contra o dele. – Você vai caçar amanhã?

Domingo era o dia da caça do Rei e dos lordes. E apesar de John não querer ir naquele dia, pois queria ficar com Mary, sabia que tinha que continuar cumprindo seus deveres para com a corte.

- Sim. Henrik virá comigo. Pode ser bom.

Ela suspirou. Não gostava de caças. Lembrava claramente de ter tirado uma flecha de dentro dele por causa disso.

- E você? Passar a tarde com Duquesa de Lavandor?

Mary concordou, fechando os olhos.

- Ela me ajudou.

- Sou eternamente grato a isso, mas ainda sim ela é uma Lavandor. Eles não costumam serem boas pessoas.

- Eu confio nela.

John beijou o rosto de Mary.

- Só não confie *demaís*.

Ela sorriu.

- Tenha cuidado amanhã. – As mãos dela acariciavam os traços angulados do rosto dele. Suspirou e disse baixinho: - Eu te amo.

- Eu também, minha Rainha. – falou, pegando-a pela nuca e deitando novamente no colchão.

Precisavam aproveitar o restante da madrugada, antes do castelo acordar.

A lareira estava se extinguindo, o céu clareando. Eles estavam juntos novamente.

Em corpo e em coração.

XXXIV – UMA MALDIÇÃO

Aquele lugar pulsava em essência. Cheio cores e aromas. Toda vez que Mary entrava no mercado da cidadela, se sentia um pouco mais viva. Mulheres carregavam cestas em seus quadris, vendendo tecidos. Homens puxavam peixes frescos de seus barris, ou grãos vindos de outros países. Havia uma fonte de água no centro, recém construída, e algumas crianças iam até lá brincar enquanto seus pais trabalhavam.

Mary olhou para a Duquesa de Lavandor e soube que ela também estava feliz em caminhar por ali. Quando a viu, dias atrás, a Duquesa ainda estava pálida e desorientada, mas parecia bem melhor. Anna tinha os cabelos brancos como neve, um olhar forte e uma expressão de quem vivera muito na vida. Era branca como leite e ainda precisava se proteger do sol, não estava acostumada.

Ela vestia uma touca que cobria sua cabeça e seu pescoço, com um vestido charmoso. Era um pouco magra demais, mas logo iria ganhar algum peso.

- Eu sempre amei esse lugar. – Disse.

Mary sorriu para ela, satisfeita por ter escolhido um passeio por ali ao invés de ficarem nos arredores da fortaleza real.

Alguns guardas reais a seguiam. As pessoas da praça se agachavam quando a Rainha passava, Mary agradecia com a cabeça. Era estranho ter aquela reação das pessoas, mas também era bom. Mary sabia que podia fazer algo por elas, como estava fazendo agora.

Sempre que encontrava alguém que parecia com fome, dava-o uma moeda. Pretendia fazer isso regularmente. Nunca iria se acostumar com a fartura do castelo e com a falta ali fora, com seus súditos.

- Eles gostam de você, Mary. – A Duquesa reafirmou, fazendo o mesmo que ela e distribuindo moedas aos mais pobres.

Mary se agachou quando viu um homem meio adormecido ao chão. Conversou com ele rapidamente e lhe deu moedas.

A Duquesa a observou. Mary usava uma vestimenta vermelha com branco. Bordados lindíssimos feitos com fios de ouro abraçavam as mangas e as barras. Ela tinha uma bolsinha de couro ao lado, e um cinto com uma adaga pequena. Não usava coroa, nem broches de nobreza. Tinha uma trança feita com um cordão de ouro e exibia bondade em suas feições.

- Estou tentando conquistá-los devagar. – Mary se voltou a ela.

Continuaram a caminhar pelas ruelas de pedra. A feira não parava. Os sons as embalavam.

- Eu só gostaria de poder fazer com que a terra do Reino desse fruto. Se a região não fosse infértil, os filhos de tantas mães não precisariam dar sua vida em batalhas que não são nossas.

A Duquesa concordou. E complementou:

- E o Rei também, não é, milady?

Mary parecia não ser capaz de esconder essa preocupação de ninguém.

- Eu temo por ele.

Anna sorriu para ela e foi seguindo seus passos.

- Sabe o que o povo comum falava sobre as terras de Orcadas serem inférteis?

- Não, Duquesa.

- Eles diziam que um antigo vento do ocidente veio ao reino e aqui ficou. Esse vento tinha um coração solitário. E, por causa disso, havia se tornado violento e destruía tudo ao redor com seu sopro indomável, arrasando plantações uma atrás da outra. E então, a terra cansou de florescer.

Mary ficou concentrada naquilo.

- As pessoas do meu tempo diziam que esse vento que se chamava Zéfiro estava a espera de um amor. Diziam que Zéfiro se apaixonara por Clora, a rainha da primavera. E quando Clora e Zéfiro se encontrassem e tivessem uma filha, ela se chamaria Flora, e isso faria com que Orcadas pudesse florescer novamente, como nunca antes.

- Isso é belo, Duquesa. Você disse um vento do ocidente? – perguntou, curiosa.

- Sim, criança. A brisa do oeste era como o chamavam.

Algo no coração de Mary se aqueceu. A brisa do oeste. A brisa que a profecia falava. *“E sua maldição quebrará, sendo levada pela brisa do oeste, para uma terra distante, onde o sol jamais tocará.”*

Mary estava começando a acreditar que a maldição estava sim no fim, que John tinha razão. Tudo estava se completando com perfeição, fechando aquele ciclo tenebroso. A liberdade estava próxima, ela podia até sentir.

- Eu lembro-me que Elizabeth ficou obsecada por essa história assim que ouviu. Era como se ela percebesse algo nas entrelinhas que ninguém jamais notara.

Mary abriu um sorriso muito largo. A Rainha-mãe já sabia. Mal esperava para contar aquilo para John.

As duas adentraram um beco mais escuro, cercado por pedras salientes das construções laterais, sendo rapidamente absorvidas pela escuridão. Os guardas a seguiram.

- Como está se adaptando ao castelo?

A Duquesa ia abrir a boca para responder quando algo a meio da penumbra do beco assustou as duas.

- Um Rei deve morrer. – uma voz suave e baixa entoou como uma cantiga.

Mary franziu o cenho, percebendo uma figura negra. Havia algo ali que ela reconhecia.

- Você sabe disso, Rainha. *Você sabe* disso.

Toda a alegria de ter descoberto mais um nuance da profecia havia se evaporado no instante em que Mary soube quem estava ali. Ela engoliu em seco. Era a mulher que havia tentado lhe matar após falar a profecia, meses atrás.

A mulher deu um passo à frente, com o corpo coberto em preto e com capuz. Não mostrou o rosto, mas Mary sabia que aquela era a cigana. Havia algo na mão dela. Uma tigela com algo gosmento e vermelho-rubro.

- Um Rei. – a mulher falou, lentamente. – Precisa morrer para a maldição ter fim.

- Não. – Mary alcançou a adaga que trazia no cinto de couro, avançando em meio às sombras. Mas assim que colocou seus braços ao redor daquela silhueta, a tigela com sangue caiu ao chão, esparramando o líquido vermelho pelas pedras ressaltadas.

A Duquesa e os guardas estavam assustados, parados, olhando para o sangue no chão. A cigana havia se tornado escuridão, deslizando-se como fumaça para muito longe daquela realidade. Mas sua voz ficara, como um eco, ecoando-se sem parar até Mary finalmente olhar para baixo e ver as sombras e algumas imagens distorcidas no sangue derramado.

O Rei sobre seu cavalo, e ao seu lado, Henrik. Os dois seguravam flechas.

Um sentimento ruim atingiu Mary no estômago.

- Os cavalos! – ela gritou para os guardas, sabendo que algo muito, muito ruim estava prestes a acontecer.

**

Henrik gargalhou quando a flecha de John atingiu um tronco. O cervo que ele mirava saiu em disparada para longe da comitiva.

- Você está perdendo o jeito, meu Rei.

John abaixou o arco, censurando Henrik com o olhar.

O Duque colocou mirou sua flecha e lançou-a, também errando alguns coelhos.

- Acho que você também está, Duque. – disse, com uma pitada forte de sarcasmo.

Henrik balançou a cabeça, divertido. Não tinha tido umas risadas com John há um bom tempo. Na última vez que haviam ficado tão próximos assim, John ainda não era Rei. Ainda não tinha aquela couraça ao redor de si, junto com aquele muro que afastava tudo e todos, inclusive a própria família.

Havia uma dezena de senhores atrás deles, mirando e lançando flechas. E Henrik sabia que aquilo irritava John, pois os lordes faziam barulho demais, assustando os animais.

- Vamos mais para dentro. – Esporou o animal, John seguiu. E em segundos, se perderam de vista do restante, adentrando uma clareira calma. – Precisávamos um pouco mais de silêncio ou não levaremos nada para o castelo hoje.

John concordou e os dois desceram do cavalo, com as aljavas nas costas e os arcos em mãos.

- Você está preocupado, meu irmão. – Henrik sentenciou, sussurrando. – O que há?

John tossiu de leve, franzindo o cenho, tentando se concentrar na caça que logo estaria ali. Estavam bem fundo dentre o bosque real. Por ali havia todo tipo de animal, e se tivessem sorte, talvez conseguissem achar javalis. Eles tinham uma carne boa, mas eram ferozes. Homens haviam morrido tentando matá-los.

- A Rainha. – falou de uma vez. – Não sei se ela está confortável em ter outro filho.

- Conversou sobre isso com ela?

John bufou e olhou pra Henrik.

- Brevemente. Senti certo receio. E também acho que agora não seja um momento propício para que ela engravide.

- Você não acha isso.

Algo passou perto deles, fazendo um barulho intenso na folhagem. Os dois levantaram as flechas, atentos.

O barulho parou, começaram a ir mais pra perto, prontos para atacar.

- Então me diga o que está pensando. – John murmurou.

- Eu penso que você quer Mary com você, John. E vai fazer o que ela quiser para não fugir. Incluindo esperar um tempo que você não tem para ter filhos. O Reino precisa de um herdeiro. Não apenas pela sucessão do trono, mas para a segurança política.

- Tudo está bem por agora.

- Por agora. – Henrik reforçou, olhando para o perfil do rosto do irmão. – Você tem uma Rainha. Herdeiros são esperados.

John já tinha consciência daquilo. E se não tiverem filhos em breve, boatos e questionamentos iriam surgir. O problema era Mary. John sentia que ela ainda não estava pronta.

- Você não precisa ficar trazendo esse assunto a tona. Só a mantenha em sua cama pelo maior tempo possível e eventualmente acontecerá. Acredite em mim.

John revirou os olhos. Henrik e Angélica pareciam dois coelhos no início do casamento.

Ele limpou a garganta para falar algo sério. Abaixou um pouco a guarda.

- A Duquesa está grávida novamente.

É. Pelo que parecia, Henrik e Angélica continuavam como dois coelhos.

- Meus parabéns, meu irmão. – Já era o quarto filho dele.

Henrik já tinha três. Todos eles, homens.

O vulto de um animal passou por eles mais uma vez, John lançou uma flecha em reflexo. As folhas se movimentaram, mas o silêncio se fez novamente.

Xingou baixo, se voltando para o irmão.

- Tenho outras coisas para falar com você.

- Como o quê?

- Nossa mãe.

Henrik balançou a cabeça, confuso. A mãe deles? John nunca falava da Rainha-mãe. Nunca.

Ele guardou a flecha na aljava e olhou atento para John. John suspirou e fez o mesmo, desistindo do animal de vez.

- A profecia, Henrik. Que Mary trouxe. Nossa mãe já sabia dela.

- Como assim?

- Havia uma câmara secreta no cômodo antigo de nossa mãe. E dentro, dezenas de anotações, diários... E a profecia, escrita pela mão dela.

- E como tem certeza que é de nossa mãe?

John compreendia aquela dúvida.

- Quando ver, saberá de certo, acredite em mim.

- E há quanto tempo sabe disso?

- Algumas semanas.

Henrik concordou. Aquilo era realmente inesperado. Sua mãe sempre fora um mistério, mas ficava feliz em saber que em breve iriam decifrá-la ao menos que um pouco.

As folhas ao redor deles farfalharam novamente, agora com mais vigor.

- John, eu acho que há algo nos cercando.

O Rei balançou a cabeça. Não havia nada ali. Deveria ser algum coelho ou algo pequeno correndo ao redor deles.

Estava prestes a argumentar algo para seu irmão, quando viu a expressão dele ficar tensa. Havia algo atrás de si. John sentiu um arrepio na espinha.

Henrik levou sua mão até a aljava, mas era tarde demais. O enorme javali atrás de seu irmão, que tinha quase um metro de altura e meio de largura, rugiu com fúria e atacou John, enfiando seus dentes pontudos nas costas dele.

John grasnou, olhando para o irmão com o olhar vago de repente. Henrik, no desespero, atirou a flecha no animal, que rugiu mais uma vez e afundou os dentes novamente em John, o ferindo mortalmente.

Henrik sentia um aperto em todo o corpo. Puxou uma adaga do cinto e pulou sobre o javali, que soltou John e num só movimento, deixando-o largado na areia, e arrancou a mão de Henrik fora. Henrik soltou um grito.

O animal, no entanto, havia arrancado a mão errada, pois num avalanche de adrenalina e instinto de sobrevivência, Henrik enfiou a adaga naquele ser imundo o bastante para ele cambalear e cair ao chão de terra, morto.

Não havia tempo para outra coisa. A mão lacerada de Henrik jorrava sangue, mas John estava rígido no chão, com os olhos abertos e o corpo parado, com uma abertura profunda no abdômen.

Henrik se ajoelhou no chão, olhando para o irmão e Rei. Uma dor profunda lhe atingiu, longe de ser algo físico.

Não precisou tocar John, não precisou ver se ainda respirava.

O Rei estava morto.

**

Mary ouviu um grito ecoar pelas árvores selvagens do bosque. No mesmo momento, um aperto forte tomou seu peito. Sem ar, Mary esporou a égua sem esperar os guardas ou a

Duquesa que vinham atrás. Ela sentia estar perto da comitiva, sentia estar perto de John, mas algo naquela presença a assustava. A assustava porque era a presença de John, e ela sentia que esse calor estava gradualmente se tornando uma brisa fria.

A voz da cigana despertou seus sentimentos obscuros. Ainda ouvia-a falar sobre uma morte.

Mary avançou pela mata, os cabelos ricocheteando ao vento. A comitiva passou por ela, mas não parou nem os notou.

John não estava com eles.

Henrik soltou um urro profundo, seu único irmão estava morto. Não sabia o que fazer, não sabia como agir.

Ele ficou olhando para o chão, se negando olhar para John, mas algo chamou sua atenção.

Um silvo baixo. Como a corredeira de um riacho. Depois, algo começou a brilhar. Henrik olhou para o rosto de John, observou o colo dele. Uma concha em um colar chamou sua atenção. Ela brilhava, brilhava como uma perola reluzente. E era dali de onde o som vinha.

De alguma forma insana, Henrik sentiu que estava presenciando algo sagrado.

O ferimento de John começou a se fechar. E quanto mais se fechava, mais o som e o brilho da concha aumentavam.

Assustado, se levantou. Em segundos, não havia mais ferimentos em John. Só restara o sangue.

Os olhos do Rei se abriram de repente e John soltou um grito grave, respirando forte em seguida, em parar. Seu olhar foi até Henrik.

- O que é isso?!

John se ergueu, sentindo o calor da concha que usava aumentar e queimar sua pele. Tirou o colar do pescoço e jogou ao chão. O zumbido ficou maior, o brilho intensificou.

Ainda desorientado, deu passos para trás, assim como Henrik. Eles ouviram sons de um cavalo chegando próximo.

E no segundo seguinte, a concha explodiu, levantando uma cortina de poeira ao redor deles, que rodopiava sem parar.

- Isso é magia. – John respondeu, vendo, pela cortina de poeira, o cavalo de Mary se aproximar.

Ela desceu num pulo e observou aquilo que estava acontecendo.

Mary lançou um olhar para John do outro lado do muro de poeira que girava entorno deles. Algo acontecia ali. Algo que nem ela sabia o que era.

Uma voz despertou os três do encantamento daquilo que participavam.

- Este é o fim...

Uma voz forte, de uma mulher. Henrik olhou para cima, seus olhos indo de um lado para o outro.

- Mãe?! – ele gritou, olhando para John com urgência.

Mary deu um passo para dentro do domo de poeira que ainda revolia entre eles.

- Este é o fim da maldição. – A voz da Rainha-mãe entoou mais uma vez.

John pegou o braço de seu irmão e o trouxe consigo, fazendo o mesmo que Mary e se aproximando. Henrik estava inebriado, confuso. John trocou um olhar cúmplice com Mary. A voz falou mais uma e pela última vez:

- Este é o fim da maldição. E o começo de um futuro.

A poeira desabou ao chão. O que estivera acontecendo ali, acabara.

- Era a voz da nossa mãe, John. – Henrik disse, com expressão severa, escondendo emoção.

- Ela foi parte disso o tempo inteiro. – John percebeu.

Mary deu mais um passo para ele, feliz por ele estar bem. Viu a situação de Henrik, sabia que precisavam se apressar para o castelo e tomar conta do ferimento dele.

John se virou para ela e Mary correu para seus braços. A concha não estava mais lá. A magia que fizera havia funcionado, havia salvado a vida do Rei.

John a pegou pelos braços.

Eles estavam, finalmente, livres.

A beijou rapidamente, trocando aquele olhar de amantes.

O que Elizabeth dissera recaía sobre os dois agora. John não sabia se estavam prontos para fazer daquele reino um lugar melhor, mas tinha ciência que iriam tentar com todas suas forças.

Depois daquilo, voltaram para o castelo com novas certezas.

E uma delas era de que não importava o acontecesse...

Não havia mais nada para separá-los.

XXXV - EPÍLOGO

A catedral que se erguia aos céus estava cheia. Os sinos tocavam, avisando a toda cidadela que a coração havia começado. Os súditos de Orcadas comemoravam como nunca antes. Os últimos vinte anos no reino fora próspero e rico. Alguns anos depois que o herdeiro do trono nasceria, de alguma forma, a terra começou a produzir como jamais produzira.

Não havia mais fome, não havia mais febre e não havia mais pobreza naquele reino.

A corte se acotovelava dentro daquele local sagrado. O Duque Henrik II e sua esposa, Angélica, ocupavam do lado esquerdo do altar. Os filhos dele estavam grandes. Sua única filha, a mais nova, estava ao lado da mãe, com os mesmos cabelos vermelhos.

Angélica segurava na mão de prata de seu marido, uma prótese.

Do outro lado, o Rei e a Rainha.

Mary, com os cabelos dourados e com uma expressão madura se encostava ao lado de seu Rei, apoiando a cabeça em seu ombro. John, com a coroa de prata na cabeça, olhava firme para quem vinha pela nave.

O manto vermelho dela escorria pelo chão de pedra. Na cabeça, uma coroa que havia sido usada por sua avó.

Seus cabelos negros, como os de seu pai, completamente soltos, corriam até abaixo dos quadris. Trajava um vestido branco, como a gardênia que havia em todos os brasões reais. Símbolo da paz. Símbolo de uma nova nação.

Ela já tinha vinte anos, e estava mais do que pronta.

E era tempo de John deixar o trono para trás e experimentar aquilo que Mary havia lhe pedido quando se conheceram. Os dois iriam se afastar para a costa, num castelo onde o mar era próximo.

O manto vermelho parou de deslizar pelo chão. E a nova Rainha se virou para as pessoas sentadas. Ela não sorriu, mas exibiu um olhar que todos ali conheciam. Seus olhos possuíam a mesma cor e intensidade dos de sua mãe, azuis profundos.

Aquela lady era forte, sábia e poderosa. E a coroa à sua cabeça esboçava aquilo melhor do que tudo.

A corte se levantou.

John foi o primeiro a saudá-la e em seguida todos disseram em uníssono:

- Deus salve a Rainha.

Num susto, Mary se ergueu da cama e suspirou, passando a mão nos olhos e tentando saber onde estava. A mão quente do Rei tocou a pele nua de suas costas.

- O que foi? – falou com voz de sono.

Mary respirou fundo, voltou o olhar para John. Havia um sorriso em seu rosto. Lágrimas também. John conhecia Mary melhor que ninguém. Ela havia tido uma visão.

- O que você viu, Mary?

Emocionada, Mary pegou a mão dele e levou até seu ventre. Ela sorriu e sentiu lágrimas quentes molharem seu rosto. John se ergueu velozmente, sentindo a mão dela sobre a sua.

- Eu vi nosso futuro. – Mary suspirou e se aquiesceu para beijar John. Ele estava começando a entender tudo. – Eu vi nossa filha.

Um sentimento forte o acometeu. John a beijou mais uma vez, com a mão no ventre dela. Mary suspirou baixinho e afastou as lágrimas. De todas as coisas inexplicáveis que ela já tinha vivido, saber que tudo iria ficar bem dava a ela a calma e paz que sempre procurara.

John pegou o rosto dela nas mãos, beijando-a. E Mary disse mais uma vez, para que ele não tivesse dúvidas:

- Eu vi o futuro do nosso Reino.

AGRADECIMENTOS E CONSIDERAÇÕES:

Para quem um dia nunca achou ser capaz de escrever um livro de época, acho que me sai relativamente bem.

Este romance é fruto de mais de um ano de trabalho duro. E, sinceramente, dedico aos meus leitores que – apesar de serem poucos – tenho infinito agradecimento.

Orcadas é um lugar real – uma ilha ao norte da Inglaterra. Entretanto, o reino de Orcadas é uma criação inteiramente ficcional minha.

Toda essa criação veio de momentos muito bacanas, e conversas enriquecedoras com minha professora de história da arte e professora de paisagismo, que me ensinaram enormemente sobre jardins e lendas medievais.

E, ainda assim, preciso comentar a obviedade de que o livro tem aspectos contemporâneos e nenhum deles foi ao acaso. História é muito importante para mim, assim como detalhes. Este livro se passa em um momento crucial da Europa e isso é refletido na narrativa.

Fiz uma pesquisa intensa sobre a época e sabia muito bem o que queria ou não incluir na estória.

Sabia que queria uma feiticeira forte e capaz de transformar John em alguém que um dia viesse olhar muito além das paredes do castelo. E reafirmo a preocupação de Mary, precisamos ter consciência da importância de ajudarmos e sabermos conhecer a dificuldade de outros – apesar das nossas próprias. Seja bom e seja gentil com aquele ao seu lado, não importa o quê ou quem seja.

A Profecia do Rei foi um desafio para mim e, continuará sendo, pois pretendo escrever uma sequência muito em breve. E é com muito prazer que digo que já estou trabalhando e fazendo pesquisas para meus dois próximos livros de época, a continuação de Profecia do Rei e um romance que se passará na Era Vitoriana.

Para concluir, agradeço imensamente a você que está lendo isso, a minha família e algumas pessoas que foram essenciais para o desenvolvimento dessa estória.

Encontramos-nos em breve.

Novembro, 2017.

Helena.

AUTORA:

Helena Lopes é graduada em Marketing e atualmente estuda Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de seu estado. Escreve poemas há anos e, às vezes, se arrisca na pintura. É completamente apaixonada por amores complicados, histórias de detetives, crônicas medievais e arte.

Nasceu em uma pequena cidade e aprendeu a visualizar o exterior, apreciando as pequenas coisas. **A Profecia do Rei** é o primeiro romance de época de sua galeria de livros, que contém *Perdida em Você*, *Marcado em Nós*, *Um Toque de Esperança*, *Uma Noite para Sempre* (disponíveis na Amazon) e a *Série Caos* (disponível no Wattpad).

SUMÁRIO

I – UMA PROFECIA

II – UMA BRUXA NA CAMA DO REI

III – UMA MULHER NUA NO JARDIM

IV – UMA NOVA LADY

V- UMA GARDÊNIA BRANCA

VI – UM REI MAU

VII – UM BEIJO INAPROPRIADO

VIII – UMA AMÊNDOA FRESCA

IX – UM INCÊNDIO NO QUARTO REAL

X- UM DUQUE, UM REI E UMA SÓ MARY.

XI – UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

XII – UM LIVRO

XIII – UM PAPA GENTIL

XIV – O REI PERDE

XV – UMA VIDENTE NA CORTE

XVI – A REDENÇÃO DO REI E DA BRUXA

XVII – UMA CAIXA DE MANJAR

XVIII – UM PRESSÁGIO

XIX – UM TRATO

XX – JOHN, UM HOMEM

XXI – MARY, UMA MULHER

XXII – UM HERDEIRO MORTO

XXIII – CARTAS DE EXÍLIO

XXIV- A BRISA DO OESTE

XXV- O TÚMULO DE UMA RAINHA

XXVI – UM ÚLTIMO FEITIÇO

XXVII – AS GOTAS DE UM MAR

XXVIII – O DUQUE TRAIADOR

XXIX – UMA AMIGA DA RAINHA

XXX – UM RESGATE AMIGO

XXXI – ENTRE IRMÃOS

XXXII- UMA NOVA RAINHA

XXXIII- UMA COROA

XXXIV – UMA MALDIÇÃO

XXXV - EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS:

AUTORA:

Para mais informações sobre outros livros da autora e próximos lançamentos, procure Helena no facebook (facebook.com/autorahelenalopes), acesse seu blog (helenalopesh.blogspot.com) ou mande e-mail para helenalopesh@gmail.com.

A autora estará sempre disponível para qualquer dúvida, sugestão ou crítica. Caso essa versão possuir erros ou problemas, favor entrar em contato com a autora e notificá-la. Isso seria muito gentil.

ENCONTRE A AUTORA:

[Twitter](#) [Facebook](#)

[Instagram](#)

OUTROS LIVROS:

[Blog](#) [Amazon](#)

TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. NENHUMA PARTE DESTES LIVROS
PODE SER REPRODUZIDA SOB QUALQUER MEIO EXISTENTE SEM A
AUTORIZAÇÃO DA AUTORA.

OS NOMES EXISTENTES NA OBRA SÃO FICTÍCIOS E QUALQUER SEMELHANÇA
COM FATOS É MERA COINCIDÊNCIA.

© A Profecia do Rei / Helena Lopes, 2017.

IMAGEM DA CAPA:

[©_Copyright](#) grape_vein | AdobeStock

Arte da capa: Herisson Guimaque